BIBLIOTECA HISTÓRICA PAULISTA

SEGUNDA TIRAGEM DA EDIÇÃO COMEMORATIVA DO IV CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO

RELATOS MONÇOEIROS

BIBLIOTECA HISTÓRICA PAULISTA
DIREÇÃO DE AFONSO DE E. TAUNAY

IX

RELATOS MONÇOEIROS

INTRODUÇÃO, COLETÂNEA E NOTAS DE
AFONSO DE E. TAUNAY

LIVRARIA MARTINS EDITORA S/A.

INTRODUÇÃO

I

No conjunto das vias de penetração do Brasil ignoto e selvagem, nehuma tem tão longínqua significação quanto a que ao Tietê tão notável realce empresta.

Está o nome do grande rio de São Paulo, tributário do Paraná, indestrutivelmente ligado à história da construção territorial do imenso Brasil ocidental.

Muito mais antiga a navegação freqüente de suas águas do que a do São Francisco e do Amazonas.

Inçado de dificuldades, entrecortado pelas barreiras das itaipavas e dos saltos, como que a Providência propositalmente lhe tornara áspero e penoso o vencimento do dilatado curso para manter exercitadas as qualidades de resistência e a capacidade de sofrimento dos seus navegadores rudes.

Nele não se nota a placidez lacustre amazônica, permitindo a entrada, e a livre marcha das esquadrilhas e das esquadras, por milhares de quilômetros a dentro do Continente, nem os enormes trechos desimpedidos do São Francisco, do Paraná, do Uruguai, nem ainda a navegabilidade do Itapicurú ou do Parnaíba.

A cada passo barram-no longas corredeiras, obstruem-no grandes saltos intransponíveis às embarcações como os de Itu, Avanhandava e Itapura. Assim, ao Sertão e aos mistérios do centro sul-americano — defendeu o Tietê com toda a energia das águas a cada passo escachoantes. Foi o adversário dígno de ser vencido por aqueles que o dominaram.

Quando às suas maretas entregaram a sorte incerta as primeiras e toscas esquadrilhas dos devassadores do Sertão? As que lhe sulcaram as ondas e afrontaram as penedias? É o que ninguém sabe, e provavelmente, jamais se saberá.

Imemorialmente navegado pelos índios do planalto, em demanda das terras do Paraguai, desceram pelas águas do velho rio de Anhembí os exploradores das primeiras décadas da descoberta e do povoamento do Campo de Piratininga.

Pouco depois de 1540 os castelhanos ribeirinhos do Paraná em Ciudad Real remontaram o grande rio "que es el mismo llamado de La Plata" e seu afluente paulista.

Quando, à margem da "água grande" do Ietê de Piratininga, na antiga várzea de Guarepe, se puseram, pela primeira vez, a meditar acerca do curso provável daquelas massas líquidas, volumosas, que do mar tão perto nasciam e singularmente corriam para o interior das terras, que teria ocorrido à mente dos primeiros povoadores do planalto? Onde iria ter o misterioso caudal?

Acaso às terras dos monstruosos coruqueans ou dos minúsculos guaiazis? Dos inumeráveis matuius, gigantes de pés voltados para trás? Acaso atravessaria as florestas de árvores de vidro e árvores de fogo povoadas de abansesmas e animais monstruosos? Ou antes: não se dirigiria às paragens prodigiosas de Parima e do Eldorado? ou aos lagos encantados de Manoa e de Eupana? Acaso não se lançaria também naquela vasta coleção de águas lacustres situada no centro do Brasil e a que atravessavam o Amazonas, o Maranhão, o São Francisco e o Rio de Janeiro?

Quanto sonho de conquista, de perscrutação da Selva, de desvendamento do mistério americano não evocaria esse fluir do rio das Anhumas?

Documento oficial cartográfico surge-nos o primeiro em 1628, quando o Capitão-general do Paraguai, Don Luiz de Céspedes Xeria, empreende a passagem de ponto que talvez seja o atual Porto Feliz, a Ciudad Real, sempre pelo Tietê e o Paraná.

Um mês passava a fabricar três embarcações, escavadas no cerne de enormes madeiros pluriseculares. Aquela em que devia viajar abriu-a em árvore cuja circunferência contava dezesseis metros. Nela remavam cinquenta índios.

Dezenove dias levou a descer o Tietê até a barra, no Paraná.

E em relatório à sacra e católica majestade de Felipe IV descreveu os perigos vencidos nas corredeiras e o trabalho da varação dos canoões causada pelos saltos do Avanhandava e de Itapura, assim como "la abundancia de pescado, y la grandisima suma de caza de tigres, leones (sic), y muchisimas antas".

Da jornada deixou uma "topografia", como no tempo se chamava, uma das maiores preciosidades, certamente, do Arquivo General de Índias, em Sevilha, por ele oferecida ao quarto Áustria, então soberano do Brasil.

É talvez o mais antigo mapa de penetração do Brasil, até agora divulgado, e tem inestimável valor evocativo.

Com grande júbilo o descobrimos e divulgamos e nele se estampa o primeiro documento iconográfico da vila de São Paulo do Campo de Piratininga, o tosco desenho que retrata a sede de sua municipalidade, de sua *Câmera* como se dizia no tempo e como ainda dizem os que refletem as vozes ancestrais. Por ele se vê que os nomes de vários dos maiores rios do sistema parananiano eram os mesmos naquela época longínqua.

Pouco depois da chegada de Dom Luiz de Céspedes a Assunção, alí foi ter sua mulher, passageira de comboio, conduzida por um dos maiores sertanistas do São Paulo de então: André Fernandes.

Era, provavelmente, a primeira brasileira de alta gerarquia e posição, que se atrevia à viagem do Sertão — e que viagem! — essa D. Vitória de Sá, fluminense, a quem desposara o governador castelhano, durante a sua permanência no Rio de Janeiro, senhora de parentesco ilustre, pois

pertencia à família de heróis, a que exaltam os nomes de Mem, de Estácio, e de Salvador Corrêa de Sá e Benevides.

Pelas águas do Tietê começam cada vez mais freqüentes, a descer as bandeiras cativadoras de índios e pesquisadores de ouro.

Provavelmente por elas navegaram os primeiros devassadores da selva matogrossense e escaladores dos Andes, como Manoel de Campos Bicudo, o seu filho, Antônio Pires de Campos, o *Pay Pirá,* Luiz Pedroso de Barros e tantos mais sertanistas, serviçais do recuo do meridiano pelo continente a dentro, uns ilustres e outros obscuros "cujas ações heróicas a lima do tempo consumiu", na frase do velho cronista que lhes celebrou os feitos.

Avoluma-se o movimento para o Oeste misterioso com o decorrer dos anos seiscentistas.

Pelo Tietê descem Francisco Pedroso Xavier, um dos últimos grandes acossadores de índios, Braz Mendes Pais, Antônio Ferraz de Araujo, Gaspar de Godoi Collaço, Pedro Leme da Silva o famoso "el Tuerto", Amaro Fernandes Gauto, André de Frias Taveira, quantos e quantos mais *calções de couro*?

E é por ele que corre às Terras do Sul matogrossense o grande sorocabano Pascoal Moreira Cabral Leme, mais tarde descobridor do Cuiabá e apossador definitivo, para a coroa lusitana da imensa região central lindeira dos castelhanos do Perú.

É ele quem Tietê abaixo e pelos anos de 1685, talvez, passa da bacia do Paraná à do Paraguai e estabelece à margem do Mboteteú, mais tarde Miranda, o como que acampamento entrincheirado que aos espanhóis veda a passagem para o Norte. É ele quem prepara a própria descoberta e a conquista do Cuiabá.

Escoam-se os últimos anos da centuria seiscentista e encerra-se, para os paulistas, a era da caça ao índio, o período cruel dos descobridores.

Reboa, de repente, estrepitoso grito de descoberta: as duas sílabas da palavra que é das maiores desencadeadoras dos sentimentos humanos: Ouro! Ouro!

A esta notícia, que desce das serranias dos sertões do Norte, esvazia-se a Capitania vicentina. Descobre-se o primeiro El-Dorado brasileiro, o dos Cataguazes, depois território das Minas Gerais do Ouro de São Paulo. Fazem-se mineradores os grandes descedores de índios e o âmago do Brasil é atingido pelas bandeiras, na ânsia do metal.

Espantoso o que se acha naquele território das Gerais, onde os álveos dos rios e dos córregos de pinta riça dão "imensas oitavas onças e libras", onde as palhetas e as folhetas caem das raízes batidas da barba de bode, arrancadas do campo.

Acodem os forasteiros aos milhares, para compartilhar das descobertas dos paulistas. Dá-se o primeiro grande e fatal embate da corrente nacionalista com a prepotência dos reinóis.

Em massa abandonam os filhos de São Paulo as terras das minas de sua Capitania aos emboabas, apoiados na parcialidade dos compatriotas, detentores da autoridade.

É imensa, porém, a terra do Brasil e os paulistas, acostumados a fazer mais do que promete a força humana, hão de descobrir novos El-Dorados.

Surge em 1719 a notícia do encontro do segundo deles, por Pascoal Moreira Cabral e seus companheiros ilustres.

As novas da "fertilidade" das minas do Cuiabá alucinam as populações. Terra do ouro onde tão vil é o metal que os descobridores, a passarinhar, atiram com os grãos amarelos, para poupar chumbo! As notícias aos mais calmos estarrecem...

Dá-se colossal *rush* pelas águas do Rio das Entradas e Pedro Taques, conta-nos as misérias indescritíveis de muitas destas esquadrilhas, organizadas às pressas e a esmo, para vencer o deserto aspérrimo nelas embarcando indivíduos de todas as categorias: aventureiros e burgueses bem afortunados e colocados, civis, militares, eclesiásticos.

As febres, a fome, os naufrágios, os índios exterminam expedições inteiras, referem os analistas de Mato Grosso.

Relata-nos Pedro Taques a tal propósito típica história, a de João Carvalho da Silva:

"Cidadão de São Paulo, ocupava os cargos de sua república, tendo as estimações que soubera conseguir a sua docilidade e a graduação do seu distinto nascimento, possuia bens de fortuna, que o não faziam invejar aos opulentos de seu tempo".

Tão aquinhoado como vivia, era natural que se não abalançasse aos perigos do Sertão, mas assim não se deu.

"Estimulado da grandeza do ouro das novas minas do Cuiabá, continua o linhagista, dispôe-se com numerosa escravatura para a extração do mesmo ouro; porém, nesta jornada, a mais arriscada, voltou-se a roda da fortuna, perdendo quase todos os escravos, e se impossibilitou para o serviço deles, lucrosos tesouros que o conduziram àqueles sertões, à custa de tão excessiva despesa, riscos de vida, tolerância de incomodidades, além das contingências dos assaltos dos bárbaros gentíos de diversas nações, a cujas forças têm perecido tantas vidas".

Não tardam porém providências régias para a organização das novas terras doadas à monarquia lusitana, pelo bandeirantismo. Sempre pelos rios vai Rodrigo Cesar de Menezes, primeiro Capitão-general de S. Paulo, a Cuiabá, instituir os primórdios daquilo que, em 1748, servirá ao estabelecimento da nova capitania.

Base de todo este novo surto de exploração constituiu-se o remansoso local da penédia onde, segundo os índios, vinham as araras amolar os férreos e aduncos bicos, essa Araraitaguaba, de tão prestigiosa rememoração em nossos fastos.

Núcleo de bandeirantes, de sertanistas, já em 1728 cria-se freguesia desmembrada da paróquia de Itu, agrupando-se os seus habitantes em tôrno da capela tosca, piedosamente erecta por Antônio Cardoso Pimentel e Antônio Aranha Sardinha, sob a invocação de uma santa, cara a todo o mundo luso: a Senhora da Penha.

Enceta-se então a era das monções regulares.

Continuam, Tietê abaixo, as navegações instigadas pela fama das "grandezas do Cuiabá". A todos alvorota a chegada do primeiro ouro

de Mato Grosso, os quintos reais avidamente cobiçados pelo rei pródigo e brevemente Fidelíssimo.

Nada faz diminuir o afluxo dos imigrantes! Nem as mais sinistras notícias do extermínio de expedições inteiras pelos terríveis canoeiros e cavaleiros, paiaguás e guaicurús.

Nem o anúncio das pestes, das carneiradas, e das temerosas fomes do Cuiabá, onde, mais uma vez, se realiza o que a mitologia grega de simbolismo sempre poderoso, concretiza na imagem de Midas, morrendo de inanição à margem do Pactolo.

Continua o afluir de gente e este povoamento de Mato Grosso é, talvez, a mais evidente demonstração da energia do aventureirismo paulista.

Que distância imensa a vencer! E que viagem temerosa esta de Araraitaguaba às margens do Coxipó!

No entanto, aos espanhóis do Paraguai que lhes custava atingir aquelas paragens, se nada mais tinham do que subir uma série de correntes plácidas sem um único acidente que lhes interrompesse a jornada?

Não é bem assim! Havia os paiaguás e os guiacurús; isto bastou para lhes vedar o acesso do Alto Paraguai.

Caem em declínio as minas de Cuiabá e escasseiam as monções, mas nem por isto deixa a navegação do Tietê de existir, pois jamais recuaram as quinas, chantadas pelos paulistas, às margens do Paraguai e do Guaporé. E legitimadas graças à ciência e a argúcia do seu patrício o filho de Santos, a quem imortalizou o Tratado das Cortes.

Para o terceiro quartel do século XVIII, como que se transforma o Rio das Entradas em via *scelerata* da Capitania de São Paulo. Leva a Pombal o conhecimento imperfeito das coisas do Brasil a criar, num dos sítios mais insalubres do Universo, em fronteira ainda hoje guardada pelo deserto e a selva, o sinistro presídio de Iguatemí, a que se impõe como por escárnio, o nome de Nossa Senhora dos Prazeres.

As expedições sucedem-se umas após outras para aquela paragem letal do sul matogrossense para onde a prepotência desterra milhares de infelizes, de pequenos e indefesos, graças a recrutamento crudélissimo, firmado na sanha parcial de governantes subalternos do tempo.

Engole a malária a centenas, a milhares de vidas. E milhares de pobres diabos fogem espavoridos das terras de São Paulo. Mas os capitães-generais não cessam de despejar gente naquele sumidouro lôbrego.

Quem quiser fazer a idéia do que era a ida a Iguatemi e a permanência naquele presdio há de recorrer às páginas apavorantes e singelas de Teotônio José Juzarte, antigo navegador dos oceanos, passado a servir em terra.

Fecha-se o lôbrego parentesis do Iguatemi pelo qual os vassalos do Brasil tinham talvez mais motivos de glória do que os da conquista do Oriente — alega Juzarte, dando largas à verdade do sentimento das coisas. A existência do presídio de Iguatemí traz contudo uma vantagem: o levantamento meticuloso do curso do Tietê levado a cabo por José Custódio de Sá e Faria, o ilustre engenheiro militar colonial de tão alto e justo renome.

A velha Araraitaguaba, desenvolvida agora em torno da nova invocação à Senhora Mãe dos Homens, é em fins do século elevada à categoria de vila, mudando-se-lhe o nome indígena, áspero e longo, por outro luso, eufônico e de bom agouro, que se lhe impõe daí em diante.

Prosseguem os embarques para o Cuiabá agora mais restritos. Decaem as minas de Mato Grosso e a navegação gloriosa, já quase tri-secular vai-se aos poucos extinguindo.

E, em 1820, a Saint-Hilaire assombrado arrancaria frases de estarrecida admiração: "os europeus acostumados à navegação de seus mesquinhos rios não podem fazer a mínima idéia do que é esta gigantesca jornada.

II

PAPEL CAPITAL DO TIETÊ NOS FASTOS DA CONQUISTA OCIDENTAL. — O EPISÓDIO DAS MONÇÕES CUIABANAS ÍMPAR NOS ANAIS DA HISTÓRIA UNIVERSAL. — O TIETÊ E O SÃO FRANCISCO. — AS PRIMEIRAS NAVEGAÇÕES PARA OESTE. — ANHENBY E TIETÊ

Criara-se o episódio das monções, inserto com o maior relevo nos anaes do bandeirantismo de São Paulo, assumido ímpar originalidade não só em nossos fastos nacionais como nos do Universo.

E, com efeito: em parte alguma do globo as condições geográficas, demográficas, comerciais, coexistiram e associaram-se tão típicas, tão originais, quando as que caracterizaram esta via anfíbia de milhares de quilômetros de imensos percursos fluviais e pequenas jornadas terrestres: a estrada das monções entre os pontos terminais de Araraitaguaba e Cuiabá, separados por três mil e quinhentos quilômetros da mais áspera navegação com a mínima solução de continuidade constituida por alguns quilômetros do varadouro de Camapuan.

Foi esta via dolorosa o recuador, por excelência, das lindes luso-espanholas para o âmago da América do Sul. E em desrespeito ao ajuste inter-ibérico de 1494 definitivamente perempto em 1750 graças ao influxo das bandeiras sobre a resistência e a inércia castelhanas, pequena ao Sul e no Centro do Brasil atual, quase nula e, por assim dizer, inexistente na Amazônia.

Na perseguição do meridiano de Tordesilhas forçado a um deslocamento de vinte graus do litoral paulista às margens do Guaporé o percurso das monções se nos afigura como se enristada lança fora, de irresistível empuxo contra a linha interpolar diplomática estatuida pelo Príncipe Perfeito e os Reis Católicos. De coto lhe serviu o Caminho do Mar; de haste o álveo do Tietê.

No século XVII nunca ensarilhada esteve tal arma. Enristou-se esporadicamente e seus pontaços penetrando fundamente no domínio castelhano asseguraram a Portugal a posse das terras de além Paraná, o que permitiria a Alexandre de Gusmão invocar o mais prestigioso *uti possidetis* consagrado nas decisões do Tratado de Madrid.

Como com tanta exação escreveu Pedro Taques, com o prodigioso faro de mateiros: "apesar da falta da geografia, cuja ciência totalmente ignoravam" sabiam os antigos paulistas escolher as melhores vias de penetração "na maior parte dos incultos sertões da América conquistando nações *bárbaras*".

O grande tronco das expedições além Paraná foi o Tietê. As referências ao Paranapanema não passam de acidentais, sendo até quase inexistentes.

Dos três grandes eldorados brasileiros um apenas decorreu da navegação fluvial: o do Cuiabá com a sua cabeça de escala de Araraitaguaba. Ninguém ignora que os das Minas Gerais e e Goiaz procedem de estradas terrestres.

E entretanto poderia o primeiro ter sido revelado pela facílima navegação do S. Francisco e do Rio das Velhas a contra-corrente em águas plácidas e perfeitamente conhecidas, desde antes da primeira metade do século XVIII. Os jazigos sabarenses estavam, por assim dizer, à mão tente dos povoadores do Norte. Remontando águas plácidas viriam ter à confluência do Sabará e do Guaicui.

Ficaram os criadores com as suas manadas francisquenses a centenas de quilômetros dos jazigos auríferos separados pelo sertão bruto mau grado a fantasiosa afirmativa dos que pretendem haverem os descobridores da região aurífera, havê-los encontrado às ribeiras do Guaicui e do Paraopeba.

Diversos são os autores a quem ocorreu idêntica similitude de idéias sobre a predestinação do papel de São Paulo, dada a sua situação geográfica no planalto, colocado como plataforma de torre dominadora de abruta muralha, quase vertical, de quase um milheiro de metros de desnível sobre o Oceano.

E com a particularidade de que o vencimento desta escarpa era dos mais penosos para os recursos do tempo.

Daí as objurgatórias expressas pelos velhos cronistas e sintetizadas na frase de Frei Gaspar da Madre de Deus quando chamou o Caminho do Mar o "pior caminho que tinha o Mundo".

Recorda Melo Nobrega em seu belo estudo "História de um rio" várias destas opiniões. Assim enuncia Teodoro Sampaio que o Tietê, estrada natural ligada ao amplíssimo sistema fluvial permitia atingir o íntimo do Continente".

O ilhamento dos primeiros povoadores do planalto piratiningano, isolado do Universo pela enorme muralha da Paranapiacaba, quando para Oeste a derrama das terras e o curso dos rios lhes apontava terras infindáveis e acessíveis levou-os à vida aventurosa dos bosques que para eles tinham todos os perigos e o fascínio do incógnito, expende Joaquim da Silveira Santos.

A vocação destes pioneiros, segundo a feliz observação de Sérgio Buarque de Holanda, estaria no caminho que convidava ao movimento e não na sedentarização da grande propriedade rural.

E observa Nelson Wernack Sodré que a geografia local de Piratininga era tácito convite: "O Tietê corria para os sertões", Secunda-o Cassiano Ricardo em exata e sintética fórmula: "o planalto empurrou o paulista para o interior". Foi o seu rio o Tietê, "que o fez sertanista e bandeirante".

Não há dúvida que o apossamento do Guairá, de capital importância no conjunto da expansão bandeirante se fez sem o intermédio do Tietê.

Mas serviu ele de esteira à conquista do sul de Mato Grosso, a dos Itatins, consolidada por Francisco Pedroso Xavier no último quartel seiscentista.

Às suas maretas entregaram-se, mais que provavelmente os grandes expedicionários de além Paraná.

Poder-se-á objetar que não é possível afirmar-se hajam todas estas bandeiras utilizado o Tietê.

Mas tudo faz crer que sim, por diversos motivos. O Paranapanema correndo bastante mais ao sul é tão áspero de vencimento quanto o seu grande paralelo setentrional.

De São Paulo à sua barranca longínqua existia até meados do século XVII o deserto. O Tietê já desde 1580 tinha, e a 36 quilômetros de São Paulo, o núcleo de Parnaíba que chegou a tão considerável importância. O de Itu já desde 1609 existia, em terras lavradias. Sorocaba, por volta de 1650 surgia sobre um grande tributário do Anhembí. Eram três verdadeiros viveiros de sertanistas estes três núcleos satélites de São Paulo. Todos no vale do Tietê.

Na Demonstração dos diversos caminhos de que os moradores de São Paulo se servem para os rios Cuiabá e Província de Cochiponé, se demonstra quanto o Tietê era a via preferencial, por excelência, para a penetração no recesso das terras centrais.

III

AS DISCUSSÕES SOBRE O SIGNIFICADO DE TIETÊ. — A DUPLA PROSÓDIA TIETÊ E TIETÊ

Entende João Ribeiro que o São Francisco se sobrepõe ao Tietê como importância no conjunto dos anais da devassa do território e da formação do Brasil.

Muito embora o grande caudal de Paulo Afonso assuma papel do maior relevo em nossos fastos primevos não conta em sua história episódio algum que se compare em magnitude, ao da conquista das terras além parananianas, à qual o Tietê serviu de base.

E sob o ponto de vista da exigência de sacrifícios impostos aos navegadores de um e outro, a posição recíproca de ambos permite, ao nosso ver, estabelecer-se uma proporção inversa avaliável pela relatividade dos volumes de descarga dos dois caudais.

Curioso fato ocorreu com o topônimo do rio das entradas. Era imemorialmente designado por Anhemby e só muito além da época da aparição dos primeiros civilizados ficou com o nome definitivo pelo qual é hoje apontado, da nascente do lacrimal de Itayaba nas grimpas da serra de Paranapiacaba a sua barra no Paraná, num curso de 1.300 quilômetros.

Época houve em que teve dois nomes. Tal qual o que sucede com o Rio Mar que no Brasil começa por Solimões para depois ser chamado Amazonas.

Conta velho cronista que, em seu tempo, por volta de 1730, chamava-se Tietê das nascentes ao Salto de Itu, e Anhemby à jusante desta cachoeira à foz.

Descobriu Plinio Ayrosa, o douto tupinólogo, nada menos de quinze modos diversos de grafar Anhemby. E Melo Nobrega nos inculca a existência de doze variantes encontradiças em papéis dos nossos três primeiros séculos.

Sobre os dois topônimos precipitou-se a vis engenhosa e, a cada passo, fantasiosa dos etimologistas.

A nossa língua brasilica é aliás um dos mais admiráveis campos para o exercício do descabelado devaneio da grei imaginosa que, segundo o clássico epigrama francês pretende inculcar e convencer que *alfana* procede indubitavelmente de *equus*.

Dom Luiz de Cespedes Xeria, em seu roteiro de 1628 explicou a Felipe IV que Anhemby significa "rio de unas aves añumas". Estamos

convictos de que o Capitão-general castelhano, que tantos anos viveu entre os seus governados do Paraguai, deve ter alcançado alguma autoridade em matéria de guarani.

Torna-se conveniente lembrarmos, que os antigos relatadores do assunto não conheceram o depoimento de Don Luis de Cespedes sobre o significado de *Anhemby.*

O interessante é que muitos tupinólogos repudíam a versão tri-secular de Dom Luis de Céspedes, tão simples! Tão racional! Tão natural! *Ayemby quere dezir Rio de unas aves añimas.*

E isto quando sabemos que a *anhima* ou *anhuma* ocorria com a maior frequência e a maior abundância no vale do Tietê.

A anhuma é a ava sibolizadora do Tietê. Demo-la como suporte ao escudo municipal de Guarulhos e fizemo-la a peça mestra do brazão da cidade de Tietê, tendo como complemento a divisa: *Flumen meum gloriae iter.*

Tietê nas velhas eras foi grafado de muitas maneiras *Theaté, Teité, Teeté, Tyethé, Tyethê.* Mas quase sempre por gente não paulista. Parece fora de dúvida que realmente significa *rio grande, caudaloso.*

O dimorfismo Tietê-Tieté, por Melo Nobrega recordado, provém sobretudo da insistência antiga das inscrições cartográficas e das referências corográficas que induzem, geralmente, as pessoa estranhas ao meio paulista ao emprego do *e* agudo quando os ribeirinhos do caudal e os paulistas em enorme maioria pronunciam o *e* circunflexado.

Sobre este assunto escreveu Dácio Pires Correia, erudito e interessante estudo (Rev. Inst. Hist. de S. Paulo, XXXII, 279), invocando copiosos e valiosos argumentos em favor da *grafia Tietê.*

Não podemos, contudo, deixar de frisar que a variante realmente pouco eufônica foi e é inculcada por uma série de autoridades geográficas e cartográficas antigas e recentes, muitas delas paulistas, como Pedro Taques, Lacerda e Almeida, Azevedo Marques, Homem de Melo, etc.

Assim muitos foram e ainda são os criadores e mantenedores de uma prosódia repudiada pelo consenso popular dos paulistas.

Não deixariam os charadistas da etimologia escapar a ensancha para o exercício de sua argúcia imaginosa proporcionada pelo prestigioso topônimo do rio das monções.

Quer um que *Tietê,* signifique rio grande, e outro *Tieté,* rio de águas salobras.

Contra tal interpretação certamente se insurgirão todos os ribeirinhos do Tietê.

Pensamos que o tupinismo legítimo é aquele do qual usam os marginadores do rio. E este *nemine discrepane* pronunciam e escrevem Tietê e nunca Tieté.

IV

BIBLIOGRAFIA MONÇEIRA PRINCIPAL ATÉ HOJE DESVENDADA. — SUBSÍDIOS RECENTES PROVINDOS DOS ARQUIVOS PORTUGUESES

A história pregressa das monções cuiabanas é a das primeiras navegações tieteanas, ao fluir das águas ou a contra-corrente. Das primeiras existe documentação espanhola de princípios do século XVII: o que escreveu Ruy Diaz de Guzman em sua tão conhecida *La Argentina,* ao nos falar da viagem de certo Capitão Jorge Sedeño. Conta que já em 1526 baixou este conquistador pelo Anhemby ao salto de Guayrá.

Relata que então se deu renhido combate entre os espanhóis e seus guaranís, e os tupis da Costa do Brasil, "que con ordinarios incursos les molestaban y hacian muy grandes daños, muertes y robos con favor y audas de los portugueses de aquella costa".

Acolhendo o governador de Assunção a "siertos casiques principales de la Provincia del Guayrá ocorreu famosa pelea en um peligroso paso del rio que llaman el salto del Ayembi".

Isto se teria dado pelos anos de 1558 (*La Argentina,* Liv. II, cap. XII).

Lozano situa o teatro deste prélio em águas do Tietê e Azara citando a Ruy Diaz de Guzman o localiza no Avanhandava. Motivou tal precisão de local sérios protestos de Eduardo Prado que ao ilustre naturalista acoimou de enxertador de documentos antigos para fins políticos em favor de sua gente castelhana.

Entretanto, desaparece tal acusação em face da revisão minudentíssima dos numerosos apógrafos de *La Argentina,* realizada por Paulo Groussac.

O trecho de Azara impugnado por Eduardo Prado como mentirosa interpretação do original de Guzman a peleja "en el peligroso paso del Añembi que llaman del Abañandaba "existe no apógrafo de *La Argentina,* conservado no arquivo de Asuncion. E foi este o que Azara teve em mãos.

Relata Melo Nobrega a interpretação recente (1942) dada aos topônimos da narrativa da viagem de Ulrico Schmidel no vale do Tietê pelos dois anotadores da obra do aventureiro de Straubing, os srs. W. Kloster e Frederico Sommer.

Ao ver destes comentadores e de um terceiro, Wernicke, o *Giengie* e não o *Urquaia* seria o Tietê.

Tudo isto é sobremodo impreciso e hipotético. Pensamos com Carvalho Franco quando aconselha pouca confiança nas analogias aventadas por Kloster e Sommer a muitas das designações geográficas de Schmidel que aliás não deve ter remontado o Tietê.

A bibliografia seiscentista das navegações do velho Anhemby e do Paraná, até agora divulgada parece resumir-se a uma única peça: a "*Relacion de viaje*" de Don Luis de Céspedes Xeria.

A este preciosissimo cimelio do Arquivo General de Indias em Sevilha, tivemos a felicíssima ensancha de fazer pela primeira vez imprimir, em 1922, nos *Anais do Museu Paulista* (Tomo I, pte. 2.ª, 182 e II, pte. 2.ª, p. 15).

Ao mesmo tempo fizemos copiar o mapa acompanhador da *Relacion* reproduzindo-o em nossa *Coletanea de mapas da cartografia paulista antiga* (S. Paulo 1922). Pensamos que seja tal carta, ou *boron*, enviada pelo Capitão-general a Felipe IV, o mais velho documento corográfico até hoje desvendado, do interior do Brasil.

A ambos estes documentos, de extraordinária valia, revelados pelos verbetes do sábio Pablo Pastells, longamente analisámos no Tomo II de nossa *História Geral*.

Foi a descoberta do ouro cuiabano que fez nascer a bibliografia monçoeira da qual deu Melo Nobrega, em 1948, resenha ainda lacunosa.

A mais antiga peça de tal documentação até hoje assinalada parece ser (1) *Relação verdadeira da derota e viagem que fez da cidade de São Paulo para as minas do Culabá, o Exmo. Sr. Rodrigo Cesar de Menezes, Governador e Capitão-general da Capitania de São Paulo e suas Minas, descobertas no tempo de seu governo e nele mesmo estabelecidas.* Refere-se a uma viagem de 1726.

Tem como autor Gervasio Leite Rebelo, secretário do Governo de S. Paulo, e foi composta em 1727 (Bibl. Púb. de Evora, Cod. CXVI (2-15 p. 18).

Pertence à famosa coleção das *Notícias práticas*, constituidoras da Coleção Diogo Soares, uma das mais preciosas da biblioteca eborense. Inédita até há pouco. Divulgamo-la em 1949.

Por ordem cronológica seguem-se-lhe:

(2) *Notícia que dá ao R. P. Diogo Soares o Capitão João Antonio Cabral Camelo sobre a viagem que fez às minas do Cuiabá no ano de 1727.*

Acha-se inserta na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro* (IV, 487). Não traz data mas é positivamente posterior a 1730 e *provavelvente foi redigida em 1734.*

(3) *Roteiro verdadeiro das minas do Cuiabá e de todas as suas marchas, cachoeiras, itaipavas, varadouros e descarregadouros de canoas que se navegam para as ditas minas, com os dias de navegação e travessia.*

Documento da autoria de Manuel de Barros. Bibl. de Evora, Cod. CXVI (2-15, p. 25, et. pass.) Demô-la a conhecer em 1949.

Não está datado mas é indubitavelmente anterior a 1748, milésimo do falecimento do Padre Diogo Soares, que o colecionou.

(4) *Relação da viagem que fez o Conde de Azambuja, Dom Antonio Rolim de Moura, da cidade de São Paulo para a vila de Cuiabá, em 1751.*

Cf. Revista do Instituto Histórico Brasileiro (VII, 469; Rio de Janeiro, 1846).

(5) *Diário da Navegação do Rio Tietê, Rio Grande Paraná e rio Égatemi, escrito pelo Sargento-mor Theotonio José Juzarte* (1769-1771).

Mss. que pertenceu a Eduardo Prado, adquirido para o *Museu Paulista* pelo Dr. Armando Prado e por nós impresso nos *Anais do Museu Paulista* (Tomo I, p. II, pp. 41-118).

Analisamô-lo detidamente em nossa obra *Na era das bandeiras.*

(6) *Diário da viagem que fez o brigadeiro José Custódio de Sá e Faria da cidade de São Paulo à praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Rio Iguatemi* (1774-1775) a que acompanha o mapa reduzido e impresso sob a direção do Barão Homem de Melo (Rev. do Inst Hist. Bras. 39, 217).

(7) *Carta de um passageiro de monção,* por Diogo de Toledo Lara e Ordonhes (1785).

Papel inédito do acervo documental de José Bonifácio de Andrada e Silva. Publicamo-lo em 1945. Encontra-se em nossos *Assuntos de três séculos coloniais.*

(8) *Divertimento admirável para os historiadores observarem as máquinas do Mundo reconhecidas nos sertões de navegações das minas Cuiabá e Mato-Grosso,* por Manuel Cardoso de Abreu (1783).

Cf. *Rev. Inst. Hist. de S. Paulo* VI, p. 253 et pass (1902) e *Rev. Inst. Hist.-Bras.* T. 77, pte, 2.ª, pp. 125).

(9) *Diário da viagem que por ordem do Ilmo. Exmo. Sr. Luiz de Albuquerque Melo Pereira e Caceres, Governador e Capitão-general das Capitanias de Matto-Grosso e Cuiabá fiz, de Vila Bela até a cidade de São Paulo pela ordinária derrota dos Rios no ano de 1788.*

Narrativa da lavra do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, impressa na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro* (T. 62, I, 35).

(10) *Diário de viagem do Dr. Francisco José de Lacerda, e Almeida, nas capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso, Cuiabá e São Paulo, nos anos de 1760 a 1790.* (Datado de São Paulo e de 25 de maio de 1789).

S. Paulo 1841, volume ultimamente reimpresso pelo Instituto Nacional do Livro.

(11) *Plano para uma expedição a Iguatemi,* pelo marechal Cândido Xavier de Almeida e Souza (*Documentos interessantes para a história e costumes de S. Paulo,* tomo 44, p. 268).

(12) *Notícias da Capitania de S. Paulo, da América Meridional, escritas no ano de 1792.* (Rev. Inst. Hist. Bras. II, 22). *Mais três documentos monçoeiros* até agora inéditos tivemos ultimamente o ensejo de divulgar. Vieram-nos da Biblioteca Pública de Evora e referem-se a episódios da catástrofe ocorrida a 6 de junho de 1730 com a monção do Ouvidor Lanhas Peixoto.

São notícias recolhidas pelo Padre Diogo Soares, uma de autoria de Domingos Lourenço de Araujo (Rio de Janeiro, 1730), outra de D. Carlos

de los Reyes Balmaceda (Assuncion del Paraguay, 1730) e uma terceira de João Antonio Cabral Camelo (S. João d'El Rey, 1734).

Informações preciosas, embora não muito abundantes encontram-se do lado espanhol e, portanto de oitiva, as aduzidas por Don Juan Francisco Aguirre. Data-se de 1756 esta *Descricion* e dela demos largo transunto através das *Noticias del Reyno y Estado del Brasil,* de Aguirre (cf. *Ensaios de historia paulistana, de nossa lavra* p. 42 et pass).

É esta a principal bibliografia monçoeira seiscentista e setecentista até agora divulgada e da qual tivemos conhecimento.

O que da imensa dos seus informes ressalta é que dela está ausente qualquer rigor científico, como aliás de esperar.

Vale esta documentação pelas informações históricas e as que se reportam aos usos e costumes dos praticantes daquela navegação que exigia dos seus nautas o horaciano *illi robur et aes triplex.*

Levantamento aproximadamente rigoroso — quanto humanamente possível na época realizou-o no percurso de Cuiabá a Araraitaguaba, o ilustre Lacerda de Almeida.

Seu precursor, não menos prestigioso, Sá e Faria limitou-se ao curso do Tietê e de um trecho do Paraná, pois o seu rumo era o meridional para Iguatemi.

Há pois material assaz copioso no decurso dos dois séculos (II e III), período a que nos limitaremos.

Como coroamento da bibliografia do epos fluvial viria o mais lindo florão: o *Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no Interior do Brasil,* de autoria de Hercules Florence.

Traduzido pelo Visconde de Taunay surgiu impresso no tomo XXXVII da *Revista do Instituto Histórico Brasileiro* (p. 336 et pass).

Trascrevemos a primeira parte deste relato no tomo XVI da *Revista do Museu Paulista* (1928) sob o título *De Porto Feliz a Cuiabá.*

Da obra de Hércules Florence deu-nos a piedade filial de Paulo e Guilherme Florence uma reedição soberbamente apresentada, sob o título *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas.*

Linda esta tiragem da Companhia Melhoramentos de São Paulo em 1942, muito largamente ilustrada pelos magníficos desenhos do autor e alguns da lavra de Amado Adriano Taunay.

Raros livros de viagem no Brasil apresentam os nobres característicos desta relação da jornada de Florence pela cópia de documentos variados e valiosos nela condensados, geográficos, etnológicos, paisagistícos etc.

Não fora o benemérito artista filho de Nice e radicado na Província de S. Paulo,.e em Campinas, nada teriamos, por assim dizer, da iconografia monçoeira.

Acha-se escusado e lembrado o nome de Hercules Florence inapagavelmente ligado à nossa xeno-iconografia pelo vulto dos inestimáveis serviços a ela prestados.

E' realmente o patriarca da iconografia paulista pelo que nos deixou de documentos sobre tropas e tropeiros, fazendas e engenhos, festas populares, tipos e figuras, retratos e cenas familiares, pormenores arqui-

tetônicos e aspectos urbanos, paisagens terrestres, marítimas e fluviais etc., etc.

A sua contribuição matogrossense não é menos preciosa e os seus esboços etnográficos amazônicos mereceram os mais rasgados elogios de altas autoridades etnológicas.

De toda a justiça será que a tão eminente quanto modesto homem de talento se erga em nome da gratidão brasileira algum padrão público que lhe relembre os extraordinários serviços prestados à civilização, à cultura e à arte.

E o lugar mais adequado para esse testemunho de reverência seria a contiguidade da bela coluna rostral de Porto Feliz, ereta à ribanceira do rio das Monções.

V

A BIBLIOGRAFIA ANTIGA E MODERNA DAS MONÇÕES. — NOVOS, ABUNDANTES E VALIOSOS ITENS INÉDITOS. — A CONTRIBUIÇÃO DAS "NOTÍCIAS PRÁTICAS" DA COLEÇÃO DIOGO JUARES. — O RELATO DE GERVÁSIO LEITE REBELO

Há nos nossos fastos nacionais uma série de fatos constituidores de impar episódio na História Universal; os designados pelo nome genérico de Monções.

E, com efeito, as espantosas jornadas fluviais do Paredão de Araraitaguaba a Cuiabá não encontram similares em outra região do Globo.

Mais extensas viagens fluviais se realizaram, no próprio Brasil, embora não tão seguidas e regularmente, nem organizadas sob um regime ao mesmo tempo comercial e militar.

Assim, na Amazônia, mas em águas inteiramente livres, desembaraçadas de empecilhos à navegação, como também se dá no Mississipi.

As monções cuiabanas, parece-nos inútil recordá-lo, tinham que superar pavoroso obstáculo, nos rios encachoeirados, atravessar, em percurso de milhares de quilômetros, terras inóspitas habitadas por nações gentias belicosíssimas como os paiaguás, guaicurus e caiapós, índios que com a mais notável bravura e a mais justa das pertinácias defendiam os seus chãos.

Acresce a esta circunstância que os dois extremos do enorme itinerário eram os únicos núcleos de civilização a pontuar a intérmina e aspérrima via perlustrada.

Nada mais evocativo do que o modo pelo qual os primeiros moradores de Cuiabá designaram o Tietê e S. Paulo: *rio de Povoado e Povoado.*

Retirar-se para *Povoado,* no dizer singelo dos documentos setecentistas era expressão sinônima de partir para S. Paulo. Esquadrilhas de canoas e canoões maiores e menores, sulcaram o Tietê e o Paraná no século XVII e muitas delas entraram pelos leitos de rios matogrossenses em expedições de que ficaram inapagáveis traços nos fastos do bandeirantismo.

Descoberto o ouro cuiabano, fundado e mantido — verdadeiro prodígio de dispêndio de energia, coragem, tenacidade e espírito de sacrifício — o arraial e a Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, começa realmente a surgir a literatura monçoeira, sob a forma das narrativas dessas espantosas viagens em que — Senhor! apostrofava um de tais viandantes

ao Rei Dom José I, os vassalos da conquista da América, em nada ficam a dever aos da conquista do Oriente".

Ao relatório de José Custódio de Sá e Faria reveste extraordinária secura, incompreensível por parte de homem superiormente dotado quanto este celebrado oficial general setecentista.

Deu-nos Sérgio Buarque de Holanda em 1945 o belo e brilhante volume *Monções,* estendendo a sua inspeção a todo o Brasil.

Pensamos que por ordem cronológica seja, até hoje, o depoimento de Cabral Camelo a mais antiga das narrativas vultosas de viagens monçoeiras.

Recolheu-a o Padre Diogo Juares, na série preciosa das suas *Notícias Práticas,* manancial de extraordinário valor para o estudo de expansão geográfico do Brasil.

Do Rio de Janeiro, e a 4 de julho de 1730, escrevia o ilustre jesuita ao seu soberano: "Tenho já junto uma grande cópia de Notícias, vários roteiros e Mapas dos melhos sertanistas de S. Paulo, Cuiabá, Rio Grande, e da Prata e vou procurando outras, a fim de dar princípio a alguma carta, porque as estrangeiras andam erradíssimas, não só no que toca ao Sertão, mas ainda nas Alturas e Longitudes".

Desta providência inspirada decorreu o provável salvamento de documentos capitais para a história dos descobrimentos bandeirantes varios dos quais publicamos no volume *Relatos sertanistas* desta série.

Ao traçar a biografia de Diogo Juares levantou Serafim Leite sua bibliografia aliás considerabilíssima para um homem que não atingiu 65 anos de vida.

Percorrendo-a deparou-se-nos o ensejo de notar que das *Notícias Práticas* havia algumas ainda, manuscritas, conservadas na Biblioteca de Evora. Ocorreu-nos então a idéia de as mandar copiar aproveitando-as para o nosso tomo XI da História Geral da Bandeira Paulista.

Causou-nos o item que a uma delas descreve, veemente surpresa: Intitula-se: *Relação verdadeira da derrota e viagem que fez da Cidade S. Paulo para as Minas do Cuiabá o Exmo Sr. Rodrigo César de Menezes, Governador e Capitão General da Capitania de S. Paulo, e suas Minas, descobertas no tempo do seu govêrno, e ele mesmo estabelecidas. Escreveu-a na Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá, a 1.º de fevereiro de 1727, Gervásio Leite Rebello, secretário de S. Exa.*

Pensamos que este relato venha a ser a mais antiga narrativa pormenorizada da viagem monçoeira de Porto Feliz a Cuiabá até hoje conhecida. Antecede de um ano o de Cabral Camelo da mesma coleção das *Notícias Práticas* de Diogo Juares e impresso, já em 1843, no Tomo IV da *Revista do Instituto Histórico Brasileiro.*

Como documento monçoeiro leva-lhe vantagem, sob muitos aspectos.

Da travessia de Rodrigo César de Menezes ao Cuiabá há abundante documentação, no Arquivo do Estado de São Paulo, documentação quase toda impressa por Antônio de Toledo Piza nos *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo,* sobretudo nos tomos XII, XIII e XX.

Destes papéis se valeu com verdadeira mestria Washington Luís em seu *Governo de Rodrigo César de Menezes.*

O capítulo VII desta obra descreve a jornada do general de S. Paulo, a Cuiabá.

A esta documentação faltou o relato de Gervasio Leite Rebelo, secretário e *fides Achates* do Capitão-general.

Vejamos quem seria este auxiliar do governo de Rodrigo Cesar.

Era português e servira durante cinco anos como secretário do Estado do Maranhão, onde deixara excelente fama. Não se limitara à prática da burocracia. Conhecera a catadura dos sertões onde fizera várias jornadas de guerra, batendo-se com os gentíos.

Praticando o método camoneano do uso simultâneo da espada e da pena queremos crer que Gervasio Rebelo haja sido muito mais perito militar do que homem letrado.

VI

A "NOTÍCIA PRÁTICA" DE JOÃO A. CABRAL CAMELO. — DEPOIMENTO INÉDITO SOBRE O DESTROÇO DA MONÇÃO DO OUVIDOR LANHAS PEIXOTO PELOS PAIAGUÁS

Dois anos e meio passou João Antonio Cabral Camelo nas minas do Cuiabá, a partir de 21 de novembro de 1727. Mil vezes melhor fora que para lá jamais tivesse partido, pois de tão áspera viagem em busca da fortuna só lhe vieram prejuizo e a mais forte desilusão. E' o que afirma...

Assim, resolveu voltar a Povoado — aproveitado a partida do Ouvidor Antonio Alvares Lanhas Peixoto, com quem travara amizade.

Partiu a monção do magistrado do porto da Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá a 15 de maio de 1730. Ao cabo de seis dias rio abaixo estava no Registro Velho, onde se reuniu toda a flotilha, dezenove canoas de carga e quatro de pescaria.

Souberam então os monçoeiros que os paiaguás se achavam, certamente, navegando no Paraguai, numerosos e hostis

A 6 de junho foi a monção atacada pelos Canoeiros e completamente destroçada, sucumbindo Lanhas Peixoto e mais de cem brancos, índios e pretos.

Em todo o percurso até o Taquary não se encontrava terra seca, e as mais das vezes precisavam as tripulações dormir nas canoas.

Sete barcos se apartaram do grosso da monção, tomando o Xanés. Na barra deste rio reuniram-se de novo às demais.

Ali encontraram os navegantes enorme passarada e os caçadores se divertiram em atirar às aves apesar dos repetidos conselhos de Camelo advertindo que o estampido dos tiros era excelente aviso aos índios da presença dos brancos. Na noite de 5 para 6 de junho tiveram os navegantes de suportar cruel tempestade, agoiro dos terríveis acontecimentos do dia seguinte.

Pelas onze horas da manhã navegava o comboio Paraguai abaixo, quando os monçoeiros ouviram grande urro pela parte da direita vendo logo depois sair de um sangradouro onde se achava escondida pela ramagem da vegetação ribeirinha, grande flotilha de Paiaguás nada menos de cinqüenta canoas, todas bem armadas.

"Em cada uma delas vinham dez e doze bugres de agigantada estatura, todos pintados e emplumados e o mesmo foi chegar a tiro que cobrir-nos de uma tão espessa nuvem de flechas que escureceu o sol".

Depois de desferir esta reminiscência termopílica, conta-nos o nosso narrador que os remadores negros da monção ficaram absolutamente apavorados. Abandonaram os remos e saltaram n'água desamparando as canoas; acharam-se os brancos, portanto, em péssima situação.

Não podiam tomar o remo nem remar ou governar as canoas e ao mesmo tempo defender-se. Aproveitaram os paiaguás do pânico dos assaltados. A flechadas, lançaços e porretadas, fizeram então grande matança. Alguns dos brancos se entregaram mas nem por isto salvaram a vida e muitos pelejaram valorosamente até tombarem mortos. Portou-se o Ouvidor com o maior denodo. Desamparado dos tripulantes de seu barco viu-se só com um moço enfermo. Disparou os quatro arcubuzes que tinha na canoa e não havendo quem os tornasse a carregar desembainhou um estoque clamando por socorro e a chamar sobretudo por ele, Camelo. Conta este que no momento em que partia a defendê-lo teve o seu barco à proa, atravessada, uma canoa das que já andavam desamparadas e assim rodara Paraguai abaixo.

Voltou no mais curto prazo, mas já não viu o Dr. Lanhas. Uma multidão de gentío vinha agora sobre ele.

Os seus remeiros mostravam-se aterrados e assim viu chegada a hora derradeira. Pretende, porém, que não perdeu o sangue frio. Com ele vinham três homens. Começou ameaçando o remadores de os matar se abandonassem os remos e mandou vogar vigorosamente para a margem do rio. E combinou com os companheiros: dois governariam a canoa e dois pelejariam.

Abicada a embarcação e coberta por uns ramos de árvores puderam os quatro homens fazer uso das armas de fogo obrigando o inimigo a recuar.

Deixando dois companheiros a tomar conta da canoa e da tripulação, junto ao reduto de terra partiu com o terceiro em direção a um locau de onde partiam tiros mas teve de voltar por não poder cortar um alagadiço.

Retornando ao lugar onde ficara a canoa ali encontrou mais seis embarcações cujos pilotos haviam como ele feito: ameaçado de morte os remeiros que pretendessem saltar n'água.

Já então dispunham os atacados de treze arcabuzes e como os paiaguás voltassem à carga receberam-nos sob viva fuzilaria que os afugentou. Resolveram contra-atacar tendo verificado que sua excelente pontaria causara muitas baixas entre os índios. Saíndo do escondirijo, suas canoas avançaram sobre as deles que recuaram, retomando-se então uma delas a de um paulista que, em 1729, chegara a Cuiabá com a mulher e filhos.

Vendo os paiaguás que não levavam a melhor retiraram-se para o seu sangradouro levando dezesseis das 23 canoas da monção. Recolhida a presa "dela só levaram o ouro, umas dez ou onze arrobas (entre 146.880 e 161.568 grs.), as armas e toda a roupa. O resto não lhes causou interesse.

Trataram então de enterrar os cadáveres encontrados dos seus e curar os feridos que não eram poucos. Depois de apartarem os negros que lhes pareciam melhores, entregaram-se a uma cena de carnificina.

Mataram vários prisioneiros brancos e entre eles um lisboeta que ia com a mulher, a quem pouparam, e diversos negros. A esta trucidação assistiu uma preta que por eles deixada por morta foi pela sua gente recolhida no dia seguinte.

"Vitoriosos, continua Camelo, formaram-se os bárbaros em duas linhas e saíndo ao rio pararam à nossa vista".

De sua flotilha ouviram surpresos os desafiados palavras insultuosas em português, proferidas por um branco.

Pensa Camelo que tal desafiador fosse um rapazito, filho de certo Lopo, a quem em 1727 haviam os paiaguás aprisionado. Transmitiu aos patrícios o cartel do cacique canoeiro. "Se querem pelejar saiam fora destes ramos!" gritava-lhes. Como ninguém lhe respondesse avisou que se os ameaçados não saíssem seriam logo atacados. Ai gritaram os desafiados: Venham! E dispararam alguns tiros mostrando que estavam alerta.

Depois do rapaz tomou a palavra um trânsfuga, bastardo ou carijó paulista que prorrompeu em insultos:

"O' patife, vis e baixos não sabeis que os Caribas (brancos) não têm que fazer com os paiaguás e guaicurús?!"

A esta altura viram Camelo e os seus levantar-se a moça branca aprisionada. Ia ao pé do Cacique e como quisesse acenar aos seus com um lenço os índios não lhe permitiram o gesto.

Pouco depois desapareciam os paiaguás Paraguai abaixo.

"Nesse tempo, continua Camelo, já tínhamos descarregado as canoas e feito trincheira das cargas para delas nos defendermos se nos tornassem de novo a investir. E certamente o fariam se soubessem as poucas forças que então tínhamos porque as armas não eram mais que treze, a pólvora e munição apenas chegava para seis cargas".

Eram os entrincheirados oitenta e três homens; dos quais vinte e três brancos e o resto pretos. Mas só sete ou oito poderiam pelejar. Segundo a estimativa então feita haviam perecido 107 passageiros da monção, entre brancos e pretos.

Discutiram os sitiados os diversos alvitres de retirada. Descer o Paraguai seria entregarem-se aos paiaguás cujas *taracas* (businas?) se faziam ouvir a cada momento.

Atravessar o Pantanal mostrava-se impraticável por falta de guia. Seria correr o risco de extravio quase que certo. Voltar a Cuiabá ao encontro da outra monção também era arriscado.

Os paiaguás se poriam à sua perseguição. Velozes, navegavam em uma hora o que os brancos faziam num dia (sic) pelo fato de terem melhores canoas e remeiros.

Por outro lado a permanência naquele ponto se tornava insustentável porque havia falta de mantimentos.

Começou a chover desabaladamente sobre o local onde nem havia modos de se levantar algum rancho. "A pequena ilha em que estavamos não dava lugar a nada e basta dizer que apenas cabíamos nela".

Pela madrugada saiu uma canoa com bastantes remeiros e algumas armas a ver se recolhia alguns dos monçoeiros. Muitos foram encon-

trados mas todos mortos. Entre eles o Dr. Lanhas Peixoto, cujo cadáver recolhido semi-nú, só trazia calções e borzeguins.

Deu-se-lhe sepultura no lodaçal da ilha e no momento do seu enterramento ouviram-se gritos partidos do ponto onde os paiaguás haviam estado.

Eram brados de socorro que soltava uma preta escrava do Ouvidor. Lancinantemente pedia que a fossem buscar. "Temeu-se ao princípio não fosse traça do inimigo por nos apanharem algum língua e saberem dêle a força que ali tínhamos.Venceu a piedade e se mandou conduzir por uma canoa bem equipada de remos e de armas".

Foi esta preta quem relatou a cena da carnificina, da qual quase fora vítima.

Vendo-se que realmente os paiaguás se tinham retirado, foi a mesma canoa visitar o ponto onde os monçoeiros viram as covas onde os índios haviam enterrado os seus e as forcas onde tinham dependurado muitos dos prisioneiros. Quatro ou cinco cadáveres ainda delas pendiam, sendo então sepultados.

Afinal venceu a resolução de se voltar a Cuiabá e à noite partiram as sete canoas, escapas à catástrofe, "com o silêncio possível".

Sem estorvo algum chegaram os fugitivos, mas sempre sob tremenda chuvarada ao Xanés e remontaram o Porrudos, até a confluência com o Cuiabá.

Não conta Camelo quantos dias terá gasto em tal navegação. Só relata que na barra do Cuiabá esteve à espera de alguma grande monção que descesse.

Se se desse tal circunstância voltaria "a recorrer outra vez o Paraguai".

Mas os mantimentos da flotilha estavam a acabar e a monção salvadora não aparecia. As chuvas haviam tornado imprestável grande parte do aprovisionamento. Assim, resolveram os fugitivos ir por terra a Camapuan pelo antigo caminho dos sertanistas.

Firmada a resolução subiu a flotilha o Porrudos, seu afluente o Pequiry e confluente o Piangui até se descobrirem uns morros fronteiros a este último. Saltaram aí os fugitivos das canoas a que abandonaram, após onze dias de navegação, e carregaram a farinha, o feijão e o toucinho que lhes pareceu suficiente para os vinte e cinco dias de jornada pela mata.

"Postos em marcha começamos a caminhar pelo Pantanal sempre à vista dos morros e atravessando lagoas e tremedais e algumas vezes matos, chegámos, em quatorze dias, à primeira roça do Taquary".

A esta encontraram deserta. Fora atacada e destruida pelos cayapós que haviam trucidado sete ou oito dos roceiros. Estava a zona despovoada de civilizados com a recente incursão dos tão temidos bilreiros. Várias casas incendiadas avistaram os retirantes.

Foi o Taquary transposto numa canoa nele encontrada, deparandose logo depois aos fugitivos nova roça abandonada com as casas queimadas. Alí fizera o gentio várias vítimas.

Desde o desembarque à margem do Piangui efetuara-se a marcha com toda a cautela "sempre com vigilância, marchando sempre unidos com as armas na vanguarda e retaguarda e no centro as cargas. De noite, continuavam-se as vigílias e sentinelas, assim por respeito do gentío como das onças".

Da roça destruida do Taquary a Camapuan gastou a pequena coluna de Cabral Camelo nove dias, marchando com as mesmas cautelas.

"Por fim, tolerando mil trabalhos, passando os rios sobre paus e vadeando descalços e por espinhos muitas e várias lagôas, chegamos a Camapuan no primeiro de agosto".

Cinquenta e seis dias durara a série de terriveis provações a que fora submetida a brava caravana escaça ao morticínio de seis de junho.

Em Camapuan demorou-se Cabral Camelo 23 dias, enquanto se preparavam as canoas em que devia baixar ao Paraná e subir o Tietê.

Algumas foram feitas à margem do Prado, na roça de Cajurú, "por serem mais capazes e melhores as madeiras". Houve neste ínterim sério alarma. Apareceram os cayapós. "Lançou-nos o gentio fogo nos ranchos em uma frecha; queimaram-se todos que eram g. dos (guardados?) excepto a capela e um dos paioes do milho que livramos com as redes e com os lenções molhados e ensopados em água, cobrindo-os com eles".

Estava Cabral Camelo em Camapuan quando lá surgiu a expedição que debalde esperara à barra do Cuiabá.

Soube então que ali chegada soubera do que sucedera à monção do Ouvidor. Suspendera a marcha esperando reforço.

Afinal reforçada e num total de oitenta e quatro canoas guarnecidas por perto de trezentas armas descera o Paraguai até a foz do Xanés.

Pois assim mesmo havìa sido acometida pelos terriveis canoeiros, perdendo duas de suas embarcações.

"E lhe tomariam as mais se lhes não valesse a terra a que vinham sempre chegados de onde começaram com tal força a fazer fogo que, se não restauraram (recuperaram) as canoas, feriram e mataram muitos e mais os puzeram a todos em retirada".

Havia este combate causado a maior impressão entre os monçoeiros e Camelo os caustica: "Não obstante a felicidade deste sucesso pode mais mais neles o medo que o valor e receiosos de outro novo encontro tomaram a resolução que tomei, voltando atraz e seguindo por terra o caminho de Campuan onde nos encontraram".

Prontas as suas canoas mandou Camelo levá-las até a foz do Sambixuga. Sete dias gastou em tal empresa efetuada sob sobressalto "pelo risco do Cayapó".

A metade da sua gente mandara por terra a embarcar no salto do Cajurú, no Pardo, onde seria facil se valerem dos barcos lá deixados pelos cuiabanos ou de outros fabricados, na ocasião, dos muitos paus ali existentes "com grossura e capacidade".

Descendo o Pardo durante sete dias inteirou-se o nosso itinerante das tristes consequências da recente incursão dos índios, despovoadas as roças ribeirinhas, e mortos pelos cayapós os moradores como acontecera nas do Cajurú de baixo, onde seus comandados ainda encontraram gente não obstante já se acharem queimadas as suas casas.

Na travessia de Camapuan a este ponto tinham dois dos homens de Camelo sido frechados.

Os moradores do Cajurú de cima amedrontados haviam desamparado as suas lavouras e fugido.

A noite que antecedeu a partida pelo Pardo abaixo foi de alarma". Aqui dormimos com cautela e vigilância necessárias. No outro dia, rodamos pelo rio abaixo com as canoas tão cheias de gente que vinham com as bordas na água".

O roceiro do Cajurú neste mesmo dia tomara a sensata resolução de partir os seus camaradas e escravos a abrigar-se em Camapuan.

A área de devastação dos bilreiros fôra larga. Ultrapassara as margens do Nhanduy, atingira as margens do Rio Grande (Paraná). Aí vivia um pobre homem fugido do Cuiabá por uma morte". Mais tarde já em S. Paulo viria Camelo a saber que o tal pobre homem fora a seu turno trucidado talvez pelo gentio se era que não o haviam morto os seus próprios negros.

Do Nhanduy à confluência do Piracicaba e do Tietê gastou Camelo vinte dias acerca dos quais nada refere.

Começara a enchente do Tietê e assim resolveu subir o Piracicaba, por ter menos cachoeiras e correntezas.

Em dez ou onze dias foi ter à jusante imediata do grande salto. À margem encontrou "quatro formosas roças com gentes e muitas mais despovoadas".

Referindo-se ao principal afluente do Tietê escreve Camelo: "Este rio tem algumas itaipavas mas todo ele está cercado de matos capazes todos de rossas: porém como faltavam as conveniências de Cuaiabá e este porto era o mais distante deram os mineiros em o não continuar e assim se perderam as rossas e fazendas que nele havia".

Do Salto do Piracicaba a Itú gastou Camelo três dias, por caminho todo cercado de mata de muito bons padrões, mas onde só avistou uma roça junto ao rio Capivary.

Nas últimas três ou quatro léguas do percurso nos arredores de Itu cortou região "povoada com gente e rossas".

Alugando um cavalo em Capivary chegou o atribulado itinerante a São Paulo a dezesseis de novembro de 1730.

Seis meses e um dia se contavam da partida de Cuiabá. A viagem normal se fazia em quatro meses.

"Na nossa — sintetizava o viajante escapo a tantos perigos, ao Padre Diogo Juares — deixados os perigos do gentio, poderemos enumerar os trabalhos e misérias.

Nos primeiros oito ou nove dias depois do sucesso do Payaguá tivemos sempre chuvas continuas, e estas sem rancho nem lugar onde o armar e os mosquitos são tantos naquelas partes, que quem não dorme em rede, e com tolda bem fechada, não socega nem de dia nem de noite, um só instante e sem dúvida foi este um dos maiores trabalhos que tivemos nesta derrota".

Do Pianguy a Camapuan além das contínuas vigílias diurnas e noturnas, indispensáveis, curtira a sua tropa mil misérias. Não fora possível carregar bastante feijão e tornara-se necessário recorrer ao angú

feito, para brancos e pretos, de uma pouca de farinha com algum toucinho derretido ou desfeito em água. Em Camapuan ocorrera a perda de todo toucinho ao ser a rancharia incendiada pelos caypós. Durante mais de um mês o único alimento não passara de feijão puro. Só melhorara a situação depois do encontro, no salto do Cajurú no Rio Pardo, da monção do Ouvidor José de Burgos Vilalobos que subia para Cuyabá.

"Esta he a informação que posso dar a V. R. do que me pede, Bem sei que a ha de achar confusa pelo modo que escrevo. Mas tenha a certeza que he verdadeyra", concluia João Antonio Cabral Camelo prometendo, a 16 de abril de 1734, e de São João d'El-Rei ao Padre Diogo Soares, o eminente geógrafo astrônomo que quando passasse "por aquele Rio das Mortes o satisfaria a tudo o que julgasse necessário".

VII

A 16 DE ABRIL DE 1734 ENTREGOU JOÃO ANTONIO CABRAL CAMELO O SEU RELATO AO PADRE DIOGO JUARES (*)

Segundo depoimento inédito sobre a catástrofe da monção do ouvidor Lanhas Peixoto, veio-nos do precioso códice "Diogo Juares", da Biblioteca de Evora.

Intitula-se: *Noticia 3.a, prática dada pelo Capp.m Domingos Lourenço de Araujo ao R. P. Diogo Soares sobre o infeliz sucesso que tiveram no Rio Paraguai as Tropas que vinham para São Paulo no ano de 1730.*

Este segundo depoimento é muito menos extenso do que o de Cabral Camelo, movimentado e interessante. Mas leva sobre o outro uma vantagem. Foi redigido em dias mais próximos dos acontecimentos a que narra.

Data-se do Rio de Janeiro e de três de novembro de 1730, menos de cinco meses após a chacina de 6 de junho, ao passo que o de Cabral Camelo é de 16 de abril de 1734.

Há entre as suas narrativas pequenas divergências mas concordam em essência nas diversas retificações feitas por Cabral Camelo aos relatos dos velhos cronistas que exageraram as perdas de vidas e do ouro dos quintos reais e dos monçoeiros da flotilha do Ouvidor.

Conta Araujo alguns episódios interessantes a que Camelo se não refere dando pormenores igualmente curiosos, estranhos à *notícia* do outro sertanista.

Parece-nos aliás que Domingos Lourenço não era dos companheiros de Lanhas Peixoto, tendo embarcado na monção que partiu de Cuiabá logo depois da do Ouvidor e também se bateu com os índios a quem derrotou.

Conta-nos Araujo que a monção capitaneada por Lanhas Peixoto se compunha de 23 ou 24 canoas, (23 afirma Cabral Camelo).

Haviam-se os paiguás apossado de 16 ou 17 canoas, nelas trucidando 108 pessoas, das quais 28 brancos, paulistas e forasteiros; número quase igual ao de Camelo, (107) que refere terem sido 16 as canoas apresadas.

Entende Domingos Lourenço que o ouro tomado não passou de vinte arrobas (294 quilos), havendo, porém, quem avaliasse tal presa em menos, (dez ou onze arrobas, avaliou-a Camelo).

(*) (Cf. Historia Geral das Bandeiras Paulistas, tomo XI, 2.ª parte, pág. 59-62)

VIII

Anexou o Padre Diogo Juares à sua coletânea de *"Notícias Práticas das Minas do Cuiabá e Goiases na Capitania de São Paulo"*, (Biblioteca de Evora, Cod. CXVI-2-15, 1 vol., 4.º) certa e sobremodo interessante carta "vinha da cidade de Paraguai à nova Colônia do Sacramento, com aviso da venda que fizeram os Paiaguás dos Cativos Portugueses naquela mesma Cidade, escrita por D. Carlos de los Reyes Balmaseda. Paraguay, 4 de novembro de 1740", f. 10-v.)."

Esta carta traz-nos notícia da sorte dos desventurados prisioneiros dos Paiaguás em conseqüência da sua grande vitória a 6 de junho de 1780.

O signatário desta missiva assinou-se Dom Carlos de los Reyes Valmaseda e no cabeçalho da carta aparece Rios em lugar de Reyes, nome aliás, vertido para a forma portuguesa Reis, na notícia bibliográfica de Serafim Leite. H.G. da B.P.XI, 2, sp 63.

IX

Agindo com o mais notável discernimento instante recorreu Diogo Juares a quantos sertanistas conseguiu conhecer, pedindo-lhes informações sobre as suas jornadas. Coletando estes depoimentos obteve uma até agora inédita: "Notícia 7.ª Prática e Roteiro verdadeiro das Minas do Cuiabá e de todas as suas marchas, Cachoeiras, itaipavas, varadouros e descarregadouros de canoas, que navegam para as ditas Minas, com os dias de navegação e travessia que costumam fazer por mar e terra".

Assina-o um Manuel de Barros, personagem de quem muito pouco podemos esclarecer as passadas.

Quer-nos parecer que deve ser o mesmo "sargento mor engenheiro" que passava por pessoa muito entendida, como mineralogista e prospector de minas e a quem o Anhanguera levou em sua companhia ao voltar de S. Paulo a Goiaz depois de anunciar ao Capitão General Rodrigo César de Menezes a descoberta do jazido aurífero goiano, em 1726.

É o relato de Barros muito monótono. Limita-se a descrever, com minudência, os estorvos opostos pelos obstáculos fluviais ao trânsito das monções.

Pouco numerosos pormenores nos dá relativos a qualquer incidente de navegação ou a fatos de relevo estranho ao seu assunto principal. Redigiu como que uma memória, pura e simples, de hidrografia fluvial *ad usum* dos pilotos monçoeiros.

Exceções surgem, mas poucas, como a que se refere ao significado português de alguns topônimos impostos às cachoeiras e corredeiras, sobretudo do Tietê.

Uma vez ou outra conta-nos, a propósito de certos pontos, que neles costumavam os sertanistas fazer roças ou então faz alusões à presença de índios aqui e acolá.

Não são abundantes as referências nosológicas e as recomendações aos navegantes no intuíto de defenderem a saúde contra as enfermidades do Sertão.

Como época mais conveniente para a largada das monções, no porto de Araraitaguaba, o futuro Porto Feliz, fixa os dias entre 20 de maio e 13 de junho. Daí em diante até meados de julho só partiam "alguns sertanistas práticos no mesmo sertão e que se valiam de muitos gentios mansos e domésticos para a navegação". O melhor era achar-se a monção em águas do Rio Paraná já no dia de Santo Antônio, a 13 de junho.

Assim, não se exporia ao risco de ter contra si as correntes e enchentes dos rios graças às quais já muita gente perecera.

Pormenor curioso é o que nos ministra: o Tietê passado o Salto de Itu era a jusante deste chamado Anhembi "que valia o mesmo que Madre do Rio", significado esquisito que jamais vimos apontado e mais um elemento para azoinar a curiosidade e a perspicácia dos etimologistas de nossa língua geral em que a latitude de interpretações abriga incalculável extensão.

Como elementos cronológicos que datem o documento temos referências de pequena precisão. Deve ter sido escrito antes de 1740 pois afirma que os cayapós jamais haviam sofrido repressão séria. E é posterior a 1727 como indicam as notícias dadas de ataques dos payaguás.

O relato de Manuel de Barros é tomado como anterior a 1741 e posterior a 1728.

X

A *Notícia oitava prática* da coleção de Diogo Juares que agora publicamos pela primeira vez, constitui a "cópia de uma carta escrita de Cuiabá aos novos pretendentes daquelas Minas".

E' extensa e consta sobretudo de um roteiro da navegação fluvial de Araraitaguaba, a Cuiabá.

Este roteiro no que se refere ao Tietê é extraordinariamente minucioso. Deve ter sido redigido por alguém que numerosas vezes percorreu o rio das entradas e não podia deixar de ser muito arguto observador.

O missivista da *Notícia* não era certamente dos que inculcavam o otimismo aos seus destinatários. Pelo contrário! com toda a crueza e lealdade advertia-os de que a travessia a que pretendiam abalançar-se vinha a ser inçada dos maiores perigos e causadora de extraordinários riscos em que se exporiam, a cada momento, a perder a vida. Quer nas águas encachoeiradas do Tietê, do Pardo e do Coxim, quer no sorvedouro do Jupiá, no Paraná, quer de maleitas e peste, quer ainda às mãos dos Caiapós e Paiaguás.

Isto sem falar ainda no que representava de padecimentos o contínuo e terrível assalto dos mosquitos.

Recomendou o missivista aos amigos que já saíssem de Araraitaguaba "como católicos com as cousas da alma justas".

"Desde que dareis princípio a tão penosa viagem até chegares às Minas de Cuyabá estai certos de que correm evidente risco as vossas vidas".

Bem pouco consoladoras e reconfortadoras são as expressões contestadoras deste relatório de sobressaltos e sofrimento.

Se a jornada monçoeira começasse pelo Coxim e não pelo Tietê ninguém a empreenderia certamente!

Rara fora e seria a canoa que naquelas águas não perigasse em "inumeráveis precipícios e correntezas violentas".

Só mesmo inesgotáveis paciência e pertinácia permitiam transpor o terrível passo a que agravava a existência de inúmeros madeiros tombados sobre o leito daquele como que Acheronte da selva brasileira.

Para a navegação do Coxim dá o nosso memorialista roteiro tão circunstanciado quanto o do Tietê, habilitando os pilotos a vencer as numerosas cachoeiras todas perigosas, a violência da correnteza nas itaipavas, as insídias dos canais, a ameaça dos obstáculos submersos das pedras cobertas, etc.

A quanto carreto e descarreto obrigava o Coxim! Era uma trabalheira sem fim!

Afinal, vencido o último mau passo, entrava a monção em águas plácidas: as do Taquari. Daí em diante navegaria sem esforço algum até Cuiabá.

Os únicos obstáculos do Taquari eram a veemência da correnteza e a possibilidade de abalroamentos com algum pau rodado.

À margem deste rio caudaloso havia muito maior abundância de caça, mel e palmitos. Isto sem contar que ele se apresentava bastante piscoso.

Percorriam-no as canoas até um lugar chamado a Prensa, onde principiava a região dos pântanos, muito rica de peixe e caça, mas onde "se temia o gentio guaicurú e muito mais o paiaguá".

— Pobre de vós se encontrardes um ou outro! Trazei limpas e prontas sempre as armas e com cartuchos feitos como usa a infantaria, nas campanhas, porque as investidas destes gentios são de súbito, e repentinas".

Em 1726 haviam os tripulantes de sete canoas cometido a imprudência de se separar do grosso da sua monção.

Inesperadamente havia-lhes aparecido um troço de gentio cavaleiro.

Quisera Deus, porém, que os agredidos houvessem encontrado um trecho de rio fundo e em terra um capão de-mato onde se tinham refugiado. E para que em tudo parecesse prodígio divino ainda havia a protegê-los, à retaguarda, grande pantanal.

Saídos do Taquary para o Paraguay, recomendava o memorialista que os monçoeiros redobrassem de vigilância.

— Cuidado e mais cuidado no gentio paiaguá, muito destro e bom pirata. Acomete sem receio, esconde-se nos sangradouros (baias e voltas do rio. E tanto que avista qualquer tropa a investe de repente. Mata a gente, leva as canoas e não há monção a que não tenham feito alguma guerra.

XI

INCONOGRAFIA DAS MONÇÕES — A CONTRIBUIÇÃO NOTABILÍSSIMA DOCUMENTAL DE HERCULES FLORENCE, ÚNICA E INSUBSTITUÍVEL

Fortuita circunstância, extra-brasileira, deu ensejo a que nascesse assaz abundante documentação iconográfica sobre as monções e a região de sua travessia, documentação que se tornou única e portanto insubstituível.

Data de princípios do século XIX. Da centúria anterior nada ao que parece existe. Ou pelo menos até agora não se desvendou, segundo cremos. Só se divulgaram até hoje, pelo menos, documentos cartográficos muitos deles sobremodo notáveis como os de Sá e Faria sobre o Tietê e o de Lacerda de Almeida sobre este e os rios matrogrossenses do percurso monçoeiro.

Consta-nos a existencia de um album de desenhos da lavra de Teotonio José Juzarte no arquivo de Solar de Mateus. Se assim é exato serão essas peças os mais antigos documentos iconográficos monçoeiros de que temos notícia.

O fato de possuirmos preciosa iconografia sobre as monções decorreu da aquiescência do Governo Imperial russo aos projetos de seu representante na corte de Dom Pedro I, o barão de Langsdorff, nome de grande destaque em nossa xeno-bibliografia.

Veira depois a ser Consul Geral da Russia no Rio de Janeiro, sob D. João VI.

Naturalista apaixonado, interessando-se sobretudo por borboletas, nutria Langsdorff a idéia fixa de realizar grande jornada científica nos mais longínquos sertões do *far-west* brasileiro. Neste sentido vivia a solicitar o auxílio do czar Alexandre I. Afinal, conseguiu o ardente desideratum, recebendo do tesouro imperial moscovita os subsídios de que necessitava para tão dilatada empresa.

A 3 de setembro de 1825, deixou o Rio de Janeiro a expedição de Langsdorff que só a 22 de junho seguinte pôde, contudo, encetar a descida do Tietê de Porto Feliz em diante.

Ao partir do Rio compunha-se do botânico Luis Riedel, do astrônomo Rubzoff, do zoólogo Christiano Haase e dos desenhistas Amado Adriano Taunay e Hércules Florence, que substituiu o famoso Mauricio Rugendas. Impossibilitado de seguir, deixou Haase a comitiva em Porto Feliz, por desejar desposar uma jovem paulista dalí.

Penosa como era a viagem dos rios só pôde Langsdorff atingir Cuiabá a 30 de janeiro de 1827, decorridos 223 dias, desde a saída de Porto Feliz, vencidas 530 léguas e 114 cachoeiras e corredeiras, sobretudo no Tietê e no Coxim.

Não mais estava o fidalgo naturalista em estado de dirigir expedições. Era homem avelhantado, embora apenas tivesse cinqüenta anos de idade e apresentava sérios sintomas de decadência mental.

Nove meses deixou-se permanecer em Cuiabá, entregue a uma vida solta. Afinal, de lá partiu a 5 de dezembro de 1827, indo com Rubzoff e Florence para o Norte, com destino ao Tapajoz, ao passo que Riedel e Taunay tomavam o rumo do oeste, pretendendo descer o Madeira. Deviam os dois ramos da comissão reunir-se novamente em Manaus, de onde todos juntos subiriam o Negro, deste passando ao Orenoco pelo Cassiquiare. Antes de atingir o Tapajoz enlouqueceu Langsdorff; seus companheiros desceram o grande afluente do Amazonas e, de Santarem, em princípios de 1829, partiram para o Pará. Ainda viveu Langsdorff semi-demente até 1852, sempre generosamente pensionado pelos czares.

Adoecendo gravemente, muito pouco pôde Rubzoff fazer.

Lapis em punho, continuamente, executaram Florence e Taunay numerosos desenhos verdadeiramente preciosos, cujos originais foram ter aos arquivos imperiais russos em Moscou. Até 1918, lá estavam, mas acredita-se que com a Revolução que destruiu o czarismo se hajam dispersado pelo menos alguns, pois se sabe da aquisição, pela Biblioteca Nacional de Paris de um album de desenhos de São Paulo, da autoria de Hercules Florence, coletânea esta que Alberto Rangel, fez fotografar, por incumbencia nossa para o Museu Paulista.

A contribuição de Florence foi formidável e a do seu companheiro, incomparavelmente menor, pelo menos quanto ao que até hoje se divulgou.

Tal a riqueza da documentação de Florence que lhe cabe, com toda a justiça, o titulo de Patriarca da Iconografia Paulista.

E, com efeito: que lhe não deve a história dos costumes brasileiros, em São Paulo e Mato Grosso?

Muitos de seus desenhos constituem documentos únicos no gênero. Assim por exemplo além dos que deixou das Monções para Mato Grosso, os das cavalhadas de Sorocaba, da velha indústria açucareira de Campinas, da abertura dos primeiros cafezais no Oeste pulista, da vida dos tropeiros nos pousos do caminho do Mar e seus prolongamentos para o Interior, da vida nas fazendas campineiras, etc., etc.

E quanta vista preciosa de localidades como Itu e Sorocaba, Santos, Campinas, Cuiabá, etc., de grandes acidentes naturais como os saltos de Itú e Avanhandava, paisagens paulistas, matogrossenses e amazônicas?

Quantos retratos de personalidades célebres ou eminentes como Feijó, Vergueiro, Álvares Machado, etc., apresentação de tipos, trajes e cenas populares, ambientes familiares, etc.?

Ao seu incansável lapis deve a nossa iconografia primeva a mais rica e original das contribuições.

Ao lado disto há a considerar ainda os trabalhos de iconografia sobre índios de numerosas tribos estudados com fidelidade, rigor e perspi-

cuidade de vistas que o grande etnógrafo moderno como Koch-Grünberg arrancou os mais arroubados elogios.

Às salas do Museu Paulista povoam dezenas de reproduções destes documentos, de tão variado aspecto, mercê da generosa permissão dos filhos do seu autor.

Coube-lhe ser o historiador da expedição de Langsdorff. Sem a sua pena, dela que subsistiria?

Das obras publicadas de Florence pouco há. Traduziu-lhe o Visconde de Taunay, e publicou, o valioso *Diário* que os dignos filhos do artista e naturalista, o eminente geólogo Dr. Guilherme Florence e o inspirado compositor Prof. Paulo Florence reeditaram numa edição soberba como fatura tipográfica e riqueza ilustrativa, devida à Comp. Melhoramentos de São Paulo e ao interesse dos irmãos Weiszflog.

Amado Adriano Taunay, o joven e infeliz companheiro de Florence e seu íntimo amigo, era filho do pintor da Escola Francesa, Nicoláo Antonio Taunay, membro do Instituto de França e um dos artistas a quem se deveu a fundação, em 1816, da nossa Escola Nacional de Belas Artes, com Debret, Grandjean de Montigny, Pradier, os irmãos Ferrez, Lebreton, etc., por incumbência do governo de D. João VI.

Nascido em 1803, mostrara desde a infância notáveis aptidões artísticas. Vindo para o Brasil com os seus, foi, em 1817, convidado pelo grande navegador Luiz de Freycinet para desenhista da sua expedição aos mares da Oceania. Na viagem de regresso ao Atlântico, naufragou nas ilhas Malvinas, de onde pôde, em 1820, voltar ao Rio de Janeiro. Em setembro de 1825, partia com a expedição de Langsdorff, em demanda de Mato Grosso, pelo itinerário das Monções.

A 5 de janeiro de 1828, afogava-se aos 25 anos de idade apenas, e, por imprudência, no Guaporé, tendo querido atravessar, a cavalo, este rio, sobremodo intumescido, então. Seu sobrinho, o Visconde de Taunay, escreveu-lhe a biografia na "A cidade de Mato Grosso, o rio Guaporé e a sua mais ilustre vítima..." Deixou copiosos desenhos incorporados ao arquivo da Comissão Langsdorff e propriedade do governo russo. Neste acervo deve haver numerosissimas peças inéditas e preciosos documentos da iconografia monçoeira. Dele publicaram os irmãos Florence algumas belas composições.

Da iconografia das monções e da região que elas percorriam há divulgadas as seguintes composições de Florence:

Duas vistas de Porto Feliz; Rio Tietê, perto de Porto Feliz; Canoa, em Corredeira; A Canoa Chimbó, Benção das Canoas, em Porto Feliz, Carga das Canoas, Pirapora (hoje Tietê); Pouso da Represa Grande, Confluência do Piracicaba e Tietê; A Chimbó e a Peroba encalhada; Saltos do Avanhandava e do Cajurú; Rio Pardo, Queimada nos campos; Acampamento no Rio Pardo; Salto do Corau; Cachoeira da Canoa Velha; Vista de Camapuan; Povoação de Albuquerque (Corumbá); Encontro com uma monção imperial. Isto sem contar numerosos desenhos relativos a pessoas de Porto Feliz, de todas as classes sociais, índios encontrados pelo caminho, etc. De Adriano Taunay até agora só se divulgou uma peça aliás muito valiosa. Datam-se todos estes desenhos de 1826.

Junto à alta e curiosa penedia que de modo tão pitoresco domina o curso do Tietê em Porto Feliz, o "Paredão", abre-se o "Porto", praia onde outrora ancoravam os grandes "canoões", os batelões que então faziam a maior das viagens fluviais do Universo pelos caudais das bacias do Paraná e do Paraguai, vencendo inúmeras corredeiras, precisando executar as mais penosas varações ou percursos terrestres por vezes muito extensos.

Tudo isto é bastante sabido, mas o que se ignora geralmente vem a ser os pormenores desta navegação única no gênero. "Canoões" havia-os enormes, pesando trezentas e mais arrobas às vezes (perto de 5.000 quilos), com 10, 12 e 15 metros de comprido e metro e meio a dois de boca, inteiriços, abertos no tronco de colossais madeiros.

Dos canoões existe hoje apenas um que a Câmara Municipal de Porto Feliz fez tirar do rio, colocando-o sob um telheiro. E assim mesmo mutilado. Faltam-lhe, infelizmente, o beque da proa e o da popa.

Ao Museu Paulista recolhemos o beque de proa de um canoão vultoso, reduzido à quarta parte do que fora, doação recebida do sr. João Batista Portela, fazendeiro em Pôrto Feliz.

Um desenho de Hércules Florence representa a carga dos barcos de uma monção por escravos negros e semi-nús sob a guarda de fiscais. As embarcações representadas pelo desenhista parecem não ser do tipo maior de que nos falam os autores. Caixas, caixões, odres, surrões, pipotes e ancorotes, notam-se à margem, de onde os carregadores os levam para bordo. Há uma infinidade de pormenores nesta composição, realmente preciosa, fixada pelo notável artista.

Os desenhos de Hércules Florence oferecem-nos quadros sobremodo curiosos de costumes de há um século na época dessas navegações heróicas.

A mais valiosa peça da sua larga iconografia é a que se intitula *Benção das canoas*.

À barranca do Tietê, benze o vigário de Porto Feliz as embarcações da monção prestes a largar em presença das personalidades de maior vulto da pequena vila e dos membros da Missão Langsdorff, que vai partir para Mato Grosso e o Amazonas.

O quadro é interessantíssimo para o estudo dos costumes e da indumentária da época, no interior do Brasil.

Foi esta composição que inspirou a Almeida Júnior a idéia da sua famosa *Partida da Monção*, legítima obra-prima, como todos sabem.

Carregados os canoões, levantavam ferro, e logo após a benção dada pelo vigário, lá se iam rio abaixo. Soltavam-se então, da antiga Araraitaguaba e do "porto", à praia da atracação dos batelões, numerosos foguetes, a que respondiam os disparos das espingardas dos navegantes.

Um desenho de Amado Adriano Taunay relativo a esta partida é documento de notável valia. Reproduz perfeitamente o facies da velha cidade legendaria das monções que até hoje conservou o mesmo perfil com a sua situação pitoresca ao longo de uma penedia que domina o rio Tietê, de uns trinta metros, talvez.

Do seu casario baixo e modesto, emergem as duas altas torres da Matriz, enorme igreja, velha e piedosa, digna da sua invocação: Nossa Senhora Mãe dos Homens, acolhedora, como raras, onde existem uns

quadros deliciosos pela ingenuidade primitiva, como os do humilde Alirio, por vezes depreciados pelo cabotinismo de pretensos críticos de arte.

Outro dos mais interessantes desenhos de Florence é o *Encontro de duas monções*: a imperial russa de Langsdorff e uma brasileira. Traz muitos pormenores curiosos.

Estão as praias cheias de caixas, sacos, fardos. À esquerda e ao fundo há um grupo de remeiros e camaradas. No plano principal destacam-se os naturalistas da missão Langsdorff a conversar com os passageiros de categoria que vêm de Mato Grosso a S. Paulo. No primeiro plano um indivíduo esfola uma anta; outro, escama um grande peixe e uma mulher cozinha. À extrema esquerda um personagem desenha, sentado numa rede e outro faz observações com um sextante. À popa dos canoões tremulam as nossas bandeiras imperiais e as da Rússia.

A praia do Tietê, o Porto, o feliz porto, antigo fundeadouro dos canoões, foi embelezada segundo bom plano executado em 1920 por ordem do Dr. Candido Mota, secretário da Agricultura, na presidência do Dr. Altino Arantes. Grande escadaria liga a balaustrada da rua do Porto ao Porto por uma alamêda asfaltada que vai até a barranca do rio. À direita de quem procura a margem do Tietê, ergue-se a elegante e artística coluna rostral ereta em comemoração das monções. A ela acompanha uma exedra com três baixos relevos: reproduzindo "A partida da monção", de Almeida Júnior; "A benção das canoas", de Hércules Florence, e "A partida de Porto Feliz", de Adriano Taunay.

As inscrições do monumentozinho é que são detestáveis e ineptíssimas. É um bom trabalho do Professor Amadeu Zani, esta coluna rostral.

A inauguração do Monumento às Monções fez-se solenemente, a 26 de abril de 1920, tendo-nos cabido a honra de pronunciar a oração oficial de seu desvendamento.

Outra peça muitíssimo evocativa é o "*Pouso da Monção*".

Realmente, nada mais pitoresco do que este agrupamento de tripulantes e passageiros da monção abicada, para o jantar e o pouso da noite. Remeiros preparam a frugal refeição da tarde na tosca tripé, armam outros as desconfortáveis redes, nas quais vão passar a noite ao sereno; junto à barranca do rio, conversam as principais personagens da expedição sobre os acontecimentos do dia e as previsões da jornada.

No fundo do quadro, à luz crepuscular, sobem aos céus as grandes labaredas de uma queimada.

XII

A NAVEGAÇÃO DOS RIOS MONÇOEIROS E SEUS RISCOS — DEPOIMENTOS DIVERSOS E CONCORDES — AS PRECIOSAS INFORMAÇÕES DE TEOTÔNIO JOSÉ JUZARTE — CURIOSO DEPOIMENTO DE D. MANUEL DE FLORES

A ásperrima navegação do Tietê causou entre todos os narradores das jornadas monçoeiras, como de esperar, a mais viva impressão.

Já em 1628 vemos D. Luiz de Céspedes relatar a Felipe IV: safar-se alguém dos seus perigos era obra milagrosa. Ele próprio só escapara da morte devido à proteção especial de sua madrinha: Nossa Senhora de Atocha.

No Avanhandava perdera uma de suas canoas. Quanta dificuldade a vencer naquelas "grandissimas corrientes y riesgos", através das quais ele e os seus "venian todos los dias desnudos, acompañando las canoas y teniendo las para que no se hiciessen pedazos y otras veces echando las al agua con palancas".

O rebojo de Jupiá no Paraná (que el el mismo rio de la Plata) mostrava-se simplesmente temeroso, "grandissimos remolinos y de mucho peligro".

Desembarcara nas vizinhanças do famoso sorvedouro, realizando grande percurso por terra para escapar àquele Maelstrom fluvial.

Quase um século mais tarde comunicava Gervasio Leite Rebelo, secretário de Rodrigo Cesar de Menezes em 1727 ao Padre Diogo Soares que para chegar à foz do Tietê tivera de vencer 160 obstáculos entre cachoeiras, correntezas, itaipavas, trechos de cirga, despenhadeiros, contrassaltos, funis, jupiás, redomoinhos e tucunduvas.

Havia mais de cem anos que o rio era navegado (precioso depoimento aliás) por flotilhas. Pois bem! jamais se soubera que houvesse ocorrido uma única jornada sem perdas de vidas e barcos.

João Antônio Cabral Camelo em 1727 alcançou o Tietê à foz do Sorocaba que havia descido desde a vila de Nossa Senhora da Ponte. Nove dias gastou percorrendo este trecho da longa jornada que ia empreender, vencendo os saltos de Jequitaia e Jurumirim, além de muitas corredeiras.

As margens do Sorocaba estavam então absolutamente desertas, não havendo vestígio algum de morador ribeirinho.

Não são as informações de Camelo das mais profusas nem interessantes. Conta-nos que a diversão pelo Piracicaba em vez do encaminhamento para Araraitaguaba só era preferida, à volta de Cuiabá e em tempo de cheias.

No Jupiá tornava-se indispensável amarrarem-se as canôas umas às outras pela proa e pela popa.

Constava-lhe que naquele sorvedouro se submergira "tôda uma tropa de Sertanistas antigos".

Ele próprio ali passara por terrível susto vendo as suas canoas ajoujadas permanecerem durante um quarto de hora em continuado giro, sem que pudessem governá-las pilotos e proeiros, até que pela Misericórdia Divina os redemoinhos as lançassem, com grande ímpeto, pela correnteza abaixo.

No Alto Rio Pardo, tão sinuoso e estreito ficava o rio que as canoas viviam às encontroadas ou a encravar a proa nas barrancas.

Ao descrever a um seu primo, o Conde de Val dos Reis, sua jornada do Rio de Janeiro a Cuiabá, onde ia instaurar a nova capitania recém-criada por D. João V, principiou D. Antônio Rolim de Moura, conde de Azambuja, e futuro Vice-rei do Brasil por uma apóstrofe: — "Quanta terra e quanta água tenho passado! rios tão caudalosos, matas tão espessas e campos tão distantes que fazem admiração, principalmente a quem vem de uma terra tão apertada como o nosso Reino".

Os aprestos para uma monção de vulto demandavam largo prazo. Assim, deixara S. Paulo rumo a Araraitaguaba a 2 de maio de 1751.

Só a 5 de agosto havia podido a monção largar, por se esperar o crescimento do milho e do feijão, a fim de se fazerem as farinhas indispensáveis à viagem. Também demorara o suprimento do toucinho. Fora preciso trazer do Rio de Janeiro muitos objetos que não existiam no comércio de São Paulo.

Enumerando os obstáculos da enorme jornada fluvial explicava que no Tietê a estorvavam névoas pesadas, freqüentes, senão diárias. Às vezes tomavam toda a manhã e entravam pelo dia alto.

Tornava-se imprescindivel que se dissipassem, para que os pilotos a cada momento evitassem os grandes perigos das pedras e madeiros submersos ou inesperadamente surtos.

Quando a correnteza era forte os remeiros valiam-se das zingas como freio à velocidade dos batéis.

No Camapuan, estreito e atravancado por lenhos caídos sobre as águas, os abalroamentos tornavam-se tanto mais graves quanto o rio tinha grande correnteza. A estes troncos, chamavam os monçoeiros rasouras, por ameaçarem lançá-los à água ou deixá-los de peitos arrebentados. O choque com tais madeiros trazia outro e sério inconveniente: fazia cair sobre as canoas "quanta porcaria e bicharia" sobre eles viviam.

E não era brincadeira tal chuva, em terras de tão rica fauna hostil ao homem, em matéria de aracnídios, vespídeos, formicideos e mais cevandija agressiva.

No Coxim os madeiros imersos mostravam-se tão numerosos quanto perigosos. Iam os proeiros avisando de canoa em canoa o risco iminente "o que fazia um ruido contitnuado com algum horror".

Trecho da mais árdua transposição apresentava-se o do famoso desfiladeiro do Coxim, o Boqueirão das Furnas, constituído por altíssimos paredões, cortados a prumo,

Eram ali as canoas puxadas por cordas, indo os homens encostados aos paredões, aos saltos, firmando-se em pedras ao longo do rio que alí não oferecia praia alguma.

Do rebojo do Jupiá conta o Conde que dele passara longe. Se o seu barco estivesse no raio de atração de tal sorvedouro nele teria soçobrado, infalivelmente.

O que freqüentemente trazia às tripulações indizível padecimento eram as terríveis chuvaradas tropicais, por vezes muito prolongadas, obrigando os monçoeiros "a comer o almoço e a ceia meio engrolados".

Explicou o Capitão-general ao seu parente que *itaupaba* vinha a ser o trecho de rio cujo fundo do leito constituia um lageado onde as quilhas das canoas atritavam danosamente.

Quando existiam pedras submersas e espalhadas, capazes de provocar o emborcamento das canoas o trecho se chamava de sirga.

Obrigavam tais obstáculos aos pilotos e remeiros a pular n'agua levando as canoas às mãos para as irem contendo e desviando, a fim de as não deixarem tomar a velocidade que a correnteza lhes imprimiria.

Aos canais profundos abertos entre penhascos dava-se o nome de cachoeiras e os pilotos freqüentemente dêles se serviam quando encontravam dificuldades grandes em outros pontos.

Os pilotos, pela prática, distinguiam, graças ao movimento das águas, os locais onde havia canal franco ou onde se encobriam rochedos.

Mas que trabalho infernal dava esta navegação inçada de tropeços! Quanto exigia da observação atenta dos pilotos!

Qualquer descuido podia provocar verdadeira catástrofe.

Ora era preciso aliviar os barcos da metade da carga, ora de toda esta. Casos havia em que, para a descida, as canoas podiam ser tripuladas pelo piloto, secundado pelo mais experimentado de seus auxiliares, ao qual se dava o título de guia.

Em certas ocasiões detinha-se toda a monção e passava a canoa exploradora a examinar a esteira imposta pelas condições do rio. Voltava depois a indicar às demais a menos perigosa das rotas.

Comenta o Conde de Azambuja: Finalmente é uma arte esta maior do que se representa à primeira vista, pois é necessário estarem estes homens com lembranças, em uma viagem tão comprida, de mais de cem cachoeiras que ela tem, e da parte e forma porque as hão de tomar, sendo tão diversas não só entre si, mas cada uma de si mesma, à medida que os rios levam mais água ou menos água, havendo algumas tão compostas que parte se passa à sirga e parte a remo. Uma houve que por esta causa gastei nela três dias".

Da subida do Pardo guardou o Capitão-general a mais penosa recordação.

Cinqüenta e quatro saltos teve de vencer, dos quais nove obrigaram à descarga total dos barcos e quatro a meia descarga.

No Paraná, largo como um lago grande, o vento sul levantava nas águas tranqüilas do enorme rio grandes ondas, causadoras freqüentes da alagação perigosa das canoas.

Eram os abrigos raros naquele caudal de, por vezes, quilômetros de largura! Raros os pilotos que não houvessem corrido sérios perigos naquelas águas turvas e mal cheirosas, banhando margens sezonáticas.

Toda a razão assiste a Melo Nobrega, quando expende sobre o Diário de Juzarte a opinião de que é ele "riquíssimo".

Foi com o maior prazer e a mais viva surpresa que o lemos no apógrafo outróra pertencente a Eduardo Prado e hoje ao Museu Paulista decidindo revelá-lo ao público no tomo primeiro dos *Anais do Museu Paulista,* que acabávamos de fundar.

Que riqueza de informes variados encerra! e quanta informação pitoresca e singular!

Falando da largada de Araraitaguaba conta-nos Juzarte que juntos os monçoeiros e preparadas as embarcações punham-se estas enfileiradas e fundeadas no Porto junto à curiosíssima penedia de grês o tão belo e conhecido *Paredão,* dominador da mais risonha paisagem em que o Tietê placidamente flui.

Já então estavam todos a bordo, confessados e sacramentados porque daí para baixo não existiam mais igrejas nem sacramentos.

À barranca do rio surgia o pároco da freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens, de estola e sobrepeliz, acompanhado de sacristão.

Ajoelhavam-se todos e irrompia a ladainha de Nossa Senhora um pouco mais curta do que a de hoje, sem os acréscimos modernos da invocação à Rainha livre da mácula original e à Rainha assumpta ao Ceu e à Rainha da Paz.

Os homens da mareação, cada qual no seu posto, empunhavam os remos voltando-lhes as pás para o ar.

A fórmula temo-lo conservada pelo Padre Ângelo de Siqueira em sua preciosa *Botica da Lapa*: — Propitiare, Domine, suplicationibus nostris et benedic navem istam dextera tua sancta et omnes, qui inea vehentum fiant dignatus es benedicere arcam Noe ambulantem in diluvio.

Porrige eis, Domine, dexterem tuam, sicut porrexisti Beato Petro ambulanti supra mare.

Qui vivis et regnas in secula seculorum".

Ahi aspergia o sacerdote a canoa com água benta.

Acabada a ladainha benzia o pároco as canoas, suas equipagens e passageiros. E depois, implorando todos a Divina Clemência, largava a capitânea. Ao se desfraldar a bandeira real davam-se muitas salvas de espingardas.

Quando ela se afastava umas cinqüenta braças (110 metros) zarpava a segunda canoa, com o mesmo cerimonial e assim seguiam as demais "que a pouca distância se achariam em um sertão onde nada mais havia senão a Divina Providência e onde se seguiam perigos grandes e inumeráveis".

Conta-nos Juzarte que navegavam as canoas com a tripulação assim disposta: Aos bicos da proa e da popa iam, sempre de pé o proeiro e o pilôto. Também de pé nas duas bordas se mantinham os remeiros como se vê na *Largada,* de Adriano Taunay.

Imitavam os remos as choupas de espontões com suas hastes. O do piloto era maior do que todos os outros porque por ele se governava a

canoa. O do proeiro também excedia aos dos remeiros, pois graças a ele se desviava o barco dos perigos que à frente surgiam. O modo de se caminhar era o seguinte: remando todos sincrônicamente tinha o proeiro a contínua obrigação, ao meter o remo n'agua, de dar uma pancada com o calcanhar no lugar onde pisava, para que os remadores mergulhassem, ao mesmo tempo, os respectivos remos a fim de que houvesse a melhor distribuição das forças impulsoras. Mostravam-se os movimentos em todas as canoas tão bem compassados que provocavam bulha surda e continuada.

No Tietê era comum navegar-se das oito da manhã às cinco da tarde por causa das muitas neblinas que escondiam os perigos do rio. Tais cerrações só se dissipavam, freqüentemente, por volta de meio-dia.

À caida da noite eram as canoas embicadas à barranca dos rios a que se prendiam por meio de cipós.

Roçava-se o mato para se obter uma área capaz de acomodar os desembarcados. Armavam-se então as redes "de pau-a-pau" resguardadas por mosquiteiros de quatorze varas (15m4) cada qual, presos aos pés das árvores.

O varadouro de Avanhandava, ao tempo de Juzarte, tinha extensão superior a quatrocentas braças (880 metros). Por ele eram as embarcações arrastadas por cima de estivas de paus torados, a força de braços "não se perdoando a pessoa alguma exceto as mulheres".

Alguns anos mais tarde (1788) informaria Lacerda e Almeida que o percurso da varação era de 150 braças (330 metros) vencendo um desnível de 53 palmos (11m66).

Não há passo difícil em que o nosso autor não lhe pormenorize os trabalhos e riscos ao descrever a travessia através de grande bulha e grandes ondas. Perdiam-se de vista as canoas umas das outras, não se percebendo por onde se metiam através dos rochedos.

Punham-se nus os homens que as governavam, dobravam-se os pilotos e assim por diante. Só pela misericórdia de Deus era possível safarem-se os pobres mortais de tamanhos riscos.

Em muitas corredeiras saltavam os mareantes n'agua e apegavam-se à borda das embarcações e nos pontos em que elas deviam entregar-se à furia da correnteza embarcavam de novo governando-as por meio das varas ferradas e dos remos.

No Paraná qualquer bafo de vento frescal levantava tais ondas que, a toda a pressa, tornava-se preciso embicar as canoas em terra, desembarcar as tripulações e descarregar os barcos.

Dos perigos do vórtice de Jupiá a que chamou Jupiau, dá-nos o Sergento-mor a mais trágica descrição.

As ondas que alí se levantavam causavam pavor, tal o redemoinho que se estendia de margem a margem e o sorvedouro do centro "embebia em si todas as águas do rio por quase meia hora e depois as vomitava, formando grandes ondas com enorme fúria". Era imaginoso o nosso itinerante.

Continuamente se agitavam aquelas águas à semelhança da respiração humana.

Nada mais fácil do que aquele turbilhão arrastar e submergir as maiores canoas.

A canoa capitânea era onde embarcava o guia da monção "um homem dos mais práticos e inteligentes do sertão ao qual todos os mais pilotos obedeciam".

Sua canoa tomava a dianteira e as demais seguiam-na em fila, mas guardando uma distância de cinqüenta e mais braças (110ms.) umas das outras.

"Assim, convém, explica, porque logo que o guia conhece algum perigo grita à sua imediata canoa que venha compassada e evite a outra, e assim seguem as mais: porque vindo perto, sem dúvida atravessando a primeira, todas as mais se precipitam sobre esta e tudo se perde e faz em pedaços".

Nas informações de D. Manuel de Flores ao marquês de Valdelirios em 1756, ocorrem dados interessantes sobre as monções.

Nelas trafegavam canoões por vezes tão consideráveis que podiam embarcar 300 arrobas de carga (perto de 4.400 Kgm.).

A tribulação de tais batéis era de sete homens, dos quais dois à popa que governavam os barcos por meio das pás de grandes remos. Os demais iam à proa manejando os mesmos instrumentos. À ré ficava espaço vazio para a manobra.

Era a navegação do Tietê muito trabalhosa e a do Pardo provocava "grande trabajo e increible fadiga" assim como a do Coxim.

De Araraitaguaba a Cuiabá gastavam as monções de três a quatro meses "y a mais y a menos segun las comodidades o embarazos de la marea y por la porcion de canoas que regularmente es de treinta a cuarenta se puede asegurar que nunca baja de cuatro meses".

A volta tomava dois terços deste prazo dilatado.

Informe valioso é o que se refere aos salários das tripulações. Os remadores de proa recebiam uma oitava de ouro por semana (1$500 rs.). Os pilotos e os encarregados da carga, estes ganhavam mais. A todos se dava sustento gratis além de pólvora e chumbo de caça.

Naufragavam muitas canoas, habitualmente, sobretudo no Tietê e no Pardo. Era assaz freqüente que amaruja "mal acondicionada y peor disciplinada se alvorotasse con facilidade", informação que nunca vimos consignada nos autores portugueses e brasileiros.

Realmente, observa Flores, era o mais considerável o desconforto da enorme viagem monçoeira. Padeciam os navegantes "muchas enfermidades por la variedad de temperamentos y incomodidades indispensables en tan dilatados despoblados que no tienen recursos".

Curiosa revelação que os autores portugueses e brasileiros não consigam é a do fidalgo espanhol a propósito de certo fato extraordinário ocorrido na bacia do Paraguai.

Ocasiões havia, afirma, em que as tripulações das flotilhas se viam ameaçadas de perecer de sede, como aquela a que se refere célebre canção marítima francesa: l'eau était partout et nou n'en avion pas une seule goutte à boire.

Leiamos-lhe porém as próprias e pitorescas palavras:

"Lo que se oirá con admiracion y es no menos cierto que en tan caudalosos rios hay ocasiones em que la falta de agua potables hace perecer muchas gentes".

Era o que sucedia quando as águas dos grandes caudais e seus afluentes, em estiagem, se recolhiam aos álveos após os enormes extravasamentos habituais.

"Al retirar-se aquellas aguas arrastran tras si cuanta imundicia encuentran, de nidos de pajaros, cama de fieras, imensa porcion de animales de todos tamaños, muertos antes ó ahogados por la misma inundacion y finalmente pescado que la corriente arroyó á tierra: todos estes corrompidos por la fuerza del sol, tan activa em estos climas, infestan las aguas de modo que no haya sede tan atrevida que ose passar-las".

Na documentação portuguesa, nossa conhecida, encontramos referências à potabilidade das águas dos rios navegados mas geralmente sumárias. Concordam os autores em reconhecer a malignidade das do Paraná, por exemplo. Nenhum dos que conhecemos ministra informes largos e particularizados quanto os destes tópicos de Flores, categóricos, em relação à contaminação de enormes massas líquidas.

É aliás bem sabido que no sertão era freqüente ouvirem os viandantes avisos de que deviam abster-se de ingerir a água deste e daquele rio. A desobediência lhes seria nefasta, causando-lhes febres palustres e disenteria.

É provável que no depoimento do companheiro do Marquês de Valdelirios, e futuro Vice-rei da Nova Granada, haja exageração. Convém observar que os seus tópicos se referem aos rios do Pantanal, o baixo Taquarí, o Paraguai e o Porrudos.

Lacerda de Almeida ocupa-se deste caso da dificuldade de suprimento de água potável aos monçoeiros. Conta-nos que as do Tietê tinham fraca reputação; péssimas eram as do Paraná, barrentas e pestilentas causadoras de sezões.

Que contraste com as condições do ambiente em que corriam, pois ao Paraná reveste toda a majestade dos maiores caudais do Universo, exprime o astrônomo. As do Pardo, pelo contrário, mostravam-se saudáveis e cada vez melhores à medida que se subia o seu álveo.

O alto Rio Pardo era ótimo e o Sanguessuga, este quase dispunha de verdadeira linfa, cristalina e fresca, a que vinha turvar o contingente rubro sanguíneo do Vermelho, de tão intenso colorido que causava a maior impressão. Em sua corrente não era possível lavar-se roupa. Parecia um rio de sangue, acrescenta a declarar que não exagerava, pois "não fazia de um pigmeu um gigante".

Nada escreve Lacerda e Almeida corroborando as afirmações de Don Manuel de Flores nas quais deve, contudo, haver muito de verdadeiro.

XIII

AS DISTÂNCIAS DO PERCURSO MONÇOEIRO. — OPERAÇÕES ASTRONÔMICAS DE LACERDA E ALMEIDA. — DEPOIMENTOS DE ORDONHES, SÁ E FARIA E CÂNDIDO XAVIER DE ALMEIDA E SOUSA

Segundo os cálculos de Lacerda e Almeida as distâncias fluviais sulcadas pelas monções atingiam 531 léguas ou sejam 3.504 Km 600. Assim, se distribuiam 152 no Tietê, 29 no Paraná, 75 no Pardo, 17 no Camapuan, 40 no Coxim, 90 no Taquarí, 39 no Paraguai, 25 no Porrudos e 64 no Cuiabá.

A este enorme percurso aquático era preciso adicionar os 14 quilômetros do varadouro de Camapuan e os 155 quilômetros que medeiam de S. Paulo a Araraitaguaba. O total da jornada de S. Paulo às minas cuiabanas vinha a ser, pois, de 3.664 quilômetros.

De Cuiabá às minas guaporeanas mais noventa e três léguas a caminhar! (613 Km. 800).

Cento e treze eram os saltos, cachoeiras e corredeiras a vencer: 55 no Tietê, 33 no Pardo, 24 no Coxim, uma no Taquarí. No Pardo era muito freqüente verificar-se espedaçamento de canoas.

Na opinião do primeiro cientista nascido de gente de São Paulo, o mais penoso trecho da viagem monçoeira era o da navegação do Coxim, a que chama Cuxiim.

Em quarenta léguas contava 24 saltos, corredeiras e cachoeiras, quando nas 152 léguas do Tietê existiam 55 e no Pardo 33 para 75 léguas de curso.

Com verdadeira emoção fala-nos das agruras da travessia do Coxim, sobretudo no trecho das sete cachoeiras chamadas de André Alves.

Tremendo este trato, no qual não se encontrava um estirão de meia légua de rio manso.

Sinistro o aspecto do desfiladeiro, que o Coxim corta, em corredeira entre paredões muito altos de notável cañon. E o rio era sujeito a enormes empolamentos torrenciais súbitos às vezes de cinqüenta palmos.

"Rio melancólico e fúnebre mas de águas claras e saborosas", eis como o classifica o astrônomo.

Consignou Lacerda a admiração causada pelo vulto da inundação causada pelos rios matogrossenses.

O Taquarí, com a profundidade média de 3,40 m subia de doze palmos (2,64 m) acima da enorme planície a que rega.

O Paraguai, em 1786, tanto crescera que ele, Lacerda, navegando no Xaraes passara sete dias sem encontrar terra onde pudesse desembarcar.

Conta-nos o cientista que, nas monções, assinalado papel tocava ao proeiro. Era quem tinha as chaves do caixão das carnes salgadas e das frasqueiras. Comandava e governava a proa. Estava na sua jurisdição a vontade de fazer mais e menos sincronizadas as remadas, conforme batia, mais ou menos rapidamente, com o calcanhar no fundo da canoa, a marcar o compasso da voga aos remadores.

Merecia toda a contemplação por ser quem mais expunha a vida na transposição das cachoeiras. Cabia-lhe desviar a canoa dos rochedos batidos pelas águas enfurecidas, quando o barco por elas se encontrava arrastado com a rapidez de um projetil.

Punha-se de pé no bico da prôa, manejando grande e forte remo para poder auxiliar e fortalecer o efeito do leme e rapidamente desviar o batél dos penedos. E como estes fossem geralmente numerosos de um e outro lado dos canais tornava-se-lhe necessário mudar de lugar ora numa ora noutra borda da canoa. E isto com a maior presteza.

Se nestas mudanças acaso escorregasse ou deixasse o barco roçar nalguma pedra, embora levemente, ia ter ao rio em risco de o despedaçar a violência das águas sobre os rochedos, ou morrer afogado.

Daí a consideração que todos lhe tributavam, a autoridade de que dispunha e o respeito imposto aos companheiros, de onde lhe provinha "toda a chibança de um vilão obsequiado e respeitado".

Ponto singular da longa travessia era o chamado Pouso Alegre, no Taquarí. Lá se encontravam as canoas que de Araraitaguaba subiam com as que do Cuiabá desciam para o rio de Povoado.

O varadouro do salto do Itapura, tinha 60 braças de comprido (132 m) uma diferença de nível de 44 palmos (9,68 m) em *grade* assaz íngreme de 7,3%.

O do Avanhandava era quase o mesmo. Para 150 braças (330 metros) venciam-se 53 palmos (11,60 m) ou 7,5%.

Saído de Araraitaguaba a 7 de julho de 1784 chegou Diogo de Toledo Lara e Ordonhes a Cuiabá a 4 de dezembro seguinte, com uma viagem de mais de 140 dias, portanto.

O Tietê, quando bem cheio, afirma, só apresentava, por assim dizer, dois obstáculos sérios: os saltos de Avanhandava e Itapura. Mas quando de águas baixas oferecia os perigos por vezes enormes de cerca de duzentas cachoeiras e corredeiras.

Com a enchente fazia-se-lhe a descida em quinze dias; em águas médias gastava-se um mês, e com tempo muito seco uns quarenta e cinco dias!

Não havia por assim dizer cachoeira e corredeira sobre as quais não contassem os pilotos sucessos trágicos.

A cada momento vira ele Ordonhes a iminência de se converter a sua embarcação em destroços.

Aos poucos iam-se os passageiros novatos familiarizando-se com o perigo, sobretudo nas corredeiras por vezes de duzentas e cinqüenta

braças de extensão (550 m), verdadeiros canais empedrados, de pequena profundidade.

Para os barcos pequenos nada mais perigoso do que a navegação do Paraná quando havia vento. À noite tornava-se necessário abrigarem-se as flotilhas nas águas dos afluentes do grande rio, receosos da ocorrência de grandes vendaveis.

Admirou-se Ordonhes das magníficas florestas marginais do Tietê, cheias de madeiras corpulentas.

Na opinião de Cardoso de Abreu a melhor época para a partida de uma monção era de março a maio "verdadeiro tempo de semelhante viagem".

Com os rios cheios a descida do Tietê se fazia em vinte dias. Mas em compensação reinavam então as maleitas em terríveis epidemias, o que tornava preferível a viagem de junho a setembro, escreve Antônio de Toledo Piza, a anotar o *Divertimento admirável*.

Recomendava Abreu que no Paraná se navegasse encostado à margem direita. As tempestades no enorme caudal mostravam-se terríveis. Certa vez experimentara ele uma tormenta que durara três dias e da qual por milagre escapara.

Ninguém bebesse água do Paraná! A do Pardo cristalina e saudável devia as virtudes salutíferas à salsaparrilha abundante que crescia em suas margens.

No Coxim, rio de excelentes águas, piscoso e cortando matas cheias de caça, era entretanto dificílima a navegação.

Na opinião de Manoel de Barros não havia época mais favorável para a partida das monções do que o lapso de 20 de maio a 13 de junho.

A José Custódio de Sá Faria se deve um *Diário da viagem de S. Paulo à praça Nossa Senhora dos Prazeres do rio Iguatemy*, que a *Revista do Instituto Histórico Brasileiro* publicou (T. 39, 1, 227) narrativa quase sempre desinteressante pela secura dos informes quase limitados às dificuldades da navegação. Nem parece tal *Diário* redigido por homem da alta inteligência deste Oficial-general que tantas provas no Brasil deixou de capacidade e descortino.

Para a bibliografia das monções pouco interesse tem o seu *Diário*. Extenso como é apenas se ocupa com a descrição assaz minudente dos acidentes oriundos da navegação, muito menos pormenorizadas aliás de que as do roteiro de Manoel de Barros.

Nada mais seco do que as suas páginas. Que diferença entre elas e as que redigiu o bom Juzarte que no entanto era mero oficial de tarimba e não engenheiro militar da cultura de seu sucessor no jornadear dos rios.

XIV

AS FLOTILHAS MONÇOEIRAS. — CANOAS E CANOÕES, AJOUJOS, BALSAS. — INFORMES PRECIOSOS DE JUZARTE. — OS CAMAROTES. — A TRIPULAÇÃO — ACOMODAÇÃO DA CARGA — APROVISIONAMENTOS DOS BARCOS. — AS AGRURAS SOFRIDAS PELOS EMBARCADIÇOS — O MAIS ANTIGO DOCUMENTO MONÇOEIRO.

Num porto do Tietê, à jusante do Salto de Itu, a quarenta léguas de S. Paulo (264,20 ms.), e lugar a que atingira após penosa travessia, embarcou D. Luis de Céspedes Xeria em 1628 e em demanda da Ciudad Real de Guayrá.

Tal percurso ele o efetuara "por tierra y a pié por ser camiño fragosisimo que no se puede andar de otra manera com ynfinitos trabajos de llubias e rios".

Fora-lhe preciso atravessar dezoito vezes o Tietê. Curioso é que não se refira a Parnaíba, nem a Itu, que já existiam. Talvez em sua qualidade de castelhano houvesse evitado passar pelos dois arraiais bandeirantes.

Se realmente marchou quarenta léguas deve ter embarcado muito abaixo do Salto de Itu que está a vinte e poucas abaixo de S. Paulo.

Deteve-se no tal porto um mês a fabricar "três embarcaciones de palos grandisimos".

O seu canoão escavou-se em gigantesco madeiro, cuja circunferência era de oito braças (17m,60). Tinha 75 palmos de comprido (16m,50) e seis de boca (2m,32). No centro contaria uma largura de 2m,80 se realmente fora aproveitado o diâmetro da enorme árvore.

Neste barco acomodou-se com sua criadagem e cinqüenta índios remeiros, o que parece exageradíssimo.

Das demais duas canoas então fabricadas, diz Don Luiz: "Las otras dos eran la mitad menos donde veniam el sustento nuestro y de los yndios.

Não ocorreu desastre algum com o enorme canoão do Capitão-general do Paraguai, a quem coube a primazia de traçar o primeiro ensáio da carta de exploração do interior brasileiro o "boron" por ele oferecido à sacra e cesarea majestade católica de Felipe IV e traçado com as tintas de certas ervas selvagens.

Assinalada a existência deste mapa interessantíssimo no Arquivo General de Indias em Sevilha, pelo sábio Pablo Pastells, fizêmo-lo copiar para o apresentar ao público em nossa *Coletânea de mapas da cartografia paulista antiga,* em 1922.

Na contiguidade do Tietê havia outrora, na era anterior à tremenda dendroclastia, que o assolou, madeiros imensos, que permitiam a construção desses despropositados canoões do tipo do de Don Luis de Céspedes.

Contou-nos João Evangelista Pompeu de Campos, saudoso amigo, rico repertório vivo de coisas tradicionais que a mata do *Mburú,* perto de Indaiatuba, era célebre pela corpulência das árvores. Nela avultavam gigantescas perobeiras.

Dalí haviam saido para a nova matriz de Itu, no último quartel do século XVIII as oito colossais linhas de oitenta palmos (17m,60), exatamente do tamanho do canoão de Don Luis de Céspedes, necessárias para as tesouras do telhado do templo.

Diz Cardoso de Abreu, que sobretudo perto de Capivari se adensavam as árvores maiores da floresta admirável daquela zona.

São perfeitas as observações de Sergio Buarque de Holanda sobre as relações de aproveitamento da enorme rede hidrográfica do Brasil não amazônico.

A utilização destes "caminhos caminhantes" da famosa expressão pascaliana, exigiu a aplicação de expedientes empregados pelos primitivos habitantes do solo, verificando-me mais uma vez a exação do conceito de Eduardo Prado sobre as vantagens da cruza euramericana para a mais rápida devassa do território brasileiro.

Decisiva a influência indígena para se contornarem os obstáculos atravancadores dos leitos dos rios. Daí lançarem mão os sertanistas da canoa de casca, veículo único em condições de superar os riscos impostos pela violência das águas das corredeiras.

Improvisados amarrados de cipós, toscas balsas e jangadas, também se empregaram, como recorda B. de Holanda, citando episódios das velhas jornadas de devassa. Recorda o douto autor o depoimento do autor do epos glorificador de Fernão Dias Paes o até hoje misterioso Diogo Grasson ou Garção Tinoco quando do homériada refere que atravessava os rios mais temidos em jangadas, canoas, balsas, pontes.

Nas monções cuiabanas o grande meio de transporte foram a canôa e o canoão, a caravela e a náu das flotilhas fluviais. Anteriormente, nas jornadas de devassa utilizavam-se os paulistas de balsas durante as grandes cheias dos rios. Como se lê na *Demonstração dos diversos caminhos que os moradores de S. Paulo se serviam para os rios do Cuiabá e Província do Cachiponé* que publicámos nos *Anais do Museu Paulista.*

Para o vencimento dos perigos do sorvedouro de Jupiá amarravam as canoas umas às outras formando ajoujos.

A transposição dos rios por sertanistas e monçoeiros era freqüentemente realizada por intermédio da *pelota* de couro que tanto im-

pressionou os primeiros viajantes europeus do nosso interior a ponto de merecer as honras de reprodução em desenhos assaz numerosos.

A pelota, como geralmente se sabe, consiste em se arrumar um couro fresco de boi franzido em roda, de modo a se lhe dar a forma de um vaso de fundo chato. À proa e à popa deste barco rudimentaríssimo colocavam-se travessões de páu, de modo a proporcionar certa largura à embarcação.

O propulsor era um nadador que levava segura pelos dentes uma tira de couro cuja outra extremidade se prendia à pelota.

Nada mais precário do que a travessia em tal barco nos rios correntosos, quando o nadador abandonava a pelota por qualquer motivo.

Na bibliografia que conhecemos das monções muito pouco porém se fala em balsas e muito menos em pelotas.

Frisa Buarque de Holanda o papel importante que às ubás e pirogas de madeira inteiriça coube nos fastos da nossa expansão geográfica, papel reduzido pelo trabalho pesado e longo de derribar, falquejar certos cernes duros. Assim, muitas vezes eram tais madeiros postos de lado preferidos por outros, inclusive para a passagem dos rios e os percursos breves.

Tal o caso das madeiras tenras como a paineira e a samaumeira, lenho das canoas que serviram à transposição do Rio Grande pela bandeira do Anhanguera a caminho de Goiás.

Era muito natural que os primeiros sertanistas aprendessem com os autoctones os processos para melhor e menos perigosamente navegarem os rios de águas revoltas.

Daí a circunstância dos tripulantes das monções remarem de pé e à proa, quando na África, segundo o depoimento de Lacerda de Almeida, iam à popa e sentados. E convém lembrar que o ilustre depoente tanto viajou nos rios do Brasil como nos africanos.

O tipo do canoão monçoeiro adaptado à região amazônica foi apelidado "paulista", no dizer de José Gonçalves da Fonseca. Referia-se a barcos de quatorze e mais metros de comprimento.

O das monções paulistas não passavam em geral de doze metros de comprido com metro e meio de boca, ao passo que as enormes ubás das descidas de Vila Bela para Belem eram muito mais avultadas, tendo lotação incomparavelmente maior.

Entende Holanda que a principal causa de tal diferença, provinha sobretudo da superioridade da flora amazônica, sobre a parananiana em matéria de grandes madeiros. Motivo pelo qual junto às grandes ubás monóxilas, os canoões monçoeiros do sul faziam o papel de humildes batelões.

Parece-nos excessivo tal confronto. Há no sul árvores tão ou quase tão corpulentas quanto às da bacia amazônica. Haja vista as da bacia do Rio Doce, sobretudo no Espírito Santo, onde ocorriam as maiores árvores do Brasil.

A questão era principalmente o número de obstáculos a vencer e sobretudo as diferenças do volume d'água em alguns trechos do tra-

jeto monçoeiro como no Alto Pardo, no Sanguexuga, no Camapuan. Rios, além de rasos, muito apertados, não comportavam o emprego de barcos tão compridos e tão pesados, quanto os amazônicos.

Dá-nos Teotonio José Juzarte excelentes dados sobre o que eram as canoas de monções em 1769.

Feitas de um só lenho, tinham em geral, de cinqüenta a sessenta palmos de comprimento (11 m a 13m,20) e de boca de cinco a sete (1m,10 a 1m,54).

Eram agudas para a proa e popa, lembrando-lhes o perfil uma lançadeira de tecelão.

Não tinham quilha nem mastro, pois nunca navegavam à vela, mesmo no Paraná e no Paraguai. Na borda a grossura do casco não excedia duas polegadas (5,5cm).

Custavam entre setenta e oitenta mil réis. Mas havia-as contudo de maior preço.

"Fornece-se cada uma de oito homens, oito remos, quatro varas, uma cumieira coberta de lona, pólvora, bala, machados, foices, enxadas e armas de fogo".

A coberta de lona só servia para cobrir a carga da canoa quando chovia.

"Têm estas embarcações, continua, dois espaços vazios nas duas extremidades da popa e da proa, que tem cada um de comprido dez até doze palmos (2,20m a 2,64m) em os quais se não mete carga".

Quer isto dizer que esta só ocupava metade do barco.

"Porque o espaço da extremidade da proa ocupam os cinco ou seis remeiros, cujos remos eram de menor tamanho; as varas munidas de juntas de ferro só serviam à subida dos rios), e o proeiro adiante, em pé, no bico da canoa. O outro espaço da popa, o do piloto governando a sua canoa. Neste espaço da popa se costuma armar uma barraca (quem pode fazer essa despesa) e não acomoda mais que duas pessoas com incômodo, cuja se faz de baeta vermelha, forrada de aniagem, e fica à imitação do toldo de um escalér, mas isto só serve para algum bom caminho, porque as mais das vezes se não pode navegar com a dita barraca, e tudo o mais a céu descoberto sentados por cima das cargas que enchem a canoa por todo o seu comprimento livres as duas extremidades".

Assim, como vemos, na maioria dos casos o passageiro de classe que ocupa a barraca teria de aguentar a ardência solar, valendo-se, quando muito, de algum para-sol, quando sobretudo os trechos navegados eram os dos rios estreitos obstruidos por madeiros ao lume d'água as chamadas *rasouras*.

Continuando a descrição da canoa, escreve o bom Sargento-mór:

"Nas duas extremidades, livre o vazio que acomoda a carga, há duas travessas que seguram a borda da canoa, uma avante e outra à ré. Cada uma tem o seu furo no meio, por onde se enfia perpendicularmente duas forquilhas que excedem acima ditas travessas dois pal-

mos (0,44). Encima destas forquilhas se atravessa uma vara a que chamam cumieira.

Sobre esta cumieira se põe, de palmo a palmo, umas varinhas à maneira de pernas das de um telhado, cujas extremidades botam fora da borda da canoa.

Isto feito, o que se executa depressa, se cobre com a coberta de lona que vai pronta para isso, e fica a canoa a coberto das chuvas, à maneira de um telhado ou tumba que pouca ou nenhuma água lhe cái dentro. E isto se faz durante as tempestades de chuvas, ou quando se passam ondas grandes que saltando por cima de uma parte para outra, escoam a água pela lona para fora. Exceto os espaços ditos que se não cobrem e a água que lhe cái dentro se esgota".

Assim se resguardava a carga das chuvaradas e até das ondas que no leito do Paraná se alçavam.

Para reforço da segurança desses enormes barcos destinados a arrostar as eventualidades diárias e freqüentes do abalroamento com os penedos do leito dos rios, tornava-se necessário fortificar-lhes a borda por meio de uma faixa de madeira, operação que se chamava *bordar* e era indispensável.

O corte das madeiras destinadas às embarcações devia ser bem antecipado e efetuar-se sobretudo nos meses de junho e julho, recomendava Cândido Xavier de Almeida e Souza, pois era este o tempo pela experiência aconselhado para se obterem madeiras de maior duração.

Os lenhos mais procurados para canoas e canoões eram os das perobas magnificamente adequados pela resistência aos choques e à incorruptilidade em face do contacto com a água.

Nas margens do Tietê as essências preferidas eram além da peroba o ximbó e o tamboril, muito utilizados. Da primeira se dizia que apesar das excelentes qualidades hidrofugas tinha o defeito de lascar com certa facilidade.

A linha de flutuação para as condições de segurança da navegação era grosseiramente determinada num maximo de palmo (0,m22) acima do lume d'água, informa Juzarte.

A tendência para o tamanho dos barcos era torná-los pequenos, dadas as dificuldades temíveis de seu carreto e descarreto freqüentes e os esforços sobre-humanos exigidos pela sua varação.

Não poderiam orçar o que a outros permitiam a navegação em águas tranqüilas.

Era o que Rodrigo César de Menezes, em 1724, explicava a D. João V, a lhe dizer do grande risco que corriam as canoas pelas muitas cachoeiras semeadas de penhascos.

Tais embarcações, relativamente frágeis, destituidas de quilhas, afrontavam a fúria das corredeiras arrostando os mais sérios perigos. Em certas partes, explicava o Capitão-general, tornava-se necessário levarem-nas aos ombros por cuja razão se faziam tão pequenas que apenas carregavam de cinqüenta ou sessenta arrobas (entre 730 e 876 Kgm.), aí se incluindo o peso dos três ou quatro tripulantes.

Mas havia certamente barcos de muito maior capacidade de lotação.

Aguirre, valendo-se da *Descripcion historica y geografica de la Vila Real de Cuyabá y Minas*, de autoria de D. Manuel de Flores, datada de 1756, afirma que em Araraitaguaba fundeavam às vezes enormes canoões capazes de embarcar carga pesando trezentas arrobas, cerca de 4.400 quilos, e carga da mais variada.

Canoas de tal porte não poderiam ter a pequena tripulação que servia nas chamadas de montaria, empregadas no serviço de reconhecimento de águas perigosas, freqüentadas por índios, ou para o transporte de caçadores e pescadores, como nos conta o *Conde de Azambuja*.

Os grandes barcos cuja existência é inegável exigiam muito mais vultosa equipagem.

Talvez a média fosse a que indica Cândido Xavier: oito homens: piloto, sota-piloto, proeiro e remadores.

Um documento iconográfico de 1826 da autoria de Amado Adriano Taunay: *A Largada de Porto Feliz* parece elucidar a questão para a média dos casos. A canoa capitânea da monção armada leva à proa o proeiro e quatro remadores; à popa o piloto e o contra-piloto. E é um barco bem carregado parecendo de bom comprimento.

Os canoões teriam a lotação muito maior, falando-nos o Conde de Azambuja que transportavam vinte passageiros fora a maruja.

As canoas de carga, esclarece D. Antonio Rolim, acomodavam muita coisa. Algumas até noventa sacos de mantimentos e trinta e tantas cargas de barris e frasqueiras.

Em 1813, Gustavo Beyer, o médico e viajante suéco a cuja preciosa relação de viagem traduziu Alberto Loefgren, viu em Porto Feliz enormes canoões com largueza para acomodar oitenta homens armados e toda a sua impedimenta, o que nos parece sobremodo exagerado. Todos estes barcos eram monóxilos, feitos "de preciosa peroba", de cujo tamanho se podia ter idéia sabendo que tais canoas procediam de um só tronco".

Aires de Casal imprimindo em 1817 a sua famosa *Corografia brasílica* fez especial menção da "vastíssima mata de corpulentas árvores" ribeirinha do Tietê, de cujos troncos assim como dos que existiam à margem de um outro afluente do Tietê, o *Capivarí* "se faziam as grandes canoas de oitenta palmos... (17m601) de comprimento, sete e meio (1m65) de largura e cinco (1m10) de alto, nas quais se navegava para Cuiabá, carregando quatrocentas arrobas (5.840 Kgm.) "afora o mantimento para oito homens da tripulação e às vezes passageiros" (Cor. Bras. I, 210).

Alguns anos mais tarde o ilustre patriarca da iconografia paulista, Hércules Florence, contava, em 1826, que em três meses os mestres do estaleiro fluvial de Porto Feliz e seus operários haviam preparado dois canoões com cinco pés de largo (1m65), cinqüenta de comprimento (16m5) e três e meio de profundidade, (1m155) "feitos de um só tronco de árvore de carvalho e trabalhado por fora, de fundo chato e pouca curvatura".

Este fundo era de duas e meia polegadas (0m067) de espessura, a qual ia diminuindo até a borda, onde não tinha mais que uma polegada (0m027).

Larga faixa de madeira, pregada solidamente, guarnecia as duas bordas e bancos, deixados no interior das canoas. Aumentavam-lhe a solidez, reforçando duas grandes travessas que concorriam para o mesmo fim.

"Estas embarcações assim construídas são muito pesadas. Entretanto, embora fortes, não podem comumente resistir ao choque nos baixios, quando impelidas pela rapidez das águas" (Hércules Florence: *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas*, 12).

Dos canoões e canoas da monção, que tão numerosos foram, quase nada subsiste. Sabemos que ainda em 1910 haveria uma dezena destes barcos encalhados junto ao *Paredão*, em Porto Feliz.

Em 1920, ao se inaugurar o monumento às monções, a Prefeitura Municipal de Porto Feliz conseguiu arranjar um, mutilado, cujas proa e popa haviam sido serradas. Mas não é uma peça monóxila e sim constituida de tabuado. Em todo o caso vultoso, longo e alto de borda.

Debalde procurámos obter algum outro até que, passados anos, conseguimos descobrir a existência de um beque de proa. Pertencia ao distinto ituano Sr. João Batista Portela, que o doou ao Museu Paulista. É um destroço, de canoa monóxila de curta tonelagem, que deve ter sido serrada em três pedaços. Transportamo-lo ao Museu Paulista colocando-a em face da *Partida da Monção*, de Almeida Júnior e de uma bela ânfora de cristal, cheia de água colhida no Porto, em Porto Feliz, e colocada sobre um vaso de bronze, supedâneo artístico, devido ao belo escultor tão prematuramente morto, Elio de Giusti. E vaso cujo motivo decorativo essencial vem a ser a presença de três anhumas.

Sobre a carga das canoas, informa Juzarte que as provisões se acomodavam em sacos cilíndricos com um pé (0,33) de diâmetro e cinco ou seis de comprido (1m 65 ou 1m 98). "Esta figura é a que convém — diz-nos o rude e bravo monçoeiro por se acomodarem melhor pelo seu comprimento e pouco diâmetro.

Sôbre a operação do desembarque da carga das canôas deixou Hércules Florence precioso desenho que Oscar Pereira da Silva, por incumbência nossa transportou para uma tela pertencente à galeria do Museu Paulista. Em Porto Feliz passou-se a cena fixada por Florence. Uns tantos pretos nus da cintura para cima carregam caixas e caixões para os barcos abicados à barranca do Tietê.

As provisões embarcadas consistiam sobretudo em farinha de milho e de mandioca, feijão, toucinho e sal.

Era o que constituia "o mantimento de que se forneciam as embarcações", não excedendo o trivial diário este parco cardápio. "He o quotidiano sustento exceto alguma caça ou peixe se o há".

Conta o Conde de Azambuja que se embarcavam também galinhas "mas só para os doentes de maior perigo".

Também não se dispensava a presença de alguns barris de aguardente da terra.

Os passageiros de distinção, estes levavam paios, presuntos, biscoitos e carne de vinho d'alhos.

"Durante a viagem se costuma cozinhar à noite, o que há de comer no outro dia e porque se não pode acender fogo ao jantar se come frio o feijão cozinhado da véspera", adianta Juzarte.

O virado paulista de feijão era o grande recurso dos monçoeiros; a famosa mistura de feijão preparado com toucinho e farinha.

A farinha de milho predominava muito sobre a de mandioca.

No aprovisionamento das monções vemos sempre figurar estes elementos essenciais.

Os alqueires de farinha eram um pouco mais do que os de feijão e o número destes determinava outro idêntico de arrobas de toucinho.

A predominância da farinha de milho sobre a de mandioca era em geral muito acentuada.

Mas isto não era regra sem exceção, pois na monção de Rodrigo César de Menezes, em 1726, foram embarcados cem alqueires de farinha de mandioca e 150 da de milho para 65 de feijão e 23 de farinha de trigo.

O arroz é que pouco figura no rol da carga monçoeira.

Atribui Holanda esta deficiência ao fato de ter sido o arroz de restrito consumo no planalto até o século XIX, embora Frei Gaspar da Madre de Deus nos haja deixado nota do preço que alcançava no litoral em meados do século XVI.

Entretanto em meados da era setecentista cresciam no planalto os arrozais com muita facilidade e abundância.

"O arroz é admirável e dá-se em qualquer parte", escrevia o Morgado de Mateus a Francisco Xavier de Mendonça a 4 de julho de 1767.

É de crer que as monções não carregassem arroz para Cuiabá porque no vale do rio deste nome havia enormes arrozais nativos sobremodo viçosos e de abundantes safras.

O toucinho enxuto, curado e salgado era embarcado em grandes jacás no gênero dos de menor tamanho que tanto se entregavam às tropas de mulas cargueiras descendo do planalto ao litoral.

Carne salgada e seca também constituiam artigos do abastecimento monçoeiro.

Quando Rodrigo César de Menezes partiu para Cuiabá mandou embarcar vitualhas abundantes que dão a idéia de seu pendor gastronômico.

Assim, vemos arroladas em sua matalotagem 4 arrobas de chocolate, 7 de manteiga, 8 de doces, 18 de açúcar, 7 de aletria, 4 de cuscús, 4 de peixe seco, 6 barris de biscoutos, 2 de paios, 4 alqueires de grãos (ervilhas?), 60 queijos e 144 caixetas de marmelada.

Como líquidos: 8 barris de vinho, 3 de aguardente da terra (de cana), além de 8 frasqueiras de aguardente do Reino (de uva) e 5 barris de azeite de oliveira.

Vinha a ser isto o estranho cardápio generalício, cujo grosso da carga eram 100 alqueires de farinha de mandioca, 150 da de milho, 23

da de trigo. E ainda seguiram a bordo doze capados, provavelmente de bastas enxúndias.

Quanto ao volume das rações dos monçoeiros é geralmente a documentação omissa. Uma portaria de D. Luis Antônio de Souza, de 10 de novembro de 1771, mandava ao Sargento-mór Manuel Caetano de Zunega que se desse a cada expedicionário que devia seguir para o lobrego presídio de Iguatemí uma quarta de farinha (31,45) para dez dias e meia quarta de feijão (11,72) para o mesmo prazo ou fossem (01,34) e (01,17) de um e outro gênero diário.

O toucinho, pela portaria em questão, era distribuido com enorme abundância: uma quarta por dia. Deve aí haver engano de quem redigiu tal papel, tanto mais quanto o gênero seria medido a peso e não por meio de unidades de capacidade. (Docs. Int. 7, 46).

Num manuscrito inédito do Arquivo do Estado de S. Paulo encontrou Buarque de Holanda interesante pormenor: "A carga de comerciante, unidade geralmente utilizada para tais cálculos, compreendia tudo quanto não excedesse de três ou quatro arrobas de peso e de três e meio a quatro palmos de comprido".

Tudo quanto fosse gênero de transito extraordinário, como por exemplo: bocas de fogo e suas carretas era pesado e o total do peso dividido por quatro. O quociente dava o número das cargas.

Assim se avaliava a praça a bordo das canoas e canoões.

A tripulação dos barcos naturalmente variava com o porte de cada qual, como já observámos.

Cândido Xavier de Almeida e Souza achava que o máximo da lotação por canoa devia ser de dez passageiros. Assim, como a tripulação se constituia geralmente de oito homens, cada embarcação grande levava 18 pessoas.

Mas muitas vezes recebiam muito mais gente, como se deu com a expedição de Antônio Lopes, composta de 654 pessoas, distribuidas por 22 canoas e seis batelões, o que nos dá a média de 23 mareantes e passageiros por barco.

As tripulações monçoeiras foram certamente as vítimas de uma das mais cruéis servidões de que reza a história. Dificilmente terá havido galés submetidas a mais duros e estafantes serviços do que tal maruja.

Não houve autor de bibliografia monçoeira que com a impressividade singela de Juzarte nos desse idéia do que vinha a ser o martírio dêsses infelizes mareantes fluviais.

Ao recordar a agrura do vencimento da cachoeira de Pirapora escreve: "Amanhecendo este dia (14 de abril de 1769) se cuidou logo em descarregar as embarcações e pô-las a meia carga, para assim poderem passar a dita cachoeira de Pirapora".

E gastou-se com este trabalho toda a manhã dêste dia.

Passam-se as cargas às costas dos homens por uma picada que se abre por terra na distância de cem braças (220 metros) ou mais. Isto é um grande trabalho porque alí se tropeça em raízes de árvores, aco-

lá ferem os espinhos, rompe-se a roupa e, finalmente, se vigia das cobras e bichos venenosos e assim se conduzem as cargas e a gente pela dita picada a ir sair à beira desta cachoeira, onde tudo se ajunta no barranco do Rio".

Depois deste tremendo esforço exigido dos músculos dos infelizes varadores e sirgadores, entravam em cena os homens da mareação, que se punham nus dobrando-se os pilotos em cada embarcação.

"E agora o guia passa, um a um, por este perigo. Deixando o seu lugar na popa, troca indo para a proa; governa esta embarcação metendo-a pelos canais e ondas que lhe parecem ser menos perigosas; e assim passando uma, volta por terra a ir conduzir a outra".

Na varação da cachoeira de Putunduva sofreram os transportadores muitas mordidelas de mosquitos e mutucas, na picada de Baruirímirim viram-se cobertos de micuins que os obrigaram a despir-se, esfregando-se uns aos outros com bolas de cera e terra ou com caldo de tabaco de fumo.

Na da Escaramuça encheram-se de carrapatos, mosquitos, bernes e "das grandes moscas que picando hé hua lanceta". Na do Itapirú levantou-se "uma nuvem de marimbondos de dentro do mato que mordendo a toda a gente causou lástima, e fugindo cada um para a sua porta cobrindo as cabeças e as mãos com que puderam".

São tais estes insetos que chegam a matar gente pela sua quantidade, além de ser finíssima a dor de sua picada e onde mordem logo incha".

A recruta das tripulações arrolava sobretudo escravos negros; e a messe de sofrimentos que lhes era destinada desde a largada de Araraitaguaba de tal ordem que se torna realmente espantoso não se consignarem atos de reação contra a terrível servidão exigente de tamanho sacrifício.

Os fastos monçoeiros portugueses não apontam os fatos de revolta a que se refere o castelhano D. Manuel de Flores.

XV

OBSERVAÇÕES CLIMATÉRICAS E NOSOLÓGICAS DOS AUTORES MONÇOEIROS. — DISENTERIA, PSICOSES, PALUDISMO. OS RECURSOS VENATÓRIOS DO TRAJETO MONÇOEIRO, SETOS E AMULETOS. — TERIAGAS. — AS PRAGAS DAS VIAGENS MONÇOEIRAS.

São geralmente muito concisas e deficientes as observações dos autores monçoeiros sobre assuntos nosológicos e climáticos. Quem neste particular mais se estende é Juzarte.

Falando das epidemias que assolavam as expedições em marcha, referiu-se o Sargento-mór a "uma dearreya geral por homens, mulheres e crianças, cansando enorme mortandade, a que se supria na melhor forma que permitiam a ocasião e o país, a uns dando-se-lhe remédios pela boca, a outros ajudando-se com cristeis, e outros remédios que se usavam pela via para impedir a moléstia, de tal que, abrindo-se a via em tal extremo só se cura a poder de pimenta, pólvora e tabaco de fumo".

A tal moléstia chamavam corrução, como geralmente se sabe, e a tal bárbaro remédio sacatrapo.

Conta-nos Juzarte que ocorriam casos de psicose provocados pelo Sertão e a sensação do Deserto.

O trecho mais desfavoravel à saude dos monçoeiros era o da navegação do Paraná.

Ninguem lhe bebesse a água! eis a recomendação geral dos que lhe percorriam o curso.

Na época das cheias o estirão entre as barras do Tietê e do Pardo tornava-se pestífero. A água potável precisava ser colhida em certos ribeirões e bem à montante de suas fozes, no grande rio. "Advertencia mui precisa", anota Sá e Faria.

No dizer de Cândido Xavier as margens daquele caudal "de escuras águas e epidêmico vapor eram um contínuo cemitério".

Em meados de maio o "pestífero Paraná" estava em estiagem. As margens agora mais secas pela retirada das inundações evaporavam o "hálito mais contagioso". D'aí em diante, até novembro, melhorava a situação, num semestre mais benígno e menos afetado de "guerra epidêmica".

Tal a fama do Paraná que quando a monção de Rodrigo César de Menezes nele entrou ordenou o Capitão-General, conta-nos Gervásio Leite Rebelo, que pela madrugada se desse a todos da comitiva uma "triaga de veneia" como preventivo das "malígnas e doenças que por aquelas alturas costumavam dar nos que navegavam pelo imenso rio".

Nos dias seguintes, e sempre ao alvorecer, repetia-se a ingestão de tal teriaga.

Do Paraná, explica Juzarte que rola águas vermelhas e pestilentas de clima muito doentio e sujeito a "sezões, dobres e malígnas, mui triste e estéril de pássaros, abundante de imundícies, bichos e insetos".

As monções de Iguatemy transportavam botica bem fornecidas dos principais elementos da farmacopéa luso-brasileira da época, entre os quais tantos nomes pitorescos ocorriam uns até hoje conhecidos entre os inteiramente dessuetas.

A esta série de medicamentos acompanhou em 1773 "hum livro q. trata das infermidades malignas e pestilentas", de tratadista não mencionado.

Conta-nos Juzarte que para a dieta dos doentes se reservava a carne de certas caças, sobretudo veados e antas. Serviam para caldos.

Conta-nos Sá e Faria que "a erva cayapiá ou tingueirilho terrestre servia de singular antídoto contra as febres. Abundava no Tietê, como aliás a salsaparrilha. Os paulistas, contudo, davam preferência a outra espécie, o cayapiá do campo, poderoso febrífugo.

· Dá-nos Ordonhes pequena nota sobre a terapêutica das monções. Os principais medicamentos, atuando como preventivos, eram a primeira malagueta, o gengibre. Havia ainda alguns remédios heróicos. O mais característico vinha a ser o sacatrapos, terrível medicação rectal de aplicação continuada nos pobres pretos, principalmente, "por viverem na torreira do sol dormindo na humidade".

Outro medicamento de grande apreço: o que provinha das raspas dos esporões das anhumas, antídoto de muitos tóxicos e ao mesmo tempo amuleto, no dizer de muitos autores.

E' de sobra sabido que um dos mais insuportáveis flagelos dos viajantes palmilhadores das terras tropicais vem a ser o contínuo assalto dos dipteros hematófagos.

Os relatos da bibliografia monçoeira não poderiam deixar de consignar tal particularidade. E de fato oferece-se de sua parte abundante comprobação a uma regra geral. Não há viajante que se não refira ao assalto das miríades de dipteros sanguissedentos.

Gervásio Leite Rebelo declara de início que a agressão dos mosquitos do Tietê era contínua e penosíssima. Mas no Pantanal tornava-se tremenda. Sobretudo para o *vulgum pecus* dos pobres mareantes desprovidos dos mosquiteiros dos privilegiados. Em muitos pontos procuravam dormir nas franças do arvoredo onde os mosquitos geralmente não iam ter.

Juzarte declara que os principais flagelos do Tietê e Paraná vinham dos mosquitos-pólvora, borrachudos e pernilongos, que atacavam em nuvens.

No Coxim viu-se Ordonhes às voltas com as contínuas e imensas vagas de borrachudos. No Porrudos com uma aluvião de muriçocas que não lhe deram descanso, pois as havia diurnas e noturnas.

Até Camapuan eram os mosquitos menos abundantes do que daí a Cuiabá. Momentos houve em que o pobre ouvidor se viu reduzido a verdadeiro desespero. E assim mesmo à guisa de consolo ouvira de seus companheiros de viagem, calejados monçoeiros, que aquilo era pouco em relação ao que haviam visto em outras ocasiões.

Desde o Taquary, para o norte, conta o Conde de Azambuja, ocorriam os pernilongos de duas castas: os diurnos e os brancos que picavam à noite, e cujo ferrão contundente como arestas tornava a sua agressão atroz.

"Eram tantos que nos cansavamos em os enxotar e nos não podiamos deles livrar por mais que trabalhássemos. Felizmente haviam surgido revoadas de certas borboletas que devoravam os dipteros e os afugentavam. Os tais mosquitos brancos causavam persistentes inflamações e de suas picadas imenso sofriam os pobres remeiros.

Seria impossível prosseguir na viagem que se tornaria impraticável ante o ataque de tão horrível cevandija, não fora o abrigo dos mosquiteiros.

Assim, os descreve o futuro Vice-Rei do Brasil: "eram uma cobertura de aniagem ou de outra droga leve, lançada por cima de uma corda presa aos paus que suportavam as redes de dormir e por cima delas dois palmos (0,m44).

"Esta coberta, explica o Conde Capitão-General, chega até ao chão por todas as partes, fechada pelos lados e pelas cabeceiras, deixando-lhes nestas duas mangas para se enfiarem os punhos das redes".

Quando chove cobrem esta máquina com uma baeta singela, da largura que baste para alcançar alguma coisa mais abaixo da altura em que a rede fica, depois do seu dono deitado nela".

"E' incrível que isto resista, ainda nas maiores chuvas de que eu me não podia capacitar, enquanto o não vi, e o vão que fica entre a rêde e o chão serve como pequena barraca para todos os usos da vida".

Sem semelhante aparelho, reiterava o Capitão-general, seria impossível realizar-se a enorme jornada fluvial em que não davam trégua os incansáveis e ferozes sugadores de sangue.

Explica Juzarte que o mosquiteiro era uma espécie de grande saco, aberto de um só lado. Suspenso perpendicularmente, fechava por completo a cama ou rede, caindo sobre o solo. Se assim não fosse era caso de desesperação para os que pretendiam subtrair-se à sanha dos mosquitos e "outros insetos que mortificam".

E com efeito, refere-se Ordonhes à extraordinária astúcia dos dipteros em procurar brechas nas linhas de tal defesa.

Por cima do mosquiteiro colocavam-se "quatro covados de baeta metendo-se-lhes tambem suas varinhas. Formavam uma espécie de telhadinho que resguardava perfeitamente da chuva".

Mas não eram somente os dipteros os perseguidores incansáveis e atrozes dos míseros humanos.

Juzarte refere-se a vultosa cevandija de bichos de pé, carrapatos de várias espécies, de que havia imensa quantidade, aglomerados em bolos do tamanho de nozes pendentes das folhas das árvores, motucas abundantíssimas, de dolorosíssimas ferroadas e temíveis em sua perseguição.

Às vezes surgiam maribondos incontáveis, coboclos, barrafogos e as temerosas cassunungas, etc.

Quando sobre alguém caia algum dos bolos de carrapatos impunha-se à vítima pôr-se imediatamente nua para que outra pessoa lhe corresse por todo o corpo uma bola de cera arrancando os horríveis ixodideos ou antes para que a esfregasse com caldo de tabaco de fumo ou sarro de pito.

Ordonhes refere que no Pardo os micunis se lhe mostraram e aos seus aos milhões, aos bilhões. Não havia cautela que permitisse evitar tão incontáveis e insuportáveis octópodos.

No Camapoan coisa insuportável a queda de inumeráveis aranhas que das árvores tombavam nas canoas. Tão numerosas que "já ninguém se cansava de as sacudir de si".

Intercaladamente às aranhas apareciam enxames de grandes vespas que mordiam desesperadamente.

Tremenda a quantidade dos formicídeos habitantes dos chamados "paus de formigas", cuja perseguição se mostrava horrível e cuja picada causava dor tão veemente quanto à das vespas.

Nos pousos surgiam subitamente enormes correições, tudo devorando. Em certa noite haviam os dois missionários da monção perdido toda a sua roupa.

Bernes eram também abundantes, relata Juzarte.

Cousa que nenhum relato explica é se os mosquiteiros se distribuiam aos pobres homens da chusma das canoas e canoões. Provavelmente não; reservavam-nos para os figurões da expedição. A peonada que se contentasse com a contiguidade das fogueiras, cuja fumaça afugentava a cevandija voadora e ávida de seu sangue. E isto mesmo quando fosse possível acendê-las.

Eram, aliás, os mosquitos abundantíssimos em todos os rios, causando feridas nas partes do corpo a que a roupa não resguardava.

Na bibliografia monçoeira, muito pouco se fala em morcegos.

Os autores que conhecemos não se referem a malefícios de quiropteros, na rota das monções cuiabanas.

XVI

OS RECURSOS DAS MONÇÕES HAVIDOS DA AGRICULTURA SERTANEJA. — PREÇOS DOS VÍVERES. — CAMAPUAN, OASIS CIVILIZADO. — INCIDENTES DE VIAGEM

Deviam as monções valer-se principalmente em seu longo jornadear dos recursos do provimento próprio embarcado porque os do setrão eram aleatórios, às vezes muito aleatórios e irregularmente obtidos senão por vezes falhos ou inteiramente falhos, como são geralmente os que a Natureza fornece. E com efeito porque em determinadas ocasiões nada rendiam a caça e a pesca.

No colossal trajeto insignificantes eram, nos primeiros anos as possibilidades de abastecimento.

Dizia Camelo em 1727 que entre a barra do Tietê e a do Pardo havia dois moradores, apenas, nas duas margens do Paraná, abaixo do Verde. O da direita tinha roças grandes de milho e feijão, cujos produtos vendia pelo preço que impunha aos clientes acidentais e cubiçosos dos seus cereais.

Entre a foz do Pardo e a barra do Nhanduy-Assú havia duas grandes roças com grandes feijoal e bananal. Um pouco abaixo do salto do Cajurú mais dois moradores e na barra do Nhanduy-Mirim mais dois outros e um quinto no Pardo até o salto do Coroau.

À confluência do Coxim e do Taquary existia uma roça. Mais abaixo duas outras, mas abandonadas por causa dos caiapós.

Ao longo do Cuiabá já se multiplicavam os indícios de terra civilizada. Da sua barra no S. Lourenço, ao cabo de quatro ou cinco dias chegava-se ao Arraial Velho ou Registro, roça com bom bananal a que se seguia outra roça.

Desta a Morrinhos em sete ou oito dias de navegação mais duas havia.

De Morrinhos à Vila do Bom Jesus, com seis ou sete dias de navegação quase todo o rio estava marginado de roças e fazendas. E este aproveitamento do solo prosseguia a montante de Cuiabá. Plantava-se na região bastante feijão e milho, excelentes mandiocas, das quais se fazia farinha, batatas, fumo e melancias.

Assim, em poucos anos fora a terra largamente amanhada a bem do fornecimento do pessoal da mineração.

Um pouco antes da passagem de Camelo, Gervásio Leite Rebelo encontrara, abaixo de Araraitaguaba um único morador em todo o curso do Tietê até a foz. Vivia em Potunduva, como à margem do Paraná, à esquerda, um tal Manuel Homem.

Assim, o Tietê, rio a que se chamava rio de Povoado, só era praticamente habitado de Araraitaguaba para montante.

No Pardo avistavam-se as roças de Bartolomeu Fernandes dos Rios e de um outro lavrador cujo nome não cita.

No Taquary-mirim vivia João de Araujo. Muito e muito depois já no Cuiabá, no Arraial Velho assinalou as roças de Felipe de Campos Bicudo e as que haviam sido de Pascoal Moreira Cabral.

Passado um quarto de século encontraria o Conde de Azambuja a um dia de viagem a jusante da cachoeira de Abaremanduaba o sítio chamado do *Homem Só*, onde vivia um solitário, que apesar de não ter espingarda nem cão era exímio caçador. Plantava as roças e fabricava canoas e às vezes passava quinze dias internado na mata. Mais tarde se casaria, continuando ele e a mulher, a mesma existência de segregação.

O ultimo ponto de habitação dos civilizados do Tietê era Potunduva, onde viviam dois brancos com alguns carijós. Daí em diante não se encontrava viva alma mais até o Paraná.

No decurso da intérmina viagem por vezes se depararam ao Conde de Azambuja inesperados recursos de suprimento alimentar.

Assim, um pouco antes do Avanhandava, valeu-se dos maravilhosos frutos de um laranjal "dentro do mato sem cultura alguma".

E em outros lugares de largos palmitais "onde havia abundância desta espécie de hortaliça (sic) raiz branda e gostosa ou espécie de nabo tirado do tronco de uma árvore que se comia guizado de várias maneiras". Comida crua tinha um sabor não inferior ao das castanhas. Causavam-lhe admiração os vastíssimos arrozais nativos do rio Cuiabá. Quando da época das cheias quanto mais subiam as águas tanto mais crescia o arroz que sempre estava a cinco ou seis palmos acima do nível do rio.

Afirma Cardoso de Abreu que nas margens do Tietê encontravam os monçoeiros do seu tempo fartura de certos marmelos e jaboticabas. Menciona outras frutas de nomes esquisitos como o *nhandipapo* (genipapo?) *pacapeúva, sipotuá* e *itahy fruta* esta comprida à maneira de vagem de feijão, de casca dura, que se tornava preciso quebrar para comer. Eram muito alimentícias, sobretudo quando misturadas com mel de abelhas, abundantíssimo no vale tieteense.

Os palmitos oferecidos aos sertanistas eram também encontráveis, destacando-se entre eles os das *guavirovas, jarivás, guacurys* e *palmitos moles* (?). Pelo que escreve Abreu ele chamava palmito os cocos e não o meristema das palmáceas.

O enorme arrozal de Cuiabá, informa ainda, fornecia grão graúdo e abundantíssimo muito melhor do que o obtido nas lavouras do Povoado.

O bananal cuiabano, plantado inicialmente por João e Lourenço Leme, este se tornara enorme. Haviam pretendido os famigerados ir-

mãos valerem-se dos seus recursos para o seu acampamento alí estabelecido, com o fito de dominarem a navegação dos rios, acastelando-se à entrada da região aurífera com os seus seissentos índios escravizados.

Declara Cardoso de Abreu que a esta empreza do bananal se havia associado o irmão Antão Leme.

E' interessante confrontarem-se os preços cobrados dos monçoeiros em diferentes pontos da jornada a que se referem os relatos de viagem:

	Roças de Manuel Homem	Roças de Bartolomeu P. dos Rios	Camapuan	Roças de Felipe de Campos, no Cuiabá	Cuiabá
	Oitavas	Oitavas	Oitavas	Oitavas	Oitavas
Mão de milho	8,5	2	—	2	—
Alqueire de farinha	12	—	—	—	14
Alqueire de feijão	10	12	20	—	14
Alqueire de milho	—	12	16 a 18	—	—
Arroba de toucinho	—	—	32	—	—
Dúzia de abóboras	—	1	—	—	—
Libra de carne de porco ..	—	—	15	—	—
Idem salgada	—	—	—	—	1
Frasco de cachaça	—	—	15	—	—
Galinha	3	—	3	—	—
Dúzia de ovos	—	—	—	—	1 a 1,5

A oitava de ouro regulava a mil e quinhentos réis. E o coeficiente multiplicador para um paralelo entre o custo de vida setecentista e o atual nunca menor talvez de trezentos, se é que é possível tentar fazer qualquer hipótese neste sentido.

A descoberta do varadouro de Camapuan pelos irmãos João e Lourenço Leme, trouxe enormes vantagens à navegação para Mato Grosso, embora impusesse às esquadrilhas a terrível travessia do Coxim. Fixou uma rota invariável entre as monções, tais as conveniências que dela se seguiram.

Ao arraial pintou Gervásio Leite Rebello sob as mais negras cores, em 1726: "Sítio de morte de brancos e negros, consumo de mantimentos e destruição de tudo".

Caminhavam as canoas sobre carretas a que arrastavam de 20 a 30 pretos. Estes verdadeiros e miseráveis galés arrombavam as caixas e furtavam os mantimentos.

"Nesta altura, comenta o secretário de Rodrigo César, é pior a perda de mantimento do que a de um negro, sendo estes tão necessários. Antes perder um negro do que um alqueire de milho, feijão ou farinha". Cabral Camelo informa que em 1727 os carretões das canoas constavam

de quatro rodas puxadas por escravos que também transportavam cargas à cabeça.

Os dois proprietários das roças de Camapuan e seus cativos viviam em perpétuo estado de alarme, "como em presídio, de armas sempre às mãos".

Enquanto uns escravos trabalhavam, outros montavam guarda sem jamais desampararem as espingardas. Assim mesmo e apesar de todas estas precauções já haviam os caiapós morto alguns homens.

Colhiam os dois fazendeiros, sócios, bastante milho, vendido por muito bom preço. Uma das roças já tinha canavial e bananal e achava-se protegida por boa estacada. O preço do alqueire de feijão regulava por 20 oitavas (30 mil réis) e o de milho variava entre dezesseis e dezoito. O das galinhas, porcos e cabras variavam *ad libitum*.

Vinte e três anos após a passagem de Cabral Camelo foi Camapuan visitada por D. Antonio Rolim de Moura, Conde de Azambuja.

Os caiapós continuavam com as correrias e malfeitorias na região do Pardo, "distrito de tal gentio". Praticavam muitos insultos. Vivia a sede da fazenda ameaçada por estes índios temíveis e sem socorro algum espiritual.

Já não era pelo esforço dos pobres escravos que se transportavam as canoas e as cargas. Havia bois para tal fim.

Pertencia o imenso, latifúndio a quatro pessoas, que de sua exploração auferiam grandes lucros com o transbordo das carregações monçoeiras. Grande abundância de milho, farinha deste cereal, feijão e arroz existia em Camapuan. O rebanho bovino ultrapassava seiscentas cabeças, sendo as vacas numerosas. Muitos suinos também ali se encontravam, mas apenas dois cavalos.

Existiam no povoado casas de sobrado "muito suficientes para a parte onde estavam", a cercar grande pátio fechado, onde se podia tourear.

Notava-se ainda uma capela "com mais asseio do que ali se podia esperar". Segundo o Capitão-General eram os bois camapoenses vistosos, "formosos", mas muito faltos de forças. Três a quatro de suas juntas mal valia uma de Portugal.

Às carretas dos canoões puxavam seis e às vezes oito juntas de bois. As cargas pesadas iam em carretas de duas rodas; as de mediano peso às costas dos escravos.

Em 1826 passou Hércules Florence por Camapuan de que nos deixou preciosa vista.

Extrema a miséria da população ilhada em tão longínquo sertão.

Quarenta e um anos mais tarde passou o Visconde de Taunay por Camapuan que encontrou em ruinas, com uma floresta de elevados cedros, dentro de não pequena igreja, vasta casa de sobrado de todo caiada, rodeada por formosos laranjais a resistirem à invasão da mata.

Bastante valiosas as obras empreendidas para a varação das canas. Cortes de alturas notáveis atestavam quanto trabalho e suor ao desgraçado negro cativo custara tudo aquilo.

Pobres escravos, desconhecidos mártires! Quantas centenas de milhares senão milhões foram engulidos pelo Sertão, sacrificados à ambição, à ganância, ao desregramento de bárbaros senhores?"

Pormenor curioso devido a Juzarte é o informe de que à barra do Rio Pardo existia um lugar onde n'uma casa ao pé de grande árvore havia uma como que caixa postal. Ali se depositavam cartas que os viajantes recolhiam, levando-as ao seu destino.

Informação interessante do relato do Conde de Azambuja: Conta que as notícias das agruras da viagem das monções eram tais que chegara a recear ver desertarem todos os soldados de sua guarda. No Rio de Janeiro, Santos, S. Paulo e Araraitaguaba todos lhe falaram da travessia com verdadeiro horror.

XVII

OS RECURSOS VENATÓRIOS DO TRAJETO MONÇOEIRO, SEGUNDO OS DIVERSOS DOCUMENTOS. — PESCA E CAÇA AO LONGO DOS RIOS

Naqueles páramos enormes percorridos pelas monções o que havia de mais frisante aos olhos dos navegadores era, além dos riscos da navegação e a ocorrência de possíveis encontros com os autoctones, a maior e menor quantidade de elementos naturais de subsistência oferecida aos jornadeantes pelos recursos da caça e da pesca.

Assim há nos relatos monçoeiros assaz consideraveis informes sobre uma e outra cousa.

Muito mais à mão, é obvio lembrá-lo, estavam os peixes do que as aves e os mamíferos, mas os relatos inclinam-se de preferência aos reparos sobre a avifauna do que sobre a ictiofauna.

Enorme cópia de peixes encontrou Dom Luiz de Céspedes no Tietê, em 1628. "Tiene esto rio tanta abundancia de pescado, dorados y otros generos, que quando llegavamos al alo famientos se llenava tanto cogidos a ansuelo que comiamos todos y sobrava por ay", escrevia o Capitão-general a Felipe IV.

Ficou, o Conde de Azambuja, em 1751, maravilhado com a abundância do pescado no Tietê, sobretudo em Itapura e Avanhandava.

Enormes dourados exigiam o maior esforço para serem trazidos à margem. Jaús colossais surgiam. Veio-lhe um destes pintados carregado por dois homens.

Os enormes cardumes de piranhas do Paraguai e seus afluentes e principalmente no Pantanal impressionaram a Gervásio Rebelo Cardoso de Abreu e sobretudo ao Conde. Impediam os navegantes de se refrescar tomando banhos nos rios. Que mandíbulas terríveis as destes "peixes-diabos!"

Outro e terrível perigo ameaçava os banhistas: a presença das arraias às vezes muito grandes sobretudo no Taquari segundo Lacerda de Almeida, cujas vergastadas caudais provocavam feridas causadoras de longa e lancinante dor. Seu peçonhento ferrão ocasionava lesões que só se curavam em longo prazo.

Ordonhes achou o Tietê muito mais piscoso a jusante do que a montante do salto do Avanhandava. Em Itapura verificou a espantosa quantidade de pescado.

No Paraná ocorria a mesma abundância, mas no Pardo interceptado por saltos que impediam as piracemas, não.

Voltava a piscosidade no Taquary, sendo considerável no Paraguai, Porrudos e Cuiabá, como também atesta Cardoso de Abreu. Surgiam enormes "cumilações" de dourados.

Mas nestes três rios era um desgosto pescar-se por causa das piranhas.

Expende Ordonhes curiosa observação. Se os rios da bacia do Paraguai desde o Taquari até o Cuiabá fossem encachoeirados, as piranhas teriam paralisado o curso das monções. Não haveria mareante que ousasse atirar-se à água para empurrar as canoas e trabalhar na sirga.

Dos recursos venatórios do Tietê fala-nos Dom Luis de Céspedes, a contar que no vale do grande rio vivia "grandíssima suma de casa, muchisimas antas que matamos con q. veniamos comiendo carne por ser como de baca; mucha, pasareria de diversas colores" e ainda "muchos tigres leones".

D. Antônio Rolim de Moura encontrou muita caça de pelo no Tietê, onde abundavam as pacas e as capivaras.

Passado o Paraná apareciam muitos numerosos os cervídeos de carnes mais tenras e saborosas do que as dos de Portugal.

No Taquary freqüentíssimas ocorriam as grandes varas de porcos montezes e as manadas de veados.

Afirma Juzarte que em seu tempo viviam no vale do Tietê muitos dos gigantescos tatús canastras, abundantíssimos símios e grandes varas de queixadas e catetos.

Nas águas do rio nadavam bandos de ariranhas que perseguiam as canôas "bramindo com um garganteado" antas e capivaras.

Segundo Ordonhes na região do Tietê havia sobretudo em matéria de caça grossa: onças, antas e porcos.

No Pardo abundavam lobos e tamanduás.

No S. Lourenço e Cuiabá encontrava-se abundantíssima fáuna.

No primeiro destes rios, corrobora Cabral Camelo, ocorria tanta caça quanto às margens do Paraguai. Abundava aquele sertão em pintadas a cujos ataques se devia a morte de alguns homens das monções.

Segundo Ordonhes já freqüentes no Tietê, muito mais ocorriam além Paraná, passando a ser numerosíssimos na bacia do Paraguai.

Espantou-se Lacerda de Almeida da enorme quantidade dos grandes carnívoros na bacia do Paraguai, e sobretudo no Pantanal pelo fato de alí existir espantosa profusão de caça.

Desde o Coxim reapareciam numerosas as antas das chamadas russas também abundantes do Tietê, da grandeza de uma vaca mediana e no gosto muito melhores".

"Mucha pasareria de muchas colores" foi o que Don Luis de Céspedes disse da avifauna tieteense.

A mesma impressão teve mais de um século mais tarde o Conde de Azambuja.

Nos barreiros tornava-se facílimo proceder-se a enormes morticínios de aves.

Nos campos do Rio Pardo espantosa se mostrava a quantidade de perdizes, assim como em Camapuan.

No Taquary maravilhou-se o Capitão-general do vulto da avifauna.

Em algùns lugares procediam os monçoeiros a enormes matanças de aves, a ponto de serem obrigados a mudar de pouso, por causa da putrefação da caça abatida.

Então, ainda no Taquary e na chamada Ilha dos Pássaros, tal a abundância de aves que o local se convertera "numa das coisas raras que se encontravam no Brasil".

Navegando o Cuiabá, o Porrudos e o Paraguai, cada vez mais se sentiu Lacerda e Almeida assombrado com o que ia vendo em matéria de avifáuna.

Eram aquelas regiões imenso viveiro. No Taquary a profusão de galináceos silvestres acrescia a dos bandos dos patos bravos, grandes e gordos, alimentados pelos arrozais nativos do Xaraes.

A avifaúna aquática apresentava-se ali de abundância absolutamente fantástica, o que demonstrava a extraordinária piscosidade das águas.

Quem se derramou em tratar da avifáuna tieteense foi Cardoso de Abreu.

Consagrou assaz extenso capítulo aos seus "inumeráveis pássaros de diversas qualidades".

Especial referência lhe mereceram as anhumas, aves de muita estimação, muito difíceis de serem apanhadas e cujo unicórnio era de grande virtude como contra-veneno.

No Taquary avistavam-se numerosíssimas as araraúnas e anhumas. Diversas das do Tietê devem ter sido "anhumaspocas", aves muito úteis aos viajantes. Quando se punham a gritar é que havia gente ou onças pela vizinhança. À noite cantavam com extraordinária precisão cronométrica de duas em duas horas, a patrir de meia-noite. Com tamanha regularidade que à falta de relógio supria o seu canto para o revezamento das sentinelas dos acampamentos quando se temia a aproximação dos paiaguás.

Da fauna ofídica da região monçoeira falam os documentos em geral, e geralmente sem exageração.

Era natural que acima de qualquer serpe fossem as sucuris as que mais impressionassem os viajantes.

Quem mais se estende sobre tais cobras é Lacerda de Almeida.

Eram sobremodo vulgares no Tietê.

Algumas apareciam simplesmente colossais. À margem de um ribeirão afluente do Tietê sucedeu interessante caso.

Uns escravos haviam encontrado, ao cair da noite, o enorme rolo de uma sucurijú e certos de que se tratava de tronco de árvore derribada tinham querido deitar-lhe fogo a fim de se aquentarem para o resto da noite.

Com o calor se movera o suposto tronco com notável susto dos incendiários.

Comenta o astrônomo: esta é a tradição muito verossimil para os que têm viajado por este novo mundo, onde, a cada passo, estão encontrando coisas que teriam por fabulosas se não tivessem sido testemunhas oculares.

Ordonhes também avistou à margem do Tietê, pelas praias, "infinidade de sucuris". Em sua monção havia camaradas que comiam tais cobras.

Afirma Cardoso de Abreu que entre os sertanistas vivia generalizado tal hábito. Ele próprio, certa vez, provara a carne de um de tais minhocões.

Sabem todos quanto se exageram as dimensões da *eunectes*.

Fala-se em sucuris de doze, quinze e até vinte metros de comprido.

Cardoso de Abreu menciona duas de 18 e 23 palmos (3m96 e 5,06) perfeitamente razoáveis. No ventre da maior encontrou um veado inteiro. Mas ao mesmo tempo dá-nos a informação de que a mais considerável *Eunectes murinus* tinha 5 palmos de grossura (1m10) o que é inacreditável.

Afirmou ainda que sabia do fato de haverem sido sertanistas devorados por sucurijús, coisa acerca da qual Antônio Piza se declara cético.

Conta Lacerda de Almeida da existência de muitas cobras venenosas no Tietê, das quais numerosas mortas quando nadavam em direção às suas canoas.

No Pardo ocorria extraordinário número de ofídios causadores de freqüentíssimos acidentes combatidos pela ingestão de altas doses de cachaça salgada.

Os saurios é que pouco deram que falar de si. Cardoso de Abreu assinala-os sobretudo no Paraguai. Ordonhes foi quem deles mais se ocupou, achando que abundavam imenso como ainda hoje em toda a bacia do Paraguai.

Nas margens do Tietê viam-se alentadas jararacas, corais e cascáveis.

Dos temerosos crotalos encontrou Juzarte um exemplar enorme de onze palmos (2m42), assim como jararacas de sete palmos (1m54), cuja picada tornaria qualquer pessoa instantaneamente sem vista a exalar sangue pelos olhos, boca e nariz e pelas unhas, morrendo em vinte e quatro horas".

XVIII

OS INDIOS RIBEIRINHOS DO PERCURSO MONÇOEIRO. — PAIAGUÁS, GUAICURÚS, CAIAPÓS, BORORÓS. — PERIGOS DA SUA PRESENÇA. — AMEAÇAS E PRECAUÇÕES

Três nações gentias foram o pesadelo dos monçoeiros nas primeiras décadas da conquista de Cuiabá: dos paiaguás, a mais temível de tôdas, dos guaicurús e caiapós.

E' interessante conhecer o que sobre índios nos inculcam os relatos do tempo.

Dom Luiz de Céspedes a êles não se refere: provavelmente já ao vale do Tietê, em 1628, haviam as banheiras despovoado. Gervásio Leite Rebelo, em 1726, conta-nos que os caiapós ocupavam a margem direita do Paraná e eram "o pior gentio daqueles sertões". Ainda não haviam os paiaguás, aliás, encetado as suas agressões vultosas.

Cabral Camelo em 1727 jamais se avistou com indios na descida do Sorocaba e do Tietê. No Itapura, conta, apareciam os caiapós, "o mais traidor de todos os gentios".

Embarcados em jangadas, navegavam largo percurso do Paraná. Sua principal base era a barra do Verde. Freqüentavam assiduamente o curso do Pardo, ameaçando a cada momento Camapuan.

Usavam os caiapós incendiar a macega para tentarem fazer parecer os brancos. O único meio de defesa consistia no fogo do encontro para se constituir aceiro.

Ponto perigoso era o sítio chamado a Prensa, a três dias antes da foz do Taquari. Por alí, segundo se afirmava, passavam os guaicurús para o Pantanal em suas correrias.

Alí também esperavam as monções. Eram numerosos, formando às vezes troços de quinhentos a mil cavaleiros. Constava que os seus "reinos" seriam muitos e que cada uma de suas tribus dispunha de mais de nove mil cavalos.

O Conde de Azambuja relata que os mais perigosos selvícolas eram os paiaguás, armados de arco e flecha, e pequenas lanças de choupas férreas muito agudas que também lhes serviam de dardos.

Em terra nada valiam, mas nos rios mostravam-se temíveis.

Sobremodo cautelosos só atacavam depois de, por muito tempo, observarem os movimentos das monções, Com enorme habilidade sa-

biam percorrer os meandros dos rios e do Pantanal, escondendo-se quando preciso pelos ribeirões e sangradouros. Mas navegavam sobretudo no Paraguai.

Suas canoas levavam geralmente como tripulantes cinco remadores e outros tantos combatentes. Sua principal tática consistia em tentar fazer emborcar os barcos dos adversários visando molhar-lhes as armas e a munição.

Além dos paiaguás deviam as monções temer os caiapós e os guaicurús. De Araraitaguaba à barra do Pardo não havia perigo algum de assalto. Mas já no Pardo começavam os caiapós a dar sinal de presença.

Eram robustos e ágeis, armados de arco e flecha e de uma clava ou bilro a que enfeitavam. Sobremodo traiçoeiros sabiam admiravelmente dissimular a presença na floresta "por se pintarem de modo a ficarem da cor do mato". Procuravam sobretudo atacar os pousos e acampamentos onde não havia vigilância.

Os guaicurús estendiam as correrias até o Taquary. Tornavam-se ameaçadores nos baixíos deste rio.

Armados de lanças e laços sua eficiência bélica reduzia-se nos rios. Desde que os monçoeiros tomassem a precaução de pousar na mata perdiam tais índios a vantagem das cargas de cavalaria em campo raso perigosas.

Se os índios não fossem destituidos de inteligência lançariam mão de recurso capaz de paralisar a marcha das monções.

Nenhuma expedição conseguiria navegar no Coxim através dos desfiladeiros de paredes altíssimas cortadas a prumo entre as quais corria o rio com extraordinária violência e em lugares onde a sua largura se reduzia a cinco e até a quatro braças (11m e 8,80m).

Poucos que ocupassem o cimo daqueles paredões despenhando pedrouços e alí não passaria canoa que se não votasse a infalível destruição.

Esta mesma opinião expenderia Lacerda e Almeida trinta e tantos anos mais tarde ao se declarar espantado de que jamais houvessem os índios pensado em valer-se daquela magnífica posição estratégica.

Não haveria barco que não soçobrasse com o choque de pedras despenhadas de altura superior a 450 palmos (99 metros) sobre a tão estreita vereda fluvial pela primeira vez percorrida pelos irmãos Leme.

No *Divertimento admirável* dá-nos Cardoso de Abreu alguns informes sobre os índios que tinham contacto com as monções em 1783.

No vale do Rio Pardo aos caçadores perturbava a presença dos caiapós que tendo perto o seu alojamento andavam pelos campos diligenciando surpreendê-los. Eram "dentre os gentios os mais tiranos, cruéis, indómitos e traidores".

Em Camapuan tornava-se indispensável escoltar os escravos encarregados dos transportes no varadouro. Sem tal precaução seriam infalivelmente agredidos pelos caiapós que não cessavam as "suas traições" naquele local.

No Pouso Alegre sobre o Taquary, local situado "no meio de uma grande ressacada, cheia de pequenas ilhas", no dizer de Lacerda e

Almeida, reuniam-se as diversas flotilhas da monção para navegarem juntas, pois sempre se corria o risco de algum assalto dos paiaguás, que tantos estragos haviam feito nas tropas que demandavam Cuiabá ou de lá tinham partido.

Os guaicurús também chegavam ao Taquary, em suas longas correrias desde o Iguatemy.

No Paraguai andavam as canoas próximas umas das outras "debaixo do preceito do cabo comandante e da vigilância dos fragueiros das canoas de guerra que tomavam à beira dos sangradouros, saidos dos pantanais a fazer barra no Paraguai para impedirem as traições e ciladas costumeiras dos gentios naqueles lugares.

Em 1788 baixando de Cuiabá e S. Paulo encontrou Lacerda e Almeida os paiaguás quase aniquilados.

Devia-se a sua ruina aos guaicurús que imenso os haviam destroçado.

Eram estes ainda temerosos. Deixando os cavalos embarcavam em canoas de vinte e mais homens armados de arco e flecha, lanças com choupos de ferro, compradas aos espanhóis de Assuncion. A tática destes índios era a antiga dos paiaguás. Para compensarem a inferioridade do armamento tentavam molhar os fechos das armas dos adversários atirando água sobre os arcabuzes com as pás dos remos quando iam intentar a abordagem.

Em torno de Camapuan rondavam os caiapós cuja área de correrias vinha a ser enorme abrangendo terras hoje matogrossenses, goianas e mineiras.

XIX

LENDÁRIO E HAGIOGRAFIA DO TIETÊ — ANCHIETA E O ABAREMANDUABA. — BELCHIOR DE PONTES E O PADRE POMPEU. — FREI GALVÃO E MANUEL DE PORTES .— A NAU CATARINETA DE JUZARTE. — O MONSTRO DE PIRATARACA. — AS IARAS DE LACERDA E ALMEIDA

Já pelos últimos anos setecentistas decaira muito a "fertilidade" das minas cuiabanas e a nagevação gloriosa das monções mais que bi-secular ia-se aos poucos extinguindo.

Tão velha e tão ilustre que se adornara das lendas e dos fatos sobrenaturais, próprios das coisas remotas. Tinha a sua nau catarineta, como os seus monstros e ainda registros nas páginas dos agiológios.

À margem do Tietê ocorrem os milagres consignados nas vidas de canonizandos reclamados pela *vox populi* como Belchior de Pontes e frei Antonio de Sant'Ana Galvão nos casos, sempre presentes à memória dos paulistas, do padre José Pompéu e do capataz Manuel de Portes.

Não nos conta Juzarte que certa manhã o avisaram, às pressas, de que uma canoa fantasma estava à vista da expedição que êle conduzia ao matadouro de Iguatemi?

Deslizava a montaria silenciosa e misteriosamente, pela bruma da madrugada, havendo o guia do comboio reiuno perfeitamente divisado e até contado os seus remadores e passageiros.

Interpelados os incógnitos navegantes, nenhuma voz respondera ao chamamento repetido.

Quem seriam? Gente de Cuiabá? Castelhanos? Paulistas? Índios? Desertores? Contrabandistas? Fugidos do Iguatemí? Acaso não estaria tripulada pelas almas dos pilotos, proeiros e remeiros afogados nos rios e de monçoeiros mortos durante a sua viagem aspérrima?

Intimados a estacar nenhum caso haviam feito da intimação.

Resolveu Juzarte tirar a limpo o incidente, entrando num escaler, guarnecido dos seus melhores remadores, foi-lhes ao encontro.

Pôs-se a persegui-los afoita e imprudentemente, mas debalde, pois a grande e pesada canoa como que acertava a voga pela da ligeira perseguidora. Desapareceu na bruma.

Era alguma náu catarineta, talvez tripulada pelas almas daqueles esfaimados do ouro, por amor do qual haviam perdido a vida e a salvação na jornada do Cuiabá, pensaria o bom Juzarte, supersticioso como todo marinheiro velho.

Já no século da descoberta às águas do Tietê ilustra um dos naufrágios do Taumaturgo do Brasil.

Haviam ameaçado os cachões de uma correideira de tragar a Anchieta. Seu nome dai em diante para sempre relembraria o caso: Abarémanduaba, persistente na toponimia paulista.

Explica o bom Juzarte: Em outro tempo navegou por esta cachoeira um religioso da Companhia de Jesus, de virtude, chamado Padre José Anxieta (sic) o qual andava catequizando aos índios, pregando-lhes missão, os quais vindo com ele em uma canoinha virara a embarcação no meio desta cachoeira largando ao Padre no fundo da mesma. Passado muito tempo, vendo que o Padre não surgia acima, cuidando estaria já morto, mergulhou um dos índios ao fundo e achou-o vivo, sentado em uma pedra, rezando no seu Breviário e por isso ficou o nome a esta cachoeira de Abaremanduaba".

Pormenor sobretudo pitoresco é o que o mesmo Juzarte consagra em sua relação dos "Nomes das caxueiras que passamos neste rio, traduzidos em Português:"

"O número um da lista é *Avarémanduaba,* tendo ao lado a tradução em nosso vernáculo: *Onde foi a pique hú jesuita* (sic!).

Aliás, o Conde de Azambuja também escreve verdadeira necedade, ao afirmar que Abarémanduaba na língua da terra era a tradução de "lembrança do Padre Anchieta" (sic!).

Episódio agiologicamente ligado às monções é o que se nos relata nas páginas simples da *Vida do padre Belchior de Pontes* pelo padre Manuel da Fonseca, biógrafo do inacino ilustre cuja santidade resplandece dentro da rude feição do Brasil seu coevo.

Referindo o milagre do seu biografado diz Fonseca que o provocador do fato sobrenatural veio a ser o Padre José Pompeu de Almeida, clérigo secular ordenado em Lisboa, tio-avô de Pedro Taques, o linhagista.

Conta que este padre desconfiado e altivo, vivia na opulência dos bens patrimoniais e sempre retirado desavido com o seu pedido o primeiro bispo do Rio de Janeiro, Dom José de Barros de Alarcão.

Irremovível se lhe imprimiu ao cérebro o intento de abandonar as terras de Portugal para se fixar nas de Espanha e assim preparou canoa e embarcado com alguns índios foi surgir da outra banda do Rio Grande em uma ilha que faz o rio Anhanguepum ou Anhendum".

Muito mais explícito é o sobrinho linhagista.

Afirma que o altanado clérigo preparou verdadeira monção para a temerosa viagem.

Prontificou canoas, mantimentos, pólvora, bala, cães de caça, pilotos e práticos da navegação dos rios pelas dificultosas cachoeiras que tinha de passar.

Embarcou finalmente na sua frota de canoas sem mais amigos nem parente algum e só com os seus escravos e alguns carijós seus administrados que serviam de pilotos, práticos e remeiros".

Ao cabo de mais de dois meses foi acampar numa ilha das muitas que tem o Paraná.

Nela se achava, conta-nos o Padre Fonseca, "quando" os índios mal satisfeitos com as impertinências do amo e pouco tementes a Deus" concertaram um plano que o linhagista esclarece em seus dizeres gongóricos.

"Por oculta Providência Divina se uniu a gente de toda aquela comitiva em um só voto e dispostas as coisas para a funesta resolução fugiram todos nas mesmas canoas, levando os cães" quando lhes dormia o amo.

"Quando acordou o Padre Pompeu se achou só em uma ilha da qual de nenhum modo podia safar-se; um verdadeiro deserto e sem remédio, humano sentenciado à morte porque faltando-lhe a canoa, mantimento e as escopetas, não havia outro remédio mais do que acabar à violencia da fome", comenta Manuel da Fonseca.

Valendo-se da tradição da família, acrescentou Pedro Taques: "Conjectura-se que viveu por muitos dias, por ter o sustento nas frutas agrestes de uma grande árvore chamada jatobá. E porque tambem quando, passados anos, se deu com o lugar de sua morte e ossos daquele cadaver, se observou uma quase vala na superfície da terra do comprimento de quarenta palmos que se entendeu a formara o contínuo passeio que tinha o dito padre todo o tempo que lhe durou a triste vida".

Piedosamente comenta o biógrafo que, vendo-se em tão miserável situação certamente acudiram a José Pompeu de Almeida "grandes desejos de se preparar para a jornada da eternidade invocando o socorro Divino, já que se via desamparado de todo o humano.

E ainda que o não livrou Deus da morte, não quis deixar de ser misericordioso dando-lhe sacerdote com quem desembaraçasse a consciência e purificasse a sua alma para entrar na glória".

Por essa época era o Padre Belchior de Pontes "varão de candura inocente adornado de heróicas virtudes", o superior de uma das aldeias jesuítas dos arredores de S. Paulo, relata Pedro Taques.

Certo dia, saíndo de sua aldeia para o Colégio em São Paulo, acompanhado de diversos índios, chegado à margem do rio Pinheiros descavalgou e pedindo aos índios que o esperassem, entrou num capão.

Como demorasse em reaparecer, assustaram-se os índios. "Entraram no capão e depois de o correrem todo, olharam para os campos circunvizinhos e certificados de que não estava naquele circuito determinaram, dispondo-o assim Deus, de irem para o Colégio e levaram o cavalo, julgando talvez que teria ele já tomado a dianteira sem que eles nisso advertissem, pois era este o fim da jornada".

Chegaram os índios ao Colégio a puxar o cavalo abandonado e surpresos da ausência do desaparecimento, informaram ao Reitor do ocorrido.

"Não causou cuidado algum a relação dos índios, comenta Pedro Taques, porque das virtudes de Pontes havia já grandes provas entre os seus religiosos e estranhos e esperavam que logo chegasse".

Não se passaram muitas horas com efeito antes que o vissem aparecer a pé arrimado ao seu bordão e muito tranquilo.

Perguntou-lhe o Reitor de onde vinha?

Respondeu sinceramente que tinha ido ao sertão do Rio Grande confessar ao Padre José Pompeu que, desamparado de tôda a sua comitiva em uma ilha, acabava sem confissão.

Maravilhou-se o Reitor do que ouvia, pois "para andar naturalmente tantas léguas eram necessários alguns meses".

"Passaram-se alguns tempos e correu voz em São Paulo que perecera o clérigo naquele deserto, prossegue Fonseca.

Anojaram-se os parentes; e o que mais sentiam era noticia da morte ao seu parecer infeliz, pois lhe dava poucas esperanças de sua salvação por que sabendo que não fora muito ajustada a sua vida entendiam que tinha acabado sem o remédio, que no sacramento da confissão deixou Cristo a todos, que, conhecendo-se enficionados com a culpa, se querem dispor para a eternidade" .

Sabedor de tal desgosto mandou o Reitor ao próprio Belchior de Pontes fosse visitar aos irmãos de Pompeu: o capitão-mor Pedro Taques de Almeida e Lourenço Castanho Taques "aos quais consolou com a certeza de que o Padre Pompeu, ainda que desamparado morrera confessado e contrito de suas culpas".

Declarou o biógrafo de Belchior de Pontes que no cartório do seu Colégio não encontrou notícia alguma a respeito deste caso de bilocação de seu biografado, mas que nele persistia vívida a tradição de tal milegre. Este, no dizer de Pedro Taques, se realizou pelos anos de 1681. A contraprova de tão extraordinário fato assim a narra o Padre Fonseca:

"E' tradição, comum que passando pelo mesmo lugar em que morreu o clérigo, alguns homens dos muitos que por aquela parte andavam ao gentio, viram junto a uma árvore um breviário sobre um altar feito de varas, e junto ao altar uma sepultura pouco funda mas bem povoada de ossos que, pela disposição, entenderam serem relíquias de corpo humano.

Visto isto, tiveram curiosidade de visitar o terreno e acharam escritas em uma casca de pau estas palavras: *Aqui jaz enterrado o Padre José Pompeu confessado pelo Padre Pontes.*

Aproveitando os relatos de Manuel da Fonseca e Pedro Taques incumbimos o belo pintor que é Franz Richter da fatura de dois trípticos ilustradores desta tradição monçoeira e de fundo sacro.

E o artista desincumbiu-se perfeitamente do encargo, representando as cenas da desavença entre o Padre Pompeu e o Bispo, a navegação no Tietê do clérigo rebelde ao seu Prelado, o seu desamparo na ilha do Paraná, a volta do Padre Pontes ao Colégio de S. Paulo, a cuja porta viera recebê-lo o Reitor, a confissão do abandonado e, finalmente, o encontro por bandeirantes da ossada e da inscrição.

Não há no Estado de S. Paulo quem não reverencie a memória do franciscano Frei Antonio de Sant'Ana Galvão (1739-1822) cujo túmulo na capela-mór da Igreja de Nossa Senhora da Luz é alvo de contínuas e vultosas romarias. Tal a fama de suas virtudes heróicas e tal a consistência da crença de seus direitos a honra dos altares que o Cardeal Dom Carlos C. de Vasconcelos Mota, Arcebispo de S. Paulo, resolveu mandar proceder aos primeiros atos da introdução de sua causa perante a S. S. Congregação dos Santos Ritos.

Prende-se o nome de Frei Galvão à história das monções por fato universalmente divulgado entre os paulistas e do qual há algumas variantes mas que em essência vem a ser o mesmo. Do chamado "milagre do Po-

tunduba" ouvimos dos labios de saudoso amigo versão notavelmente autorizada.

Era lituano e chamava-se João Evangelista Pompéu de Campos (1864-1938). Nele contava a causa de Frei Galvão, extênuo defensor.

Era este homem cavalheiro perfeito, probo, sincero e verídico, inteligente e piedoso, dotado de notável memória e verdadeira paixão pelas tradições de seus maiores. Das crônicas das navegações do Cuiabá conhecia uma infinidade de fatos.

No tempo de sua atividade de plantador de café, nas barrancas do Tietê, fora várias vezes a Potunduba, à margem do rio das entradas e monções, visitar o local onde, no dizer geral da gente de todo o vale, operara-se um dos mais célebres milagres de Frei Galvão: a sua súbita aparição a confessar Manuel Portes ferido de morte.

Isto o fizera ainda pelos anos do Império. Mais tarde conseguira, de diversos devotos, recursos para a edificação de singela capelinha no local dantes assinalado por tosco cruzeiro, onde ocorrera a prodigiosa cena.

No bairro de Potunduva, contou-nos João Pompéu, todos os moradores viviam do tráfego das monções. Era como que lá existisse uma escola fluvial no meio do sertão bruto.

Entre os mestres, de monções de fins do século XVIII, era especialmente prestigioso Manuel Portes, graças à ordem que sabia manter entre suas tripulações, o rigor com que executava as encomendas e a escrupulosa fidelidade da entrega de dinheiro e mercadorias.

Era um mamaluco de prodigiosa energia, hercúleo e violento sobremodo propenso a deixar-se arrebatar pela cólera. Seus subordinados muito o temiam, pois não trepidava em castigá-los rudemente.

Vivendo desde pequeno na *carreira* do Tietê conhecia admiravelmente todos os passos difíceis da navegação do grande afluente do Paraná e dos demais rios além deste.

Também era exigentíssimo para com o seu pessoal que tremia ante suas cóleras furiosas e a distensão dos biceps formidáveis.

Vinha conduzindo a monção reiuna subindo rumo a Porto Feliz. Tinha queixas de desídia de um de seus homens certo Apolinário, caboclo meio indolente e pouca afeito à disciplina férrea do mestre. Já o repreendera várias vezes e o ameaçara e o homem se humilhara mas não se emendara. Abicados os canoões à barranca do Tietê e desembarcadas as equipagens, para o jantar, pusera-se Manuel Portes a fazer a costumeira revista e ronda diária. E aí apanhara, novamente, o caboclo em falta.

Deixara-se então levar a uma de suas cóleras furibundas. Tomando uma açoiteira chibateara rijamente o remeiro que aliás não se defendera.

Pouco depois estava Portes conversando com um de seus homens quando inesperadamente sentiu forte murro às costas. Voltando-se viu Apolinário que fugia, a correr, empunhando enorme facão. Terrivel fora a punhalada não tardando que o apunhalado caisse prostrado por violenta hemorragia.

Pusera-se então, no auge do desespero, a gritar: Meu Deus! morro sem confissão! Virgem Mãe de Deus, perdão! perdão! Senhor Santo Antônio pedí por mim! Confissão! Vinde frei Galvão assistir-me!

De todo os lados acudiam os seus comandados e dentro em breve estava ele moribundo, já com a voz muito sumida, a pedir a presença de padre, a chamar por Nossa Senhora e os santos de sua devoção.

Cercavam-no os homens da monção impressionados com aquele desespero piedoso. Onde naquela selva arranjar confessor que confortasse o moribundo? Subitamente, gritou um dos circunstantes, aí vem um padre! E todos, absolutamente estarrecidos, viram um franciscano que se adiantava para o agonizante. Nele reconheceram Frei Galvão, cuja figura lhes era familiar como frequentadores de Itu que todos eram.

Afastou com um gesto os espectadores da trágica cena, abaixou-se, sentou-se, pôs a cabeça de Portes sobre o colo e falou-lhe em voz baixa, encostando-lhe depois o ouvido aos lábios. Assim ficou alguns instantes, findo os quais abençoou o expirante.

Levantou-se então, fez um gesto de adeus e afastou-se de modo tão misterioso quanto aparecera deixando estáticos os presenciadores de tão estranha ocorrência, certos de haverem presenciado um milagre.

No porto de Potunduva sepultou-se Manuel Portes, informou-nos João Pompéu e os seus homens assinalaram-lhe o túmulo erguendo grande e tosco cruzeiro que se manteve muito tempo e foi diversas vezes substituido até que no local se levantasse a capelinha de Frei Galvão ali desde muitos decênios existente e piedosamente conservada por vizinhos.

O primeiro retrato do santo franciscano nela colocado foi dádiva do nosso saudoso amigo e informante.

Todas estas particularidades, contou-nos, ouvira-as várias vezes e perfeitamente coincidentes, dos velhos canoeiros do Pau Cavalo, porto fluvial do município de Tietê.

Entre estes canoeiros encontrou J. Pompeu, pelos anos de 1884 diversos embarcadiços das monções de outrora, vários deles octogenários como alguns cujos nomes citou e dos quais nos lembramos dos de Vicente da Silva, conhecido pela antonomásia de *Bugre Velho,* guia, João Cardoso, piloto, etc.

O que impressionara o nosso informante era a coincidência dos depoimentos destes homens rudes, transmissores de relatos de origem paterna e avoenga. O que dêles ouvira no Pau Cavalo fora o que lhe repetiram em Barra Bonita, Banharão, Quebra Pote em Porto Feliz, ponto inicial da navegação fluvial tieteense.

Enorme divulgação teve o caso do assassinato de Manuel Portes. Todas as monções, as que baixavam e as que subiam, passaram a aportar no local do crime, visitando-o com toda a curiosidade.

Este caso é certamente uma das mais vivazes tradições religiosas correntes entre os paulistas e talvez o mais notável caso de bilocação atribuida ao santo franciscano. Ja era corrente quando ele ainda existia, contou-nos Monsenhor Francisco de Paulo Rodrigues, o tão prestigioso "Padre Chico", notável orador sacro, sacerdote da mais alta reputação.

Hagiologia coordenada brasileira de vulto só conhecemos uma em nossa bibliografia: a de Manuel E. Altenfelder Silva o volume dos *Brasileiros herois da fé,* livro tão interessante quanto repassado de incon-

fundível fé. Só poderia tê-las traçado um convicto da exação daquilo que redige.

Relata Altenfelder Silva, o fato em versão diversa da que ouvimos de João Pompéu, muito embora, em essência, seja o caso o mesmo.

Descreve-o como havendo ocorrido na mesma Potunduva e com o mesmo Manuel Portes. Conta, porém, que este faleceu de desastre e não vítima de crime.

Ferira-se atrozmente com o facão com que roçava. Vendo-se acabar pela hemorragia, pedira a Deus que lhe enviasse Frei Galvão para o o confessar e aos companheiros que se afastassem do seu rancho onde o padre o viria logo assistir, circunstância que lhes fez supor estivesse delirando.

Naquela mesma hora, contam Altenfelder e outros depoentes, pregava Frei Galvão numa Igreja em S. Paulo. Subitamente, interrompera o sermão e pondo-se de joelhos, pedira ao auditório que com ele rezasse uma Ave-Maria pela salvação da alma de um enfermo em ponto de morte e em lugar longínquo: Finda a oração levantara-se de novo recomeçando a prática.

Quer-nos parecer que todas as versões sobre o assassínio e morte de Manuel Portes e o milagre atribuido a Frei Galvão a que de maior autencidade se reveste é a de João Pompéu.

Homem inteligente, instruido e viajado, tradicionalista apaixonado, pessoa de integral probidade, impecavelmente verídico, como tanto o conhecemos num lapso de quinze anos, ouvimo-lo várias vezes repetir o que apurara de indagação entre os velhos canoeiros do Tietê como o *Bugre Velho*, contemporâneos das monções e navegantes de Porto Feliz a Cuiabá.

Os monstros do Tietê, estes por larga cópia de anos infundiram pavor aos navegantes.

Já no século XVI revelara Ulrico Schmidel, o famoso aventureiro alemão, tão celebrado nos fastos do Prata e do Paraguai, a existência das tremendas serpes anfíbias cujos antros eram o fundo do rio.

A serpente tieteense, conta-nos o soldado teuto, media nada menos de uma braça de diâmetro! Verdade é que não se avistara com semelhante trasgo zoológico, mas a coisa lhe fora contada por muito conscios informantes, explicou, prudentemente, aos leitores, acaso céticos.

A minhocões imensos também se refere o bom Juzarte. Gravemente alude aos perigos do "passo de Piratarac", a jusante do salto de Avanhandava, "grande estirão de rio morto", muito fundo e de águas negras, "muito fúnebre e triste de que os antigos temiam muito porque diziam que ali havia um grande bicho".

Para o lendário das monções concorreu Lacerda e Almeida com uma contribuição de relativa importância, embora curiosa.

Do proeiro e da tripulação do seu canoão diz-nos que eram muito supersticiosos. O primeiro falava-lhe constantemente na existência das mães d'água nos poços profundos dos rios. Eram elas quem levantavam grandes ondas e faziam a muita bulha escutada da profundeza dos grandes caldeirões. Devia-se-lhes a morte de muitos homens.

A tal propósito, filósofa o cientista: como é dificultosa empresa o desaferrar das suas opiniões a homens rústicos! E também a muitos sábios logo que são presumidos!

Tradição corrente entre a marinhagem monçoeira era que no poço do Banharon vivia um bicho marinho ou peixe grande que levantava ondas atemorizadoras dos navegantes. Dai o nome que fora imposto ao lugar e à cachoeira vizinha derivada de *bae*, coisa e *nharon* bravia.

XX

CARTOGRAFIA DAS MONÇÕES DOS SÉCULOS XVII E XVIII

A cartografia das monções é assaz abundante se considerarmos o grande número de mapas de diversos aspectos que procuram dar idéia das regiões trafegadas pelas esquadrilhas fluviais.

Mas aquela a que reveste relativo valor científico, apreciavel, abrangendo o percurso das flotilhas de Araraitaguaba a Cuiabá apresenta-se-nos realmente muito escassa.

Existe grande número de *topografias,* como no tempo se dizia, maiores e menores, procurando descrever o curso dos rios e os itinerários de tais jornadas que nas cartas de conjunto vêm a ser muito poucas.

Pelo menos as que se acham assinaladas em nossos acervos arquivais. Muito interessante é o "Mapa do Continente das Capitanias de Mato Grosso e de São Paulo, com a configuração mais exata, até agora, de todas as terras, rios e serras, principalmente dos dois caminhos; um pelos rios, outro por terra, de S. Paulo para o Cuiabá".

Data de 1764 e o seu autor, aliás anônimo, previne que "na graduação de Norte a Sul não poderia haver grande diferença, por ser feito por observações de Astrolabio e na de Leste, a Oeste, posto que tem menos segurança se fêz a diligência possível para não discrepar da verdade".

Após este aviso, filho de probidade e da ingenuidade, avisa o geógrafo que localizou os poucos das monções com figuras circulares de carmim principiadas na Araraitaguaba e continuando numeradas pelos rios, Tietê, Paraná, Pardo, Camapoão, Coxim, Taquari, Paraguai, Xanés, Porrudos e Cuiabá, finalizando junto da vila deste nome".

E com efeito fixado o primeiro pouso acima da confluência do Capivari com o Tietê localiza-se o vigésimo quinto em Itapura, o 72º em Camapuan, o 91º na confluência do Taquari e o Paraguai e o centésimo décimo nono no porto de Cuiabá.

Pertence este documento à mapoteca do Itamarati.

O seu similar se deveu a Lacerda e Almeida, em jornada inversa. O original desta notável peça possui-o a mapoteca do Museu Paulista.

Parece estar incompleta faltando-lhe uma folha, a que se refere à navegação do Paraguai, Porrudos e Cuiabá.

Mas talvez não haja ela sido confeccionada pelo ilustre astrônomo brasileiro.

O arquivo do Ministério da Guerra possui outro exemplar deste mapa, aquarelado e assinado por Lacerda e Almeida.

Intitula-se: "Mapa do Leito dos rios Taquari, Coxim, Camapuan, Varador (sic) do Camapuan, Pardo, Paraná, Tietê e caminho de terra desde a freguezia de Nossa Senhora May dos Homens de Araraitaguaba até a Cidade de S. Paulo que por ordem do Ilmo. Exmo. Sr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres levantou nos anos de 1788 e 1789 Francisco José de Lacerda e Almeida, Dr. e Astrônomo" (0m64 x 2m,50).

Topografias setecentistas, grosseiras, da região monçoeira são assaz abundantes. Tivemos o ensejo de reproduzir uma em nossa *Coletânea de mapas da antiga cartografia paulista.*

O famoso mapa de Montesinho termina para o lado do oeste na confluência do Mboteteú e Paraguai.

Atribui este geógrafo a jurisdição de São Paulo o extremo sul de Mato Grosso, reminiscência da extraterritorialidade criada com a fundação do lóbrego presidio de Iguatemi batizado os Prazeres.

Data de 1791-1792 tal carta, que tão grandes serviços prestou às pretensões brasileiras no litígio de Missão. Seu original conserva-se no arquivo do nosso Ministério das Relações Exteriores. Fê-lo reproduzir o Barão do Rio Branco e acha-se também em nossa *Coletânea.*

Nas mesmas condições de truncamento está a *Carta Corográfica da Capitania de S. Paulo* que como a precedente incluimos em nosso modesto atlas. E' de 1793 e parece da autoria de João da Costa Ferreira, prestantíssimo Coronel do Real Corpo de Engenheiros que à Capitania de S. Paulo prestou os mais relevantes serviços em largo prazo de talvez um quarto de século.

Não só lhe deve muito nossa cartografia. Foi quem concebeu e executou os grandes trabalhos do empedramento do Caminho do Mar na Serra de Paranapiacaba, obra do maior vulto na época e pensamos que a primeira no gênero realizada no Brasil. Também se lhe deveu o primeiro grande chafariz público de que dispôs a Cidade de S. Paulo, o da Misericórdia, cuja fatura levou o Senado da Câmara local a endereçar-lhe arroubados louvores e agradecimentos.

O original do mapa atribuido a Costa Ferreira pertence ao Ministério da Guerra.

Dos antigos roteiros fluviais do Tietê e do Paraná, nenhum dos que, até agora, divulgaram é tão velho e tão pitoresco quanto o *Mapa apresentado à Sua Majestade por D. Luiz de Cépedes Xeria, para la mejor inteligencia del viaje hizo desde la villa de San Pablo del Brasil à la Ciudad Real del Guayrá.*

E' talvez a mais antiga carta conhecida da penetração do Brasil e o primeiro documento existente da nomeaclatura geográfica do planalto parananiano. Está cheio de denominações até hoje persistentes.

Denunciou-lhe a presença no Arquivo General de Indias em Sevilha o sábio Pablo Pastells, S. J. em sua *Historia de la Compañia de Jesus en la Providencia del Paraguay.*

Nele não há o menor vislumbre de proporções e escala. E ainda menos de coordenadas geográfias, acidentes orográficos ou quaisquer outros.

7

Resume-se ao delineamento, o mais arbitrário, do curso, todo, do Tietê e de parte do Alto Paraná.

Nem sequer se lembrou o topógrafo de conservar certa relação entre os volumes dos dois rios.

O Tietê se nos apresenta tão largo e às vezes bem mais largo que o Paraná.

Assinala o autor numerosos nomes de afluentes dos dois caudais. Vários dos do Tietê perderam os apelidos inscritos no *boron* cespediano. Diversos dos grandes tributarios da margem esquerda do Paraná trazem nomes hoje vigentes como sejam Paranapanema, Ivai, Pequiri, etc.

Assim também ficamos sabendo que já em 1628 tinha o Paranaíba o nome atual.

O grande esclarecimento que a carta de Céspedes nos traz é que a navegação do Tietê, do Sorocaba e do Paraná era corrente em princípios do século XVII.

Daí a facilidade em se admitir a possibilidade das primeiras expedições paulistas, exploradoras do território hoje motogrossense por via fluvial, de que nos falam os velhos cronistas.

Ao *boron* de Céspedes fizemos copiar em 1917, por hábil cartógrafo sevilhano indicado pelo eminente membro da Academia Real Espanhola, Dom Santiago Montero Diaz.

Mais tarde em 1922 fizemo-lo mais uma vez reproduzir em nossa *Coletânea.*

Observa Melo Nobrega, com justeza que muito poucos cursos d'água brasileiros têm tão antiga e abundante cartografia quanto o Tietê.

"Ao tempo em que o traçado do Amazonas, do São Francisco e do Paraná eram apenas conhecidos ou somente em alguns trechos levantados o Tietê quase inteiro, grosseiramente embora já poderia dobrar-se nas patronas dos aventureiros que o quisessem navegar assinalando-selhe as cachoeiras e os estirões."

Há considerável exageração nesta afirmativa, provinda da disparidade do comprimento entre o rio paulista e os outros caudais apontados, incomparavelmente mais extensos. Só em território brasileiro conta o Amazonas mais de três vezes a extensão do Tietê e no entanto já em fins do século XVII fora o objeto de muito notável levantamento o do Padre Samuel Fritz e mais tarde, em 1743, o de La Condamine. Citemos ainda os de Schwebel, Sturm, Breuning, o do astrônomo Pe. Inácio Semartoni em 1754, etc., etc.

A hidrografia francisquense, antiga, esta se apresenta realmente muito escassa. No famoso mapa do Padre Jacques Cocle, que data dos últimos anos seiscentistas, ou talvez dos primeiros milésimos setecentistas, o que se vê é quase tão fantasioso quanto o que o *boron* de Céspedes nos inculca do curso do Tietê.

As cartas jesuíticas do Paraná dos séculos XVII e princípios do século XVIII não primam pela exação, sobretudo no que se refere ao chamado Alto Paraná.

Cabe ao rio paulista a prioridade de ter sido o alvo da primeira tentativa do levantamento hidrográfico do nosso *hinterland,* nascido

da áspera navegação de suas águas escachoantes e atravancadas, realizada pelo Capitão General espanhol em 1628.

Não nos podemos deter em examinar o que nos ensinam os velhos mapas, de pequena escala, do Brasil e da América do Sul, ocorrentes nos antigos atlas ou isolados e inculcadores de inúmeros disparates geográficos.

Basta lembrarmos que muitos e muitos dos antigos geógrafos de várias nacionalidades estabelecem a maior confusão entre o Tietê e o Paraíba do Sul.

Vários há que em suas cartas inscrevem volumoso rio que passando pela vila de São Paulo vai desembocar na vizinhança ou na contiguidade de Cabo Frio.

Ainda em 1703, Guilherme de l'Isle, reputadíssima autoridade de prestígio mundial, geógrafo mór de Sua Majestade Cristianíssima inculcaria ao Rei Sol que a foz do Tietê era em Cabo Frio!

Tão sumários ainda em 1750 os conhecimentos geográficos do *hinterland* brasileiro que o famoso "Mapa das Cores" nascido do tratado de Madrí e solene documento da bipartição da América do Sul entre as duas coroas ibéricas consignaria muito errada potamografia, a que, andou corrigindo o ilustre Levasseur por incumbência do Barão do Rio Branco.

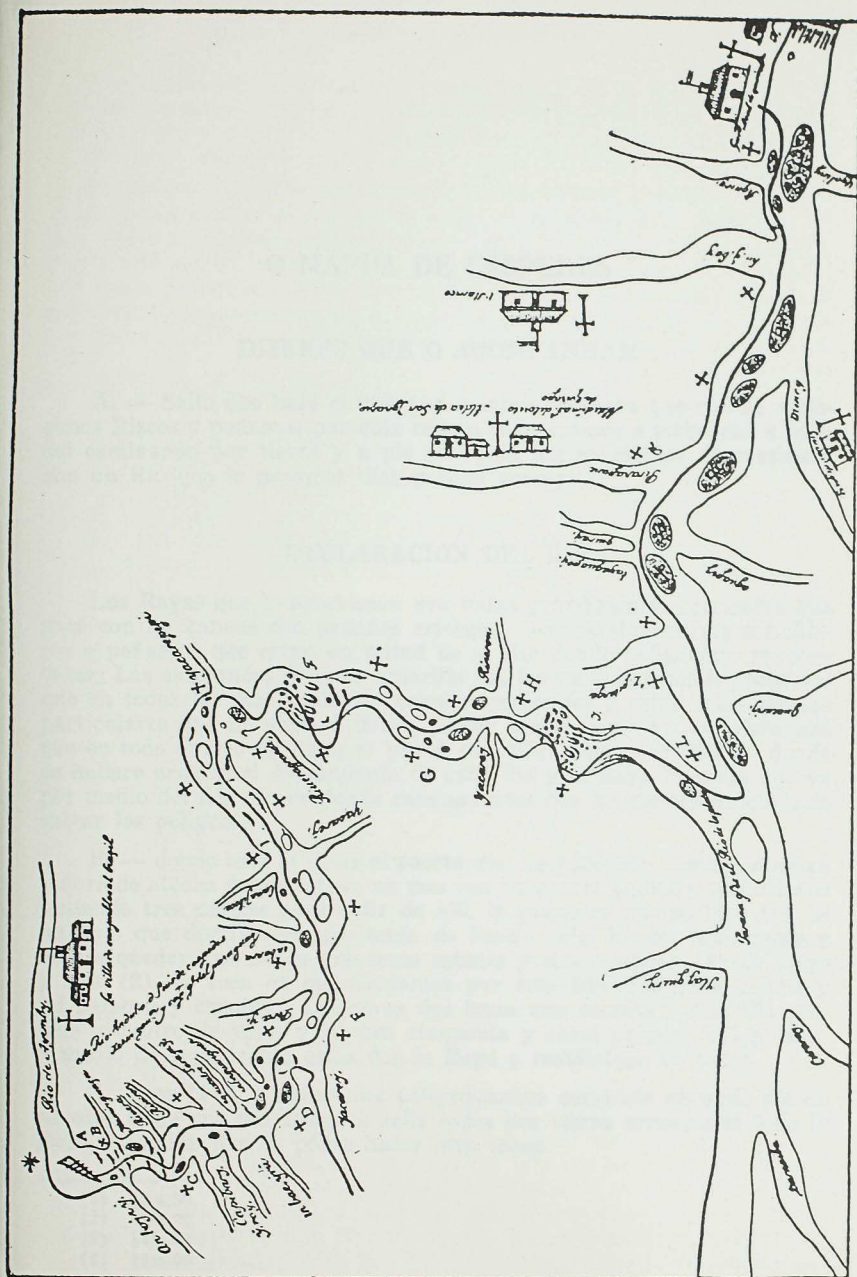
Carta do Capitão General Governador do Paraguay, Don Luís de Céspedes Xeria a Felipe IV sôbre a sua navegação no Tietê e no Paraná (1628)

"Por tierra y a pie por ser camino que no se pueda andar de otra manera con ynfinitos travajos de llubias y Rios que passamos llegué a uno donde estuve un mes haciendo embarcaciones de palos grandisimos; hize tres y la que yo benia fue de un palo que tenia ocho brasas de meda (1) vino a quedar despues de labrado gueco por dentro y echo a modo de un gran barco luengo de setenta y cinco palmos (2) de largo y seys palmos de boca (3) veniamos dentro della sinquenta yndios que remavan y mi persona y criados, las otras dos eran la mitad menos donde benia al sustento nuestro y de los yndios; sali de aquel Rio treynta y dos dias con grandisimos riesgos cada uno de perderme por sus grandes corrientes y saltos que haze el agua en muchas partes; andube ocho dias por el Rio grande de la Plata donde entré por este otro, ay embio a vuestra magestad todo aquel Rio que andube y lo que he andado de este hasta llegar a este guayra en un boron que bine haciendo con tintas de yervas vuestra magestad lo vea y luego, como tan christianisimo oyga lo que le boy diciendo de esta tierra donde me hallo!. *Archivo General de Indias en Sevilha — Estante 74, Cajón 4, Legajo 15 Carta del gobernador del Paraguay Don Luis de Cespedes Xeria a Su Magestad dando cuenta de su llegada al Brasil y de su viaje por tierra desde San Pablo a la ciudad de Guaira haciendo relacion del estado de esta tierra y de los rios y terrenos que atravesó para lo qual acompaña un mapa donde se indica su derrota.*

Guaira 8 de noviembre de 1628

(O mapa de Cespedes reproduzido parcialmente na obra de nossa autoria *Na era das bandeiras*, em 1929, foi na íntegra e facsimilarmente impresso no volume I de nossa Coletânea de mappas de cartographia paulista antiga).

---

(1) 5m.60 de diâmetro.
(2) 16m.50
(3) 1m.32

O Mapa de Céspedes — (nota nas páginas seguintes)

O MAPPA DE CÉSPEDES

DIZERES QUE O ACOMPANHAM

A. — Salto que hase el rrio por nombre cachuera que cae de Altissimos Riscos y peñascos por cuia caussa nos venimos a embarcar a bazo del caminando por tierra y a pie quarenta leguas camino fragossisimo con un Rio que le pasamos diez y ocho vezes;

DECLARACION DEL RIO

Las Rayas que le atraviesan son todas grandissimas corrientes que pasé con las canoas con grandes rriesgos. Los puntos negros son Riscos e peñascos que estan en mitad de el Rio donde peligramos muchas vezes; Las es grandes de color amarilla són las yslas por donde passamos que en todas las mas teniamos grandes corrientes y estas solas son las particulares que no subiera donde pintar tantos como ay — adviertase que en todo el rrio ay Raya ni punto superfluo sino la verdad — donde se hallare cruz es el Alojamiento de cada dia y la Raya bermeja que va por medio del Rio es por donde caminavamos con las canoas procurando salvar los peligros.

B. — donde esta la C, es el poerto que les puse por nombre nuestra señora de atocha donde estuve un mes con cinquenta yndios y mis criados haziendo tres canoas para salir de alli, la primeira que se hizo fué de un palo que derrivamos que tenia de Ruedo ocho brasas labramosle y vino a quedar una canoa que tenia setenta y cinco palmos (1) de largo y seis (2) de voca en que veniamos por este Rio cinquenta yndios y mi persona y criados. Las otras dos tenia una sesenta y seis (3) palmos y quatro de voca, y la otra cinquenta y cinco palmos, (4) y tres y medio de voca traian estas dos la Ropa y matalotage de todos.

C. — en la C, tuvimos una peligrosissima corriente segundo dia de nuestro biaje que nos obligó a salir todos por tierra arresgando toda la Ropa y comida por no póder hazer otra cossa.

---

(1) 16m.50
(2) 1m.32
(3) 14m.52
(4) 11m.00

D. — en la d, es un peligroso salto que haze alli el Agua donde sacamos la Ropa en tierra y las canoas las echamos por el a Riesgo de haszerse mill pedaços entre aquellas peñas. en el Rio sopoy esta una hacienda de san pallo por donde basan canoas aqte Rio.

E. — en la E, esparase donde haze el grandissimas corrientes.

f. — en la f, es un gran salto que haze el Rio por sima de grandissimas peñas, por cuya causa saccamos las canoas por tierra por ser imposible yr por el Rio y se bajaron dos mil pasos, su nombre propio es abayandaua donde se nos atrabeso una canoa entre dos peñas despues de aver laborado los dichos pasos sin ser poderoso a poderlas sacar con cinquenta yndios y los dos los que veniamos acomodámonos lo mejor que pudimos.

G. — en la g, es un salto trabajosissimo adonde sacamos toda la Ropa y comida para la poner fuera de Riesgo.

H. — en la h, es un salto peligrossimo (sic) donde sacamos de las canoas la Ropa y comida por sima de peñascos y corrientes mas de media legua y adviertase que des de el salto grande de abayandava hasta aqueste de ytapira todo es grandissimas corrientes, peñascos y Riscos por donde veniamos todos los dias desnudos y embujando para las canoas y teniendolas per que no se haziessem pedasos y otras veses echandolas alagua con palancas.

I. — es un gran salto que haze el Rio por sima de peñascos por cuya causa se sacaron las canoas obra de mill y quinientos pasos;

L. — en la l, es el fin del Rio ayemby, y adonde entra en el Rio de la Plata, en la barra del qual estan junto a unas (sic) ysla grandissimos Remolinos de agua y de mucho peligro para las canoas donde me desembarqué con toda mi gente siendo por tierra gran pedaço, y las canoas por este peligro. Caminamos por este Rio de la plata seis dias con feliz viage por ser limpissimo todo hasta el Rio donde está la m que es muy grande donde tiene su mag. dos grandes pueblos de yndios que habia en ellos entre hombres mugerez e hijos doze mill Almas dotrinandolos los padres de la comp.ª jurisdicion de mi govierno. A la qual barra llegué dia de nuestra.

M. — señora de setiembre que fué en el que Recinaci vautisandome mis padres, de aqui navegué por el missmo Rio de la plata ocho dias hasta llegar a la ciudad Real de guaira donde fue Recivido por governador y capitan general como su mag. manda.

N. — en la N, es un salto grandissimo que haze el dicho Rio de la plata que siendo de legua y media de ancho bá angostandose hasta venir a ser de modo que se puedem Rozar de una parte a outra una piedra y es tal el Ruido que haze que estando en la ciudad Real de guayra tres leguas y media se oye en ella como si estuvieram de bajo del;

Y. — todos estes Riesgos que aqui digo que tuvimos son por maior que no quiero poner los que veniamos dando cada por y es cierto que la virgen sanctissima de atocha de quien yo soy muy deuoto y todos lo fueron en esta ocacion nos sacó dellos milagrosamente y assi lo tengo por fé porque commigo en el discurso de mi vida a hecho tres milagros patentissimos dandome muchas ayudas en mis nesesidades,

tiene este Rio por donde venimos hasta entrar en el de la plata tanta abundancia de pescado dorados y otros generos que quando llegavamos al alojamiento se llenava tanto cogido a ansuelo que comiamos todos y sobraba por ay:

tambiem tiene grandissima suma de cassa, muchos tigres, leones, muchissimas antas que matamos con que veniamos comiendo carne por ser como de baca mucha pazareria de diversas colores.

LA INTERPRETACION DE LOS DICHOS RIOS:

Ayemby, quiere dezir Rio de unas aves añimas
ytamiriguaçu, Rio de piedras chicas y grandes
mboy, rij — Rio de las quentas
Rivera — A Royuelo
Capibary, Rio de las capibaras
y, roy, — Rio frio
sarapoy, — Rio de un peje llmado sarapo
y, equacatu — Rio sin peligro
mbaguariguien — vomitado de un pasaro
yacarey, Rio de lagartos
piray, — Rio de pexes
mbae, e y ry, — Rio capax de alojamiento
camasiboca, Rio de las camajibas de que hazen frechas
yacarepepi — Pestaña de lagarto
guacuri y, Rio de umas palmeras
y, pitanga — Rio colorado,
tayaguapoy, Rio de onzas
guiray, — Rio de pasaros
aguapey, Rio de hojas
paranapane, Rio sin pescado
miney, Rio que no corre
huy, bay, Rio de canoas
piquiry, Rio de las mozarras
ygatimy, Rio de proa ajuda.

RELATOS MONÇOEIROS

NOTÍCIA 6ª PRÁTICA

E relação verdadeira da derrota e viagem, que fez da cidade de São Paulo para as minas do Cuiabá o Exmo. sr. Rodrigo César de Meneses governador e capitão general da Capitania de São Paulo e suas minas descobertas no tempo do seu governo, e nele mesmo estabelecidas.

Da Coleção do Padre Diogo Juares, S.J.
(Códice da Biblioteca de Évora.)

1. — Em 7 de julho de 1726, domingo de manhã depois de ouvir a missa no convento de São Francisco, saiu sua excelência da cidade de São Paulo acompanhado de alguns oficiais de guerra e pessoas principais e que despedido da Aldeia dos Pinheiros, trazendo só em sua companhia as de sua comitiva e alguns oficiais mais, e veio dormir à Vila de Parnaíba, jornada de 7 léguas. Fica esta Vila na fralda de um morro que rega o rio Tietê, que passa pelas vizinhanças de São Paulo e não obstante o ser muito caudaloso, é inavegável com canoas até a Vila de Luí pelas muitas pedras que tem com um grande salto.

2. — Na segunda-feira, a 8 de julho, saiu de Parnaíba e foi dormir no distrito de Aracariguama, aonde se falhou um dia, que foi o da terça-feira para se passar nele as ordens que havia de levar para o novo descobrimento do Certão de Goiás o Capitão Bartolomeu Bueno da Silva, que no mesmo tempo partia para aquele sertão com uma tropa e com ordens para mandar abrir o caminho daquelas minas para as do Cuiabá, aonde se determinava também fazer a mesma diligência andaram 4 léguas.

3. — Na quarta-feira, se seguiu viagem com grande moléstia por causa dos excessivos calores daquele dia e pelas 5 horas e meia da tarde chegou o dº Sr. com todo o acompanhamento à Vila de Itu, saindo fora dela meia légua a Nobreza, com a maior ostentação que lhe permitia a terra, a busca-lo. Andaram-se neste dia 7 léguas.

4. — Nos dias 11, 12, 13 e 14, que se contaram domingo, se dilatou sua exc., os dias de quinta, sexta e sabado na Vila de Itu expedindo várias ordens pertencentes ao Governo e fazendo conduzir algumas cargas de mantimentos necessários para a viagem, e no dia 14 em que saiu da Vila de Itu, chegou a Aratiguava: caminhou-se neste dia 5 léguas.

5. — Na segunda-feira, 15, se passou o tempo todo e parte do dia seguinte em expedir várias ordens pela secretaria de Estado, e despa-

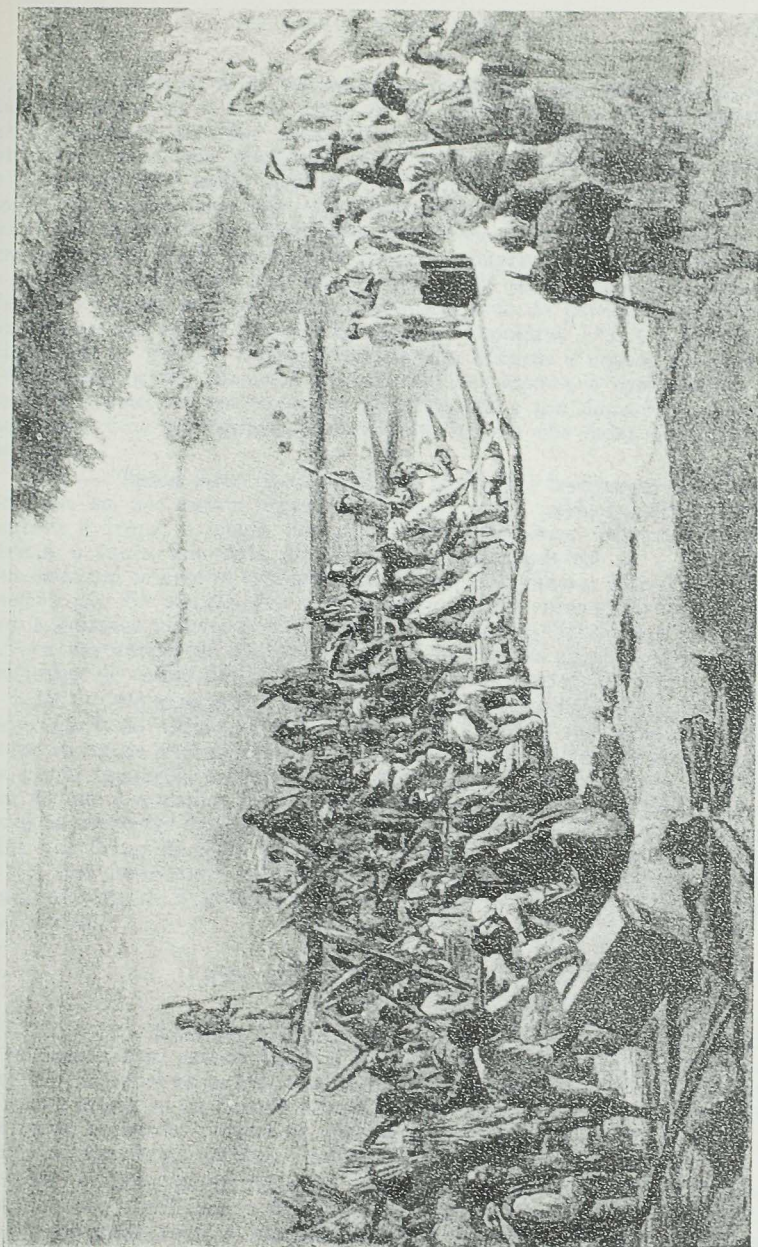
char também alguns requerimentos de partes, apresentando-se no mesmo tempo as canoas, conduzindo-se e embarcando-se os mantimentos e expedindo-se outras coisas pertencentes à viagem, vencendo-se em tão pouco tempo trabalho que duraria muitos dias se não fossem as ordens expedidas e executadas com tanto vigor e trabalho.

6. — Na terça-feira, 16 de julho, dia de Nossa Senhora do Monte do Carmo embarcou sua Exc. no Porto de Aratiguava seguindo e principiando viagem pelo rio tietê até abaixo. Constava a tropa das suas canoas e das várias pessoas que quiseram ir em sua companhia que perfaziam o número de 90.

RIO TIETÊ ABAIXO

7. — Prosseguiu-se a viagem pelo tietê, e nos dois dias seguintes até a Cachoeira Pirapora, onde se descarregaram as canoas e levaram com grande trabalho, passando-se as cargas às costas dos negros. Havendo-se já passado nos dois dias antecedentes algumas Cachoeiras e correntes com grande risco e trabalho, por serem cada uma delas um perigo continuado, aonde mesmo os pilotos, ou práticos perdem a cor e o ânimo por correrem ali as águas com tanta fôrça e violência, que se não salva nada do que cai nelas, sem que se aproveite o saber nadar pelas pedras despedaçarem tudo em um instante. Nesse dia afogou-se nesta passagem um homem branco, piloto do escrivão do R. Vig^o^ da Vara, que depois foi achado com a cabeça partida. Salvou-se milagrosamente um mulato.

8. — Aos 19, sexta-feira, se fez viagem pela manhã, divindindo-se as canoas em três tropas. A 1.ª a do Sr. e 3.ª se entregaram a dois cabos, Bartolomeu Bueno e Gabriel Antunes de Campos para irem separados e com menos confusão, dando mais lugar às outras nos canais e lugares apertados, como era justo.

9. — Desta cachoeira foi navegando a tropa pelo d°. tietê abaixo com grande trabalho e risco, e não menos sustos pela violência das águas e pelas muitas pedras, cachoeiras, cirga (?), itaipavas, contra-salto e despenhadeiros em que se descarregam as canoas e se arrastam por terra, e lançando-se depois ao rio, conduzidas as cargas às costas dos negros, sem que aproveite a vigilância a evitar o muito que se perde e se furta, se seguiu viagem, contando nesta os pilotos nos varadouros, um descarregadouro, e sessenta cachoeiras, cirgas (?), itaipavas e correntes que se não lhe pode dar número, sendo cada uma destas passagens um evidente perigo de vida, tanto que não tem havido tropa em todo o tempo que se tem navegado este rio, que há mais de cem anos em que se não perdessem canoas e afogasse gente; e neste ano pereceram das tropas que passaram o Cuiabá em Pirapora o piloto, de que já fiz menção, e na outra cachoeira que se lhe segue, uma mulher do reino, na do Pau Santo três negros e uma negra do alferes Duarte Pr.ª Itapanema Antônio de Barros Paiva, e na do fim deste reino, um moço, que vinha com Luiz Ribeiro de Faria.

A partida da Monção — Segundo Estudo — José Ferraz de Almeida Júnior — (Pinacoteca do Estado de São Paulo)

10. — Este rio é tão caudaloso e arrebatado, que navegando-se com tanto trabalho só se pode andar de dia pelas matas e pedras que tem atravessadas, e algumas escondidas, que me topando a canoa nelas, a viram com a mesma pancadas (sic) as sacodem e lançam fora a gente, e a que não sabe nadar experimenta maior risco; e por estas pedras e madeiros, que também têm atraveçados nos canais obriga a se navegar só de dia e depois de dissiparem os nevoeiros por se não virarem as canoas, porque ainda que a gente se salve, sempre o mantimento se perde e se molha a pólvora e sem uma e outra coisa se fica exposto a perecer de todo, por ser este um sertão muito afastado do povoado e com uma única roça que se fez a pouco tempo em Pitamduva (?), e o rio pouco abundante de peixe e o mais é que chegam brancos e negros aos pousos (?) e ranchos tão cansados que apenas lhes lembra o comer, além de suportar neste rio um excessivo calor de dia e um demasiado frio de noite com uma perseguição de mosquitos que os não deixa dormir nem descansar.

11. — Todos estes riscos, sustos e medos me trouxeram embaraçados, que me não deram lugar a fazer acento das paragens em que pernoitava a tropa, e menos dos nomes das cachoeiras, itaipavas, canais, cirgas, e funiz, que cada dia passavam, lembrando-nos se o risco, em que cada um se achava e procurando só dele o livrar-se. Por este mesmo motivo não fiz menção das canoas e tropas que vimos deixando atrás, por seguirmos viagem a todo o puxar. Neste rio três vezes estive: a 1.ª na correnteza de Itapanema, a 2.ª nas ondas grandes e a última cachoeira de escaramuça, de todas livres por misericórdia Bª.

12. — No sábado, 10 de agosto de 1726, saiu a tropa com as canoas de S. Excª. do último varadouro deste rio tietê e o findamos pelas três horas da tarde fazendo rancho na sua barra, que a faz no Rio Grande da ponte esquerda, estendendo-se, que teríamos navegado por este rio nos 26 que o andamos 520 léguas, fazendo conta as horas que se navegava às correntes das águas e velocidade das canoas, ainda que há quem diga que foram de 800. Atendendo as matas e grandes voltas, que faz o rio, que fosse dir.º (?) seriam sem comparação matas menos; mas sem embargo de o andarmos nestes 26 dias há tropas que gastão nele dois meses.

RIO GRANDE ABAIXO (2.º)

13. — No domingo, 11 de agosto se seguiu viagem pelo Rio Grande e se passou com grande susto e trabalho os caldeirões e redemoinhos, que faz por entre as pedras este caudaloso rio, passando por várias ilhas, coroas e areais se foi dormir à barra do rio Apeú em uma dilatada praia da parte esquerda, porque da direita anda o gentio, que é de certo o pior que tem estes sertões. Andar-se-iam neste dia 24 léguas.

14. — Na segunda-feira de madrugada antes de se seguir viagem mandou sua Excª. dar a todas as pessoas da sua comitiva, triaga de venia, havendo feito a mesma diligência no dia antecedente para os livrar a todos das malígnas doenças que nesta altura costumam dar nos

que navegam por este rio, e seguindo viagem se passaram algumas correntezas e escaramuças e por entre as várias ilhas que faz e tem este rio e pelas duas horas da tarde se chegou à fazenda de Manoel Homem, aonde se tomou algum mantimento a mão de nv.º a oitava e meia, o alqueire de farinha a dose oitavas e de feijão a dez e as galinhas a três oitavas.

15. — Na terça-feira, dia 13 de agôsto, se seguiu viagem pelo mesmo rio abaixo com bom sucesso e bastante trabalho e depois de passar pela barra do rio Verde, que vem da parte direita, fomos fazer rancho da mesma parte, já quase noite.

16. — Em 14, quarta-feira do dito mês se continuou a viagem, e pelas nove horas da manhã chegamos à barra do rio Pardo, que fica à mão direita, e deixando o rio Grande à esquerda seguimos viagem pelo Pardo. Este rio Grande entra no rio da Prata e depois de o deixarmos três dias de viagem se despenha aonde chamam de as sete quedas e se esconde e como por baixo da terra em uma larga distância. Este era o caminho por onde os paulistas saiam às conquistas dos gentios e descobrimentos das Minas Gerais.

RIO PARDO ACIMA

17. — Na quarta-feira, 14 de agosto, deixamos o rio Grande e entramos pelo Pardo subindo contra a sua grande corrente com excessivo trabalho, largando os remos e puxando às varas as canoas, aonde tomava pé e se foi continuando a viagem nos dias seguintes com bastante perigo e moléstia por causa das grandes correntesas e madeiros que se topavam.

18. — Na terça-feira, 20 do dito mês, chegamos às primeiras roças, que de novo se fizeram neste rio, e no de Camapoão; aqui encontramos as tropas que vinham das Minas do Cuiabá com o superintendente João Antunes Maciel, que vinha doente, e trazia em sua companhia os Quintos Reais, e se escreveu para Pavoado falhando-se no dia seguinte. Faleceu o dito Superintendente, pouco depois no Rio Grande.

19. — Na quinta-feira, 22 do dito mês, se seguiu viagem e deixamos à mão esquerda o rio chamado Nhandú-Amy, que faz barra neste, e vem do certão da Vacaria, passamos também outros ranchos que entram neste mesmo Pardo de uma e outra parte, com não pequeno risco e trabalho, por causa das correntes, pedras e paus que estão caidos e atravessados no rio, e em 29 do dito chegamos às segundas roças do Caijurú, e antes de chegar a elas achamos os seus roceiros em uma cachoeira tirando de baixo da água algumas coisas de duas pobres canoas que se tinham alagado, não havia muitos dias com bastante perda dos donos.

20. — Na sexta-feira, 30 do dito mês se continuou viagem com grande susto e risco pelas muitas correntesas e cachoeiras que havia e se foi dormir acima da cachoeira do Caiujurú.

21. — No sábado, 31 de agosto se prosseguiu viagem com semelhante risco e perigo pelas correntesas, itaipavas, secas e pedras que se

passam e se chegou pelas duas horas da tarde ao primeiro varadouro do Caijurú onde se descarregou e se vararam e passaram por terra as cargas para a outra parte do salto.

22. — No dia 1.º de setembro se continuou a viagem com não menos dificuldades e trabalho, e depois de passada a cachoeira grande, chegamos ao 2.º salto, no qual se descarregaram, como no 1.º, as canoas, e se passaram só as cargas para a outra parte.

23. — No 2.º se vararam as canoas e carregadas se seguiu viagem e chegando a uma grande cachoeira se levaram as canoas sem descarregarem, descarregando aqui a maior parte das tropas. Passamos depois outra mais trabalhosa, que cirgamos e nos arranchamos junto de um sítio em que só descarregadas as canoas e passadas as tropas não tivemos mais moléstias. Nesta tarde se avistou a tropa de Antônio de Sousa Bastos.

24. — Na terça-feira, três do corrente, se continuou a viagem e se foi dormir ao 3.º salto, aonde se achou Lucas de Barros Paiva, que teve neste rio, muita chuva e maiores correntesas que nos não causaram também a toda tropa pouco discomodo.

25. — A 4.º do dito se navegou com o mesmo cuidado, susto e receio pelas grandes correntesas, canais, pedras, voltas, jupias e caldeirões, em que é necessário levar as canoas a corda e a gente por terra, ou pela água. Chegamos pelo meio dia ao rio *Nhandu-mirim*, que fica da parte esquerda onde está a roça de Bartolomeu Fernandes dos Rios. Aqui se aposentou a tropa e se comprou mantimento m.º a 2 oitavas, o alqueire a 12.º de feijão o mesmo, e a dúzia de abóboras a oitava.

26. — A 5 do dito, se prosseguiu viagem e se foi dormir ao 4.º salto depois de se haver passado um descarregadouro e varadouro. Neste mesmo dia teve notícia do Ajudante João Roiz do Valle por um bastardo, que fugiu a Manoel José, e nos segurou que ambos ficavam atrás.

27. — Em 6 do dito, se fez viagem e se passaram muitas e trabalhosas correntesas, varadouros e descarregadouros e depois de se encontrar o filho de Cabral, e se escrever para o povoado por este último mineiro, se continuou viagem e se passou à parte esquerda.

28. — No sábado, 7 do dito mês, se prosseguiu viagem, partindo-se de madrugada e se passou um varadouro e duas cachoeiras com grande trabalho e lida e se foi pousar no mato junto à última cachoeira.

29. — Em 8 do dito, pelas cinco horas da manhã, se continuou viagem com muito trabalho pelas muitas correntesas e itaipavas que neste dia se passaram com evidente risco de vida e se chegou ao varadouro do *Curau*, onde se descarregaram as canoas e se trabalhou toda a noite assim brancos como negros.

30. — Em 9 se acabaram de passar as cargas e se vararam as canoas com grande trabalho pela mata, chuva que neste dia houve e carregadas as canoas a bom trabalhar se seguiu viagem pelo meio dia e se foi dormir no primeiro capão de mata da parte esquerda.

31. — Em 10, 11 e 12 se continuou a viagem partindo de manhã e andando até a noite sempre com moléstia e risco pelas muitas correntesas, canais, redemoinhos, jupiaz, funiz e caldeirões que faz este rio, com voltas tão arrebatadas e violentas que é preciso saltar a gente em terra

e levarem as canoas com duas cirgas, para poderem vencer a violência das águas e livrarem-nas das pedras de que estão cheios os canais. E neste último dia se foi dormir ao varadouro do Oliveira, onde chegou S. Exc.ª, já quase noite, e parte das canoas no dia seguinte com as da copa e cozinha, que o não puderam acompanhar no dia antecedente por ser cumprida a viagem e má a navegação.

32. — Em 13, se descarregaram as canoas, e se vararam, e passando-se as cargas às costas dos negros, se tornaram a carregar, e se seguiu viagem, e no primeiro Capão grande, que cerca o rio, junto ao último pau, que o atravessa, se achou embaraçado em uns cipós um homem morto, e se lhe não deu sepultura por se achar já com grande fétido, e se recear desse peste, em quem o enterrasse.

33. — Em 14, se seguiu viagem e se passaram dois varadouros, sendo o último o salto do Roque, em que se descarregam as canoas e se escreveu a Camapoão. A mesma viagem se continuou no dia 15, logo de madrugada e se passaram três cachoeiras sem se descarregarem as canoas, entrando nestas a do Furado, que fica no meio. Navegou-se este dia com grande trabalho, por ser preciso levarem-se as canoas às mãos e ir a maior parte da gente por terra, por causa das muitas e grandes correntesas, canais, redemoinhos, voltas e pedras que tem todo êste rio e se foi dormir no V.º *Capão* da parte esquerda.

34. — Em 2.ª feira, a 16 do dito mês se seguiu viagem e de madrugada se passou a cachoeira do rio *Vermelho* e se veio fazer pouso da parte da mão direita em um capão, que está entre o rio *Vermelho*. Neste dia chegou o próprio de *Camapoão*. O mesmo se fez em 17 seguindo-se viagem logo de madrugada e se passou uma cirga comprida e duas cachoeiras antes da barra do rio *Vermelho* que deixamos à mão direita e depois deixamos também da mesma banda, dois varadouros, que passamos sem descarregar mais que algumas cargas pesadas.

35. — Na quarta-feira, 13 do mesmo mês, se continuou viagem com grande trabalho assim pelos grandes calores que experimentamos em todo este rio, como por navegarmos por entre muitos paus caidos, que nos não deixavam passar sem excessiva moléstia assim para os arrastar, como para os cortar. Passamos neste dia dois varadouros descarregando neles as canoas e passando as cargas às costas dos negros com bastante perigo e trabalho pela má arrumação, que fazem já aqui as voltas deste rio, que por se ir rematando, são tão pequenas e estreitas que não (dão) lugar a nada. Enfim chegamos ao *Varadouro de Camapoão* e largamos o rio *Pardo* por não poderem nadar nele as canoas.

36. — Neste varadouro de canoas e cargas, morte de brancos e negros, consumo de mantimentos e destruição de tudo, a que com razão se pode chamar a linha desta viagem, se dilatotu a tropa onze dias assim para se descarregarem as canoas, como para se passarem as costas, distância de 2 léguas, em que desce uma chapada, as cargas e mantimentos, como também em se levar em umas pequenas carretas as canoas puxando delas mais de 20 e 30 negros, em cuja condução se experimentam vários discomodos, não só em cargas que arrombam e furtam, como nos mantimentos que se perdem; que nesta altura é a perda mais sensível,

e tanto mais se quer antes perder um negro, sendo estes tão necessários, que um alqueire de mantimento, feijão ou farinha. Neste (sic) paragem há duas roças novas: nelas compramos o alqueire de mantimento a nove oitavas de ouro, feijão a 16, galinhas a 3. E houve mineiro que pagou a arroba de toucinho a 32 oitavas, o frasco de aguardente a 15.

RIO CAMAPOÃO-MIRIM ABAIXO (4.º)

37. — Em 30 de setembro se lançaram as canoas neste rio, que é muito seco e limitado e se foi navegando por ele abaixo com muito trabalho e vagar por levar pouca água e serem as voltas pequenas com muitos paus atravessados, ficando as últimas canoas na barra de *Camopoão-assu* e a outras que foram adiante com S. Exc.ª pouco mais adiante. Fizeram-se nestes dois dias duas pequenas viagens.

38. — Na terça-feira, a 1.º de outubro, e na quarta, quinta e sexta, 4 do dito mês, se continuou a viagem pelo *Camapoão-assu* abaixo com muito grande risco e trabalho, pelos muitos canais e madeiros que no rio estão atravessados, que uns se passam por baixo, outros por cima e todos com perigo, e são poucos os que passam que não fiquem com algum sinal pela ligeireza com que as canoas correm por baixo deles. No dia da 5.ª feira se achou no mato junto de um rio, que está da parte esquerda um cadáver ainda com cabelos e com couro, que pareceu branco, em algumas partes, sentado em cima dos ossos, e pela informação dos negros que foram ao mel e o acharam, se entendeu ser pessoa das que foram o ano passado em alguma tropa.

39. — No mesmo dia, quinta-feira se achou menos tropa João Francisco cozinheiro de S. Exc.ª que saltando em terra a buscar uma faca que lhe tinha esquecido com tenção a pé seguindo pela margem do rio a canoa até o sítio, onde pousasse a tropa, não apareceu até o presente e se entende que ou se perdeu no mato, ou foi pasto de alguma onça.

RIO QUEXEIM ABAIXO (5.º)

40. — No sábado, 5 de outubro, chegamos à barra do rio *Quexeim*, que sendo caudaloso e muito arrebatado por não poder dar pé em parte alguma, e vindo da parte esquerda entra no de *Camapoão* e ambos juntos no *Taquari*: entrando nele pelas 8 horas da manhã se continuou a viagem até as duas horas da tarde e se andariam neste dia 12 léguas: pousou-se cedo por dar descanso a gente que remava tendo-se passado algumas cahoeiras e itaipavas, que são uns canais estreitos por entre pedras em que corre água com grande fúria.

41. — No domingo, 6 do dito se seguiu viagem pelo rio abaixo e se passaram quatro cachoeiras e muitas itaipavas, alguns canais e correntesas e três cirgas e se veio dormir da parte direita defronte de uma grande ribanceira que corta um ribeirão, que cai neste rio e a faz parecer um castelo da natureza com a sua cortadura para a parte do rio tão

direita, que parece feita ao picão. Todo este rio é, e corre entre rochedos e tão altos, que em muitas partes não dá sol, nunca nelas sem embargo de ser largo e tão arrebatado no seu correr, que se faz triste e medonho a quem o navegava: Andar-se-iam neste dia 35 léguas.

42. — Em 7 se seguiu viagem. Passaram-se quatro cachoeiras e algumas itaipavas, duas escaramuças, tucundubas e várias correntes e um canal de mais duas léguas, tão arrebatado e violento, que só se livraram as vidas não topando as canoas nas matas, pedras e rochas que há no rio de uma e outra parte chegamos ao primeiro varadouro e descarregadouro, carregando-se as cargas com grande trabalho e moléstia pela má serventia do caminho. Nesta passagem se partiu uma canoa de outra tropa, no mesmo dia se alargou outra perdendo-se todos os mantimentos que foi o mais sensível. Varadas as canoas e carregadas se seguiu viagem sendo já tarde por não haver aqui a capacidade de pouso e passando-se uma da parte esquerda se passou um funil e se arranchou a tropa por ser já noite: andar-se-ião neste dia 24 léguas.

43. — Em 8, se continuou a viagem e logo de manhã se passaram um funil, duas cachoeiras, várias correntesas, muitas itaipavas, cinco cirgas, algumas tucundubas e um varadouro grande. Neste dia se descarregaram as canoas já de tarde e se passaram as cargas para a outra parte sem dormirem toda a noite brancos e negros.

44. — Em 9, se prosseguiu viagem e se passou de manhã um varadouro, em que se descarregou e se passaram também duas cirgas grandes arrastando-se as canoas e passando-se a gente mais inútil por terra para as aliviar, e pela uma hora se passou o rio *Iaurú*, que vem da parte direita e faz este mais caudaloso. Passaram-se também, umas escaramuças de caldeirões, redemoinhos, correntesas e águas tão atrapalhadas, que a todos nos deu cuidado e se veio ao varadouro que tem uma ilha da parte direita e da esquerda uma rocha e como os canais estavão tapados se levaram as canoas dentro da ilha passando-se algumas cargas às costas: passado tudo da outra parte e carregadas de novo as canoas se sahiu viagem e se passou ao por do sol pela barra do rio *Taquari-mirim* e se chegou a noite a roça de João de Araújo. Nestes dois dias se andariam 36 léguas.

RIO TAQUARI-ASSU ABAIXO (6.º)

45. — Em 10 do dito mês se descarregaram as canoas e vararam passando-se as cargas às costas para a outra parte da roça e na mesma tarde fomos buscar pouso depois de passada a barra do *Taquari-assú* e nela uma cachoeira tão perigosa e com tanta violência de águas por um canal tão estreito e cercado de pedras e de penhascos que qualquer leve toque de canoa basta para sacudir gente e cargas e perder tudo: chama-se a esta cachoeira o último perigo do *Quexeim*: neste topou uma canoa que vinha dois ou três dias atrás das nossas: sacudiu fora a gente e se afogaram dois negros e uma negra. Neste dia se andaria uma légua, trabalhando-se sempre.

46. — Em 11 se seguiu viagem de madrugada e se pousou pelas duas horas da tarde. Andar-se-ião neste dia doze léguas; nele se apartou o R. P. Manoel dos Santos, digo André dos Santos, adiantando-se para o Cuiabá. Levou em sua companhia duas canoas de S. Exc.ª entregues a Matias Ferrão de Abranches e ao alferes Manoel Antunes, ambos criados de S. Exc.ª.

47. — Em 12 e 13 se continuou viagem partindo-se de madrugada até as três da tarde, em que se reparou a gente do excessivo calor desta altura, havendo tido vento contrário que por nos dar pela proa das canoas nos embaraçou a jornada: neste último dia tivemos a mágoa de nos cair no rio um moço branco que logo se afogou e nele navegamos já os pantanais: andar-se-iam 18 léguas.

48. — Em 14, 15 e 16 se fizeram as marchas até de as 5 e 6 da tarde: é o rio mais limpo e pela correnteza das águas andariam nestes 3 dias as 70 léguas: houve caça, mas pouca se aproveitou pela muita pressa com que se navegava: passou-se a *Prença* e a *Forquilha*, e pelo meio da tarde deste último dia se avistaram os montes dos *Paiaguas*, e vimos também da parte direita um rancho com uma cruz, sepultura de algum branco.

RIO TAQUARI-MIRIM ACIMA (7.º)

49. — Em 17 se fez viagem pelas 3 horas da manhã não obstante o poder-se andar toda a noite por causa dos muitos mosquitos que nos não deixaram dormir, nem sossegar. Passou-se o *Taquari-mirim* por onde entramos à mão direita: tem por divisa duas cruzes: passamos também pela passagem dos índios *Aicurus*, chamados os cavaleiros, havendo-se observado a ordem, que se passou, de se não dar tiro algum por não sermos sentidos do *Paiaguá*, que anda em canoas, e se costuma unir com os *Aicurus* e espiarnos.

50. — Em 18 se navegou pelas 4 da manhã e se pousou as mesmas da tarde: todos estes dias navegamos pantanais, com vários rios, que entram neles por cuja causa são precisos bons pilotos e bons práticos: andar-se-iam 10 léguas encontramos já as águas do *Paraguai-mirim*: de noite ninguém dormiu por respeito dos grandes bandos de mosquitos, que nos puseram a todos na última desesperação sem que nos valesse remédio algum.

RIO PARAGUAI-MIRIM (8.º)

51. — Em 19, se fez viagem das 4 horas da manhã até as 5 da tarde, tudo pantanais cheios de água com uma erva rasteira, que chamam agopés e que tapam os rios e canais tanto, que ainda os mais práticos se confundem e perdem neles: neste dia vimos várias ilhas destas ervas, que vinham pelo rio abaixo, que as tropas dianteiras tinham cortado para descobrirem os canais e rios por onde navegar com segurança e nos deram algum trabalho por nos encostarem as canoas ao mato e nos

embaraçarem a viagem Andar-se-iam neste dia 10 léguas e chegamos ao pouso tão cansados por causa dos calores e águas quentíssimas que quando esperavamos algum sossego nos achamos hospedados de inumeráveis mosquitos.

52. — Em domingo, 20, se partiu de madrugada e se andou até as 3 da tarde buscando a barra do *Paraguai-assú*, aonde se chegou e fez rancho com pouca comodidade por falta de lenha, paus para redes e palha para os ranchos e o mais foi por uma grande trovoada, que nos deu logo de noite e alagou a maior parte das conoas com bastante perda: não faltaram mosquitos.

RIO PARAGUAI-ASSÚ ACIMA (9.º)

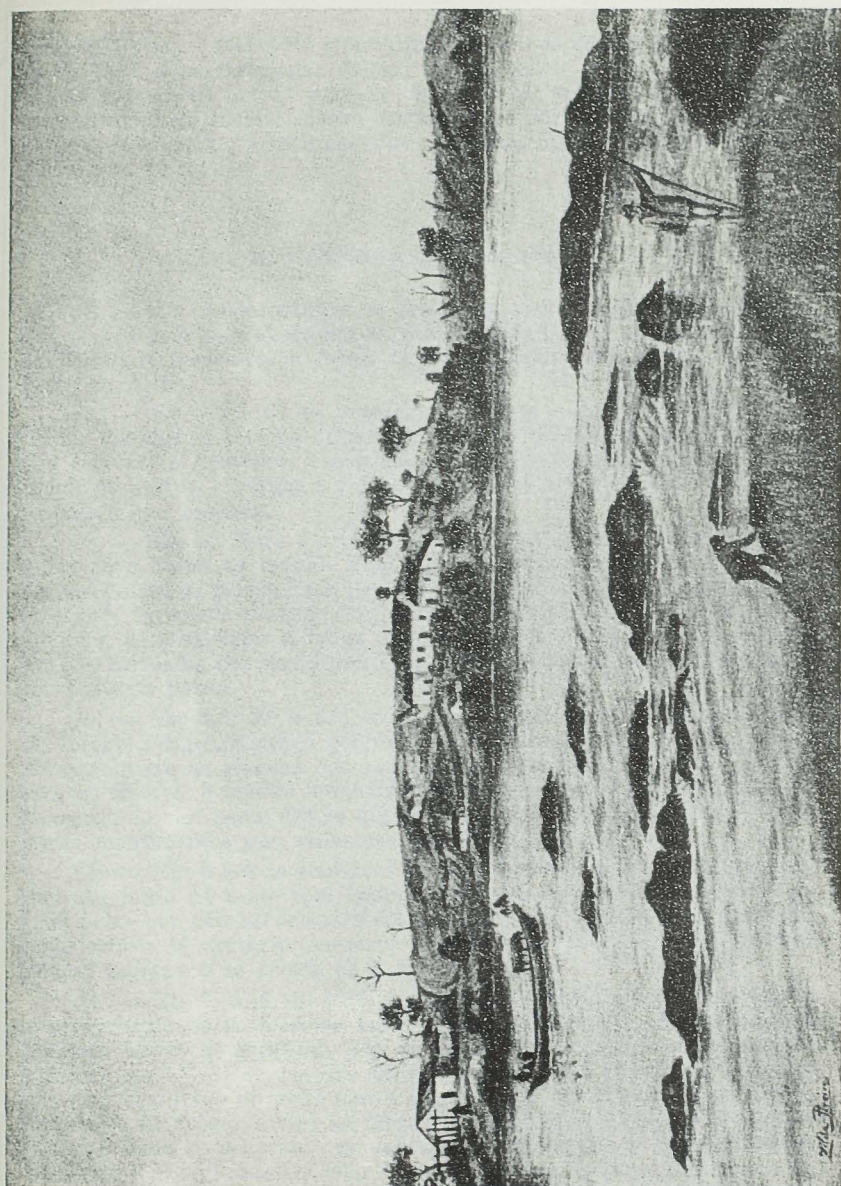
53. — Em 21 se prosseguiu viagem pelas 8 horas da manhã por causa da chuva e com ela se navegou rio acima, e como o vento foi grande, e se não poder com ele navegar sem algum risco, se recolheu a tropa por um rio que sai para o sertão da parte esquerda: andar-se-iam neste dia 5 léguas. Este rio *Paraguai* é bem fundo, largo e caudaloso e com vento inavegável. É infestado de gentio *Paiagua*: este o ano passado tomou duas canoas e nelas uma negra e um negro, com tudo o mais que traziam e o senhor que era Diogo de Sousa Araújo, natural de Ponte Lima, não apareceu mais, ainda que os negros fugiram para o mato.

54. — Em 22, 23 se fizeram as viagens com bom sucesso partindo-se pelas 4 horas da manhã e andando-se até as 5 da tarde deixando-se já o rio e passando por algumas ilhas a endireitar o caminho e pelas 10 horas do dia 23, deixamos de todo o *Paraguai* à mão esquerda defronte de muitos e altos morros e tomamos à mão direita o rio *Xianês*, onde achamos duas cruzinhas. Andar-se-iam neste dia 26 léguas.

RIO XIANÊS ACIMA (10.º)

55. — Em 24 e 25 do dito se continuaram as viagens partindo-se pelas 4 horas da manhã e pousando-se pelas 6 da tarde com grande moléstia por causa dos muitos calores e sol intenso, que refletindo na água, abrasava mais: neste dia se avistou à mão esquerda uma serraria de morros, que principiamos a ver desde o *Taquari*, e é a cordilheira, que vai correndo para o Cuiabá, em que dizem há algum gentio, e minas de ouro e esmeraldas. Neste último dia faleceu na tropa um forasteiro por nome Manoel Roiz, filho de Braga, e se lhe deu sepultura na margem deste rio três léguas antes de chegar ao rio dos *Porrudos* da parte esquerda: andar-se-iam 20 léguas.

RIO DOS PORRUDOS ACIMA (11.º)

56. — Em 26 se seguiu viagem de madrugada, e pelas 8 horas da manhã chegou a tropa ao rio dos *Porrudos*: andaríamos até as cinco da

Pirapora, hoje cidade do Tietê — Ap. desenho de Hércules Florence —
(Galeria do Museu Paulista)

tarde 12 léguas. É este rio muito caudaloso e espaçoso, alegre e abundante de caça e pescaria, não faltam nele onças e desta avistamos três praias e rasto de outras muitas. Em 27 e 28 do dito se continuou a viagem com bom sucesso, houve bastante caça por ser este rio abundante de aves e de peixe, principalmente capivaras, piranhas e jacarés. Andar-se-iam 10 léguas.

RIO CUIABÁ ACIMA (12.º)

57. — Em 29 de outubro se continuou viagem pelo rio dos *Porrudos*, e pela uma hora chegamos ao desejado rio *Cuiabá* acima bem acompanhados de mosquitos e faltos de mantimentos arranchou-se a tropa perto da noite.

58. — Em 30 e 31 se prosseguiu viagem com bom sucesso, e no último dia chegou a tropa pelas três horas da tarde ao arraial velho, em que estavam o Provedor, e escrivão do Registo, se principiaram logo a tomar os negros, e cargas a rol para a cobrança dos Quintos Reais, que se pagam por entrada.

59. — Em 6.ª feira e primeiro de novembro, dia de todos os Santos pelas nove horas da manhã depois de registados os negros e algumas cargas de negro de algumas pessoas particulares que acompanharam a S. Exc.ª, se seguia viagem com bastante opressão por falta de mantimento e se arranchou a tropa depois do meio dia por causa de uma grande trovoada, que nos durou toda a tarde e parte da noite, e acarretou bastante perda.

60. — Em 2.ª, 3.ª e 4.ª, se seguiu viagem de madrugada ao sítio de Ioseph Franco, fazendo pescaria, e se pousou junto da noite por se acrescentarem as viagens por respeito de falta de mantimentos cresceram os calores, e teve-se aumentado as águas e tanto que chegaram ao barranco do rio: neste último dia se mandou próprio ao Carandá a procurar mantimentos que vinhamos necessitando.

61. — Em 5 e 6 se continuaram as viagens de madrugada e se andou até junto da noite com bastante moléstia, comendo-se somente algum peixe por não haver outra coisa, e pela uma se chegou ao *Carandá*, onde estava já Antônio Antunes esperando a S. Exc.ª, com algumas poucas espigas, e se apelou para outra parte.

62. — Em 7, 8, 9, 10 e 11 se navegou da mesma sorte partindo-se e arranchando-se as mesmas horas, tomando-se sempre nestas viagens algumas horas de descanso por se não poderem sofrer os excessivos calores e no 1.º dia se expedia um próprio ao *Aricá* a comprar milhos e nos dias seguintes se continuou a viagem sem mantimento e só com a esperança de chegar a ele: no último dia se chegou à roça de Felipe de Campos, onde se acharam cem mãos de mantimentos a duas oitavas a mão, que S. Exc.ª mandou logo repartir por toda a tropa pela livrar de padecer de tão extrema necessidade, pois se achavam já brancos e negros muito debilitados e fracos.

63. — Em 12, 13 e 14 se continuaram as viagens partindo-se as três horas da manhã e pousando-se mais cedo para se reparar a tropa dos sois que eram intensíssimos. No último dia se fez pouso junto à roça do Guarda-mor das Minas, Pascoal Moreira Cabral, onde vieram alguns Paulistas Principais cumprimentar a S. Exc.ª por estar já vizinho das Minas.

64. — Em 15, sexta-feira e o último dia de viagem, se fez esta cedo acompanhando ao dito sr. General algumas canoas de Paulistas, que o foram buscar ao caminho, distância de 2 e 3 léguas: ás nove horas, chegou S. Exc.ª ao Porto Principal onde estavam muitas pessoas assim Paulistas como forasteiros e uma companhia de Ordenança formada; e saltando em terra o dito sr. e a sua comitiva, e fazendo oração em uma capelinha que era naquele porto, se pôz S. Exc.ª a cavalo e algumas pessoas mais, outras em redes, e se marchou para o Arraial do Bom Jesus onde se chegou às dez horas.

65. — No princípio da Povoação, e defronte da igreja matriz estavam quatro pessoas das principais e um nobre e lusido séquito, e recebendo a S. Exc.ª debaixo de um pálio o conduziram à Matriz, e depois ao seu palácio, onde veio logo a arrumar a Companhia dos Forasteiros, que tinha ido ao Porto, e se mandou recolher ficando só uma esquadra de guarda.

66. — Está este arraial, do Senhor Bom Jesus, que assim se chama a Povoação principal destas Minas, esta distante meia légua, pouco menos do Porto Geral do Rio Cuiabá: tem também outro porto, chamado do Borralho, que serve para os que vem de rio acima, situado em boa paragem, e já bem povoado de casas: terá todo o Arraial cento e quarenta e oito fogos, alguns cobertos de telhas, os mais de palha e capim. Corre toda a povoação do Sul para o Norte com planicie que faz queda para um riacho que seca no verão: a leste fica um morro vizinho e a Oeste uma chapada, em que se tem feito parte das casas do Arraial; e se podem fazer muitas mais.

67. — Em todo este arraial há ouro e foi o descobrimento do sosil, que se fez no ano de 1723, mas não se minara nele senão em tempo de chuvas por haver falta de água, com que se possa lavrar: junto deste arraial e a sudoeste dele está um morro, em que a devoção de alguns devotos colocou a milagrosa imagem de N. S. do Bom Sucesso, digo do Bom Despacho: daqui se descobre todo o Arraial, e faz uma alegre vista pelo aprazível dos arvoredos, morros e casas que dele se descobrem.

68. — O clima é ardentíssimo sem que com ele possa ter comparação o do *Rio do Ian.º*, o da cidade da Bahia, e ainda o do Maranhão e *Grão Pará*, não obstante o estar êste quase na Linha; porque em sete anos que estive por estas parte e sertões de Pernambuco, não experimentei os excessivos calores que aqui tenho sofrido, e ouço dizer geralmente aos que aqui se acham vindos os anos passados que estes não diminuem sem chover, e assim ordinariamente os homens em suas casas em ceroulas e camisas sem poderem consentir mais roupa alguma: e o mais é que trazem ordinariamente mais cores: as cesões e malinas são

contínuas, e raros são os que não a padecem principalmente brancos: porque os escravos são os mais livrados neste país.

69. — Há dois ou três anos, que se tem experimentado nestas Minas falta de chuvas e por este respeito se não minerou quase todo este tempo: houve também falta de milhos, que é o sustento de brancos e negros porque secaram as roças e plantas e foi necessário replantá-las: achamos o alqueire mantimento a 14 oitavas de ouro, o feijão a 20, a farinha de mantimento a 20, as galinhas a 3, a libra de carne de porco fresca a 1, a salgada a 2, a dúzia de ovos a oitava e oitava e meia, e tudo o mais a esta proporção; e teria passado a mais senão chovesse alguns dias e cobrassem algum vigor os m.os único remédio e regalo destas Minas; porque dele se faz farinha, que supre o pão, a cangica fina para os Brancos, a grossa para os negros, os cuscus, arroz, bolos, biscoitos, pastéis de carne e peixe, pipocas catimpoeira, aloja, angú, farinha de cachorro, água ardente, vinagre e outras muito mais equipações que tem inventado a necessidade e necessitam de momento.

70. — No primeiro dia de janeiro de 1727, se criou o mesmo arraial do Senhor Bom Jesus Vila, e se elegeram os Oficiais da·Câmara, fazendo-se juizes, três vereadores, um procurador e dois almotaceis, levando o estandarte a praça se levantou nela o pelourinho da V.ª a que em nome de Sua Majestade se deu o nome de Vila Real do Bom Jesus, e se declarou seriam as suas armas, de que usasse um escudo, e dentro em campo verde um morro coberto de folhetas e grãos de ouro, e por timbre em cima uma Fenis: fazendo-se termo de tudo na secretaria deste governo por ordem do Excmo. Sr. Rodrigo César de Meneses, Governador e Cap. General desta Capitania, e suas Minas em virtude das Ordens que teve de Sua Majestade para passar a elas e criar V.ª ao d.º arraial; a que deu cumprimento na forma já declarada.

71. — Nestes dias teve S.ª Exc.ª um feliz sucesso com consequências grandes não para a Coroa, mas com bastante utilidade para estas Minas: porque achando-se elas cercadas de várias nações de gentio, que nos deixavam alargar pelo centro do Sertão matando e sustentando-se de carne humana, procurou reconduzi-los e mete-los de paz S.ª Exc.ª para o que lhes mandou alguns Pombeiros, contentando-os e persuadindo-os com mimos de fumo, facas e outras semelhantes drogas, de não pouca estimação para eles: mas estes não só recusaram a nossa amizade, mas responderam que eles eram homens, e que só à força de armas seriam mortos ou conquistados.

72. — Ouvida esta insolente resposta mandou S.ª Ex.ª pôr logo pronto com um cabo com bastante soldados sertanistas com ordem positiva, que os atacassem em qualquer parte, que os achassem: assim se fez e sem embargo de uma vigorosa resistência mataram os nossos uma grande parte deles e trouxeram prisioneiro o resto com toda a sua família. Espera-se que os mais cabos, que S.ª Exc.ª mandou a diferentes partes consigam a mesma felicidade. Escreve-a na Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá a 1.º de fevereirc de 1727, Gervásio Leite Rebello, Secretário de S.ª Exc.ª.

NOTÍCIAS PRÁTICAS

DAS MINAS DO CUIABÁ E GOIASES, NA CAPITANIA DE S. PAULO E CUIABÁ, QUE DÁ AO REV. PADRE DIOGO JUARES, O CAPITÃO JOÃO ANTONIO CABRAL CAMELLO, SOBRE A VIAGEM QUE FEZ ÀS MINAS DO CUIABÁ NO ANO DE 1727

(M. S. oferecido ao Instituto Histórico Brasileiro por Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro.)

Muito Rev. Padre e Sr. — Não poderei informar a V. Rev. com a individuação que pretende, e eu desejo, sobre a viagem que fiz ás minas do Cuiabá, mas o farei na melhor forma que me for possivel; porque os continuos perigos e riscos desta derrota não dão lugar a se atender a nada.

1. — Pela cidade de S. Paulo passa um rio, a que chamam *Theaté*: este, segundo a sua natural corrente, se vê passar três léguas, pouco mais ou menos, afastado da vila de Itu, distante de S. Paulo dois dias e meio de viagem: três léguas abaixo da dita vila está o porto da *Aritaguaba,* que é o primeiro e principal dos três em que comumente embarcam os que vão a estas minas. Deste, ainda que conhecido, é de seis dias únicos de viagem até ao sítio em que deságua no dito Theaté o *Sorocaba,* não darei notícia alguma, porque não embarquei nele, e só por informação de alguns mineiros, que nele se embarcaram, sei que tem várias cachoeiras, e algumas perigosas, e entre elas um salto *Abaremanduaba,* por cair nele o venerável Padre José de Anchieta, e ser achado dos Índios debaixo da água rezando no Breviário.

2. — Do primeiro porto é Sorocaba distante um só dia de viagem ao lado esquerdo de Itu: direi o que vi e experimentei nele, porque aqui embarquei. Depois de passar algumas *Itayparas* cheguei no quarto dia a um salto a que chamam *Jurumirim,* que na língua da terra quer dizer boca pequena; e na verdade assim o é, porque o rio se mete nele e sai por um canal tão estreito, que parece um funil; este salto, que consta de várias cachoeiras e itaipavas, terá de distância meia légua: aqui se passam por terras as cargas ás cabeças dos negros, e as canoas em parte vão á sirga, e em parte por terra, e por cima de inumeráveis pedras: logo à vista deste está outro salto, porém mais pequeno, a que

chamam *Gequitaya,* ou sal pimenta; e abaixo dele uma cachoeira com mesmo nome: no salto se passam as canoas por cima de pedras, e deste para baixo, até passarem a cachoeira, vão a remos. Em passar cargas e varar canoas nos saltos de *Jurumirim e Gequitaya* se gastam 3 ou 4 dias, e alguns mais, conforme a disposição e diligência dos capitães e pilotos, porque em uns e outros está a brevidade ou demora das viagens, assim nas navegações pelos rios, como nas passagens das correntes, itaypavas e cachoeiras; porque os bons passam a maior parte delas a remo, e com toda, ou só com meia carga; quando os que não são, as levam quase a sirga, e em muitas sem carga alguma, e assim andam mais uns em um dia que os outros, e finalmente nem em todas são iguais os remeiros, nem as forças, motivo porque não direi fixamente os dias que gastam em cada um dos rios desta viagem, mas só pouco mais ou menos. Eu gastei da Geguitaya até o sítio em que o Sorocaba faz barra no Theaté cinco dias, passando várias itaypavas. É todo este rio cercado de matos, mas não tem roças.

3. — Da barra do Sorocaba á do *Piracicaba* serão dois dias. Entre este rio no Theaté pela parte direita; tem o seu porto acima, como direi a seu tempo, e serve só na volta do Cuiaba, por ser mais facil em tempos de cheias. Abaixo do rio Piracicaba, dia e meio de viagem, estão dois moradores com suas roças, em que colhem milho e feijão, e têm criações de porcos e galinhas, que vendem aos Cuiabanos; destas roças ao *Rio Grande* serão doze ou treze dias de viagem, nestes se passam com bastante risco e perigo muitas itaypavas e cachoeiras: o primeiro salto dos três que nele se topam, chamado *Panhandabá* (Avenhandavaba), é um despanhadouro bastantemente alto, nele se varam as canoas por terra pela parte direita e com elas as cargas em distância de um quarto de légua, pouco menos. O segundo salto, a que chamam *Araracanguaba,* é menos alto, e se passa pelo lado esquerdo na mesma distância. O terceiro, que está perto da barra, em que entra o Theaté no Rio Grande, chama-se *Itapuyrás*: é o mais alto de todos; nele se varam por terra as canoas pela parte direita em pouco mais distância nas cachoeiras que há entre estes três saltos: umas se passam a sirga, em outras se descarrega, e a maior parte a remo; a este último salto dizem que vem muitas vezes o gentio *Cayapó* (Caiapó) em suas jangadas. Este é o gentio que usa de porrete, ou bilro, e o mais traidor de todos.

RIO GRANDE

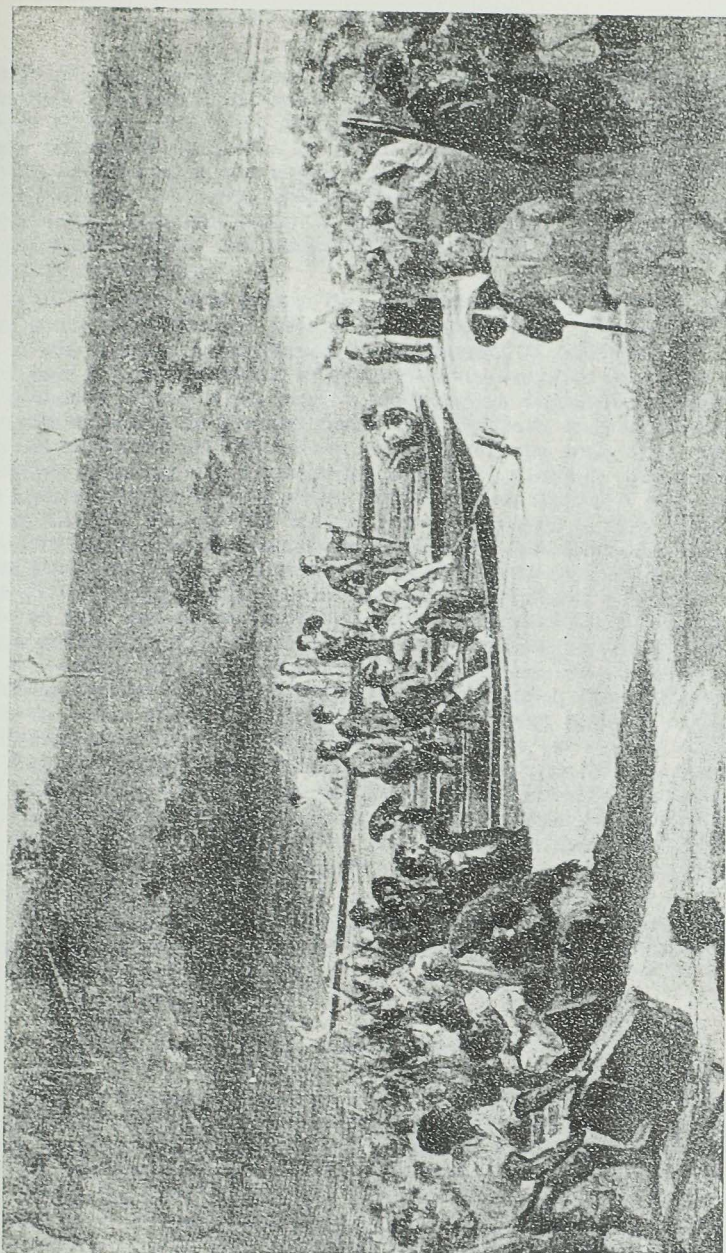
4. — Pelo Rio Grande abaixo se gastam quatro ou cinco dias; no segundo se passa pelo *Jupiá,* que é canal muito estreito cercado de pedraria, que terá pouco mais de cem palmos de largura, que tem o rio comumente e aonde menos um quarto; neste Jupiá se passam as canoas a sirga, presas com cordas pela proa e pela popa por medo dos redemoinhos que faz a água, e em que é fácil submergirem-se, como dizem aconteceu a toda uma tropa de sertanistas antigos. Eu o passei com evidente risco a remo, e tanto que estando ao princípio quietos os ditos redemoi-

nhos, logo ao entrar neles se alteraram e inquietaram, de sorte que trouxeram as canoas em giro continuado por um bom quarto de hora, sem que pudessem valer aos pilotos e proeiros que as governavam; até que pela Misericórdia Divina os mesmos redemoinhos as lançaram com grande ímpeto pela correnteza abaixo, e com a ajuda começaram os pilotos e proeiros a remar até sair fóra deles. Mais abaixo, defronte de uma ilha, entra da parte direita no Rio Grande o *Verde*, onde assistem comumente os Caiapós, não obstante me afirmarem muitos que andam sempre a corso, e assim é preciso que por todo o Rio Grande se acautelam deles as tropas.

5. — Abaixo da barra do Rio Verde estão dois moradores com suas roças, a primeira da parte esquerda do Rio Grande, com uma capela do Bom Jesus; a segunda da direita, ambas com bastante milho e feijão, que vendem como querem. Este rio só tem algumas itaypavas com bastantes ilhas, e é cercado todo de matos. Das roças á barra do *Rio Pardo*, que também deságua nele a direita e defronte de uma ilha, será um bom dia de viagem.

RIO PARDO

6. — Corre este rio com tanta violência, que por ele acima se não levam as canoas, senão as varas, e essas de quinze e dezesseis palmos de comprido, e só se pega nos remos quando elas não tomam bem o fundo; da barra ao *Nhanduyassú* serão nove ou dez dias; até ele tem este muitas poucas itaypavas, tem porém neste meio duas roças, em que há muito feijão e bananais: o Nhanduy-assú entra no Pardo pela parte esquerda: dizem ter as suas primeiras cabeceiras perto da Vacaria (assim chamam a uns campos dilatadíssimos cheios de inumerável gado, de que estão de posse os Castelhanos, por negligência dos nossos). Do Nhanduy-assú ao salto do *Cajurú* serão sete ou oito dias: neles se passam algumas itaypavas; pouco abaixo do sálto ha dois moradores com suas roças, e nele se passam as cargas e canoas pela esquerda em pouca distância. Das roças ao *Nhanduy-merim* serão cinco ou seis dias de viagem: passam-se neles bastantes cachoeiras e itaypavas, e pouco abaixo da barra, um salto, em que se varam pela parte esquerda as canoas; entra este Nhanduy no Rio Pardo pelo mesmo lado, e nasce como o *Assu* na Vacaria; na barra tem já uma boa roça povoada.

7. — Desta ao salto do *Carão* serão só dois dias; neles se passam algumas cachoeiras grandes, e se vê uma formosa roça povoada: no salto se levam as cargas por terra pela parte direita distancia de um bom quarto de légua, enquanto se passam as canoas a sirga, e em outros por terra sempre por cima de pedras. Desse salto ao varadouro, que chamam de *Camapuam*, são catorze ou quinze dias, de bastantes cachoeiras, em que umas se sirgam, em outras se passam por terras as cargas, e por cima de pedras as canoas. Antes do varadouro quatro ou cinco dias entra no Rio Pardo o *Vermelho* pela parte direita, e

A partida da Monção — Primeiro estudo — José Ferraz de Almeida Júnior — (Pinacoteca do Estado de São Paulo)

o turva de tal sorte, que sendo o *Pardo* muito claro, e muitas vezes maior que o *Vermelho*, em muitos dias se vê correr somente vermelho, e só do Nhandy para baixo fica pardo; poucos dias antes do varadouro são tantas e tão pequenas as voltas, que as canoas maiores vão pegando a cada instante com a proa em um barranco, e com a popa em outro, sendo preciso cortar muitas vezes paus e cavar os mesmos barrancos para poderem passar e navegar adiante. Este Rio Pardo até ao salto do *Carão* tem bastantes matos e bons, mas do salto para cima tudo são campos.

8. — Por todo este grande rio costumam andar os Caiapós: uma légua pouco mais das suas cabeceiras há uma vargem, e nela uma lagoa, a que chamam a *Sambixuga;* nesta vargem se desembarca, e tirando para a terra as canoas, se põem em umas carretas de quatro rodas pequenas, de que tiram vinte e mais negros, distância de légua e meia, até as porem no pequeno riacho de Camapuam, uma légua pouco mais ou menos do seu nascimento, em sítio em que estão duas roças povoadas; as cargas vão à cabeça dos negros, e se gastam nesta passagem quinze ou vinte dias, é porém preciso toda a vigilância nela, porque os Caiapós não perdem toda a boa ocasião que se lhes oferece; como um efeito experimentaram uns de S. Paulo, que foram na mesma tropa, por nomes Luiz Rodrigues Vilares, e Gregório de Castro, que no meio da fileira dos negros que lhe conduziam as cargas, e seriam sessenta ou mais lhes mataram três ou quatro, retirando-se tão velozmente, que quando os mais levaram as espingardas à cara, já os não viram.

9. — Esses dois pobres roceiros vivem como em um presidio, com as armas sempre nas mãos; para irem buscar água, não obstante o terem-na perto, vão sempre com guardas: no roçar, plantar e colher os mantimentos levam sempre tôdas as armas, e em quanto vigiam uns trabalham outros, mas sempre com as espingardas à mão; e nem com toda esta cautela se livram de que em várias ocasiões lhes tenham os Caiapós morto a alguns: colhem contudo bastante milho e feijão, e o vendem muito bem; quando eu fui venderam a dezesseis e dezoito oitavas o milho; o feijão a vinte; e as galinhas, porcos e cabras, como quiseram.

A roça de cima tem já seu canavial e bananal, e está cercada toda de uma boa estacada; e neste e na debaixo se torna a embarcar, e se gastam 4 ou 5 dias pelo.

RIO CAMAPUAM

10. — O primeiro e segundo dia são trabalhosos, porque e cada instante vão as canoas tocando, embaraçando-se nos paus que estão caidos, com evidente perigo de se perderem: nos últimos dois dias também tem alguns paus, mas o maior risco é o dos Caiapós; e é sem dúvida digno de admiração que não tenham estes dado em um tão fácil meio de acabar aos brancos, como era o esperá-los neste pequeno riacho, cercado todo de matos, embaraçado de paus, tendo dado

em outras traças, como são a de nos cercarem de fogo quando nos acham nos campos, a fim de que, impedida a fuga, nos abrasemos: este risco evitam já de alguns, lançando-lhe contra fogo, ou arrancando o capim para que não se lhe comuniquem as suas chamas; outros se untam com mel de pão, embrulhados em folhas ou cobertos de carvão, por troncos verdes ou paus queimados.

11. — Este rio Camapuam tem muitos excelentes matos, e entra no *Quexeim* pelo lado direito; é estreito e baixo, com voltas muito ámiúde; levam-se nele as canoas quase sempre ás mãos, até chegarem ao sítio onde desagua no.

RIO QUEXEIM (COXIM)

12. — Neste rio se gastam nove ou dez dias: nos primeiros dois só se passam algumas itaypavas, mas nos outros, não só muitas itaypavas, nas cachoeiras, e quase todas a remo: só em duas se descarrega à sirga. Corre este rio a maior parte entre brenhas muito altas, e quase sempre entre morros; é arrebatadíssimo, e tem três saltos perigosíssimos. No primeiro se passa pela direita, no segundo pela esquerda e no terceiro á direita: logo abaixo deste salto entra no Quexeim pela parte esquerda o *Taquari-mirim,* e ainda á vista dêste deságua no mesmo Quexeim o *Taquari-assú,* entre os quais há já uma roça povoada, e defronte dela é que o *Taquari* e *Quexeim* fazem barra.

RIO TAQUARI

13. — Logo na barra tem este rio uma perigosa cachoeira; passam-se nelas as cargas e as canoas pela parte direita, distância de meio quarto de légua; tem tembém logo abaixo duas itaypavas, uns as passam a remo, outros a sirga; e destas até entrar no Cuiabá não há mais cachoeiras nem itaypavas, e nem por isso faltam perigos. Abaixo das itaypavas há duas roças, que se lançaram no ano em que eu passei aquelas minas; mas como até aqui chegam os Caiapós, não foram de muita dura: pelo Taquari abaixo se gastam dez ou onze dias, tem vários sangradouros, que formam grandes lagoas no *Pantanal.*

Pantanal chamam os Cuiabanos a umas vargens muito dilatadas, que começando no meio do Taquari, vão acabar quase junto ao mesmo rio Cuiabá. Este rio Taquari até o meio tem alguns matos, o mais tudo são campos; dizem que de uma e outra parte há gentios; mas supõe-se que são restos de algumas nações que os sertanistas conquistaram. Deste vi só três bugres, que traziam em sua companhia um Sargento-mor Paulista, e eram agigantados.

15. — Três dias antes da barra está um sítio ou paragem, a que chamam a *Prensa*: deste á barra dizem ser a passagem dos gentios *Guaycurús* ou Cavaleiros para o Pantanal, aonde vão e costumam sertanizar todos os anos, pela níma abundancia de caça que há em

todos eles; mas a mais certa e connecida passagem deste gentio é sem dúvida perto da barra, e na parte em que o Taquari é mais estreito e baixo, contra o comum de todos os outros rios, porque os mais, como recebem em sí vários ribeiros, são maiores nas barras que no meio e no principio; o Taquari porém, como dispende no meio vários sangradouros, o que recebe dos outros, sente na barra a falta deste dispendio.

16. — Nesta passagem têm os *Guaycurús* acometido por vezes nos seus cavalos a algumas tropas nossas; as que estavam perto do mato facilmente se escaparam retirando-se a ele; mas as que se acharam longe correram grande perigo, e exprimentaram algumas mortes. Usa este gentio de lanças e de uns laços de couro muito compridos, com que prendem e laçam em proporcionada distância tudo o que querem: andam sempre em grandes tropas de 500 até 1.000, e se é necessário ajuntam-se mais, porque são muitos os reinos, e cada um só por si terá mais de 9.000 cavalos.

17. — Quando chegou a notícia ao Cuiabá do destroço que o gentio *Paiaguá* fizera na minha tropa, matando o Ouvidor Antonio Lanhas Peixoto, como direi a seu tempo, sentidos desta desgraça os Cuiabanos, se animaram todos eles a vingarem no mesmo sítio as mortes dos seus amigos; armaram-se para isso muitas e boas canoas, e com elas vieram buscar o Payaguá no mesmo lugar da derrota; e, não o achando nele, passaram abaixo dois ou três dias de viagem em seu alcance: uma tarde que se achavam já arranchados em um barranco do rio, os acometeu de repente o Payaguá: receberam-no os Cuiabanos com a salva de dois pedreiros pequenos, que tinham levado àquelas minas o Sr. Rodrigo Cezar; tiveram tão bom efeito, que sôbre lhe lançar a pique duas canoas, o obrigaram também a retirar-se; mas desafiando (como costumam) aos nossos para o meio do rio: retirado o Payaguá, e dividida em partes a armada, veio a buscar a uma delas um dos mais poderosos Caciques dos Guaycurús, oferecendo-lhe paz, e protestando querer a amizade dos Cuiabanos, para o que lhe prometia ajudá-los contra os Payaguás, e quando não bastasse o seu poder, traria o de cinco ou seis Regulos seus parentes, com oito ou dez mil cavalos cada um.

18. — Respondeu-se-lhe que o Cabo da armada, que era um nobre Paulista por nome Antonio de Almeida Lara, se achava mais acima com outra parte da tropa; quis buscá-la o Cacique, e em fé de amigos se embarcou com os Cuiabanos nas suas mesmas canoas, levando consigo a sua mãe, um irmão, e alguns parentes seus; mas foram os nossos tão bárbaros e infiéis, que o mesmo foi apartarem-se da terra que porem numa corrente o Cacique, e maniatarem os mais: assim presos, os apresentaram ao Cabo; estranhou ele esta ação, e mandou-os soltar, os tratou com liberalidade e agrado; e neste mesmo tempo que chegou preso o Cacique, se achavam outros nas nossas rancharias, vendendo vacas, carneiros e alguns cavalos, entre os quais estava um, que disse o Cacique fora seu, e que era o melhor de todos eles; e montando nele com licença do Cabo, deu duas voltas, na terceira va-

lendo-se da ligeireza do bruto, se ausentou com os seus, sentido que o Cabo não castigasse (como devia) a traição que tinha usado com ele, se é que não receou também o cativarem-no; ficaram, porém, entre os nossos a mãe, irmã e alguns parentes, e os levaram consigo para o Cuiabá. Não se queixem os Cuiabanos dos Guaycurús, queixem-se de sua infidelidade, se virem que unido este gentio com o Payaguá lhe toma o passo do Taquari, que lhe é facil, e nele ou os destrói a todos, ou os obriga a não entrar, nem sair do Cuiabá. Eu não presenciei este caso, mas escreveram-me de S. Paulo alguns amigos que se acharam nele, e vieram depois ao Cuiabá.

19. — Dos *Morrinhos*, que são dois ou três pequenos montes que estão na barra do Taquari, ao Paraguay-mirim, é meio dia de viagem; nesta parte e que costumam andar os Payaguás, e alguns dizem que chegam também á *Prensa* neste

RIO PARAGUAY-MERIM

20. — Gastam-se comumente quatro dias; é este rio um bracinho do Paraguay-assú, que sai dele pela parte direita, e se divide em outros muitos, que cruzam de uma para outra parte; está comumente cercado ou cheio de umas ervas a que chamam *água-pés* (iguapés), que algumas vezes é preciso cortá-las para se poder passar adiante; motivo por que ainda os mais práticos se perdem nele, e neste rio são certos os Payaguás.

RIO PARAGUAY-ASSÚ

21. — Por este rio acima se costumam gastar sete ou oito dias: quatro ou cinco da barra em que entramos nele têm os Payaguás os seus ranchos em uma das muitas ilhas que nele há; abaixo destes, seis ou sete dias de viagem, dizem os sertanistas antigos que está a cidade da Assumpção a primeira das muitas que têm os Castelhanos pelo Paraguay abaixo até a cidade de Buenos-Aires, por onde passa unido já com o Rio Grande ou Paraná, e vão fazer barra ambos no Oceano abaixo da Nova Colonia do Sacramento.

22. — Este rio Paraguay ainda me parece maior que o Rio Grande: é cercado todo de matos, tem muitas ilhas, sangradouros, e baias dilatadas. Quase no meio que o navegámos se divide em dois caminhos: o do lado direito, que é um dos sangradouros, e se chama *Xiunés*, e o do lado esquerdo, que é a *Madre*, ambos se seguem; mas por estes só navegam bastantes dias os que saem de Cuiabá à conquista do gentio *Parassise* e *Maybores*, até encontrar no rio *Cepetuba*, que entra no Paraguay pela parte esquerda; navegam por este acima, e depois dalguns dias de viagem, dá nos alojamentos dos sobreditos gentios, e tirânica e barbaramente os cativam.

23. — É gentio este que não faz mal a alguém; vivem quietos nas suas roças, que plantam e cultivam como os brancos; são fracos e

inábeis para a guerra, mas nem por isso deixam de ser engenhosos, e de rara habilidade para o mais: as femeas são como as nossas bastardas, e boas para servirem uma casa com limpeza; estes se ocupam em tirar fios de uma casca de árvore a que chamam *Tocú* de que tecem suas redes em que se deitam, e os panos que se cobrem, tembém forma das penas dos tucanos, araras e papagaios, que são vermelhos, verdes, azuis e amarelos, uma certa casta de cintas, com que se vestem do peito até ao joelho, tão bem lavradas que não invejam as melhores sedas da Europa; também fazem das mesmas penas bandas e trunfas, e entre eles é o mais rico aquele que tem mais destes pássaros.

24. — Deixando o Cepetuba, e seguindo o Paraguay acima, me dizem se encontram alguns restos ainda hoje das nações que os primeiros sertanistas conquistaram, e quase nas suas mesmas cabeceiras, me afirmam alguns mineiros amigos, que lá foram a certo de descobrimento que se formou, que ainda há doze reinos de gentio, a que chamam *Araparez e Caiparez*: a este descobrimento sei também que foram outros pelo Cuiabá acima, em quatorze ou quinze dias, porque as cabeceiras de ambos não distam muito entre si.

25. — Pelo Xianés ou caminho da mão direita se vai comumente ao Cuiabá; neste deram os Payaguás, no ano em que fui, em uma tropa que ia adiante da minha sete ou oito dias de viagem, e matando-lhe os Capitães, que eram Miguel Antunes Maciel, e um fulano Lobo, lhe levaram quatro canoas com um filho do Lobo, ainda rapaz. Passado o Xianés se entra no Rio dos *Porrudos*.

RIO DOS PORRUDOS

26. — Por este rio acima se gastam sete ou oito dias: na sua barra e na do Paraguay iam muitos Cuiabanos a salgar peixe para venderem, porém dois ou tres meses antes que eu chegasse deram os Payaguás em uma tropa de vinte e tantos, que estavam pescando na barra deste rio, e os mataram, escapando só dois ou três únicos para escarmento dos mais, e obrigando a outros esta desgraça a sumirem-se para mais perto da vila.

27. — Este rio dos Porrudos não cede ao Paraguay na abundância de peixe, porque tem muito e bom, e de toda a casta é também muito abundante de caça, e nele não faltam onças, que têm feito algumas mortes. Vê-se ainda neste um formoso bananal, que foi do gentio que lhe deu o nome, e de onde também foram as primeiras bananeiras para o Cuiabá.

RIO CUIABÁ

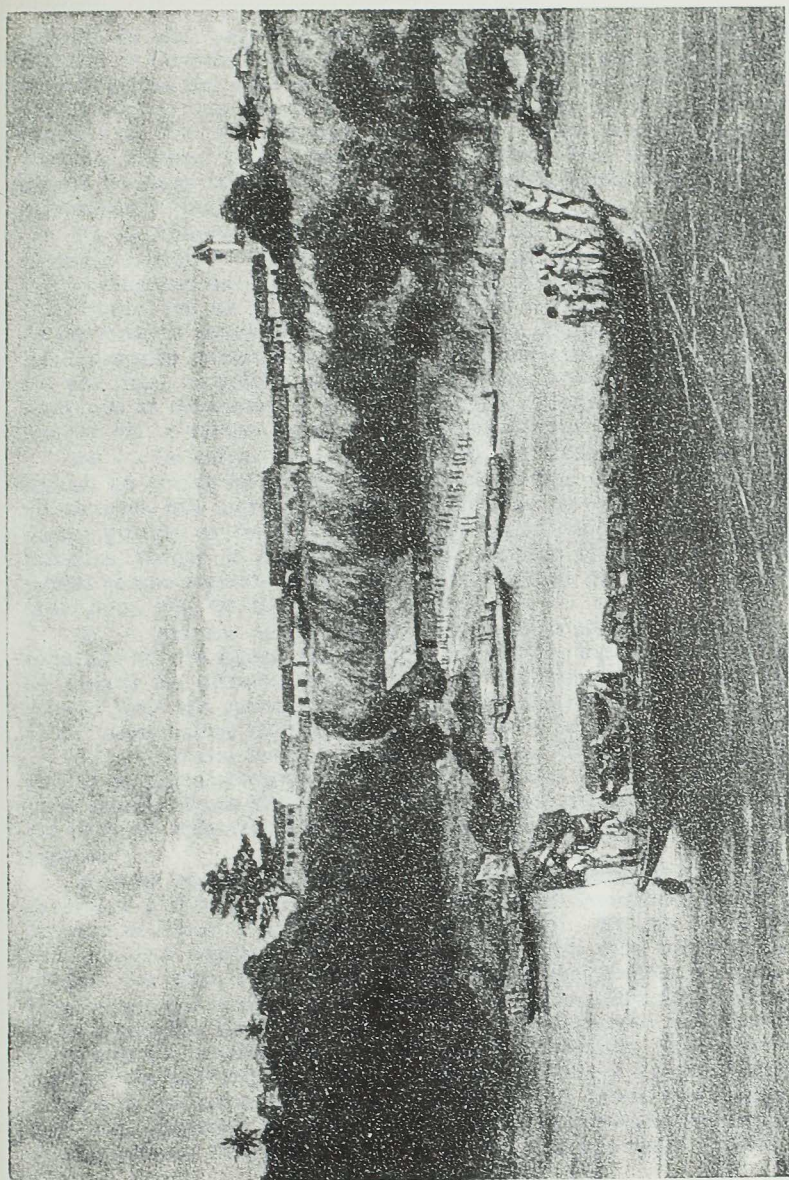
28. — Da barra deste rio serão vinte ou vinte e dois dias de viagem. Ao quarto ou quinto dia se chega ao Arraial velho, ou registro,

que vem a ser uma roça com muito bom bananal: dia e meio acima desta roça está outra também povoada, e desta até aos Morrinhos, que serão sete ou oito dias de viagem, a outras duas que dão bastante milho e feijão; porém, dos Morrinhos até a vila, que são seis ou sete dias, quase todo este rio está cercado de roças e fazendas, como também quatro ou cinco acima da mesma vila, e em todas se plantam milho e feijão, em os dois meses do ano Março e Setembro; dão também excelentes mandiocas, de que se faz farinha: há nelas muitas e melhores bananas que as destas minas, e as suas bananas são mais suaves e de melhor gosto: tem já muitas melancias, e quase todo ano; só os melões não produzem em tanta abundância: as batatas são singulares e não menos o são fumos para tabaco e pito.

29. — Quando eu cheguei ao Cuiabá, que foi em 21 de Novembro de 727 não havia nele mais que um único engenho, dez ou doze léguas distante da vila, no sítio onde chamam a *Chapada;* hoje porém tem já cinco, e todos na margem do rio, onde mostrou a experiência produzir melhor a cana, e em muito menos tempo que em todas as mais partes ainda destas Minas; nem me parece que haja para elas melhores terras que as do Cuiabá, e mesmo para criações de porcos, galinhas e cabras; e também o seria para cavalos se houvessem éguas nelas; no ano de 727 foram na minha tropa quatro ou seis novilhas pequenas, e já no de 730 ficavam algumas paridas, e se produzirem como os porcos e cabras, em breve tempo se cobrirão de gado os campos.

30. — Antes de chegar ao porto geral do Cuiabá entra neste, distância de meia légua, um pequeno rio a que chamam *Quexipó;* neste se descobriram as primeiras minas de ouro, sete ou oito léguas acima da sua barra. Delas saiu o célebre Sotil a fazer novas experiências em outros córregos, porque aquelas se iam já acabando; e nesta viagem descobriu a em que hoje está a vila; por cuja causa chamam ainda agora o Sotil. Verdade é que pelo tempo adiante se foi descobrindo em outras muitas partes do Quexipó muito mais ouro, e tanto que nunca se desampararam aquelas minas.

31. — Da barra do Quexipó há meia légua, como já disse, ao porto geral do Cuiabá; nele assistem vários brancos comprando milho e feijão aos roceiros para o mandarem a vender: outros o vendem por comissão, com todo o mais mantimento; e alguns se ocupam só na pesca que lhe não rende menos. A vila está situada da mesma parte direita e lançada por um córrego acima entre morros: tem só oito ou nove casas de telha, entre as quais é a melhor a que foi do General Rodrigues Cezar: as mais são ainda de capim, mas com o serem assim se não vendiam quando cheguei, por mais pequenas que fossem, por menos de 400 ou 500 oitavas cada uma, e as que tinham mais alguns cômodos chegavam á 700; porém daí a dois anos as vi vender a quarenta e cincoenta oitavas, quando as não desampararam os donos que vinham para o povoado: o mesmo sucedeu ás roças, que pedindo por algumas, quando fui, a três e quatro mil oitavas, as venderam ao depois por cincoenta e cem, e muitas as abandonaram os donos retirando-se para S. Paulo.

32. — Fora da vila há três únicos arraiais, mas todos com poucos moradores: o primeiro é o do *Ribeirão,* está pouco mais de meia légua

Partida de uma Monção de Porto Feliz — Ap. A. Adriano Taunay — Óleo de Oscar Pereira da Silva — (Galeria do Museu Paulista)

distante da vila: para o sertão adiante meia légua está o segundo, que chamam da *Conceição*, com uma capela da Senhora e seu capelão; adiante duas léguas fica o terceiro chamado o do *Jacey*, em todas e nas suas vizinhanças se tem achado muitas e boas manchas de ouro, como também nas da villa; mas duraram pouco tempo; nestas se achavam muitas folhetas, e quase todo o seu ouro era grosso. Nas do Quexipó, que distam do *Jacey* três ou quatro leguas, assistem ainda hoje alguns mineiros com lavras, e lhe chamam as *Forfillas*.

33. — Adiante destas lavras pouco mais acima está um ribeiro chamado o *Motuca*: deste se traz agora a água para se poder lavrar nas vizinhanças da vila, e é o serviço este em que há tanto tempo se fala; porém (se hei de dizer o que entendo) a mim me parece que há de ser menor a conveniência do que se supõe; porque antes que eu partisse, daquelas minas, já se trazia a água duas ou três léguas fóra do rio por umas campinas, em que se dizia era o ouro muito e bom; e tanto que as começaram a lavrar, apenas se tiravam delas meias quartas por dia: o mesmo lhe sucedeu nas vizinhanças da vila.

34. — Da outra parte do rio Cuiabá, em distância de nove ou dez léguas, há outras lavras, que chamam os *Cocaes;* e são uns ribeirões ou córregos, que mostram algumas faisqueiras de ouro, mas não grandezas; quando eu fui não havia nestas lavras mais que dois ou três mineiros, porque os mais se tinham já retirado por falta de jornais; porém no ano seguinte se descobriu outro córrego, em que se tirou bastante ouro, mas em breve tempo brumou.

35. — Adiante dos Cocaes dizem que ainda há algum gentio. Se o há não sei que fizesse nunca mal a Cuiabanos; nas cachoeiras porém do Cuiabá me afirmam que habitam os *Bororós* divididos em vários reinos: estes são guerreiros, e poucos sertanistas se animam a acometê-los; como outros muitos também que vivem para a parte do sertão.

36. — No que toca aos jornais não posso dizer nada com certeza, porque os negros bons dão doze vinténs, e meia oitava por dia, outros meia pataca, alguns menos, e outros nada; e isto experimentei nos meus, em perto de três anos que estive naquelas minas, tendo negros bons e capazes.

E estas são as conveniências geraes do Cuiabá. Verdade é que favoreceu a fortuna mais a alguns, mas foram muitos poucos os que tiveram de livrar o principal com que entraram. Eu saí de Sorocaba com quatorze negros e três canoas minhas, perdi duas no caminho, e cheguei com uma, e com setecentas oitavas de empréstimo, e gastos de mantimento que comprei pelo caminho: dos negros vendi seis meus, que tinha comprado fiado na Sorocaba, quatro de uns oito que me tinha dado meu tio, e todos dez para pagamento de dívidas. Dos mais que me ficaram morreram três, e só me ficou um único, e o mesmo sucedeu a todos os que fomos ao Cuiabá. Em fim, de 23 canoas que saimos de Sorocaba, chegamos só quatorze ao Cuiabá; as nove perderam-se, e o mesmo sucedeu às minhas tropas, e sucede cada ano nesta viagem.

NOTÍCIAS PRÁTICAS
das
Minas do Cuiabá e Guiazes
Na Capitania de S. Paulo

NOTÍCIA 2ª PRÁTICA.

DO QUE LHE SUDECEU NA VOLTA, QUE FEZ DAS MESMAS MINAS PARA S. PAULO

Códice da Coleção do Padre Diogo Juares. S.J. (Biblioteca de Évora.)

37. — Aos 21 de Novembro de 727 entrei no Cuiabá, e sai delle a 15 de Maio de 730, junto com o Dr. Ouvidor Antônio Alvares Lanhas Peixoto com quem tive boa amizade em todo o tempo, que estive naquelas Minas. Rodando pelo Cuiabá chegamos em 6 ao Registro Velho: nele se uniu toda a tropa, que eram dezenove canoas de carga, e quatro de pescaria. Vindas elas se ajustou ser precisa toda a cautela por respeito do gentio Paiagua, que era certo estava no Paraguai, e havia pouco tempo tinham dado nos pescadores daquela barra, e Porrudos; e assim se resolveu fosse na retaguarda o dr. Lanhas com algumas das canoas mais bem armadas, e eu marchasse com outras na Vanguarda, indo no meio os que não levavam armas.

38. — Nesta ordem navegamos, e fomos dormir no quarto dia na barra, que o Rio Porrudos no Paraguai faz. No quinto nos arranchamos pelo meio dia defronte da barra do Xianiz pela desordem, que houve no *suc.º* entre algumas canoas, que navegando conosco pelo Porrudos, e não achando terra em que se acomodar, por estar cheio o Pantanal, cada uma a buscou, onde a achou; Eu, e meus companheiros nos arranchamos em um tojucal, sendo-nos preciso o cortarmos não só para armar as redes, mas se poder acender sobre eles: e isto mesmo sucede todas as noites desde o Registro Velho até os moinhos do Taquari a todos os que saem do Cuiabá em tempo, que esta cheio o Pantanal, que, é Abril, Maio, e Junho, e se as águas são muitas chega a Julho; de sorte que se passa parte do Cuiabá, todo o Rio dos Porrudos, Paraguai grande, e pequeno sem se achar terra seca: as mais das noites se dorme nas canoas.

39. — As canoas, que se apartaram, e foram sete, tomaram o Xianiz. Eu, e o dr. Lanhas navegamos pela madre dos Porrudos, e dois dias andamos divididos até nos ajuntarmos todos na dita barra do Xianiz: nesta tarde se deram vários tiros ao muito passario, que há naquela barra, contra o meu voto, e de muitos mais por temermos o avisarmos com eles ao Paiaguá da nossa vinda, e assim o mostrou a

experiência do outro dia: e não sei se também o prognosticou nesta noite a cruel tempestade, que padecemos, sendo-nos preciso meter no mato as canoas por não se perderem todas.

40. — No outro dia, que foi uma terça-feira e 6 de Junho, seguimos Viagem pelo Paraguai abaixo, e pelas onze horas do dia ouvimos um grande urro pela parte direita, e dela vimos sair de dentro de um sangradouro, em que escondido com os ramos, o Paiaguá: acometeo-nos logo com cinquenta (sic) canoas, que trazia, e todas bem armadas: em cada uma delas vinham dez e doze bugres de agigantada estatura, todos pintados, e emplumados: e o mesmo foi chegar a tiro que cobrir-nos de uma tão espessa nuvem de flechas, que escureceu o sol: temerosos os negros, que remavam, saltaram na água, e nos deixaram as canoas ao desamparo, e nisto estava toda a nossa desgraça; porque um, ou dois brancos, que ficaram nelas, nem podiam tomar terra, nem remar, ou governar a canoa, e defender-se.

41. — Aproveitou-se desta desordem o Paiagua, foi sobre eles, e a flechadas, lançadas, e porretadas os acabaram: alguns se entregaram, mas nem por isso livraram ás vidas, os mais pelejaram com valor até morrerem. O dr. Lanhas ficou só na sua canoa com um moço, que trazia nela doente: disparou quatro armas, que tinha nela, e por falta de quem lhas carregasse, pegou um estoque, e se defendeu com ele chamando por mim, que o socorresse: mas foi lástima que ao mesmo tempo, que eu ja ia a defendê-lo, se me atraveçou diante uma canoa, das que ja andavam sem gente, e me fez rodar pelo Paraguai abaixo.

42. — Voltei o mais breve, que me foi possível, mas ja não vi ao Lanhas, mas sim a multidão de gentio que me carregava: quiseram os meus negros saltarem também na água: mas indo sobre eles recomendei a três brancos, que trazia, que primeiro os matassem, que os deixassem fugir: mas caso que fugissem sempre o meu partido era melhor, que o do Lanhas; porque como éramos quatro brancos, em quanto dois governavam a canoa, os outros dois pelejavamos. Como não fugirão os negros remamos com força para terra: chegamos a uns ramos, e segura nêles a canoa, pudemos pelejar todos: tanto que o inimigo deu algum lugar deixei a dois brancos com os negros da canoa junto a um reduto de terra, que ali achamos, e fui com o outro companheiro socorrer a uns, que ouvia atirar pouco acima de nós, mas como a poucos passos achamos tudo alagado, foi-me preciso voltar depressa para minha canoa.

43. — Ao entrar nela chegaram seis, das que tinham escapado; porque acodiram, como eu, a tempo aos seus negros para lhes não saltarem à água: Unido nos tornou a envestir o gentio. Recebemo-lo com treze armas, que tínhamos, e dando fogo neles com ânsia, e desesperação das vidas, os fizemos retirar buscou-nos porém por entre os ramos temeroso ja da (s) nossas balas, que não perdíamos nenhuma; foi sentido de um camarada, que ao atirar-lhe queimou a cabeça, braço e perna, sendo causa desta desgraça uma pequena faisca, que lhe caiu sôbre a pólvora, que tinha em um chapéu junto a si: disparando logo todos, e fomos sobre a primeira canoa, e a rendemos com um bugre morto, e algumas lanças, e flechas; tomamos também a segunda, que

conhecemos ter sido de um Paulista, que no ano antecedente passava com sua mulher, e família aos Paracis.

44. — Vendo o Paiaguá, que nos não podia render, mas antes recebia grande dano das nossas armas, se retirou ao mesmo sangradouro, de donde tinha saido, e recolhido a prêsa de 16 canoas, que nos levaram, levaram só dela o ouro, que seriam dez, ou onze arrobas, as armas, e toda a roupa, deixando tudo o mais enterraram também alguns dos seus mortos, curaram os feridos, que não foram poucos, segundo nos disse uma negra no outro dia deixada ali por morta; e escolhendo dos negros os que lhes pareceram melhor, mataram todos os mais junto com alguns brancos, que cativaram: levaram porém consigo uma branca filha de Lisboa, a quem mataram nesta ocasião o marido.

45. — Vitoriosos os bárbaros se formaram em duas linhas, e saindo ao rio pararam à nossa vista, e nos falou um rapaz, que julgamos ser o filho do Lopo, que tinham prisioneiro desde o ano, em que eu fui para o Cuiabá e nos disse estas formais palavras de desafio. Se há senhores diz o Cacique, que se querem pelejar saiam fora desses ramos, e vendo-se sem resposta, tornou a dizer, que se não saíssemos, que eles nos viriam logo buscar: Respondeu-se-lhes que viessem, e se lhes atiraram alguns tiros mas sem dano por ser a distância muita. Depois do rapaz se levantou um bastardo, ou carijo, e nos começou a insultar dizendo: Oh patifes, vis, e baixos não sabeis, que os Caribas (assim chamam os brancos) não têm que fazer com os Paiaguas, e Guaicurúz; levantou-se também a moça branca, que ia ao pé do Cacique, e querendo nos (sic) acenar com um lenço, lho não consentiram, e seguiram sua viagem rio abaixo.

46. — Neste tempo já tínhamos descarregado as canoas, e feito trincheira das cargas, para dela nos defendermos se nos tornasse de novo a investir, e, certamente o fariam se soubessem, as poucas forças, que então tínhamos; porque as armas não eram mais, que treze, a pólvora, e munição apenas chegavam para seis cargas, e o mais é que entre oitenta e três pessoas (à margem a nota: eram 40, e não 80, nem cabia tanta gente em tão poucas canoas) que éramos, vinte e três brancos, e os mais negros, só sete, ou oito pelejávamos: morreram no conflito cento e sete entre brancos, e negros segundo a conta, que então lançamos.

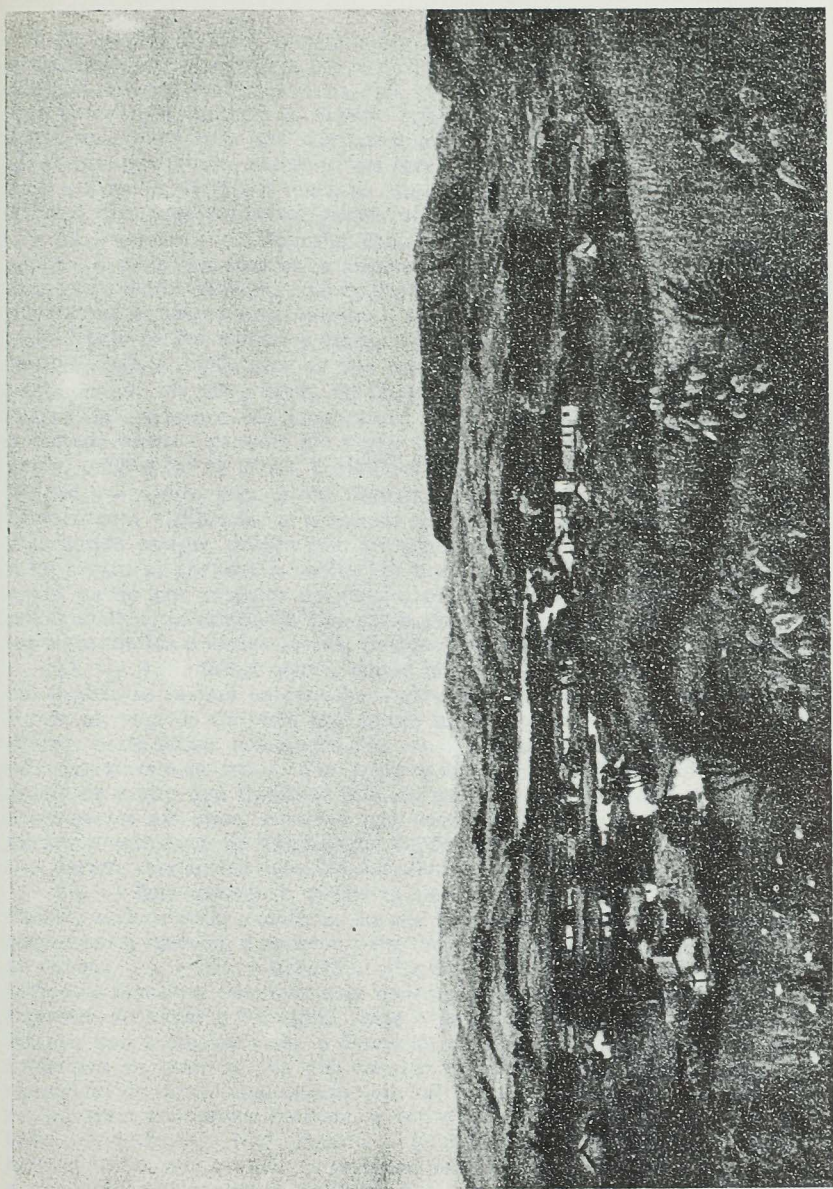
47. — Retirado o inimigo entramos em acordo sobre o que havíamos de fazer; porque o seguir viagem para diante, era cairmos outra vez nas suas mãos, pois sem duvida nos esperavam abaixo, de que davam manifesto indício as taracas, que lhe ouvíamos tocar cada instante: para atravessar o Pantanal, faltava-nos Prático, e quando o tivéssemos sempre nos expunhamos ao risco, de que nos expiassem nele, e de todo nos acabassem, ou que baixando a água déssemos todos em seco, e nos perdessemos: e voltar atrás a esperar as mais tropas, que estavam para vir, também tinha o perigo, de que achando-nos menos, nos seguissem, e alcançassem, o que lhes seria fácil, porque andam mais em um (sic) hora, que nos em todo um dia, assim porque têm melhores canoas, e

remeiros, como porque as trazem sem cargas: em ficar ali não achávamos menos risco; porque estando faltos de mantimentos se se determinassem a buscar-nos não lhe seria difícil o acabar-nos.

48. — Nestas consultas estávamos, quando nos começou a chover, e com tanta força, que em toda a tarde, e noite nos não deixou: apanhou-nos sem rancho, nem modo para o fazer; porque a pequena terra, ou ilha, em que estávamos, não dava lugar a nada, e basta dizer, que apenas cabíamos nela: Começou a levantar na madrugada, e logo se preparou uma canoa, com bastantes remeiros, e algumas armas, e se mandou a espiar o gentio, e a ver se juntamente descobriam de como alguns dos nossos, que tivessem escapado da batalha: acharam-se muitos destes, mas todos mortos, entre eles estava o dr. Lanhas, que trouxeram na canoa, e se lhe deu sepultura no tojucal, em que estávamos: Vinha nú e só trazia os calções, e uns borzeguins: no tempo em que o sepultávamos se ouvia chamar da parte do alojamento do Paiaguá a uma negra, que tinha sido do mesmo Lanhas, pedindo que a fossemos buscar; porque ja não aparecia o gentio: temeu-se ao princípio não fosse traça do inimigo para nos apanhar alguma língua, e saberem dela a força, que ali tínhamos; Venceu a piedade e se mandou conduzir por uma canoa bem equipada de remos, e de armas.

49. — Esta foi a negra, que nos deu a verdadeira notícia, do que o inimigo fez na retirada: Voltou logo ao mesmo alojamento a canoa, e viram os que foram nela as sepulturas, em que enterraram os seus, com forcas, em que enforcaram aos nossos, de que pendiam ainda quatro, ou cinco, e recolhidos estes, e alguns mantimentos que acharam, se retiaram.

50. — Nesta tarde tomamos a resolução de voltar atrás, e logo que cerrou a noite carregamos as canoas, e com o silêncio possível nos embarcamos, e navegamos toda a noite, e achando-nos na madrugada em uma baia, que estava à mão direita por mais força, com que remamos, gastamos o dia todo em a passar, a fim de entrarmos na madre do Paraguai: Aqui se vararam as canoas sobre uma língua de terra, que se descobria entre a baia, e o Paraguai, e ja noite começamos outra vez a navegar, e chegamos à barra do Xianiz e reduto, onde saimos no dia, em que nos deu o gentio.

51. — Neste reduto nos demoramos dois dias, em que não deixou de chover, e no terceiro entramos no Xianiz, onde dormimos nas canoas duas noites por não acharmos terra enxuta, em que o pudessemos fazer. Saimos no outro dia ao Rio dos Porrudos, e subindo três, ou quatro voltas dele nos arranchamos em um reduto de terra, a fim de enxugarmos os mantimentos e roupas, que tudo vinha molhado. Passados dois dias nos embarcamos, e fomos descansar na barra do Cuiabá: Aqui esperamos três, ou quatro dias pelas tropas, que haviam de vir daquelas Minas; porque unidos com elas pudessemos acometer outra vez o Paraguai: porém estas tardaram, e os mantimentos estavam quase no fim, porque os que se não gastaram, se tinham perdido com as águas, resolvemos a vir por terra até Camapoan pelo caminho que seguiam antigamente os sertanistas.

Vista de Camapuan (1826) — Ap. um desenho de Hércules Florence.

52. — Resolutos à viagem subimos pelo rio dos Porrudos dois dias, e entramos no terceiro pela barra do Pequeri, que entra no dos Porrudos à direita; neste gastamos cinco dias até chegarmos à barra do Piangui, que entre nele também à direita navegamos por este quatro dias, e tanto, que avistamos uns morros, que nos ficavam fronteiros, e era o sinal, que nos deram, saltamos em terra, e deixadas as canoas, carregamos a farinha, feijão, e toucinho que nos pareceu bastante para vinte, e cinco dias, que podíamos gastar nesta viagem.

53. — Postos em marcha começamos a caminhar pelo Pantanal sempre à vista dos morros, e atravessando lagoas, e tremedais, e algumas vezes matos chegamos em quatorze dias à primeira roça do Taquari: achamo-la ja despovoada; porque o Caiapó lhe matou sete, ou oito pessoas depois de lhe reduzir a cinzas as casas: os que escaparam fugiram para o Cuiabá junto com os que estavam na roça sua vizinha: Daqui gastamos um dia até a barra do Quexeim: no outro passamos o Taquari abaixo da Cachoeira em uma canoa, que ali achamos quebrada, e com a metade menos: passado ele vimos também a roça, que ali havia sem gente, queimadas as casas, e alguns mortos pelo gentio.

54. — Desta roça à de Camapoan, gastamos nove dias, e meio sempre com vigilância, e a mesma tivemos sempre desde o Piangui, marchando sempre unidos com as armas na vanguarda, e retaguarda, e no centro as cargas: de noite era o se continuar as vigílias, e sentinelas, assim por respeito do gentio, como das onças: enfim tolerando mil trabalhos, passando os rios sobre paus, e vadeando descalços, e por espinhos muitas e várias lagoas, chegamos a Camapoan no 1.º de Agosto.

55. — Aqui falhei com a maior parte do tropa vinte, e três dias, em quanto se faziam as canoas: e algumas foi preciso fazê-las no Rio Pardo na roça do Caijurú, por serem mais capazes, e melhores as madeiras: neste tempo nos lançou nos ranchos fogo em uma flecha o Caiapó: queimaram-se todos, que eram g.dos exeto a Capela, e um dos paiois do muito que livramos com as redes, e com os lenços molhados, e ensopados em água, cobertos com eles: antes da nossa partida chegaram a esta roça as tropas, que esperávamos na barra do Cuiabá, e nos deram relação, do que lhe sucedera com o Paiaguá, e vem a ser.

56. — Que quando a primeira destas tropas chegou à barra do Cuiabá, e lhe deram a notícia, do que nos tinha sucedido no Paraguai, suspendeu a marcha, e esperou pelas mais: chegadas estas encontraram as canoas, e a gente, e acharam oitenta e quatro canoas com perto de trezentas armas, e com todo este poder, que julgaram ser bastante, não temeram acometer o Paraguai: mas o mesmo foi chegarem à barra do Xianiz, que acomelos (sic) o Paiaguá, e tomar-lhe duas canoas, e lhe tomariam as mais se lhe não valesse a terra, a que vinham sempre chegados: de donde começaram com tal força a fazer fogo, que não se restauraram as canoas, feriram, e mataram muitos, mas os puseram a todos em retirada. Não obstante a felicidade deste sucesso, pode mais neles o medo, que o valor, e receosos de outro novo encontro tomaram a resolução, que eu tomei, voltando atrás, e seguindo por terra o caminho de Camapoan, aonde nos encontraram.

57. — De Camapoan varamos as canoas, e as cargas, para a sambixuga, em que gastamos só sete dias, porém não sem algum risco do Caiapó: aqui me embarquei com a metade da tropa, mandando a mais por terra até o Caijurú por falta de canoas, que as não havia para todos; e neste sítio era fácil o valermos das que ali deixam os Cuiabanos, ou fazê-las dos muitos paus, que ali há com grossura, e capacidade para isso.

58. — Pelo Rio Pardo abaixo gastamos só sete dias até chegarmos à roça do Caijurú, e passado o salto do Corau, e o Nhandui-mirim vimos despovoadas as roças, e mortos pelo Caiapó os moradores, também soubemos tinham desamparado as suas os do Caijurú de cima temeu-nos de que lhes sucedesse o mesmo: a roça de baixo, onde pousaram, os que vieram por terra, ainda se achava com bastante gente, não obstante o estarem as casas já queimadas, o que lhes sucedeu na ocasião, e tempo, em que se achavam já nelas os primeiros da minha tropa, que mandei de Camapoan àquela roça a fazer, ou procurar as canoas, e destes ficaram dois flechados.

59. — Aqui dormimos todos uma noite com a cautela, e vigilância necessárias e no outro dia rodamos logo pelo rio abaixo com as canoas tão cheias de gente, que vinham com os bordos na água: chegamos ao Nhandui, neste achamos mais três, em que repartimos a gente: no dia, em que deixamos a roça a deixou também o roceiro, e com os camaradas, e negros se foi por terra para a de Camapoan. Tornamos a embarcar no Nhandui, e quando chegamos às roças, que estão abaixo, as achamos despovoadas, como, também a primeira do Rio Grande: na 2.ª assistia um pobre homem, que tinha fugido do Cuiabá por uma morte, mas depois de eu estar em S. Paulo me disseram, que também o matara o gentio, se é que não foram os seus próprios negros.

60. — Do Nhandui até a barra do Paracicaba gastamos vinte dias, e como o Theaté principiava a encher já com as águas, nos resolvemos a seguir antes o mesmo Paracicaba por ter menos cachoeiras, e correntezas; nele gastamos dez, ou onze dias até desembarcarmos por baixo de um salto do mesmo rio, e aonde há quatro formosas roças com gente, mas muitas mais despovoadas. Este Rio tem algumas itaipavas, mas todo ele esta cercado de matos capazes todos de roças: porém como faltavam as conveniências do Cuiabá, e este porto era o mais distante, deram os mineiros em o não continuar, e assim se perderam as roças, e as fazendas, que nele havia.

61. — Do porto do desembarque até a Vila de Itu gastei três dias por terra: todo este caminho esta cercado de mato, muito e bom, e só com uma única roça; e esta junto a um rio, que chamam Capibarí: não falo naquelas três, ou quatro léguas junto à Vila que estas estão todas povoadas com gente, e roças. Na do Capibarí aluguei cavalo e nele fui para S. Paulo, onde cheguei a dezesseis de Novembro, saindo do Cuiabá a quinze de Maio do mesmo ano de 730, que são seis meses, e um dia: Verdade é, que além da volta, que nos fez dar o Paiaguá, tivemos bastantes dias de falhas, que na viagem comumente se gastam quatro meses: na nossa deixados os perigos do gentio, em que por vezes nos vimos,

padecemos inumeráveis trabalhos, e misérias; porque nos primeiros oito, ou nove dias, depois do sucesso do Paiaguá, tivemos sempre chuvas contínuas, e estas sem rancho, nem lugar, onde o armar: os mosquitos são tantos naquelas partes, que quem não dorme em rede, e com tolda bem fechada, não sossega nem de dia, nem de noite um só instante, e sem dúvida foi este um dos maiores trabalhos, que tivemos nesta derrota.

62. — Pelo caminho de terra desde o Piani até Camapoan além do contínuo trabalho das vigílias, e sentinelas de dia, e de noite, que todas eram precisas, padecemos mil misérias, porque o feijão, que era todo o nosso regalo, não se pôde carregar todo o necessário e assim não comíamos mais, que um pouco de angü, que se fazia para os negros, e brancos de uma pouca de farinha com algum toucinho derretido, ou desfeito na água: em Camapoan também não foi menor a miséria que o Caiapó nos queimou a rancharia; em que ardeu todo o toucinho, e sal, assim o do roceiro, como o que lhe tínhamos já comprado para o nosso provimento e assim nos foi preciso passar a puro feijão mais de um mês, até que no Rio Pardo por cima do salto do Caijurú encontramos uma tropa, que ia para o Cuiabá com o novo Ouvidor José Roiz Villa-lobos, que nos venderam, o que nos foi necessário até chegarmos às roças do Theatê, e nestas fizemos também o mesmo até S. Paulo.

63. — Esta é a informação, que posso dar a V. R. do que me pede, bem sei que há de achar confusa pelo modo, com que a escrevo: mas tenha a certeza, que é verdadeira: e quando V. R. passar a este Rio das mortes satisfarei a tudo o que julgar nesta Vila de S. João 16 de Abril de 1734. / João Antonio Cabral Camello.

NOTÍCIA 3ª PRÁTICA

DADA PELO CAPP.m DOMINGOS LOURENÇO DE ARAUJO AO R. P. DIOGO SOARES SÔBRE O INFELIZ SUCESSO, QUE TIVERAM NO RIO PARAGUAI AS TROPAS, QUE VINHAM PARA S. PAULO NO ANO DE 1730 &c.

Da Coleção do Padre Diogo Juares, S.J.
(Biblioteca de Évora.)

1. — Aos 15 de Maio de 730, sairam das Minas do Cuiabá 23, ou 24 canoas de que era cabo o dr. Antônio Alvares Lanhas Peixoto, Ouvidor, que tinha sido de Parnaguá, e passava naquelas Minas com o General de S. Paulo Rodrigo César de Menezes por ordem expressa del Rey para consultarem entre si os negócios mais arditos (?), e darem-lhe nova forma: Partiu para esta expedição da Vila de Sui a 16 de Julho de 726, e chegado ao Cuiabá, completa a diligência a que fora, lhe foi preciso o demorar-se naquelas Minas por contendas, que sobrevieram de novo, sendo ainda Ouvidor, com o R. Vigº Lourenço de Tolledo Taques sobre pontos de uma, e outra jurisdição, até que se decidiram pelo Illmº do Rio de Janeiro a favor do dr. Lanhas.

2. — Desembaraçado já, e resoluto a recolher-se a S. Paulo chegou com a sua tropa ao Rio Paraguai: topou nele o gentio Paiaguá, que o envestiu de repente com o seu costumado urro de vozes, e instrumentos em oitenta, ou cem canoas todas armadas: Não puderam os nossos tomar terra por se lançarem a água os nossos negros temerosos das lanças inimigas: e assim depois de larga peleja renderam 16 ou 17 canoas, em que acabaram 108 pessoas, 28 brancos, e os mais negros: entre eles foram os principais o dr. Lanhas, o Capp.m Manoel Gomes do Amaral, Sebastião Pereira e alguns mais entre Forasteiros e Paulistas.

3. — No maior fervor da batalha sucedeu não sem mistério a um Ernesto Lamberto alemão, que era Médico nas ditas Minas, que lançando-se os seus remeiros à água lhe entraram os bárbaros à canoa, e querendo matar, como aos mais, um deles o defendeu dos outros, e lhe encaminhou a canoa para onde estavam ja sete, ou oito canoas, que se puderam valer de um barranco ainda que alagado atribuiu-se este caso à muita caridade, que usou sempre com os enfermos nas Minas este estrangeiro.

4. — As canoas, que se acolheram ao barranco só serviram de testemunhas ao primeiro combate, nem cessavam de admirar a destreza, o valor, o ânimo, e ainda a desesperação do inimigo; porque sem temerem a morte se metiam nas bocas das nossas armas desprezando a própria vida, a tempo, que viam outros perdê-la; eram de estatura disformes, traziam as caras, e corpos todos pintados, ornavam com variedade de penas as cabeças, e meneavam com tal destreza as lanças, e os porretes, que em quanto os nossos davam um tiro, faziam dois, ou três eles: o que mais admirou, foi o ver, o sossego, o descanso, com que no maior calor do combate tomavam o pulso aos negros, que rendiam reservando os mais valentes, e tirando a vida aos mais fracos: se se viam acossados de alguma canoa nossa, lançavam-se à água, em que nadam como peixes, e a viravam, e desta sorte nos perderam naquele dia, e acabaram.

5. — Vitoriosos os bárbaros passaram a render as sete, ou oito canoas, que lhes restavam: Uniram-se porém estas de tal sorte, e fizeram sôbre eles um tal, e tão desesperado fogo, que os obrigou a retirar-se, e foi a tão bom tempo que não havia nas nossas armas mais pólvora, e bala, que a que tinham por carga: dos que escaparam nas sete, ou oito canoas foi um R. P. João Vellez, que nesta ocasião fez o ofício de confessor, e de soldado, e a ele dizem, se deve a maior parte desta valorosa resistência. Os que morreram souberam vender as vidas bem caras principalmente um Sebastião Pereira que a ter quem lhe carregasse as armas bastaria ele só para defender a tropa tôda; porque não disparou tiro, que o não empregasse bem.

6. — Só ao dr. Lanhas não dispararam estes bárbaros contentando-se com lhe tirarem o hábito de Cristo, que lançou o Cacique ao pescoço, e vestido com um vestido rico do mesmo Lanhas se pôs em marcha formando as suas canoas em duas linhas, tocando os seus instrumentos e desafiando aos nossos para o meio do rio: foi nos esperar a baixo sentado na popa de uma canoa a sombra de um chapéu de sol de mão, com que defendia também dele a uma desgraçada moça filha de Lx.ª de 18 anos, e casada de pouco naquelas minas com Manoel Lopes Braga, que também morreu no conflito, e de quem se achava prenha. O saque não passou de 20 arrobas de ouro, outros lhe dão menos; levaram boas roupas, e melhores trapos. As sete, ou oito canoas, que livraram retrocederam a marcha, e subiram o Rio dos Porrudos para seguirem pelo Pequeri a caminho de terra até Camapoan exceto o P. Velles, e Ernesto Lamberto, que se deixaram ficar na ilha comprida do Rio Cuiabá à espera de mais tropas, que haviam de vir de Cuiabá.

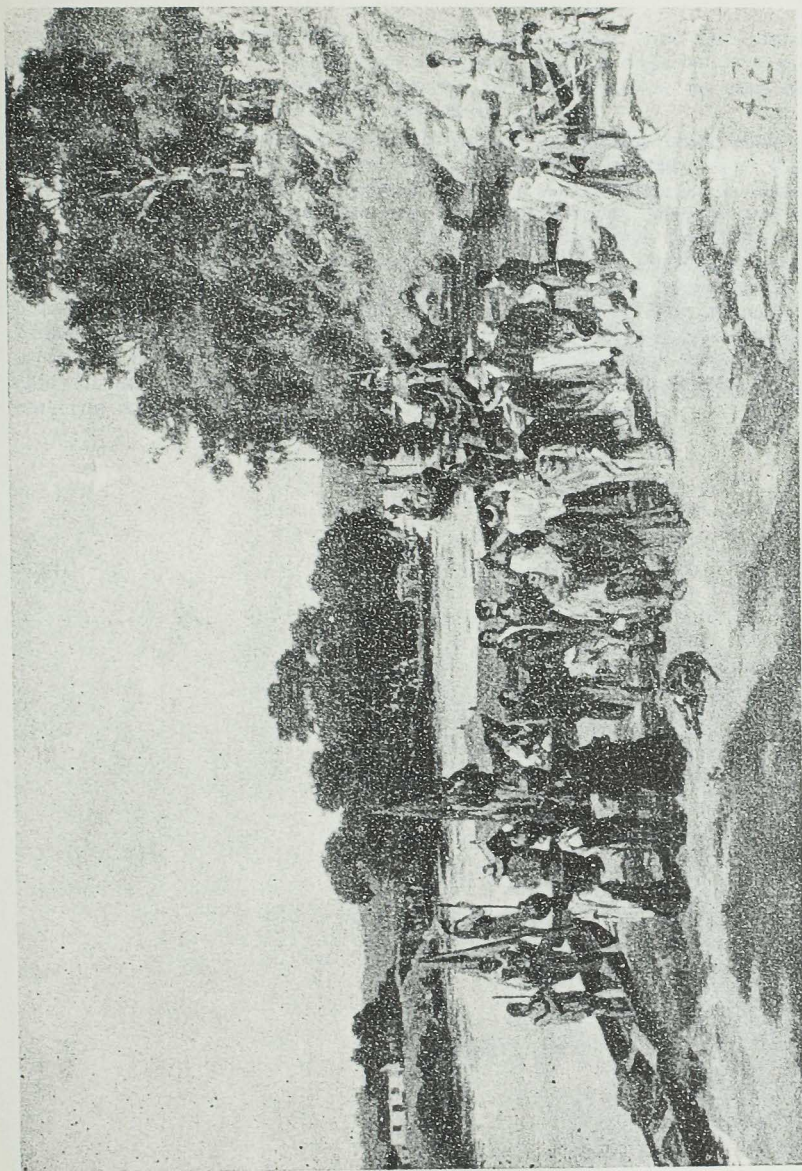
7. — Sairam estas daquelas Minas a de julho do mesmo ano de 1730, em oitenta e quatro canoas com gente lusida, e prática do Sertão, e não menos experiência do gentio pela maior parte dela ser Paulista: traziam consigo mais de trezentas armas de fogo, fora flechas, de que usavam os índios ja domésticos: era cabo de toda esta grande tropa João de Araujo Cabral um dos melhores, e mais experientes sertanistas: chegaram a ilha comprida e achando nela ao R. P. Vellez, e ao Ernesto Lamberto souberam dêles a deplorável desgraça da sua tropa.

8. — Não desanimaram porém, fiados na boa gente, e armas, que traziam: fizeram alto, e consultando o que se havia de fazer, resolveram o não seguirem viagem sem expresso consentimento da Regência das Minas, mandaram-lhe para isso um enviado pedindo-lhe lhe mandassem logo algum socorro, aliás determinassem, o que haviam de obrar com ouro del Rey N. S. que traziam para S. Paulo: respondeu-se-lhe, que se ficava cuidando na pronta expedição de um bom socorro, que os segurasse: esperaram por ele 26 dias sem que este aparecesse, e vendo o quanto são prejudiciais as mais mínimas demoras deste sertão, seguiram viagem expostos a todo o risco: puseram na Vanguarda 6 canoas todas armadas, 6 na retaguarda, e no centro as de carga.

9. — Nesta ordem continuaram a marcha ainda que vagarosa, e lenta pela esperança do prometido socorro: chegados ao Paraguai aos 31 de Julho descobriu uma das nossas canoas, que andava na vanguarda a esquadra do Gentio, que estava escondida em uma grande lagoa junto ao Xianiz, deu logo sinal a toda a tropa, procuraram as canoas todas as terras, para ser melhor a defesa exceto duas, ou três, que não puderam ganhar com tanta pressa, que se não vissem cobertas de lanças, e flechas do inimigo, que dando um grande urro as acomenteu de improviso com intento de as render.

10. — Era uma destas de índios domésticos, governados, e administrados pelo R. P. Manoel de Campos, e vendo-se acometida envestiu com valor, senão foi temeridade, as canoas inimigas: empregando nelas os tiros com tal fortuna, que as encheram de mortos, ajudava-os um branco, que ia com eles, e vendo acabada a polvora lançaram mão dos arcos, com que não fizeram menos estrago: é admiração, que entre índios houvesse um deles tão destro, era Guailó de nação, que esperando no ar as flechas do inimigo, as metia no seu arco, e lhe atirava com elas: Viu o Paiaguá o valor deste Guailó, e procurou acabá-lo: carregaram com as lanças sobre ele; mas ao tempo que lhas apontavam ao peito um salto se suspendeu no ar, e se livrou, caiu na água, mas de outro salto tornou a recuperar a canoa, e fazendo da popa proa cuidou em se salvar debaixo das nossas armas, que já de terra o cobriam.

11. — Defenderam-se com valor, os que ocuparam a terra, ainda que confusos, e mal unidos, por querer cada um defender o seu, e a seu modo, isentando-se da obediência do cabo, ainda que também neste houve menos resolução, que valor. Houve tiro de bacamarte feito por um Paulista chamado Alexandre Correa que nesta ocasião varreu toda uma canoa, e fez rodar ocupada de corpos mortos; outros muitos se assinalaram também nesta ação, que me parece escusado enumerá-los.

12. — Vendo-se os bárbaros tão mal servidos, e cheias de mortos, e feridos as canoas, se retiraram desafiando aos nossos, como costumaram, para o meio do rio, onde um deles só basta para muitos nossos. Quisemos sair ao largo, ou ao menos buscar-lhe o alojamento onde costumam deixar as bagagens, e mulheres, como gente inútil para a guerra, mas desvaneceu-se logo êste intento assim pela má dis-

Benção das canoas de uma monção pelo vigário de Porto Feliz — Óleo de Aurélio Zimmermann — Ap. Hércules Florence — (Galeria do Museu Paulista)

posição, que havia entre nós, como pelo muito poder, com que ainda se achava o Paiaguá. Recolheu-se este logo ao seu alojamento e tomando as bagages, e mulheres, que ali tinham, marchou ao som de seus costumados instrumentos a esperar-nos abaixo.

13. — Entraram em consulta, os nossos, e podendo neles mais o medo que o valor, com que acabavam de vencer, voltaram atrás uns seguindo outra vez para as mesmas Minas, e outros tomando o caminho do Sertão passados os Rios dos Porrudos, Pequeri, vieram sair a Camapoan: Aqui acharam que o Gentio Guaipó tinha queimado as casas, e as roçarias ao Sargento-mor Miguel Roiz, digo Domingos Roiz, e a Miguel Pereira, que eram os senhores delas: também souberam que o mesmo tinham feito no Cajurú os Gualaios às roças, que ali havia: Estas, e outras muitas hostilidades nos fazem continuamente não só estes dois lotes, mas outras muitas nações, que habitam e contam este caminho etc. Rio de Janeiro 3 de Novembro de 730. Domingos Lourenço de Araújo.

NOTÍCIA 4ª PRÁTICA

VINDA DA CIDADE DO PARAGUAI À NOVA COLONIA DO SACRAMENTO COM AVISO DA VENDA, QUE FIZERAM OS PAIAGUAS DOS CATIVOS PORTUGUESES NAQUELA MESMA CIDADE, E ESCRITA POR D. CARLOS DE LOS RIOS VALMASEDA

Da Coleção do Padre Diogo Juares, S.J.
(Biblioteca de Évora.)

1. — El dia 15 de Septiembre de 1730, dia, em que empieça la novena de N. Snr.ª de la Merced se apparecieron en la otra parte del Rio de la ciudada 60 canoas de indios Payaguâz, de donde encharon una caņoa en tierra com quatro indios muy emplumados, y armados com flechas, y lanças, y almagrados los rostros, vestidos con uno (s) cassacones de cuero de tigres a dar parte al d.º Governador, en como traian a unos cautivos Portugueses, que querian vender a los Españoles: y offereciendo su señoria que los descataria a todos, no quisieron dichos indios traelos a la ciudad, sin q les mostrase primeiro lo que les havian de dar por ellos; poniendo excessivo precio a una señora Portuguesa, y a dos mancebos fuera de otros, y mulatos; y corriendo esta noticia, pela ciudad, salio luego al punto el P. Comendador de la Merced acompañado de un Alcalde a pedir limosna para su rescate, y passando el P. Comendador con toda su Comunidad a casa de su senñria a manifestar a los indios lo que les havia de dar, poniendo mucha plauta labrada de la del ornamento de su Yglesia, a lo que concurrió tambien su señoria, y com mas empeño D. Santiágo Gallo, quien es que puso quanto falto de plata, y otras cosas de la apetencia de los indios.

2. — Con esto passarão los dichos indios a traerlos; pero aviendo ido se bolvieron disiendo, era preciso se les diesse mas; porq el Casique no estava contento. Entonces su señoria, el dicho P. Comendador, y dicho Santiágo Gallo bolvieron a reforçar com mas plata, a lo que todos concurrieron generalmente. Y passando segunda ves a mostrar a dichos indios lo que mas avian juntado; passaron dichos indios a sus canoas, y traxeron a dicha señora, dos mancebos, e dose negros, y mulatos, y fueron rescatados, y recebidos con general compassion de todo el pueblo de verlos en el miserable estado, en que los traian, en especial a dicha señora, a

quien havian rapado cejas, pestanas, y cabeça sin mas vestuario, que unas nagues viejas, hechas pedaços, con q cobria suas verguenças: los mas los traian desnudos del todo, y rapados en la misma forma.

3. — No se puede negar la compassion, que causarian, pues dicha señora no savia, ni podia articular mas rason, que remitirlo todo a las lagrimas, causando su vista un general llanto a todos; pues siendo de las obligaciones que se se suppone, y nacida, y criada con todo regalo, se via en tan miserable estado, y mas quando no avia onse meses, que se avia casado con un cavallero de todas prendas, y muchas conveniencias, a quien mataron dichos indios estando dicha señora preñada, que fué providencia de Dios no parir entre ellos, onde disen estuvo tres meses pàssando muchos martirios, desnudeses, hambres, y burlas, y sin poder valerse de suas criadas traiendolas a la vista padeciendo lo mismo, que ella.

4. — Todos fueron repartidos por varias casas, donde los pidieron y fuesen attendidos: dicha señora se puso, y está en casa de mi madre D. Francisca Benitos, esposa del señor Governador, que fué desta ciudad D. Diego de los Reys, y Valmaseda mi Padre, y fué para su casa una silla de manos com general applauso, y acompañamiento de todo el pueblo, en donde se mantiene con grande estimacion, mirandola como propria hija, vestiendola com sus proprios vestidos, traendola consigo con todo respeto, con el qual les miron todos generalmente. Es de edad de 18 athe 20 annos, de buen parecer, muy discreta, honesta, y todas las mas prendas, que puede tener una señora de obligaciones: llamase D. Dominga Roiz, su Padre se llama D. Antonio Roiz ambos naturales de Lisbona: su marido dise se llamava D. Manoel Lopes de Carv.º natural de Braga.

5. — Todos sus paysanos disen, que es señora de toda excepcion, y que su marido mucho mas, el qual avia baxado a las Minas a condusir el oro de Su Magestad, aunque perguntandole a ella esto, responde con toda discrecion, que ella no es mas, que una pobre hija, si de buenas obligaciones, en que se reconose su entendimento, pero por la rason de sus paysanos, y su modo se discure de ella quien es por averse visto en tal estado, e desdicha.

6. — El modo, como les cogieron, fue, que saliendo de las Minas para S. Pablo com 23 canoas, em que llevavan el oro del Rey, y de otros particulares, se encontrarão com dichos indios yendo descuidados, se apoderaron de las 16. canoas escapandose las 7. mattando un Oydor, que avia venido por el Rey, el Comandante, al Capellan, y a todos los demas, aprisionando solamente a dicha señora, dos cavalleritos, dos niñas, tres negros, y quatro negras de la dicha señora con mas 30 negros, y mulatos, que nos han traydo a vender dichos indios, muy ricos vestidos, y alajas de oro, todo de mucho precio: en oro en polvo creo, que avran traido mas de cien arrobas, las quales han vendido con tal abundancia, que por un platillo dan 8. onças, por una cuchara 3. y 4. por un pedaço de bayeta, e sempiterna colorada dan 6. y 8. onças, por quentitillas falsas, miel, mais, cuchillos, y a este tenor, por quanto ven; pues ay sugeto, que com valor de 50 pesos ha comprado 20 libras de oro.

7. — Asseguro a V. M. que estamos por acá ricos de oro, yá que no tenemos plata, que ay sugeto, que quedará sin alaja ninguna por dar a

los indios por oro, yá que Diós les vino a ver, como a los demas. Oy se compran yá los generos de Castilla por oro, y no por yerva, ni tavaco: es verdad, que con ganancia un 150 por ciento de los precios de Buenos Ayres: Uno de los cautivos Portuguezes ha dado noticia de unas minas de oro, que ay en esta Prov.ª y se pasa a manifestalas, en cuya fe passo D. Juan de Barcia con el, y gente de trabaxo a descobrilas, segun se dise saldrá bien: estan quarenta legoas de la ciudad, tierra firme, y sin riesgo.

8. — Añado, que en medio del alboroto, que causaron dichos indios, con la traida de los cautivos, y el oro se escaparon de uns sus tolderias en los dias de la novena denuestra Señora de la Merced, una señorita española desta Prov.ª una mulata de casa de D. Juan Davila, y otros dos cautivos llegando todos con bien: milagros de nuestra Madre Sanctissima de la Merced Redemptora de cautivos: pues aviendo estado dichos cautivos entre infieles tanto tiempo, solo se determinarão a llegar com ellos en dia de la misma señora, y en dias de novena se escaparão de sus tolderias los referidos cautivos. Paraguay, Noviembre 4 de 1730. D. Carlos de los Reyes Valmaseda.

NOTÍCIA 7ª PRÁTICA

✠ ROTEIRO VERDADEIRO DAS MINAS DO CUIABÁ, E DE TÔDAS AS SUAS MARCHAS, CACHOEIRAS, ITAIPAVAS, VARADOUROS, E DESCARREGADOUROS DAS CANOAS, QUE NAVEGAM PARA AS DITAS MINAS, COM OS DIAS DA NAVEGAÇÃO, E TRAVESSIA, QUE SE COSTUMAM FAZER POR MAR, E TERRA

Da Coleção do Padre Diogo Juares, S.J.
(Biblioteca de Évora.)

1. — A moção mais conveniente para as Minas do Cuiabá, é a de 20 de Maio até dia de S. Antônio: Alguns há, que se alargam até o meio de Julho, mas estes são só alguns certanistas práticos no mesmo certão, e que se valem de muitos gentios mansos, e domésticos para esta navegação: mas segura é sem dúvida a de 20 de Maio até 13 de Junho, tempo em que se deve estar já no Rio Grande por não se expor ao risco de ter contra si as correntes dos rios, e suas enchentes, nas quais se tem perdido muito gente.

2. — Dá-se princípio a esta viagem saindo da cidade de S. Paulo para a Vila de Itu, em que se gastam 3 dias de gente carregada. Desta Vila de Itu se vai por terra costeando o rio à Capela de N. Senhora da Penha, que são dois dias de gente carregada. Está esta Capela em um sítio, a que chamam Araritaguabá, que quer dizer Arara, que come nas pedras e é o posto, onde se embarcam, e despedem da Senhora, os que passam a estas Minas. Este rio de Itu quando passa por S. Paulo, e desce até o grande salto, que faz na mesma Vila de Itu, se chama Tietê, daí para baixo o Anhembi, que vale o mesmo que Madre do Rio.

6. dias

Partidos desta Capela, e passadas duas voltas deste rio, se dá em uma cachoeira chamada a Cangoeira, que quer dizer caveira de defunto: esta se tomará a mão direita, e por entre uma ilha, e logo se irá passando à esquerda navegando por umas más correntesas, que estão aparecendo. Mais abaixo em duas voltas, e meia do rio estão outras correntesas, estas se tomaram à mão direita, e acabado o coto, que faz o rio, se passará logo à esquerda a tomar o jurumerim, ou sumidouro, e tomado este se

navegará à direita a embocar por um canal manso, e quieto, que logo se encontra.

Daqui a meia volta do mesmo rio se vai sempre à mão esquerda entrando o boqueirão até avistar a cachoeira, chamada Abaremanduaba, que quer dizer lugar, onde o Padre mergulhou. Deu-lhe este nome o Ven. P. José de Anchieta, quando voltando-se-lhe a canoa neste lugar, e buscando-o de mergulho o gentio, o acharam no fundo rezando no breviário: avistada a dita Cachoeira se ira rossando pela parte direita, e pela orla do rio, e do seu barranco a descobrir, e imbicar nas pedras: onde se descarregaram as canoas, e passando-se as cargas à (sic) cabeças dos negros, se levarão as canoas às mãos por canal pequeno, que esta ao pé e se as canoas forem grandes, e o rio estiver baixo, se levarão pelo canal grande a remo remando para cima a tomar o canal, e as cargas, e tomadas estas se passará logo a fazer pouso, que é boa paragem para ele; e ainda que pequena marcha, é bem, que assim seja em rasão de ser o primeiro dia, ir-se a gente costumando ao trabalho.

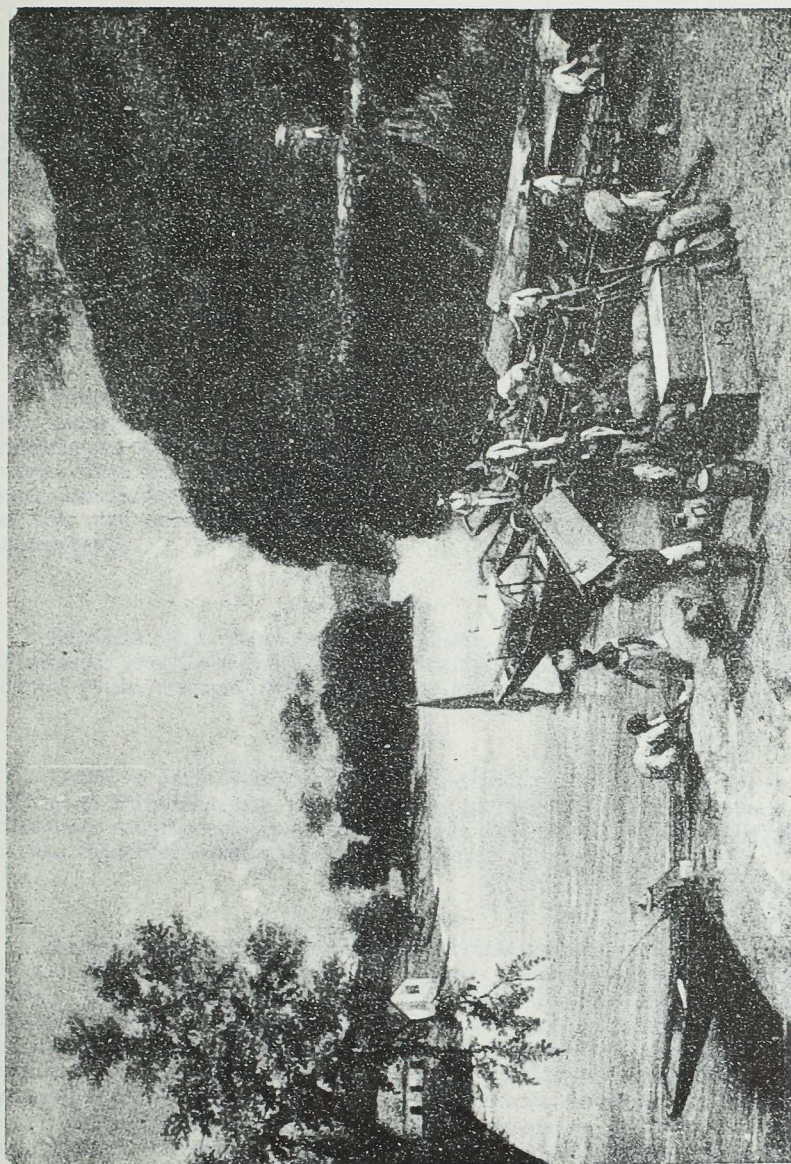
7. dias

Parte-se deste pouso, e logo em duas voltas largas do rio está uma cachoeira que o atraveça, e chamam o Itanhaem, esta se tomará bem pela beira do rio a mão esquerda, e é esta paregem a última povoação do termo da Vila de Itu.

Passado o Itanhaem, que vale o mesmo, que pedra, logo a uma volta do rio esta uma ponta de pedras, a que chamam iriricá, que quer dizer lugar, onde a voz, faz éco, e logo começam umas correntesas, que se tomam pelo meio do rio, e daí a algumas voltas está outra cachoeira chamada Itaguacaba, que é o mesmo que pedra, que atravessa o rio: esta se tomará pela mão direita um tanto pelo meio do rio, e não tanto pelo meio, mas ao largo.

Mais abaixo está um baixio, em que passado o canal se puxarão as canoas à mão esquerda a fugir dele, e logo na mesma volta esta outra do mesmo nome, que se tomará a mão direita pela borda do rio, e dados no poço se virará logo a esquerda a passar as últimas correntesas; e daí é o rio manso até Piraporá, que quer dizer, lugar, onde os peixes saltam: é cachoeira grande, nela se descarregam as canoas, e se levam à cirga, e se embicam a mão esquerda cirgando-as até se tornarem a meter no canal, e tendo o rio água à beira rio é boa cirga.

8 dias.

Deste pouso se parte, e navega por rio manso até uma cachoeira, que o atravessa chamada de Mathias Pires, que tendo o canal pelo meio do mesmo rio se deixa logo ver, e tomar: passada esta, é rio manso até chegar a outra, que também atravessa o mesmo rio, tomar-se-á à mão esquerda, tem bom canal abeirando a terra, e se irá buscar pouso para baixo.

Carga das canoas de uma Monção em Porto Feliz — Ap. Hércules Florence
— Óleo de Oscar Pereira da Silva — (Galeria do Museu Paulista)

9 dias.

Deste se partirá, e um tanto cedo se chegará a uma cachoeira que atravessa o mesmo rio, e tem o canal à beira rio pela mão direita; e daqui adiante é rio manso até a barra do rio Sorocaba; e por baixo desta se costuma fazer pouso; porque as marchas não podem ser muito largas pelo dilatado da viagem.

10 dias.

Parte-se deste Pouso, e passando umas correntesas, que se chamam das Pederneiras, não há cachoeira alguma dois, ou três dias de viagem, e tudo é rio manso, e onde ele acaba aí farão pouso, mas um pouco abaixo, ou acima, que só assim o terão bom.

14 dias.

Daqui partirão, e a primeira cachoeira, a que chegarem, tomá-la-ão pela esquerda roçando a beira do rio por entre uma ilha chamada Itapémerim, que vale o mesmo, que lajes rasas: e passadas outras muitas e varias ilhas irão fazer pouso abaixo da barra do rio Piracicábá, que quer dizer lugar onde chegam os peixes. Muitos costumam gastar aqui os três dias, que acima disse do rio manso, outros os gastam no pouso antecedente.

15 dias.

Sair-se-á dêste pouso, e ir-se-á pousar, onde chamam o Pouso do Pirataracá, que é o mesmo, que lugar, onde o peixe se espantou; porque aqui é pouso, e todos o costumam fazer aqui.

16 dias.

Daqui se parte, e logo se começa a entrar por um esteirão de rio, Chamado Pitinduba, que vale o mesmo, que esteirão de rio direito no fim deste esteirão está uma cachoeira, que atravessa o rio; tem o canal à mão esquerda, e passada esta são horas de pousar.

17 dias.

Partirão daqui, e passando umas correntesas pelo meio do rio entrarão em rio manso até chegarem a uma cachoeira, chamada Bauru, vale o mesmo, que não tem significação: esta se tomará à mão direita bem à beira rio, e em passando uma ilha se tomará pelo largo do rio, e se chegará a outra cachoeira Bairimirim, e se tomará a esquerda, e embicadas as canoas à beira rio se levarão às mãos até se meterem na cachoeira, e logo se tornarão a embarcar, e levarão as canoas bem remadas: logo chegarão, passada esta, a outra cachoeira, chamada Baririassú, que, é o mesmo, que cachoeira grande; tomar-se-á a esquerda levando as canoas às mãos, porque tem seu risco, e perigo, e mais do que nas outras: e assim é necessário cuidado mas passada ela se faz pouso.

18 dias.

Deste pouso se parte, e marchando se entrará pelas itaipavas de Içapetuba, vale o mesmo, que cachoeira baixa: entra-se nas primeiras à mão direita, e logo começa outra comprida a mesma parte, e olhando-se para a esquerda se vê muito capim, e se passa pelo barranco: passadas as itaipavas se saí ao pouso das Congonhas, que o não parece ser, e logo se entra por outra itaipava à mão esquerda, e no fim achareis o porto das ditas Congonhas: Neste costumam os Certanistas fazer as suas Congonhas tanto para os brancos, como para os índios, e negros por lhe ser conveniente a todos beberem-nas pela manhã, e quando aqui se pousa, é comumente por ir já cansada a gente, e por isso é mais dilatada a demora: mas que se façam, ou não Congonhas, sempre nesta paragem é bom pouso.

19 dias.

Daqui se sai, e se navega por rio manso todo o dia, e se passa pela altura da paragem, chamada Iacari pupiba, que quer dizer, Ribeirão, onde matarão jacarés.

20 dias.

Deste pouso se saí, e se navega por rio manso até a itaipava chamada Guaimicanga, que vale o mesmo, que ossos de negra velha, que aqui morreu: toma-se pelo meio do rio, deixando à mão direita uma ilha, e para baixo tem umas pequenas correntesas, e a horas de pouso se chega a uma cachoeira chamada Cabagibóca, tomar-se-á o canal à mão esquerda, que não aparece bem, e se fará pouso dela.

21 dias.

Daqui se parte, e vão passando algumas correntesas, e se chega ja alto-dia à cachoeira do Tambai, que se toma a remo à mão esquerda, acudindo logo a ponta debaixo da ilha, rossando pela dita ponta, e puxando à mão direita, e logo se descobrirá a saida; e a horas já de Pouso se chega a outra cachoeira chamada Tambai-mirim, que quer dizer, lugar onde há peixinhos mais pequininos, esta se tomará também à mão esquerda: no fim ha uma ilha, que também se buscará rossando-se a ponta dela, e puxando sempre à mão direita a fugir de umas grandes ondas, e abaixo se faz pouso.

22 dias.

Parte-se deste, e por todo o dia se navega por rio manso sem embaraço algum e nele sendo horas se faz pouso.

23 dias.

Sai-se deste, e a horas pouco mais, ou menos de pousar se chega a uma cachoeira grande chamada Avenhabá-mirim: esta se passa com as

canoas à cirga pela parte direita, por ser temeroso o canal, que é pelo meio do rio carregando a parte esquerda: e abaixo dela se costuma pousar.

24 dias.

Deste pouso se parte, e cedo se chega ao Varadouro de Avenhadava: este Varadouro fica à mão direita, e já um tanto de cima se hão de descarregar as canoas, e descarregadas levá-las às mãos até se meterem na boca do Varadouro, e depois de varadas se embarcarão duas pessoas nelas logo em caindo no rio para as guiarem por aquelas grandes ondas até chegarem ao remanso do rio, onde se tornam a carregar; e aqui se faz pouso: advirto que este varadouro tem um salto depois de sair nas lajes, e muitas vezes sucede soltarem-se as canoas das mãos, de quem as leva, e perderem-se.

25 dias.

Parte-se deste Pouso, e cedo se chegará a uma cachoeira chamada a Escaramuça, e se tomará à mão direita a remo, no fim dela se deve embicar nas pedras a cirga, para se entrar por rio manso, e quieto até chegarem à cachoeira Itúpanema, que vale o mesmo que lugar onde se tem perdido gente, e logo abaixo se fará pouso.

26 dias.

Parte-se daqui, e logo se chegará a uma itaipava, que tem uma ilha na cachoeira, que deixarão à mão direita a tomar sempre um tanto ao largo: depois desta há alguas correntesas até chegar a outra cachoeira chamada as Ondas grandes: tem o canal pelo meio do rio acostado à mão direita: logo se avista também outra com uma ilha no meio, mas chegando a cabeceira desta ilha é preciso se tome a direita rossando a beira dela, que suposto tem muita pedra, não tem perigo algum por esta parte.

No fim desta cachoeira entrar-se-á por bom rio, e quase a horas de pouso chegarão as itaipavas de Guaritiçá, que quer dizer, lugar onde há cachos de frutas; a primeira tem uma ilha grande para mão direita, e abaixo dela, fora as mais ilhas, que tem também para baixo, se tomará à mão esquerda pela parte do rio, que todas são baixas: passada esta se avista logo outra ilha perto de terra, deixe-se à esquerda não retirando muito dela; que logo se da em rio manso.

Daqui a uma boa volta de rio esta outra bem comprida, que toma uma grande volta do mesmo rio; entra-se nela à mão esquerda, e em passando o primeiro baixo, ir-se-á passando a outra banda, deixando uma ilha para cima, e outra para baixo costeando a terra, e dai para baixo tem boa saida até onde se costumam fazer pouso: este dia de trabalho, e de grande marcha.

27 dias.

Deste pouso se parte, e logo se chega a uma cachoeira, que também toma toda uma volta de rio, chamada Araracanguá-mirim, que vale o

mesmo, que cabeça da Arara pequena, esta se costeará pela mão direita roçando as pedras, e levando as canoas a sirga; o canal esta roçando por uma ilhota pequena, que esta na cabeceira, e logo abaixo esta outra muito mais grande, tem o canal torto, mas passado ele tome-se a parte por entre outras duas ilhotas pequeninas, advirtindo que leva suas correntezas até a ponta da dita ilha grande.

No fim destas ilhas entrarão por rio manso bastante distância, e a horas de pouso se chega a um descarregadouro, chamado Araracanguava, que é o mesmo, que lugar onde se matou a Arara; entrar-se-á por umas itaipavas compridas sempre navegando à parte esquerda até chegar ao descarregadouro, que é bem ruim para a passagem das canoas: e assim se descerão estas por cordas pela popa, e proa, e com cuidado grande: aqui é costume pousar-se.

28 dias.

Parte-se deste pouso, e logo se avista outra cachoeira chamada Itupeba, que quer dizer cachoeira rasa; toma-se por ela à mão esquerda abeirando o rio, e aos poucos se vai pendendo para o largo por ter melhor saida, que tudo o mais é baixo: daqui terão bom rio, e chegarão a outra cachoeira já quase horas de pouso, chamada a Escaramuça pequena, e se tomará à mão esquerda costeando a terra não muito que tem boa saida, e é comprida; e daqui para diante tem bom rio até fazer horas de pouso.

29 dias.

Parte-se deste por bom rio, e se chega a um poço chamado Piratararaca, vale o mesmo, que onde há peixe, e se pesca, e daí a duas voltas do rio começam umas correntesas até chegar a uma cachoeira, chamada Itupira, que quer dizer cachoeira pequena, e mostra uma grande ilha, fora outras pequenas, entra-se por ela à mão direita deixando-se as outras ilhas à esquerda, que tem seus canais, mas sempre se vai costeando as mesma ilhas a sair à cabeceira da ilha grande, cometendo um tanto para o largo, e deixando uma, ou duas ilhotas, à mão direita já emparelhando a ilha grande, que fica à mão esquerda, e com a advertência, que já ao emparelhar da ilhota, se trazem as canoas às mãos, que tuodo é seco, cirgandose a beira do rio saindo da última correntesa se embarca na ilha grande não se querendo pousar nela: mas o costume é ficar na dita ilha por ser bom pouso, e já horas.

30 dias.

Deste lugar se sai, e logo em passando a ponta da ilha, se entra por umas correntezas, e perto do salto se chega a uma itaipava, que tem no meio duas ilhas, e tão enfiadas. que se não distinque de longe se são duas, entra-se na cabeceira à mão esquerda; e pelo vão da ilha, e terra tem seu canal pelo meio, e também repartindo as duas ilhas a roçar pela última levando-a à mão esquerda tem boa saida, que o mais é puro baixio: passada esta se segue logo o salto, chamado Itapurá, que vale o mesmo,

que Pedra dura, e é varadouro, em que logo à mão direita se descarregam as canoas, e se levam as cargas às costas dos negros, passando as canoas às mãos roçando o barranco até as meterem na boca do varadouro: tem este um barranco no meio, em que deve haver cuidado e no mesmo barranco tem sua volta, em que tem perigado não poucas canoas; e ainda depois destas sairem das lajes, correm mais risco, por ser lançante: aqui há um bom areal, onde se tornam a carregar as canoas, e é excelente paragem para pousar.

ENTRADA NO RIO GRANDE

QUE VEM DAS MINAS GERAIS, E COM OS MAIS, QUE NELE ENTRAM, SE UNE AO PARAGUAI, E FORMAM AMBOS O RIO DA PRATA JUNTO A BUENOS AIRES

31 dias.

Daqui se sai, e passando quatro, ou cinco voltas de rio, se entra no Rio Grande, e se vai por ele abaixo, e cedo se chega a uns Redomoinhos, passado primeiro um emparedado de lajes, que faz o rio, roçando sempre por elas à mão esquerda; daqui se indireita logo ao largo deixando uma ilhota, que está no fim, e perto da terra à mão esquerda: está depois logo uma cachoeira com seus redomoinhos, e se chama Iupiassú, que vale o mesmo, que coisa madura, e passada esta se marcha por rio bom, e quase a horas de pouso se chega a uma ilha comprida tomando-se nela o braço da parte esquerda; porque o da direita tem sua cachoeira, e entre ela se pousa.

32 dias.

Parte-se deste Pouso sempre com rio bom, e a horas de pouso se chega a uma cachoeira, que tem seu pouso em baixo, e se chama Itapeva, que quer dizer Pedra dura, nestas á muitas, e varias ilhas umas mais acima, e outras mais abaixo: entra-se na primeira pelo braço da mão esquerda, e deste para as rossas da Itapeva, cujas capoeiras fronteiam com a metade da ilha. Estas são as Capoeiras, e paragens, onde os sertanistas costumam lançar suas Roças, que na volta do Sertão tenham mantimentos nelas, para se refazerem a si e ao gentio, que consigo trazem.

Neste sítio, e até a barra do Rio Pardo costumam dar as maleitas e malígnas, e poucos escapam delas excepto os negros, que são neste particular os mais bem livrados. Verdade é, que até agora os Sertanistas, que iam para o Cuiabá, entravam pelo rio Verde, e quem lhe quiser ver a barra, que faz neste rio Grande, virá costeando este mesmo rio à mão direita deixando as ilhas à esquerda, e quase no fim da última achará a dita barra, e pouso nas suas capoeiras: hoje porém pelo medo do Gentio Caiapó deixam o rio Verde, que era mais em direitura, e vão pelo rio Grande buscar a barra do rio Pardo.

É este gentio uma nação, que nunca foi conquistada pelos Sertanistas, por são, (?) e guerreiam com traição, nem tem domicílio certo, nem

plantas, ou lavouras: São volantes, e de corso, e se sustentam da imundície do mato; e quando chegam a plantar trazem o mantimento consigo conduzindo-o de uma parte, para outra e assim por sua causa se não pode tomar o rio Verde, e endireitar logo por ele o caminho para o Cuiabá. Verdade é que também chegam ao rio Pardo, mas são poucos, e esses bastaram já para fazerem despovoar as roças, que ali havia, matando-lhe a gente, e queimando-lhe as casas.

33 dias.

Sair-se-á dos Pousos das ditas Capoeiras, e se navegará por rio bom todo o dia, indo-se pousar perto de outras, que tem umas pedras grandes pelo meio do rio no mesmo sítio das Capoeiras.

34 dias.

Deste pouso se parte passando outras Capoeiras, e logo abaixo estão umas Guarapirangas, que são umas pedras moles altas, e escalvadas: abaixo fica logo um areal grande na barra de um riacho, e se vai pousar perto da barra do Rio Pardo, que fica à mão direita passando-se primeiro a ponta de uma ilha, que lhe fica em frente, onde começaram outras guarapirangas à mão esquerda.

RIO PARDO

35 dias.

Daqui se parte muito cedo e se chegará à barra do rio Pardo, tem esta em frente umas Capoeiras, e um areial grande, e abaixo esta ilha, e subindo pelo dito Pardo acima, a suas horas se pousa.

Advertência necessária aos que vão ao Cuiabá. Tanto, que sairem do rio grande, digo da vila de Itu, e entrarem no Rio Grande até buscarem a barra do Rio Pardo, quanto menos água beberem do dito rio Grande, tanto mais se livrarão das maleitas, que nele são infalíveis, e se for possível levarem-na de outro cozido, e ainda crua, ou beberem a do mesmo rio quente, tanto melhor: porque além das maleitas evitarão a peste, que muitas vezes sucede haver também, advertindo que as falhas sejam as menos.

39 dias.

Do dito Pouso se parte, e se vai pelo dito Rio Pardo acima quatro dias, até onde se acha um grande areial, que fica à mão direita, e logo mais abaixo se pousa em umas campinas.

40 dias.

Deste areial, e pouso, que nele se ajustam os quatro dias, que acima digo, de marcha até chegar as capoeiras do Nhenduy, em que se gastam dois dias de boa marcha, e onde é costume o pousar-se.

49 dias.

Parte-se daqui rio acima sem impedimento mais que o ser trabalhosa a dita navegação, por ser contra a corrente do rio, e assim a fortuna é acertar com ocasião, em que o rio corra pouco: e por esta causa se procura a mõção, que declarei no princípio, que noutro tempo é perigosa a viagem assim por se acharem os rios cheios, como pelo evidente risco da peste: marcha-se pelo dito rio acima até o Caijurú indo o rio sempre por campo, e só no dito Caijurú tem algum mato, e se gastam oito dias. Aqui tem o rio algumas correntesas, e na cabeceira uma cachoiera entre mato.

50 dias.

Deste Caijurú se parte marchando rio acima, e se gasta um dia até o salto, que tem seu varadouro à mão esquerda, onde se pousa, e é marcha pequena, e assim o devem ser todas as deste rio pelo trabalho nele ser maior, pois vão as canoas nele às varas.

51 dias.

Parte-se deste Pouso, e alto dia se chega à uma capoeira, em que há também uma cachoeira comprida bastantemente nela se toma a mão direita levando as canoas à cirga, que é por entre mato de uma, e outra parte, e a horas de pouso se chega a um capão, que toma o rio de uma, e outra banda, e se chama o Capão dos porcos, e tem uma grande cachoeira, que se toma à mão direita levando as canoas à cirga: mais acima tem logo outra, que também tem seu barranco, e é descarregadouro, tiram-se as canoas por cordas pela parte esquerda, e tomam comumente água no meio: a mão direita tem muito bons pousos.

ADVERTÊNCIAS PRECISAS NESTE RIO PARDO

Todos os certanistas, que iam para o Sertão do Cuiabá, e outras partes já acima adverti, que tomavam o rio Verde, porque estes costumam andar escoteiros pelo Sertão, e sem mais provimento que o de polvora, e chumbo, e de roupa pouco mais trazem, também outros navegavam sim o rio Pardo, mas chegando às paragens do Nhandui, Caijurú, e Capão dos porcos, deixavam as canoas, e marchavam para o Cuiabá por terra, e de volta já com o seu gentio tornavam nas mesmas canoas para o Rio Grande, e nunca se animaram a subir às cabeceiras do Rio Pardo, que é uma Lagoa chamada a Sambixuga, distante do Capão dos porcos 28 ou 29 dias de viagem por causa dos embaraços, que tem, que só as cachoeiras, e varadouros são vinte, e quatro.

As tropas, que passaram no ano de 1722, ao Cuiabá seguiram esta mesma derrota deixando no Capão dos porcos as canoas, e marchando por terra àquelas Minas, mas foram tão infelizes, que sobre lhes faltar o mantimento, lhes deu a peste, e sendo bem numerosas pouca gente chegou delas ao Cuiabá: o que vendo os novos Mineiros daquelas Mi-

nas, e considerando a grande dificuldade, que havia em passar a elas por terra assim pela distância, como pela falta comum de mantimentos pois naquele Sertão até certa altura sempre houve pouca caça, e hoje nenhum, começaram a navegar até as cachoeiras do Rio Pardo não obstante os muitos embaraços, que esta navegação (sic).

As conveniências são o levarem mais carregações, e canoas conforme a possibilidade de cada um: porque como uma canoa leva comumente 50 cargas, e lhes bastam para ele 5 pessoas, quatro para os remos, e um piloto bom daqueles rios, que é o principal, escusam certamente os gastos, e os negros, que lhe eram necessários para as conduzir por terra: é porém preciso, que os negros sejam bons, e não negros novos.

E como todos os campos, que acompanham de uma e outra parte ao Rio Pardo até as cabeceiras já não dêem sustento, e tanto, que há de ser bom o caçador, que possa trazer à noite para seu dono cear; por isso se faz preciso o carregar mantimentos iguais à comitiva de cada um que é o mais preciso, e o mais custoso: se porém pelo tempo adiante se poder roçar, e plantar de sorte, que haja pelo caminho mantimento em abundancia, mais suave ficará esta viagem: mas como todos temem muito e com razão, o gentio Caiapó, que valendo-se das noites, queimam as casas, e mata a gente, ninguém se anima a lançar roças, e viver em semelhante altura, salvo se fosse algum homem de poder, vivesse muito bem intrincheirado, e com bastante armas.

Mas vamos já seguindo nossa viagem pelo Rio Pardo acima, e como do Capão dos porcos a cabeceira do dito Rio se gasta um mês com os 51 em que ficamos fazem 81 dias, e estes se ajustam nas vertentes da sua lagoa chamada a Sambixuga: tem seu varadouro, e nele precisamente se passa. Tem este varadouro uma légua e meia de distância, nesta se varam as canoas por terra até o pequeno Riacho de Camapoão; passando-se as cargas às costas dos negros, e nesta diligência se não pode arbitrar os dias certos, que nela se gastam: porque estes se regulam pela maioria, ou pequenez das tropas: sendo estas pequenas comumente se gastam 10 ou 12 dias, que fazem 93 que se forem maiores precisamente hão de ser também os dias.

105 dias.

Postas as canoas, e cargas no dito Riacho de Camapoão, e carregadas se navega rio abaixo, e se gastam doze dias até o dito riacho fazer barra o Rio Quexeim: não declaro estas marchas por não terem outro algum embaraço, mais que o dos muitos paus caidos, que atravessam o dito riacho de Camapoão, motivo porque se gastam nelas tantos dias, que a ser limpo menos bastavam: nesta barra se faz pouso.

106 dias.

Parte-se daqui, e se vai rio abaixo, e sendo quase horas de pouso se chega a uma cachoeira, que não tem nome, tem esta acima uma ilha, cujo canal se vê logo, nele se toma porto a reparar a cachoeira, que se passa a remos, e passada ela se pousa ou acima, ou abaixo do Ribeirão da Cilada, que faz barra no Quexeim da parte direita.

107 dias.

Deste pouso se parte rio abaixo, e cedo se chega a outra cachoeira, e se faz pouso: e partindo deste quase pelas onze horas chegaram a outra nova cachoeira, ou itaipava, e passando primeiro outro riacho, a que chamam a Cilada Grande, e faz barra da parte direita no mesmo Quexeim, navegaram por rio limpo até fazer horas de pouso.

109 dias.

Deste lugar se parte, e se chega pelas nove horas a umas lajes, que apanham três, ou quatro voltas do rio, mas boas de passar; e logo se vai uma cachoeira grande, onde se descarregam as canoas, que se descem por cordas, roçando por terra a mão direita, e mais abaixo esta logo uma travessa de pedras, que se passa a remo, e pouco adiante se pousa.

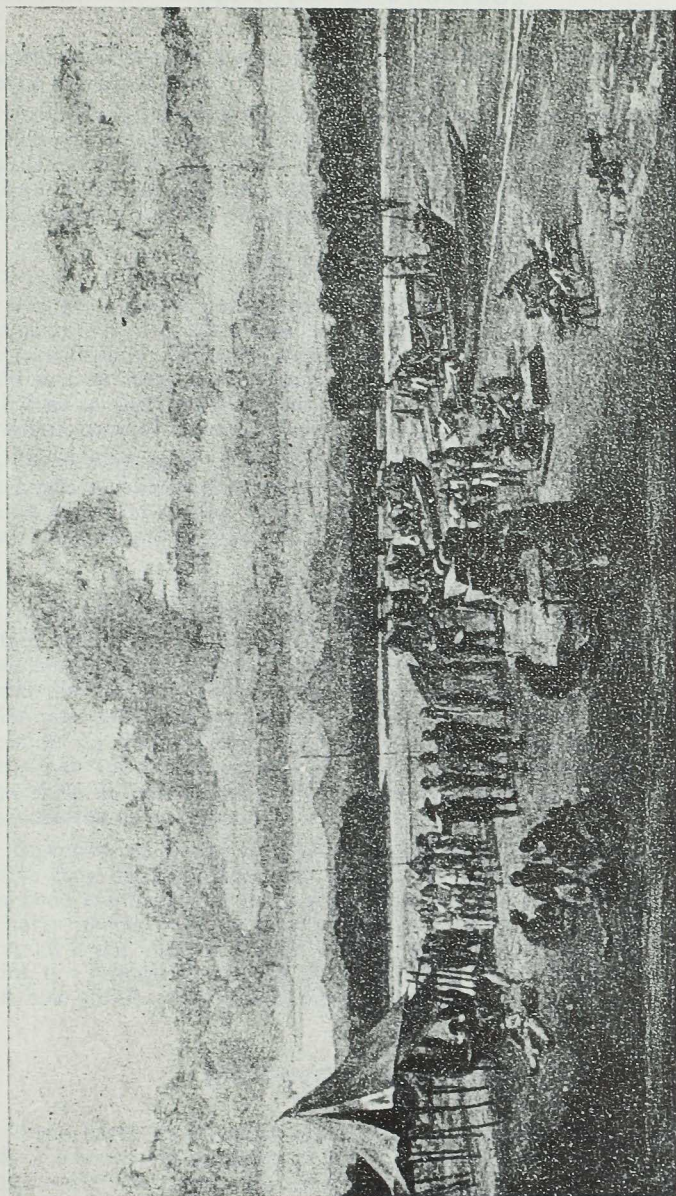
110 dias.

Parte-se deste Pouso a chegar a barra do Ribeirão da Sepultura, que vem da mão esquerda, e se irão avistando uns morros escalvados do campo da mesma parte da dita barra para diante, e se chega logo a outra barra, passando primeiro umas itaipavas, que tem suas ilhotas no meio, e seu canal: a barra é à do rio Iarui, que vem da mão direita: desta barra até o salto há muitas itaipavas, e dois jurumeriz, e que é prático faz muito por chegar ao dito salto, que é pouso certo: tem o salto um varadouro à mão esquerda, e estando o rio baixo se levam as canoas por êle abaixo a remo, até onde se embarcam as cargas, que estando cheio é impossível o navegarem por ele, e então se varão necessariamente por terra, e passado o salto, se pousa.

111 dias.

Deste salto se parte, e logo se chega a uma cachoeira, que tem uma pedra grande no meio, e se passará deixando a dita pedra à mão direita, ou a remo, ou conforme o estado do rio o permitir, e se for por corda, passarão à mão direita, e se ira navegando até chegar a uma barra chamada Taquari-mirim, rio, que vem da mão esquerda, e logo chegaram a uma grande cachoeira, que tem seu descarregadouro à mão direita descendo as canoas por cordas, rossando a terra, e daqui para baixo é pouso certo: passando-se um pequeno braço de uma grande ilha junto a terra até sair a um poço de muito peixe, e grosso, e aqui é melhor pouso para se poder pescar, porque começa já deste poço adiante a haver mais fartura: o peixe é muito e gordo, e com diverso gosto, mas bravio todo.

112 dias.

Deste pouso se parte e tão logo se chegue à Barra do Taquari-Assú que vem da mão direita passará logo pela dita barra a torna o mesmo rio na cabeceira de uma cachoeira que termina na mesma barra, correndo para baixo, tornando a terra e desviando por cordas as canoas já

Encontro de duas monções no rio Paraguai — Desenho de Oscar Pereira da Silva, segundo original de Hércules Florence — (Coleção do Museu Paulista)

descarregadas sempre à mão direita é comprido e no fim tem uma ilha. esta se esconde (?) estando o rio baixo.

Se porém o rio cheio e não se descarregar as canoas que então é todo a passagem a todo tempo e logo navegará até um morro de campo escalvado que fica à mão direita e pousarão rio acima em abaixo que o não queiram fazer na passagem do mesmo rio. É esta cachoeira a última desta viagem e por isto se chama o último pouso do Quexim.

116 dias.

Do dito pouso se parte entregando-se sem embaraço algum e no fim de quatro dias se chega a uma passagem chamada Prença e é pouso certo, e conveniente. Chama-se a Prença porque uns sertanistas dos antigos tendo aqui as roças fizeram algumas prenças para espremer a farinha; advirta-se se quer um dia antes de se chegar a este sítio essas (sic) ou pantanais, onde há umas ilhas em que os passarinhos costumam perfilhar.

Daqui para baixo a bastante voltas do rio se chega a uma grande ilha e nela se tomará o braço do Rio da mão esquerda que é mais breve e largo e no fim da ilha é que está a da ilhota chamada Prença e nela se ajustam os quatro dias.

120 dias.

Deste pouso se sai sem embaraço algum e navegando rio abaixo se gastam quatro dias a chegar no rio Paraguai-Mirim: da Prença para baixo lança este rio Taquari seus braços, dos quais tomarão sempre os da mão direita e o derradeiro deles é bastantemente grande e mostra para abaixo um buritizal grande que parece um formoso bananal, e são palmeiras de charcos, este se deixará à esquerda e se tomará o da mão direita que (é) braço pequeno navegando por ele se sairá a um campo largo cheio de aguapizaes que são umas por modo de lagoas ou pantanais cobertos de aguapez.

Busque-se então por onde corre a água que como está encharcada e coberta toda dos ditos aguapez, não mostra correnteza alguma; veja-se para onde inclinaram as ditas ervas que esse é o canal, e logo se dará em barra aberta e já daqui se avistarão os morros da outra banda do Paraguai e por campos largos se dará logo também no dito Paraguai-mirim, que é largo na barra e muito manso o dessa barra se irá seguindo a mão direita beirando a mesma correnteza.

RIO PARAGUAI-GRANDE

Desta barra de Paraguai-mirim onde se costuma pousar, se vai subindo à mão direita seguindo-se por a maior correntenza, e água turva, no que se gastarão quatro dias de pequenas marchas até sair no Paraguai-grande onde se pousa.

127 dias.

Daqui se navega sem impedimento algum e no fim de três dias de marcha pelo Paraguai acima se chega à barra do Rio dos Porrudos, que vem da mão direita e suas grandes correntezas e água não turva, e por cima da barra tem um morro alto, e agudo de pura pedra e só sem mais serro algum na sua circunferência, e fica bem no barranco do dito Rio dos Porrudos à mão esquerda: a mesma mão leva também sempre o Paraguai as suas morrarias. No mesmo dia que se toma a barra dos Porrudos se pousa nela, e se ajustam os três dias: neste sertão houve muito gentio de que êsse rio tomou o nome: ainda há nele alguns restos e assim é necessario cuidado.

133 dias.

Passa-se deste pouso pelo Rio Acima sem embaraço na sua navegação e no fim de 6 dias se chega à barra do Rio Cuiabá mas não com marchas pequenas, antes devem ser maiores pela limpeza e desembaraço do rio este vem da mão esquerda e faz barra no dos Porrudos que é barra aberta de....

136 dias.

Da barra do Cuiabá se vai subindo sem embaraço algum até o famoso Arraial Velho gastando dois ou mais dias conforme a marcha. Este arraial é o sítio onde os regulos Leme e se arrancharam no ano de 1720 quando chegaram a esta passagem daqui do novo descobrimento...... ....pela fartura do peixe e caça do mato que aqui há muito. O sítio do pouso se chama a Taruman.

152 (?) dias.

Daqui se parte rio acima até a primeira barra que se acha à mão direita e se tomará pelo sangradouro uma ilha que é mais breve na saida e no outro dia de marcha chegarão a outra ilha que tomarão à mão esquerda, por ser este canal mais breve à direita onde há 5 ou 6 voltas do rio chegarão ao primeiro sítio que está em um reduto alto e logo à primeira ilha do sítio para cima se tomará o braço pequeno da mão direita que é bom ainda que comprido e daqui a duas pontas de saida para cima está outra barra que vem da mão direita chamada passagem de muito peixe que foi sítio também do regulo Leme, digo de João Leme da Silva, onde percorrendo abaixo ou acima se faz pouso.

155 dias

Deste pouso de Guarei se sai rio acima até o primeiro arraial que são os primeiros moradores que se acham neste rio do Cuiabá paragem onde já se acham muitos sítios de onde conduziam mantimentos para as lavras das minas novas e se gastam 6 dias ao chegar à dita paragem e arraial e nela descansam as tropas e fazem seis dias os que gastam antes de se entrarem nas lavras.

157 dias.

Deste arraial se passa rio acima para a parte do norte e se gastarão 10 dias a mais a chegar a barra do Quoxipó 2 é o lugar das novas minas conforme as correntezas ou mais ou menos cheias, navega-se as Viagia.

159 dias.

Entrando-se pelo rio Quoxipó acima, que vem da parte direita e faz barra neste do Cuiabá gastam-se dois dias e meio a chegar às primeiras lavras e descobrimento daquele sertão.

ADVERTÊNCIA

É porém muito necessário e grande cautela de dia e noite desde o Rio Taquari até o dos Porrudos à barra do Cuiabá porque em toda esta distância há gentio e quem se quiser livrar dele mande fazer fogo em uma parte e vá arranchar-se a outra como costuma fazer nesta viagem o P. André dos Santos e assim acudindo o gentio à fumaça e ao fogo e não achando ninguém se persuade que lhe fugiram.

A razão de se não poder partir para estas minas se não de 20 de maio por diante até de S. Antônio como adverti ao princípio, porque partindo no tal tempo havendo bom sucesso, pode estar no Cuiabá por todo o mês de novembro, mês em que principiam as águas ou tem já principiado e quando estas apanhem alguma tropa será perto já do Cuiabá: e é sem dúvida outro dia mais, ou menos nesta viagem e principalmente de novembro por diante se faz muito mais dificultosa porque começam, ou já têm enchido os rios com troadas assaz e como são caudalosos ficam muito mais com as novas águas e vertentes da serra do Cuiabá que todas recebem e assim se fazem inavegáveis.

O mais é que do Paraguai-mirim para diante como tudo são vargens se não vê mais que um mar e como se não divisam os rios nem os canais é fácil ainda aos mais práticos a... até não menos perigosa esta viagem no tempo em que os ditos rios principiam a vazar e meterem-se nas madres e que é de Março a Abril até Maio e Junho por ser nesse tempo segura a peste, ou malígnas em todo aquele sertão e assim é preciso o livramento os que vieram para estas Minas das enchentes, e vazantes, e partirem só no tempo acima declarada.

NOVA DERROTA POR TERRA

Todos os que por algum motivo seu particular quiserem tornar por terra ou ir a pé ou a cavalo tendo negros, ou piloto, para isso, ou va escoteiro ou com gente, leve ou não carregações que estas também podem ir pelos rios ou canoas com a matalotage é muito necessário se observe o seguinte: Tanto que chegar ao Rio Pardo a qualquer das passa-

gens acima declaradas como caijuru ou capão dos porcos sair por terra e partindo logo que tudo é campo vá sempre abeirando o mesmo rio pelo barranco em uns pontos perto com outros ao longe mas de toda a sorte acompanhando sempre o rio e passados alguns ribeirões e vargas em que gastará dias até chegar às vertentes do rio Pardo se poderá fazer o pouso no já dito varadouro de Camapoão.

13 dias.

Deste varadouro ou légua do Rio Pardo onde pode esperar as suas canoas se as houver, pelo rio parta a buscar o Ribeirão do Camapoão e neste pode pousar.

14 dias.

Deste pouso partirá e cedo tornará a passar o mesmo Ribeirão do Camapoão e se pode arranchar junto a outro Ribeirão que vem da mão esquerda para a direita.

15 dias.

Partirá deste Pouso para campo sempre até a passagem do Rio Oneixim e há de ser boa a marcha e para isto é preciso o pousar nesta paragem.

16 dias.

Daqui partirá e passada uma chapada e um ribeiro se irá marchando até fazer horas de pouso.

17 dias.

Deste Pouso partirá e marchará até um ribeiro chamado Tacaratiba que vale o mesmo que dizer onde há muito tacoara que são como as nossas canas mas têm maiores canudos e são sempre de cor verde, aqui pode pousar ainda que a marcha é pequena.

18 dias.

Deste Pouso partirá marchando por campo sempre, e pode fazer pouso no Ribeirão das Pedras de Amolar.

19 dias.

Deste Pouso marchará, e cedo chegará a um mato grosso com seis Ribeiros e alto dia dará em outro mato também grosso onde achará um ribeirão, e passados estes dias logo em outro ribeiro que se chama o Tapeba (?) este e ainda que é pequeno nele pode pousar.

20 dias.

Deste Pouso partirá e cedo chegará a um Ribeiro de Campo, limpo e mais adiante dará logo com outros dois Ribeiros e passados eles irá ao Capão das Cobras onde fará pouso.

21 dias.

E deste pouso sairá e marchará por uma grande chapada até descer no Ribeiro dos Tuinas (?) e irá fazer pouso em uns buritizais que por força nelas se pousa por causa da grande chapada, que se lhe segue, e tanto, que é preciso partir cedo deste pouso a chegar com horas a fazer pouso no fim dela.

22 dias.

Deste pouso partirá e passando uma subida descerá logo um ribeiro pequeno que cai para umas furnas, e passado este passará logo adiante outro para poder chegar ao Ribeirão da sepultura onde poderá pousar.

23 dias.

Daqui marchará quase todo o dia por campo, e lajes de pedra entre uma grande chapada com água, e dará logo nas vertentes de um ribeiro e seguirá por ele abaixo levando-o sempre à mão direita até fazer horas de pouso.

24 dias.

Partirá deste Pouso sempre por campo até entrar em um mato onde há um ribeiro e passado este dará em uma campina e logo entrará no mato do Taquari-mirim que é rico de ponte, e passando ela tornará a sair ao campo e se marchar bem, passado um ribeirão que lhe fica mais adiante irá pousar em outro.

25 dias.

Marchará daqui por uma grande chapada a chegar a um ribeirão de campo chamado Bamoituba, e poderá ir fazer pouso adiante, passando para isto primeiro outro ribeiro e outra chapada a chegar no pouso que é de Campo e se acham Itapeva: é marcha grande.

25 dias.

Deste pouso partirá sempre por Campo até a descida da serra em cujo pico tem água, e aonde se pousa algumas vezes: à mão direita do dito pico pouco mais adiante vêem-se umas barrocadas aonde há também água, e por estar fora do caminho que todo é campo, nem todos sabem desta existência (?) precisa por haver falta dela nesta altura, e onde nasce é campo, e buritizal: pouso ao pé de serra.

27 dias.

Deste pouso marchará até a passagem do rio Taquari que tudo são vargerias e como o rio é grande é preciso o passá-lo em canoa e

se não acha feita é necessário fazê-la que de outra sorte é impossível a passagem e nesta mesma passagem fará pouso.

35 dias.

Do Taquari se parte e se fazem outras marchas que são oito dias mas sem embaraço até chegar à passagem do rio Piqueri marchando mas saindo por ela abaixo... o encontrando a buscas a dita passagem e como há rio grande também necessita de canoas na da paragem se faz pouso.

38 dias.

Parta desta e faça suas marchas que são seis dias em que não há embaraço mais que o... marchas grandes e assim é preciso que o sejam até chegar ao Rio dos Porrudos e como se não passa se não em canoa pouse-se nesta paragem.

40 dias.

Desta marchará sem embaraço algum e fazendo duas marchas em dois dias chegará muito acima do rio Cuiabá no sítio ou arraial chamado Carandatuba e é passagem onde todos descansam e também aonde os novos Mineiros costumam lançar seus sítios e fazer roças onde possam extrair os mantimentos necessários para as lavras porque como estão em campo e não têm matos não têm lugar para elas.

Não declaro as outras marchas pelo rio Cuiabá acima a entrar em suas Minas que são pelo rio Quoxipó porque o ficam já declaradas no roteiro de navegação e marcha das canoas pelos rios: só advirto que nesta jornada por terra é preciso levar mantimento suficiente para ela porque a maior parte daqueles rios não dão sustento algum e só do Taquari e rio dos Porrudos para diante é que há bastante caça.

Nesta Capitania não tem ainda havido quem tivesse cuidado de escrever o roteiro destas marchas e viagens para o Cuiabá: Eu o tomei por ter em minha correspondência quatro meses um grande sertanista de muitas viagens de todo aquele sertão a serra Corte de Lx[a] aparecera, alguns são todos tirados deste, porque mandei uma copia para S. Paulo ao Exmo. Sr. General desta capitania, outra ao Governador de Santos e outras ao Desembargador sindicante Rafael Pires Pardinho esta porém que agora faço para remeter à mesma Corte é feita com mais vagar com mais miudezas e com mais individuação, mais claras as marchas e tanto que só com este roteiro se pode empreender com mais ânimo esta viajem.

Bem é sem dúvida que sempre deve ser esta mais longa gastam-se nela mais dias porque na forma que aí declare é ir sempre marchando sem fazer falhas que são necessariamente precisas assinar para o descanso da gente, como pelas matas, águas e chuva que sucede haver

muitas com horrível trovoadas: a que... o ser preciso também lavar a roupa enxugarem-se as cargas ou haver alguma moléstia na saida, que não é muito em tão comprida e perigosa viagem e assim houve já tropa que gastou nove e dez meses nela não passando ela comumente de seis. O mantimento comem o que há nas ditas Minas, é milho, feijão, mas ainda pouca caça de montaria que fazem pelos matos: tem já, algumas galinhas, com criações de porcos, cabras e pesca dos Rios. Deste já mandei um borrão o melhor e mais vistoso de toda a campanha ao R. P. Jerônimo Barbosa meio cunhado etc. de Manoel de Barros.

NOTÍCIA 8ª PRÁTICA

EXPOSTA NA CÓPIA DE UMA CARTA ESCRITA DO CUIABÁ AOS NOVOS PRETENDENTES DAQUELAS MINAS

Da Coleção do Padre Diogo Juares, S.J.
(Códice da Biblioteca de Évora.)

1. — A quem senão a vós, amigos meus, perseguidos da fortuna e da desgraça a quem senão a vós farei este aviso ou darei a trinta soma dos inumeráveis perigos destas viagens: pois discorrendo convosco a que parte ireis ganhar a vida, ou adquirir riquezas, chega a tal exigência a vossa infelicidade que passeis ao excesso de empreender esta jornada: Ah infelizes!

Parece-vos, que a fareis com descanso, e a que em breve tempo não tereis que invejar a Midas o seu ouro.

Ora, ouvi para vosso desengano só uns longes já que o explicá-la é impossível de tão infernal derrota que não são menos horríveis, que os do inferno os muitos e grandes rios que haveis de navegar, as cachoeiras que por força heis de passar, os saltos, as itaipavas, as pedras soltas, em rio morto e a flor das águas em que ou haveis de perder miseravelmente a vida ou os negros e as canoas, grandes canapeis do gentio, que com muito mais brevidade topando-nos vos pode aliviar de todo este cuidado mas antes que me pergunteis para a vossa prevenção que coisas são Pedras soltas, um rio morto, itaipavas, saltos e cachoeiras, eu me explico.

2. — Cachoeira é um penhasco que tome o rio todo de parte a parte por cuja causa nos fica totalmente impedida a passagem sucede dividir-se algumas vezes toda esta penedia em umas como aberturas ou quebradas por onde entranha alguma perto da água e a estas aberturas chamam canais o que não entra por elas sobre ao mais alto e despenhar com tal estrondo o horror que se ouve de muito longe com a admiração, e medo por estes canais é preciso se encaminhe a canoa com segurança porque metida nelas corre mais que um pensamento por isso necessito sempre de um bom Piloto e não menos pelo risco de a encaminhar direto ao canal e livrá-la de ai fazer em pedaço se levantamento em qualquer pedra,

3. — Salto é um rochedo excessivamente alto donde se despenha e precipita com tal violência que na parte em que caí levanta, e exita tal fumaça do mesmo e de vapores cor de enxofre que realmente parece terem ali o seu assento os demônios, ó estouro é tão horroroso que se ouve de léguas causa porque é mais arriscado o passado pois quando se chega a ele vem um homem já sem vida.

4. — Itaipavas são algumas passagens que do rio tem muito secos: na mais delas encalham as canoas, e só ao poder da força se livram delas porque comumente se livram as mãos até se porem em partes em que possam navegar.

5. — **Pedras** soltas em rio morto são uns seixos muito grandes que **estão sós** e separados em muitos e vários passos do rio e como a água nelas não faz recolho sinal para se poderem ver de longe pelos ter coberto a mesma água não é fácil o avistá-los: razão por que se emborcam neles muitos antes canoas a se perderem muitas fazendo quando não é com elas a vida.

RIO THEATHE

7. — Tanto que vos embarcares neste Porto o que espero façais como católicos com as causas da alma justas porque desde que dareis principiar o tão longa penosa viagem até chegares a estas Minas do Cuiabá estais certos que correm evidente risco as vossas vidas: mas já vos ouço dizer aos vossos negros e camaradas o comandar remo com força e com a proa direita e certa cachoeirinha: chamada esta a Cangoeira: tem o canal aberto à mão direita e à esquerda uma pequenina ilha que pelas muitas aranhas que em si tem vos será preciso lembrar--vos do Patriarca S. Bento ou sacudi-las com repetidas cortesias do chapéu. Passada esta ide sempre beirando à esquerda para passares a outra a que chama Cangoeira-mirim fica pouco distante uma da outra: mais baixo tendes uma itaipava passai-a à mão direita contanto que a que logo se segue e, está à vista desta, a passeis à mão esquerda.

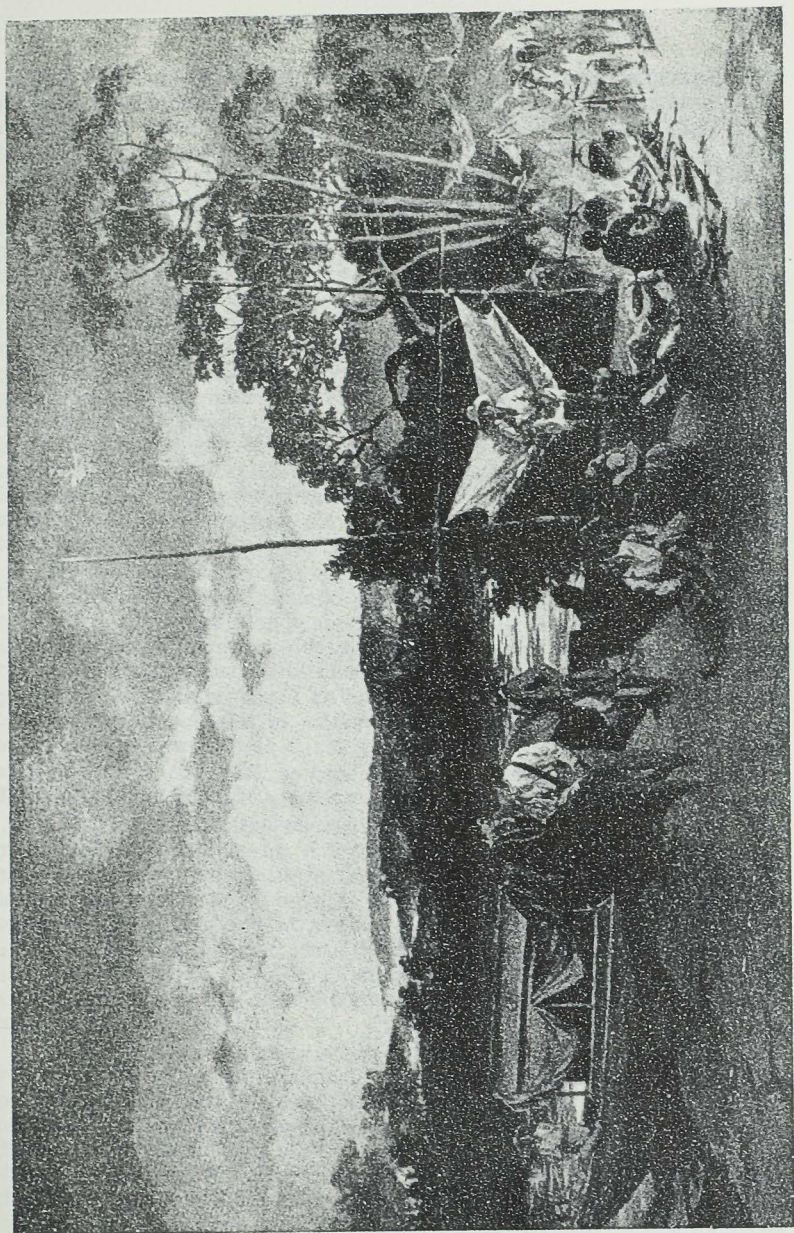
8. — Na volta que faz o rio faz também a cachoeira a que chamam o Pau Santo: é muito perigosa, ainda a vemos pela mão direita, desviando-vos sempre da terra e com cuidado que não tope a canoa no dito *Pau,* que toma todo o canal como também por vos desviares das pedras que puxam a elas muitas águas causa porque nesta cachoeira se tem perdido muitas canoas. Pegada a esta vereis logo umas pedras chamadas juru-mirim e como nelas a correnteza do rio é muito grande navegava com cuidado à direita ou por parte ou de vos desvieis das ditas pedras até saires ao largo. Voltai logo à mão esquerda até avistares outra nova cachoeira a que puseram por nome Abaremanduava-assú; faz esta por cima uma ilha encostada à direita por baixo outra de mesma parte; navegai encostado à esquerda até vos meterdes na sirga da mesma banda; então saltai logo na água e levai a canoa às mãos que pelo canal com as canoas carregadas ninguém o passa pelas muitas e grandes ondas que faz além da queda ao despedi-

da canoa: ainda com estas vazias se alguns se animam a passá-la é com grande risco e perigo e em tempo que o rio se não acha com algum repiquete de águas.

9. — A primeira cachoeira que avistamos que não fica longe desta é chamada o Itanhaem; tem o canal pelo meio e se o Rio estiver com pouca água passareis pelo canal da parte esquerda porque o do meio estará seco: Passada esta vereis logo uma pedra alba e com alguma areia vermelha que forma um admirável éco e tanto que vos afirmo não vi coisa mais rara em todo este sertão. Na volta desta dareis com uma ilha pequena ide pela parte direita, por ser o rio aqui mais espaçoso, sendo que por nenhuma das partes corre risco a passagem: aqui se acabaram as roças e o termo da vida de Itu.

10. — Navegando adiante vereis uma cachoeira não muito grande, dá passagem pelo meio a remo advertindo, que vem logo uma correnteza com suas pedras altas e no meio delas um poço em que sempre ferve a água; chamam esta a cachoeira Piriricá: (Tiriridá?) passai avante até ao achares outra, chamada Itaguaçaba: com o canal a direita. Distante da terra três ou quatro braços mas com tanta correnteza, e suas ondas, que poucas canoas a passam sem tomarem água e Monção houve em que se foram nela a pique cinco canoas juntas. Esta cachoeira tem sirga pela parte esquerda tem também pela direita, junto à terra mas com risco, este se entenda não estando o rio cheio: porque se tiver bastante água podes, se quiseres passar pelo canal a remos sem perigo. Passado esta navegareis algum tempo por rio limpo mas tende cuidado que em uma volta que este faz vereis sobre a mão direita outra cachoeira do mesmo nome.

11. — Esta atravessa o rio de uma a outra parte onde vos fica o canal pouco largo e corrente: para a passar seguro, tanto que saires das antecedentes vinde logo da parte direita e remando a que o canal é muito fundo e advirto que se não vieres bem chegado à terra não o tomareis facilmente porque as águas puxarão para o meio do rio mas tanto que o embocares voltai logo para o meio do rio, que limpo, porque a parte da direita tem algumas pedras e uma pequena ilha. Depois deste navegareis por rio limpo e bom: quando parece-vos que estais já vencedores da maior e mais grandiosa emprêsa que tem o mundo... ora navegai adiante que para baixo vos espera quem logo vos desengane dessa louca fantasia: é esta a famosa cachoeira chamada Pirapora.

12. — Buscá-la-eis pela parte esquerda junto à terra advertindo que as canoas se levam à mão, e assim se vão sirgando com muito cuidado e tento só por se seguir de qualquer descuido muito perigo. Tem esta cachoeira o canal pela parte direita com grandes ondas e bastantes quedas e faz um empedrado (?) de uma e outra parte onde nasce o reduzir-se o rio à largura de três ou quatro braças a correr com muita fúria: nesta cachoeira se tiram as cargas e aí passam por terra e depois de sirgadas as canoas se tornam a carregar em um remanso que faz agora da parte esquerda por baixo da mesma cachoeira com sua praia pequena mais quieta.

Pouso de monção à margem do Rio Pardo — Ap. Hércules Florence — Óleo de Aurélio Zimmermann — (Galeria do Museu Paulista)

13. — Logo mandareis remar e vereis da parte direita uma ilha: navegai ai com cuidado que acabada ela tendes logo outra nova cachoeira chamada Mogicoara; tem o canal pela parte direita desviado da terra coisa de quatro braços; é aberto e faz algumas ondas e assim navegam direito os Pilotos, não sem inclinar para alguma das bandas a canoa: porque tem nela algumas pedras, cobertas, e perigosas: passada esta vereis logo um poço grande com água muito quieta, na volta porém que faz sombra a parte direita tem umas pedras com muita correnteza e perigosas chamam-lhe as Pedras de Limonada por nelas morrer uma mulher que a fazia no Rio de Janeiro e melhor fora chamar-lhe Pedras de estancar vidas; pode muita gente que em todas as monções se afoga nelas: e assim para passar seguro é preciso que tanto que avistares o dito poço navegueis perto da terra e à mão direita para que quando voltares a tomar o canal vos acheis sempre junto à mesma terra, ficando-vos uma pedra redonda à mão esquerda. O canal é fundo e puxa água... tem pelo meio também outro, mas como tem por baixo umas pedras alagadas, é perigoso também pela parte esquerda junto à terra vem outro canal, não é não, mas quem o quiser tomar, virá logo de cima direito a ele: na volta faz uma ilha com sua correnteza, tomai pela esquerda que é seco.

14. — Desta se navega até uma cachoeira a que chamam Matias Pires por morrer nela afogado um homem deste nome: tome o canal pela parte direita, desviado da terra coisa de três braças: para passares segundo é preciso o vires algum tanto amarrado a ela, até ganhares a correnteza e daqui ires buscando o canal encostando-vos às pedras que vires da parte esquerda ou ao seu rasolho (?) se estivessem cobertas: advertindo que só na entrada deste canal há todo o risco, pelo muito que puxam nele as águas para as pedras da parte direita. Remar com força em todas as cachoeiras é de muita utilidade porque indo a canoa bem remada a qualquer aceno do Piloto ou Proeiro obedece.

15. — Passada esta navegai com ânimo até avistares outra chamada João Garcia, deu-lhe a esta o nome morrendo nela: tome o canal da parte esquerda junto à terra: por esta podeis passar mais afoito que pelo que tem no meio é perigoso. Tornai logo a navegar até topares com outra, que atravessa o Rio, chamado Irapé-mirim: tem um canal junto à terra de parte direita e outro no meio: este à entrada não é mau no meio e tem uma formosa pedra alagada, que pelo resolho e ondas que faz nela a água é conhecida e só pode ter perigo topando a canoa nela.

16. — Navegai adiante e com cuidado que daí a pouco em uma volta que faz o rio sobre a parte direita achareis outra chamada Irapé-assú que atravessa o rio de parte a parte e só fica sem pedra o lugar, por onde é o canal e para o tomares bem vinde junto à terra da mão direita, que pelo mesmo ponto fica o canal. Passada esta tendes rio limpo, e logo vereis entrar nele da parte direita um Ribeirão a que chamam Capivari; e logo abaixo outro da mesma banda ou as mais pequenas e depois logo dareis na barra do rio Sorocaba que é da parte esquerda, e rio igual a este. Navegai adiante que tendes logo um

itapaiva a que chamam as Pederneiras por serem boas para as espingardas as suas pedras: é comprida e perigosa, ide pela parte direita pouco desviado da terra até saires na volta que fica por baixo da correnteza, e faz um poço com água quieta.

Daqui para baixo ireis vendo muitas ilhas que todas fazem um grande parcel de seixos miudos com as suas correntezas e bastante fundo por uma e outra parte; buscai sempre a mais larga: pois as correntezas são violentas e fazem muitas voltas e outra parte; buscai sempre a mais larga: pois as correntezas são violentas e fazem muitas voltas e quando ouvires roncar (?) adverti que é uma ilha e que entrais sôbre ela por ficar com uma volta que faz o rio sobre a parte esquerda; esta tem na parte direita um largo com tanta e tal pedraria que cerca o rio todo: nela rebenta a água com muita força e assim para a tomares ide bem junto à terra da parte esquerda que pela direita não tem canal até embocares por entre a ilha, e a terra; há canal estreito e terá na entrada coisa de braça e meia da largo; porém nem sempre pilotos... com cuidado que tem não passar pedras cobertas, até saires por baixo da mesma ilha: chama-se esta Anna Pires...

17. — Navegai adiante e vereis mais duas ilhas, uma sucessiva à outra: ide para ela pela esquerda e quando passares a segunda vede que é perigosa na entrada, porque puxa muito a água para a terra, e tem bastantes pedras... e paus... tem caido de cima: passai avante e vereis um ribeirão que vai pela parte esquerda e passado ele chegareis logo à barra do rio Piracicava (sic) é rio grande, sai da parte direita e depois que entra neste nosso Theaté o faz mais caudaloso: tem por baixo uma ilha tomai a parte esquerda que é rio largo e limpo: a esta se seguem logo... três quase unidas (?) em uma tome o canal à esquerda... e sem perigo.

18. — Logo abaixo vereis uma itaipava: tem o canal à esquerda, e corre nele a água com bastante violência: Governai direito a livrar--vos das pedras que não tem poucas: mais abaixo vereis outra também com o canal à esquerda quase relando (?) a terra; este passado saireis a rio bom pelo qual navegareis com descanse até que vos apareça quem vos dê não pouco susto: é esta uma pequena itaipava com o canal à esquerda: passai o que logo abaixo vereis uma ilhota ao mesmo tempo que heis de ouvir roncar um ribeirão que vem da parte esquerda e se despenha por pedras tão brancas que ao longe parecem roupa: chama-se o Piraúna. Passai-o que dareis logo em uma itaipava, tomai pela parte direita junto à terra para dares em rio manso e quieto.

19. — Passado este avistareis logo outra: Vem o canal à esquerda quase tomando o mato: tem também sirga e boa à direita: Pouco abaixo dareis logo em rio limpo bastante distância que se chama Piraridubá que vale o mesmo que estirão de Rio direito: no fim dêste vereis uma cachoeira: tem o canal à esquerda e com muitas ondas: mandai remar e vinde direito ao canal desviando-vos de uma pedra que vem logo à entrada da parte direita porque é preciso que vá sempre a canoa... roçando por ela e sobre as ondas que o canal faz,

à mão esquerda: em frente vereis uma pequena ilha, caminhai pela parte direita e nela achareis um morador com sua roça.

20. — Daqui começareis logo a ver uma itaipava mais comprida de todas as deste rio, e ainda perigosa: tem o canal no meio com volta para a parte esquerda que multiplica uma, e desta vire... para desembaraçar pedem piloto esperto não é fácil o passá-la: Daqui para baixo é rio sujo de pedras e assim tomais por onde vos parecer melhor: a próxima ilha que depois avistares se chama Bauru, por sirga pela parte esquerda junto à terra e quando a canoa emparelhar com ela, vede que se forma dela outra pequena com um canal fragosíssimo porque, se lhe une um ribeiro que lhe engrossa as águas e multiplica as ondas, razão por que é muito custoso de passar.

21. — Avistado o dito Bauru ireis pela parte direita junto à terra que não tem risco: verdade é que tem canal pelo meio mas não estando bem cheio é perigoso: passado ele dareis com rio bom mas navegais sempre pela parte esquerda, e com sentido em uma cachoeira a que chamamos Bariri-mirim tem o canal à esquerda e muito ou a cirga muito pior e como é preciso passá-lo tanto que chegares por cima da cachoeira embicai logo as canoas à terra da parte esquerda desembarcai a gente inútil mandai-a por terra que para isso há já caminho feito: e escolhei os melhores pilotos e praeiros que vos passem as canoas com cuidado e se o rio tiver pouca água descarregai parte das cargas para aliviares mais as canoas advertindo que para esta tomar bem o canal é preciso venha com a proa direta à ponta de uma ilha que fica junto a ela para vos desviares de algumas pedras que tem, e tanto que vos vires livres delas voltai logo sobre a parte esquerda junto à terra e logo para o meio que é por onde despede a canoa: estai certo que estas voltas e revoltas nas cachoeiras se fazem em um instante e se não houver cuidado adeus canoa e o que leva dentro.

22. — Passado o canal ide por detrás da ilha até vos apartares dele e navegai com sentido passando-vos à parte esquerda até veres a outra cachoeira chamada Bariri-assú; forma-se esta de três ilhas todas juntas e pequenas: ide pela mesma parte esquerda junto à terra e não trateis mais que de passares a sirga e com cuidado que é perigosa: o canal não o busqueis que... é inavegável. Passai avante e vereis logo uma itaipava; buscai-a pela parte direita algum tanto desviado da terra: o canal é estreito mas passa-se a remos; e passado dareis logo em uma cachoeira que está à vista da que agora passastes: chamam-na as Congonhas: é toda seca e o canal se o tem à mão esquerda é pouco fundo com uma volta para o meio do rio.

23. — À vista desta vem dar logo também outra. Ide a ela pela parte direita, a da esquerda que tem o canal quase no meio, aberto sim, mas fundo e saindo dele ide pela mesma parte a passar uma itaipava e passada ela vos achareis em rio manso e quieto: mas muito abaixo vereis logo uma ilha da parte direita mas com rio limpo e logo outra mais pequena pegada a ela: navegai adiante ainda que vejais duas itaipavas, que não tem perigo: e tanto que avistares uma ilha ide pela parte direita que há bom rio e nele entrado mesmo parte um ribeirão e logo

abaixo outro: passados vereis uma itaipava e tanto que a passares tornai à parte esquerda até avistares uma cachoeira chamada Guaimicanga que vale o mesmo que ossos de negra velha que aqui morreu.

24. — Passai-a pela parte esquerda que por ela tem o canal junto a uma ilha e sai por entre esta e outra mais pequena que ali tem também advertindo que quando o tornares seja de sorte que vos fique a dita ilha à mão direita e a pequena à esquerda até vos separar de ambas: e quando vos não animeis a passá-lo ide a sirga logo de cima pela mesma parte esquerda e tanto que emparelheis com a dita ilha levai a canoa às mãos até saires fora: saido desta não falta ainda que sofrer até chegares a certa altura em que passareis dois ou três outros dias navegam sempre os Pilotos e Praieiros com serviço que vos não faltam perigos: avistareis uma ilha, e logo outra com passagem por uma e outra banda e destas a da esquerda é a melhor.

25. — Passadas estas vereis logo outra ilha; ide pela parte esquerda até avistares uma cachoeira, que toma todo o rio: é grande e perigosa, tem o canal quase pelo meio: ireis a ele pela parte direita com sentido e cuidado e saindo dele vereis logo uma ilha; ide pela mesma parte direita até dares em uma itaipava bastante comprida: tomai na forma que a experiência melhor vos enviar: navegai avante e vereis uma pequena ilha, ide pela parte esquerda e nela achareis uma itaipava e logo outra pequena ilha: e na ponta que faz esta para a parte direita uma cachoeira e seu canal: e quando tomares é preciso vires sempre encostado à terra da parte esquerda: advertindo que na outra ponta que faz a dita ilha para a parte debaixo tendes outra cachoeira com dois canais um deles encostado à mesma ilha que sai pela mesma ponta o outro junto à terra da parte esquerda: passada esta vereis logo um ribeirão da mesma parte a que chamam o Cambagiboia: mais abaixo vereis uma ilha, ide para ela digo que é rio limpo: logo tendes outra que se reparte em três: ide pela parte esquerda junto à terra e tanto que emparelhares com ela vereis um canal encostado à mesma ilha em que corre água com muita violência e grandes ondas.

26. — Esta grande cachoeira é chamada Taputanguará: quem se não quiser por no risco de passar pelo canal venha sempre junto à terra da parte esquerda, a sirga que ainda que é impedimento à dita sirga é mais segura: passada esta vos achareis em rio limpo porque navegareis com descanso um só dia; no outro vereis logo uma correnteza que ainda que é por pedras, não é de perigo; mas sentido que estais perto da cachoeira chamada Avanhandaba-mirim; passai a sirga que a tendes pela parte esquerda; porque o canal ainda que direito é perigoso; passada esta dareis em remanso e logo em uma correnteza pequena; navegai pela parte direita e com cuidado que vos espera o grande salto ou cachoeira a que chamam Avenhandava: Buscai a terra da parte direita e mandai saltar a gente na água que leve as canoas às mãos até as encostares onde as descarregareis: Descarregadas, passai as cargas por terra e passai por baixo do salto. Levai as canoas às mãos junto à terra até as meteres no Varadouro e metidas as levareis até a passagem em que as lanceis na água, passando-lhe uma corda na Proa e

outra na popa e assim as levareis a remos por uma grande correnteza que acaba no lugar em que as carregueis de novo.

27. — Carregadas navegareis por um canal estreito e emparedado de pedras e passado este achareis logo o rio largo e manso; navegai pela parte direita até veres uma ilha pequena e logo uma grande cachoeira chamada a Escaramuça tem o canal todo em voltas com bastante comprimento e sobretudo estreito e perigoso, e se quiseres sirgar fazei-o junto à terra: passai avante que tendes bom rio até veres outra nova cachoeira chamada Itúpanema: ide pela parte esquerda, que pela direita tem um grande salto: tem também no meio uma ilha e outra parte esquerda mas mais pequena, e logo abaixo outra, em frente de ambas: para a passares seguro ide bem junto, a terra da parte esquerda, até meteres na sirga as canoas, e metidas ide com elas roçando sempre a terra até saires pela última ilhota que faz um estreito com grande correnteza e perigo; e para evitares este descarregai as canoas, ou toda, ou meia carga.

28. — Passada esta avistareis uma ilha, ide pela parte esquerda, e tanto que emparelhares com ela vede que faz na parte de baixo, uma boa cachoeira: tem esta o canal aberto: mas violento: tem também outro a direita com duas famosas pedras na saida; e como por entre elas se sai, não correm pequenos riscos as canoas. Passada qualquer delas navegai até dares em uma ilha com outra cachoeira chamada do Mato Seco se a quiseres sirgar seja pela parte direita vindo com cuidado até vos veres livre dela que é perigoso vos animares a passar a remos vinde pela mesma parte direita, e tanto que vos vires livres de umas pedras que ali tem ide direito à ilha que chegado a dela vai o canal e vem sair bem junto à terra pela parte direita dela à entrada é algum tanto seco mas não é de todo mau.

29. — Saido desta tendes logo e na volta uma itaipava chamada de Itapacé tem o canal pelo meio com suas voltas; e se o não quiseres passar vinde pela parte direita até encalhares a canoa depois levai-a a sirga como puderes. A primeira cachoeira que topares chama-se as Ondas Grandes: tem o canal à direita pouco desviado da terra: a entrada é boa mas sentido que na saida tem uma pedra e é preciso o fugir dela saber cortar-lhe as ondas senão estais certos que vos hão de refrescar as fazendas e os mantimentos. Se a quiseres sirgar fazei-o pela parte esquerda. Passai adiante e vereis outra cachoeira que tem uma ilha pela parte direita (chamam-lhe as ondas pequenas: ide a ela pela mesma parte direita desviando-vos da terra que é baixio e com a proa direita à ponta da mesma ilha e quando vos vires junto dela, chegai-vos mais à terra e embocai o canal que há entre a mesma terra e a dita ilha: não tomeis nunca o que tem à mão direita que é perigoso.

30. — Passada esta vos achareis em rio limpo, mas pouco abaixo tereis uma cachoeira chamada o Funil: navegai para a parte esquerda junto à terra buscando a volta que o rio faz para a mesma parte até dares no canal que não está longe da terra: tem este na entrada uma pedra, desviai-vos agora dela que é perigosa e para isso tanto que embocareis o canal puxai logo para terra em forma que vos fique à direita

13

a da pedra, advertindo que em todo o canal há várias pedras alagadas que se não vêem com uma pequena ilha defronte. E quando não queirais tomar este canal, sirgai por junto de terra e ireis navegando pela mesma parte esquerda junto á ilha que tem um poço com água quieta e sossegada; e na saida faz uma ponta ou o bico deste funil com um cerco de pedras da ilha para a terra, e em frente é recife: acabada a sirga pegai dos remos, ide buscar o canal que fica bem chegado à ilha roçando a terra e tanto que passares a direita ilha, voltai por entre o recife, e cachoeira indo com a proa direita a ela.

31. — Passado este Funil distância de uma volta de rio vereis outra cachoeira chamada Guacuritiva: este tem da parte direita muitas ilhas e por entre estas, e a terra é o canal, violento sim, mas não muito perigoso, não o tomeis mas só sim em avistando a cachoeira ide pela parte esquerda e por ela mesma sirgai junto à terra tendes umas itaipava toda seca, mas saido dela buscai logo o meio do rio de sorte que vos fique a dita ilha à esquerda para dares em um canal aberto pelo qual navegareis livre já da... Guacuritiva. Verdade é que pela mesma parte (sic) esquerdo há um canal distante da terra três, ou quatro braças, mas há uma pedra com as muitas ondas, que faz logo à entrada o faz perigosíssimo.

32. — Navegai adiante que tendes rio quieto, passareis porém logo uma correnteza, e logo outra pela parte direita não muito chegada à terra: depois vereis outro a que tem no meio uma pedra que forma e parece uma ilha; passai à esquerda da dita pedra, para ires buscar logo a direita, e topares no meio do rio uma ilha com uma famosa cachoeira a que chamam Araracangua-mirim: tem esta entre a ilha e a terra outras três pequenas ilhotas. Para a passares seguro é preciso o sirgares para a que vinde de cima pela parte direita e tanto que vos prolongares com a dita ilha ide para o meio do rio a buscar duas pedras, que aí tem que por entre elas há o canal, e assim que o embocares tirai a canoa e buscai a ponta da ilha desviando-vos de uma pedra que tem o canal no meio e livre dela endireitai logo a canoa buscando a volta das ilhas, que vos ficam à direita: advertindo que nesta volta vá a canôa roçando a ilhota, e por entre esta e a grande que vos ficará da parte esquerda ireis buscando a terra da direita até vos achares em rio limpo e quieto.

33. — Passada, esta, e navegando algum tempo por rio limpo dareis em outra cachoeira, chamada Araracanguaba; e esta é o 2.º varadouro deste rio: tem esta à direita uma pequena ilha, e do meio para a esquerda outra maior, e nesta há o 2.º salto. Para sirgar a canoa vinde bem junto à terra, e sirgada sem que a descarregueis achareis rio fundo e nela a barra de um grande ribeirão: levai sempre a canoa junto à terra da mesma banda até chegares aonde a descarregueis: Descarregada, navegai por cima das pedras e se vos ficar custoso, passai-a pela mesma água, mas seja por uma quebrada, que está da mesma parte sempre com sentido, e com cuidado carregada já a canoa ide navegando por entre a terra, e a ilha grande até saires fora.

34. — Passado este perigo vereis logo em uma volta uma itaipava seca tem o canal pelo meio. Chamada Itupeba: tem esta um canal à mão direita e da mesma parte algumas ilhas pequenas, e para o meio outra maior:

Não o tomeis, que é incapaz vinde de cima pela parte esquerda junto à terra, e sirgai antes, e saido da sirga ireis a remos, e logo vereis outra itaipava que tem o canal no meio, a sirga pela parte esquerda: tanto que a passares ou a sirga ou a remos ide para a parte esquerda a passai por perto da ilha da última ilha até veres uma itaipava; passai-a e navegando diante pela mesma parte esquerda vereis outra ilha que passareis pela mesma banda, e assim ireis até dares em uma cachoeira que tem sua ilha para a parte esquerda chamada a ilha do Pau: não tem canal, nem sirga e assim tanto que a avistares vinde a passar junto à terra uma itaipava, que vos ficará à parte esquerda, e logo vos achareis em rio manso.

35. — Tomada esta vereis outra cachoeira chamada (Itupeva??) Itapuru mas antes de chegares a ela tendes uma correnteza pela qual entrareis algum tanto desviado da terra navegando sempre por entre pedras, e puxando para a terra de parte esquerda até chegares defronte da ponta de uma ilha que faz seu cotovelo para a terra e por entre este a ilha é tudo limpo: passada esta vereis um ribeirão que sai da parte esquerda com uma ilha quase para a mesma parte é o rio aqui largo tem sua correnteza com bastantes pedras, tendes o canal pelo meio ficando-vos a ilha à direita passai ver a um poço a que chamam Pirataraca e no barranco bastante pedras negras, que o acompanham até a volta e a pouco espaço do rio estareis na celebrada Itapurú.

36. — Não vos dê susto: toma esta cachoeira todo o rio com três ilhas não muito grandes, que tem a parte direita da perigosa e assim para a passares seguro é preciso que tanto que a avistares navegareis pela parte esquerda junto à terra, e por entre esta e as ditas ilhotas sirgareis com cuidado a canoa até passares este primeiro degrau, e chegando à parte da 2.ª ilha achareis o rio fundo com água mansa, embarcai-vos, e saí a remos pela ponta da 3.ª ilha, o que para a terra é seco e passada esta vereis para o meio do rio uma ilha grande e para a parte direita dela três mais pequenas, juntas umas das outras, e assim como saires da ponta da 3.ª ilha, que a vós disse, metei logo a canoa na sirga até passares o outro terno de ilhas e passado este 2º degrau, vos achareis por detrás da ilha grande em rio fundo e água mansa, ide a remos correndo este canal é estreito e por entre pedras, e saí pela ponta da dita ilha e encostando-vos a ela, que para a parte direita tem pedras, perigosas: saindo achareis o rio largo e levantando os olhos vereis o salto, advertindo, que ainda depois desta saida há suas pedras cobertas que só se conhecem pelo ressolho.

37. — Vereis logo uma itaipava que toma todo o rio e pela parte direita e esquerda tem sirga bastantemente comprida: mas se não gostares dela tanto que deixares a ilha grande que acima digo governai a canoa, ides chegando pouco para a parte direita em forma que fique pouco afastada da do meio do rio e nesta vem um canal fundo metei

vos nele, e ide desviando a canoa de algumas pedras que achares até vos meteres no mais furioso da corrente, a onda que esta faz, e em saindo fora dareis em rio manso. Passai adiante que navegareis por bom rio até avistares uma itaipava, remai bem, e ide a ela pela parte esquerda junto à terra, advertindo que faz antes da saida uma volta para o meio do Rio, e acaba.

38. — Passada esta ireis por rio quieto, mais vereis logo outra itaipava; entrai pelo meio inclinando a canoa algum tanto para a parte direita, e assim como a entrares voltai logo à esquerda, e navegai com cuidado até saires pelo canal que vos fica à mão esquerda, e suposto que é aberto, tem suas correntezas e muitas ondas, e passado dele vos achareis em bom rio, mas por pouco tempo porque dareis em outra itaipava grande que cerca todo o rio; verdade é que para a parte direita é largo, mas incapaz; para a esquerda tem uma ilha pequena, e afastada deste 3 ou 4 braços outra: da terra segue-se ao depois um largo com muitas pedras e correntezas. Logo outra ilha grande que para a tomares (?) vireis a remo e canoa a direita a ponta da dita ilha desviando-vos do seco que tendes à mão esquerda, e em tal forma que a dita ilha vos fique sempre à mesma mão e assim embocareis o canal, que vai encostado à mesma ilha, e passareis por outra que vos ficará à mão esquerda.

39. — E quando vos não agradar esta derrota, vinde logo de cima pela mesma parte esquerda junto à terra, até vos meteres nas ilhas que por esta parte não tem perigo, só na entrada há um manso sêco, e se a canoa encalhar, levai-a às mãos que é o remédio por desviardes das ditas ilhas vereis uma itaipava; ide a ela pelo meio, que pelo torcido que faz é perigoso e por isso é preciso todo o cuidado e vireis enfim a sair por junto da ilha grande, que acima digo, e saido dêste voltai à parte esquerda, que ai tendes outra itaipava com o canal aberto da mesma parte junto à terra, que sai para o meio do rio.

40. — Achai-vos-eis logo em rio manso e limpo que navegareis por um tempo e indo pela parte direita junto à terra vereis o último salto chamado Itaipurá: (sic) segui a mesma parte direita com cuidado, sirgai a canoa junto à terra até a descarregares onde melhor julgais, e mandando as cargas por terra a esperar a canoa por baixo do salto, a passareis vazia pela água, por cima de umas pedras rasas até a meteres no varadouro de uma por onde a arrastareis, em cima de alguns paus até a poderes meter na água por baixo do salto: que é o último perigo deste rio; e com ele acaba.

41. — Carregada a canoa navegai para a parte esquerda, que pela direita tem pedras perigosas, e indo andando por bom rio vereis logo uma ilha, a que chamam Pernambuco: à direita desta vereis um braço do Rio Grande, mas não muito longo por detrás da dita ilha tem cachoeira, mas por lá navegai: o que deveis fazer quando avistares a dita ilha é, ir pela parte onde vereis grande correnteza que faz a mesma ilha para a terra remai bem e ide a ela pelo meio tanto ou quanto chegado a ilha por ser mais fundo e não tardará muito que avisteis o Rio Grande em cuja barra vos espero.

RIO GRANDE PARANÁ

43. — Peregrinos amigos meus sejais muito bem vindo. Sabeis que caras trazeis, que é isto? ainda duram os sustos? Contai-me o que passastes no Rio Theaté: Não sei dar graças a Deus, me respondeis de me ter já fora de tal inferno; em tal! cachoeira me vi perdido nesta se une emborcou-a canoa sem aproveitar nada dela em tal itaipava tive uma emborcação molhou-se mantimento e a fazenda; quis falhar para a enxugar mas a minha tropa não quis demorar nada; os negros tanto remam para diante como para trás, se ilha, dava, não os tenha para me remarem ou bem ou mal acima; tive tantos dias de chuva: as estalagens e ranchos destruidos em fim vim a tombos por esse rio abaixo com a morte sempre diante dos olhos sobre o não poder dormir de noite com o medo do dia: o trabalho dos varadouros me amofinava e os negros quando varavam as cargas metiam-se em matos e consumiam-nas: trago tantos doentes mas devo graças a Deus de ver já livre de tão pestifero rio.

44. — Ah miseráveis! isso e mais merece quem nunca quis dar crédito às muitas cartas, que vos escreviam os amigos do Cuiabá; não desanimeis, que ainda o pior está para passar: descansai aqui dois dias, e se quiseres comer bom peixe e dares um bom jantar a vossa gente do troço, descarregai uma de vossas canoas e navegai da barra deste rio para cima até entrares á direita por um emparedado de pedras; entrado navegai até veres um grande salto caidos dois rapazes do Theaté e avô da criança mais pequena do mesmo rio: chama-se Urubupunguá: nele se despenha, e precipita a água por mais de vinte passos com tanto estrondo que se ouve no último salto do Theaté: ide aonde puderes chegar sem risco bem provido de anzois e linhas que vos não faltará peixe, mas guardai-vos do gentio Caiapó, não vos ache descuidado: e muito mais das maleitas, que não faltam nesta parte.

44. — (sic) — Amigos meus, ou vades ou não pescar, deixado que seja o Rio Theaté navegai por este abaixo sempre pela parte esquerda e só tereis cuidado de fugir do que vires com os olhos até dares em um rio, que vem da parte direita e se chama Guacuri, tanto que ao avistares sentido, porque aqui estão os célebres redemoinhos em que o por-lhe a proa em cima é ir ao fundo, e ocasião houve em que uma tropa toda de sertanistas antigas se soverteu. Para passares seguro tanto que avistes o rio Guacuri vindo pela parte esquerda e ver da direita duas pedras que têm a forma de ilhas, onde o rio estreita, e aonde é preciso que venhais sempre chegados, e roçando a canoa com as mesmas pedras, e tanto que alargar o rio vereis logo para a parte direita os ditos redemoinhos, chamados jupiá de que ireis já livre correndo e navegando sempre pela parte esquerda.

45. — Passado o Jupiá vereis a uma volta do rio uma pequena ilhota da mesma parte esquerda; ide a ela por onde melhor vos parecer; advertindo que o rio inclina aqui para a parte direita fazendo cotovelo para a esquerda, e neste faz tal rebojo a água, que corre grande perigo

a canoa que o tomar; e assim tanto que o avistares, ide-vos amarrando para o meio do rio, e passa-o encostado à parte direita mas passado ele voltai logo à esquerda e ide bem junto à terra; porque para a direita são cachoeiras: Navegai pela mesma banda até vires uma ilha chamada a ilha Comprida: passai-a pela parte esquerda que faz grande volta não tem perigo: saido da ilha ireis por rio manso, a limpo até veres da parte esquerda um rio não muito grande chamado Iputugara e pouco adiante deste uma grande cachoeira: tem esta pelo meio o canal, é aberto mas com muitas correntezas; e para o tomares, governai a canoa com a proa direita ao cerco de pedras que tem no meio, em forma que quando embocares vos fique o dito cerco à parte esquerda: e passado estes vereis logo uma ilha: navegai e passai-a à esquerda e antes que vos safeis dela dareis com outras três antes destas com duas pedras que têm suas correntezas.

46. — Passai com cuidado a buscar a terra da parte esquerda indo por detrás das ilhas, encostado sempre à terra até saires por um estreito pouco fundo sim mas sem perigo. Esta passagem se chama Itupeba. Dareis logo em rio manso e vereis que por detrás destas ilhas sai um rio bastantemente grande chamado o R. Verde: tambem vereis outras ilhas umas para a parte esquerda e para a direita outras, e tôdas grandes: navegai pelo meio e não tomeis nunca por entre as ilhas, e a terra da parte esquerda; porque têm cachoeiras e perigosas: passadas as ditas ilhas achareis pouco abaixo uma roça chamada de Manoel Homem. Passai avante e vereis duas ilhas grandes e pouco abaixo, outras duas mais pequenas; vereis também um areal e depois de o passares uma ilha quase para a parte direita: passada esta dareis em rio emparedado de uma, e outra parte com canal largo limpo e fundo de 30 e mais braças; na terra da parte esquerda estão (sic) ... as Taypas e casas do Registro Velho em que morreu de peste o Provedor Domingos da Silva Monteiro com toda a mais gente mal este infalível dos que apanham a este rio com cheia, porque então são ares péssimos e não melhores as águas e assim se puderes levar água convosco o fareis; assim vos entre em pensamento o passares este rio de uma para outra parte porque com qualquer pé de vento... tais grandes ondas que se vos apanham em meio seguramente vos perdem.

47. — Estando agora... segurai bem as canoas e fazendo algum vento descarregai-as que ainda bem presas correm risco; fugí de vos arranchar da parte direita, não vos visitem quando menos cuidares os Caiapós saindo do emparedado que acima disse, pouco abaixo tendes a roça de Luiz Roiz já..., depois dela ireis avistando várias ilhas e alguns areais brancos, como se fôssem de mar alto, vereis também da parte esquerda uma barra e deixando-a vos passareis à direita e avistareis umas barreiras algum tanto montuosas e passadas vireis buscando a barra do Rio Pardo, na qual vos vou esperar: e em tanto adverti que êste rio vos é de sair da mesma parte direita tendo em frente uma ilhota com o seu areal na ponta de cima e na terra da parte esquerda umas como roças em um morro.

RIO PARDO

48. — Amigos meus aqui vos espero saudoso já há dias nesta barra lembrando as moléstias que me contastes e os muitos perigos que tivestes no rio Theaté pois estai certos que o não são menores os que agora vos esperam neste rio em que entrais que é isto vindes a investir a remos este rio; guardai-os para outra ocasião pegai das varas pondo-lhe ferrões nas pontas que só com elas é que podereis subir por esta calçada continuada de lagos. Ora entrai que o rio ainda que pouco largo tem fundo bastante e depois de 7 ou 8 dias de viagem vereis as suas primeiras roças... e pouco abaixo a beira do rio Nhandui que vos sairá da parte esquerda passai adiante por algumas correntezas não pouco violentas e depois delas vereis as duas segundas roças com outros 8 dias de viagem...

49. — Passado um dia de viagem vereis uma cachoeira que se chama Cajurú e depois logo não serão só cachoeiras as que haveis de encontrar vereis itaipavas e correntezas, em suma não serão menos de vinte as vezes que haveis de descarregar as canoas e as sirgas não têm nome nem vos admireis de vos não dizer aqui por onde estas se puxam; porque, isso deixo eu a vossa eleição, só vos advirto, que as correntezas, em que podereis passar às mãos as canoas, o façais; porque assim as puxareis mais seguro e com muito mais brevidade e em passando alguma cachoeira, ou itaipava em vos vendo da parte de cima delas, sirgai bem as canoas, e com boas varas que se estas...... as proas, perdidas vão e mais se toparem em algum pau dos muitos que tem esse rio, que vários ficam debaio da água e não se vêem.

50. — Também é justo vos advirta que nos pousos desse rio vos hajais com cautela e cuidado no gentio Caiapó, que também cursa este rio, e se vos poder desatar da noite alguma das canoas, tende certo que sem escrúpulo o há de fazer, quando estão abrigados da correnteza, e violência das águas o não façam por si mesmas como tem sucedido algumas vezes. Passado o 5.º varadouro chegareis à 3.ª roça deste rio aqui o vereis dividido em duas partes: navegai pela mão direita que a que fica à esquerda é o rio Nhandui-mirim, e que alguns chamam a Vacaria: acima deste achareis outros dois rios da mesma parte esquerda: passai ai outro até veres um riacho chamado Rio Vermelho que sai da parte direita: e neste finaliza o Rio Pardo: porque daqui para cima se segue o Sambixuga: ide por ele acima até chegares ao Varadouro grande no qual vos espero: este sambexugal é estreito, nele passareis vossas moléstias pelas voltas serão curtas, e amiúde, e ter para o fim muitos paus e ainda seu saltinho onde se descarrega as canoas.

PARDO GRANDE DE CAMAPOÃO

51. — Sejais benvindos Amigos meus e quanto estimo não só o já chegares quanto o ver vós tão gordos, que todos me pareceis umas vivas estátuas da morte: Que achaque vos deu ou quem vos pôs nesse estado? na barra do Rio Pardo vos vi com muito melhores cores: Oh! quem antes fora, me respondeis cativo de galegos do que empreender tal viagem: as misérias que nesse rio passei, são sem numero ai vem o que aqui chegou, sabe Deus como: os negros uns doentes, outros caindo: estou perdido se a fortuna me não desempenhar nestas Minas.

52. — Não vos desconsoleis senhores, que Deus não falta: armai a vossa barraca, que aqui descansareis com os vossos negros estes doze ou quinze dias: o trabalho não é muito o varadouro não tem mais de duas léguas e em quanto descansais sabei: que postas as cargas em terra saireis de levar a umas carretas baixas com as canoas de que puxaram 25 ou 30 negros dos melhores senão levai só nas carretas as canoas, passando as cargas às cabeças dos mesmos negros e se vos derem dois caminhos entre dia e noite não farão pouco, advertindo que nunca os largueis que se os deixares sós desviam-se no caminho ou dormem quando querem, ou consomem, e furtam o que levam. Não largueis também nunca as vossas armas por respeito do gentio Caiapó que ainda aqui chega como experimentaram as tropas de anos de 1728.

53. — Costuma este gentio esconder-se em qualquer moita de mato untados todos de terra e em forma que estando olhando para eles não distinguireis facilmente se é gente ou terra; deixar-vos-ão sim passar mas pelas costas vos darão tiros com os seus porretes e tão certos que quando vos derem no pescoço atirando-vos á cabeça darão pelo mal empregado o golpe desta sorte basta um só caiapó para destruir toda uma tropa: porque posto escondido no caminho faz tiro ao ultimo da retaguarda, e partindo logo correndo com mais ligeireza que um cavalo volta a esconder-se e a dizimar a tropa.

54. — Embarcado já no camapoão navegareis rio abaixo: é este estreito, e baixo: as voltas curtas e a miudo: os paus continuos que o fazem não pouco perigoso, as canoas vão varias vezes às mãos: emfim gastareis neste riacho quatro ou cinco e mais dias, conforme as marchas que fareis: ide que lá vos espero no fim dele, à barra do Rio Quexeim ou Cocheim e a Deus, que vos dê boa viagem e sentido nos paus não vos quebrem as cabeças e não vos tirem algum olho.

RIO QUEXEIM OU COCHEIM

55. — Fúnebre e horrorosa viagem é a que vos prepara nesta barra amados amigos meus: é este aquele rio tão celebrado como temido dos Sertanistas mais práticos e assim o tratam com mais respeito dando-lhe o nome de Cachoeirim... rio que se fosse o primeiro nesta

O monstro de Pirataraca no Tietê — Óleo de Nair O. Araújo — (Galeria do Museu Paulista)

viagem ninguém a empreenderia porque rara esta canoa que não perigasse nela pelos inumeráveis precipícios e correntezas violentas que em si tem. Enfim os meios de paciência para o passares com alguma segurança ide logo com o cuidado possível a vos livrares dos paus que não são poucos e como não é muito largo, é preciso mais destreza porque as correntes puxam muito para eles.

56. — Passadas estas achareis também algumas itaipavas não menos perigosas pela nímia correnteza, e violência das águas, que os canais são largos e espaçosos: Vereis depois um ribeirão, que vem da parte esquerda, ide com sentido, que faz o rio aqui uma itaipavá, e volta sobre a mesma parte esquerda, e nesta volta vereis outro ribeirão que sai da parte direita e neste tendes a primeira cachoeira com uma pequena ilha no meio: para a passares ide logo, tanto que avistares o dito ribeirão e ilhota, pela parte direita de sorte que vos fique a ilhota à esquerda, e entre ela e a terra podeis passar o canal. Saido dele faz o rio outra volta sobre a parte direita; navegai, e passareis várias itaipavas, mas sem perigo, até achares um bom pedaço de rio limpo.

57. — Na outra volta que o rio faz sobre a parte direita tendes a 2.ª cachoeira que o atravessa todo de uma a outra parte: para a passares tanto que a avistares ide encostado à terra da parte esquerda, e com cuidado até embocares o canal, que é furioso, e faz muitas ondas. Passai, e achareis logo varias itaipavas, e algumas correntezas até veres uma volta que o rio faz sobre a parte esquerda, ainda que logo pouco abaixo endireita: aqui vereis a 3.ª cachoeira: ide encostado à terra da parte esquerda até embocares o canal: que vos fica da mesma parte tem este algumas pedras cobertas, faz grandes ondas ao despedir, é algum tanto... seco, e por isso governai bem não apanhe alguma pancada a canoa que vos lance no rio os proeiros. Passado este tornareis a dar em outras novas itaipavas e cachoeiras: tem esta que é a 4.ª o canal à mão direita junto à terra; passai-a para entrares em um emparedado de pedras muito alto com um canal estreito e muito fundo; ide pela parte direita junto à terra até avistares uma cachoeira grande, que passareis a sirga depois de descarregadas da mesma parte as canoas.

58. — Carregadas da parte de baixo as canoas navegareis com sentido porque na volta, que o rio faz sobre a parte direita vem a 6.ª cachoeira, que é perigosa: tem o canal pelo meio torcido algum tanto para a parte direita na qual há pedras, que puxam muito as águas e assim é furioso, e violento: se os pilotos, e proeiros não forem destros, deixai o canal e sirgai as canoas à mão esquerda. Passado navegareis por umas correntezas tão medonhas e violentas que vos farão perder o ânimo e muito mais o fareis ao avistar a 7.ª cachoeira: tem esta o canal à direita desviado da terra: outro para o meio do rio, e da mesma parte direita tem umas pedras cobertas, e perigosas.

59. — Pouco abaixo desta vereis um ribeirão, que se despenha de um alto com grande fúria, e estrondo, e passado este ireis achando algumas itaipavas e correntezas todas de muito risco e perigo: passadas vereis logo em uma volta que faz o rio sobre a parte direita uma grande cachoeira: tem o canal pelo meio e a saida umas pedras, é preciso, me-

lhor será passá-la à sirga da parte direita chama-se esta cachoeira a Caveira. Depois navegareis por várias correntezas de bons canais até avistares um rio grande chamado Jahuru, que vem da parte direita passado este ide logo para a parte esquerda e vereis no meio do rio umas pedras que o acompanham em quase toda uma volta entrai nelas pela mesma parte esquerda e buscando logo o meio passai a parte direita junto à terra a embocares um canal estreito que aí vem: chama-se este lugar o jurumirim.

60. — Saido dele vos achareis em rio limpo, mas ide logo para a parte esquerda, e com sentido, que não vos tarda muito salto grande: chegai e descarregai as canoas; ali as varareis por terra, será acerto senão sirgai-as um pouco por junto da mesma terra até as meteres no canal, que é emparedado, e grande; movidas com cordas na popa e proa as mandareis ir a remos a sair para parte esquerda; e carregadas as canoas navegai coisa de uma volta do rio até veres outra cachoeira; ide a ela pela parte direita até chegares ao descarregadouro e tanto que descarregueis sirgai pela mesma parte as canoas, e se a gente for destra também pela mesma parte aí podeis passar a remos. Saido desta ireis pouca distância e por rio limpo a dares em outra cachoeira: ide a ela pela parte esquerda a passá-la a sirga que o canal é incapaz.

61. — Passado este vos vereis logo em bom rio, e não muito longe vereis também pelo meio do mesmo rio umas pedras cobertas todas de água, ide a elas pela parte direita navegando até dares em um salto; tanto que o avistares ide pela mesma parte direita navegando até dares em um salto; tanto que o avistares ide pela mesma parte direita e junto à terra até descarregar as canoas que para a esquerda é o salto e depois para a direita faz cotovelo até um pequeno braço do rio estreito, e pouco fundo, com volta, por detrás de uma ilha até sair, por baixo, de todo o perigo. Para passares com segurança este salto tanto que descarregares as canoas embarcai-lhe bons pilotos e proeiros que vão a remos junto. Sempre é mesma a parte direita frechar por entre duas grandes; quando embocarem tenham grande cuidado de a canoa não se atravessar porque a queda é grande e toma-se nela sempre alguma água: passado este degrau remem com força a meter a canoa no bracinho, que acima disse; à mão direita da ilha, nesta podeis carregar já as canoas por vos livrar do trabalho de o fazer por baixo da ilha com descômodo dos vossos negros:

62. — Saido deste salto vos achareis em bom rio, e a pouco espaço vereis da parte esquerda a barra do rio: Taquari-mirim, e logo, o sítio de João de Araujo, e pouco abaixo o Taquari-assú, que vem de parte direita. Até aqui cursa o Gentio Caiapó. Chegado ao sítio que acima digo, vereis que na despedida da Cachoeira a entrada do rio Taquari tem um varadouro, que é o último desta viagem passai-o na forma seguinte: Saido do dito sítio ide pela parte direita bem junto à terra, e saindo ao Taquari nunca vos tireis do mesmo rumo em que ides, e neste mesmo atravessai o rio, e avançai com força a ganhar a terra da parte esquerda, a que vos fica por proa e a direita do Taquari que

se descaires para a esquerda deste ides perdidos; postas as canoas em terra e descarregadas todas, mandai as cargas por terra até onde se hão de embarcar nas canoas: nestas metei a melhor gente para que, costeando sempre a mesma parte direita possam sair livres dos canais que são furiosos, e de grandes ondas, e em que sempre as canoas tomam bastante água.

63. — Tem esta grande cachoeira pelo meio várias ilhas, e advertí uma das mais arriscadas de todos estes rios: e quando não queirais atravessar o Taquari com as vossas canoas carregadas, assim que chegares ao sítio, que tenho dito descarregai as canoas na mesma roça de parte esquerda, e por esta mesma parte mandai passar as cargas levando as canoas vazias por onde vos tenho dito.

RIO TAQUARI

64. — Navegai por este rio abaixo que é bastante largo e tem não poucas ilhas; mas nem por isso o considereis sem perigo porque corre com muita violência e tem pelo meio alguns paus caídos, em que topando livremente a canoa, é facílimo o virares. Deste rio por diante há mais fartura e menos fome: porque há já muito mel e caça, muito palmito, e bastante peixe. Ide navegando e passando várias ilhas até chegares a uma que chamam a Prensa: nesta se divide o rio em duas partes: ide pela direita que é mais limpa, e vigiai-vos em terra das onças, bravas e bichos do mato que aqui não faltam.

65. — Abaixo da Prensa principiam os Pantanais, que são uns campos alagados com vários sangradouros, e lagoas: Tem muito peixe e caça, e já aqui se teme o gentio Guaicurú, ou Cavaleiro, e muito mais o Paiaguá: pobre de vós se encontrares um, ou outro: trazei limpas e prontas sempre as armas e com cartuchos feitos, como usa a infantaria nas campanhas; porque as investidas deste gentio são de súbito, e repentinas; assim o experimentaram no ano de 1726 sete canoas que se adiantaram da mais tropa e encontraram estas o gentio cavaleiro, e quis Deus acharam uma parte de rio fundo e na terra um capão do mato a que se acolheram, e para que em tudo parecesse prodígio divino o salvarem-se, tiveram a fortuna de terem também ao pé do morro, da parte do campo, um grande pantanal com água e lodo: neste estiveram cercados 7 dias, e desesperado o gentio de os não poder assaltar, por lhe não ser possível, vadearem o rio com os cavalos, menos o pantanal, e se retiraram ao aparecer a mais tropa que eram 60 canoas com duas pequenas peças de artilharia.

66. — Navegai avante mas sempre com o mesmo cuidado e sentido, e vereis que se parte outra vez o rio em duas partes; ide pela da direita que ainda que é a mais estreita é melhor: em frente desta vereis umas grandes touças de coqueiros a que chamam buritizes com a folha muito verde mas escura: esta parte do rio que tomais chama-se o Braci-

nho, ide por ele até avistares os chamados Morrinhos por entre os quais haveis de passar, e à direita, neste lugar, é a passagem do gentio Guaicurú por ser estreita e ter pouca água e tanto que tomam pé nela os cavalos. Passada esta navegai sempre com a mesma cautela e cuidado porque tendes o mesmo risco até chegares ao Paraguai-Mirim e advertindo de que antes chegareis aos Morrinhos navegando já pelo bracinho e o vereis partido entre os dois que se juntam outra vez perto dos mesmos morrinhos.

67. Saido do Paraguai cuidado e mais cuidado no Gentio Paiaguá, que é muito destro e bom pirata: acomete sem receio, esconde-se nos sangradouros, baias a volta do rio e tanto que, se avista qualquer tropa, a investe de repente, mata a gente, leva as canoas e não há monção em que não tenham feito alguma guerra; as canoas em que andam, são muito leves, e assim navegam com grande velocidade, e se os apertar lançam-se ao rio, e por baixo da canoa a reviram; quando pescam não usam de mais linha, ou anzol, que o da própria mão. Vão ao fundo e escolhem o peixe, que lhe aparecer melhor. No ano de 1727 navegando para Cuiabá 60 canoas nossas, lhes sairam 30 do paiaguá mataram-nos doze pessoas com os dois capitães de toda a tropa, e levaram-no três canoas carregadas de fazenda: levaram também nesta ocasião cativo a um menino branco de idade de oito anos filho de um dos cabos mortos.

68. — Neste Paraguai-mirim não é fácil explicar-lhes a derrota, que nele haveis de seguir se vos digo que necessitais de bons práticos, que o tenham navegado algumas vezes: a se vos arriscares sem eles é preciso, que principieis a sair tomando bem sentido nas águas, e na cor delas, e indo sempre subindo contra a sua correnteza, vereis em várias partes várias barras, que todas parecem ser o mesmo rio, e facilmente confundem os que navegam e são muitas vezes coisa de se perdederem nelas ainda os mais práticos errando o caminho e a viagem e para o que serve a cor das águas, que acima vos recomendo, que deve ser esbranquiçada e turva, e esta facilmente se desconhece tomando outra qualquer barra porque achareis nela as águas claras e limpas, e sem correnteza alguma: estas barras são de alguns sangradouros, que entram nos pantanais: e se estes estiverem cheios vos hão de parecer um mar de Espanha, e então vos ficará impossível conheceres as águas turvas que devem ser toda a vossa guia, até entrares no

RIO PARAGUAI - ASSÚ

69. — Depois de entrares neste Rio o ireis subindo; é ele bastante largo, não tem cachoeira alguma nem paus... mas fazendo vento é tão tormentoso pelas muitas maretas que comumente faz: segui sempre o mais direito do rio fugindo das ressacas, voltas e sangradouros do mesmo rio por vos livrares do gentio, que é certo vos estar perto. Entrado neste rio a pouca distância da barra vereis uma ilha da parte

esquerda, passai por entre ela, e a terra, e logo vereis uns morros da mesma parte e uma grande baia quase da largura do mesmo rio, ide pela parte direita a ver outra 2ª ilha que passareis pela parte esquerda.

70. — Passada esta lagoa a uma volta do rio vereis outra, a que ireis pela parte direita dela, até avistares outra, que passareis à esquerda: depois desta vereis logo outra ilha, a da parte direita dela uma formosa baia: passai a ilha pela mesma parte que pela esquerda faz grande volta. Passada a ilha vereis fazer ao rio uma como cruz, e o braço que vos ficar à direita é uma baia, e o da esquerda é, o que faz por detrás da ilha acima dita; ide só pelo do meio e tanto que entrares nela vereis da parte esquerda uma terra alta com muito mato, e pedra quase à margem do rio, e neste sítio é que sucedeu a derrota das 30 canoas do Gentio com as 60 nossas, acima dita, cujos vestígios achou ainda uma tropa, que atrás vinha, vendo as sepulturas, e algumas caveiras novas ainda com carne vários cascos de barris e coronhas de armas quebradas.

71. — Depois de passado o dito rio navegai até avistares uma ilha, que passareis pela parte direita dela; porque pela esquerda faz maior volta, e por detrás tem uma baia tão grande, que se lhe não divisa o fim: passada avistareis a bastante espaço do rio outra baia não menos espaçosa, que a antecedente, passai-a pela parte esquerda, e passada voltai logo à direita e assim ireis até dares com um sangradouro, que está na mesma parte direita e se chama o Axianez, navegai por ele, que se atalha alguma cousa, e é melhor de navegar, e assim deixareis o R. Paraguai.

SANGRADOURO DO AXIANEZ

72. — Entrando no Axianez ide sempre encostado à parte direita até veres da esquerda outra barra, de que não fareis caso por hora: antes, subindo sempre pela mesma parte direita, vereis outra nova barra da mesma parte esquerda; passai-a até avistares outra em que o rio faz forquilha; navegai adiante, que a pouca distância entrareis pela barra do rio dos Porrudos. Se, porém, não quiseres entrar neste Axianez subí pelo Paraguai, mas cuidado no Gentio Paiaguá.

73. — Toda esta viagem desde a Prensa até a barra do rio dos Porrudos é por entre pantanais e campos rasos; nestes cresce uma erva cuja semente é semelhante à do arroz, mas não tão perfeita como a do povoado; é, porém, sustento de quem a colhe: não faltam também neles caça e peixe; é tal a inundação de mosquitos que vos não deixarão sossegar nem de noite nem de dia mas é tempo de chegares já à barra do

RIO DOS PORRUDOS

74. — Navegai por este rio acima, e sem susto já do Gentio, e nele achareis várias pessoas, que descem destas minas a passar para negócio: não tomeis o caminho até chegares a uma ilha chamada a Comprida, ide a ela pela parte esquerda, e passada chegareis a outra mais pequena e depois desta vereis dividir-se o rio em duas partes: a que fica à parte esquerda é o vosso desejado Cuiabá: entrai por ele a que é tempo de colheres já os frutos de vossas ditadas esperanças.

RIO DO CUIABA

75. — Entrando por esta barra distância de duas voltas de rio vereis dois sangradouros; a pouca distância um do outro, passai avante a veres a primeira barra, que faz este rio para a parte esquerda e na direita vereis também uma baia pequena e pelo meio de uma, e outra um sangradouro; pela quel é bom que não naveis por atalhar a viagem: entrado nele vereis que faz uma como forquilha ficando como em dois sangradouros; no da direita começa o mato, seguí a da esquerda até saires à margem do rio; e por ela navegareis até avistares uma ilha, ide a ela pela parte esquerda, que é melhor navegação, até saires ao Arraial Velho, onde achareis umas pequenas casas de telha, e nelas o Provedor e escrivão do Registro, a quem dareis conta das cargas que trazeis; registradas, seguí viagem até entrares pela primeira barra, que vires da mão direita.

76. — Saido fora do rio, dela ao rio largo, distância de uma volta, vereis um sítio da parte esquerda, a que chamam o Guassú, passai adiante sempre pela madre do rio não estando este cheio, até chegares ao sítio chamado Carandá, no qual vereis da parte direita um sangradouro, em que há já vários moradores com suas roças: passado este, coisa de um dia de viagem vereis outro sangradouro da parte esquerda chamado o Reducto: se não estiver este seco, é melhor entrar por ele, advertindo que sempre o mais seguro é seguir pela madre do rio por razão do sangradouro ser muito embaraçado.

77. — Mas se quiseres entrar pelo tal Reducto ide navegando até avistares uma baia costeira depois de entrares nela pela parte direita e até que esta se acabe vos ficará o rio bastantemente estreito e pelo muito que ali puxam as águas vos parecerá que o rio volta atrás: Seguí à parte direita advertindo que quando chegares a ver da mesma parte direita outra baia, antes que chegueis a ela para seguir a parte esquerda, que por esta é o caminho; este canal, ou estreito sucede estar muitas vezes coberto de umas ervas chamadas Batuiras (?), e se assim o achares seguí a correnteza das águas até saires a rio largo e limpo: e por ela tornareis a veres um sangradouro, que vem da parte esquerda; ide então pelo da parte direita até vos veres fora e tornares a entrar na madre do rio.

78. — Faz ela de uma, e outra parte seu pantanal, ao depois mato, e também seus paus com bastantes correntezas, pelo que navegareis pelo dito Reducto com cuidado desta distância de duas voltas chegareis aos morrinhos, onde principiam as roças até este suspirado porto do Cuiabá.

79. — Parece-me agora amigos meus, que estou vendo a excessiva alegria com que chegais a desembarcar neste porto, não sendo desta o motivo tanto o ver-vos já livres dos inumeráveis trabalhos, que padecestes com evidente perigo de vossas vidas, quando o considerares, que 'saires destas Minas com cabedal, e posses suficientes para vos desempenhar como também que vos não será tão ingrata a fortuna que vos não de brevemente com que puderes passar. Deus tudo pode fazer mas não é isto o que vós por cá experimentamos.

RELAÇÃO

DA VIAGEM, QUE FEZ O CONDE DE AZAMBUJA, D. ANTONIO ROLIM, DA CIDADE DE S. PAULO PARA A VILA DE CUIABÁ EM 1751

(*Carta endereçada ao Conde de Val de Reis e ao Instituto Histórico Brasileiro, remetida de Lisboa por F. A. de Varnhagen, Visconde de Pôrto Seguro.*)

Meu Primo e meu Senhor. Quanta terra e quanta água tenho passado, depois que vos escrevi! Rios tão caudalosos, matos tão espessos, e campos tão distantes, que fazem a admiração, principalmente a quem vem de uma terra tão apertada, como o nosso reino. Desejara lembrar-me e saber ordenar tudo quanto passei e vi; o que não só vos servirá de divertimento pela novidade, mas também a mim de desafogo e alívio.

Havendo em S. Paulo acabado de escrever para a Frota, e tendo recebido carta de Gomes Freire, de que era mui conveniente ao serviço de El-Rei vermo-nos em Paraty, me pus a caminho no 1.º de Abril; por estarem os meus oficiais d'ordens doentes, levei comigo o capitão em lugar deles, e 3 dragões para me servirem de escolta, duas bestas de carga com bem pouco provimento, para poderem acompanhar-me dois criados e alguns pretos. Este pequeno trem custou bastante a pôr pronto, sendo-me necessário comprar a maior parte dos cavalos, pelos não haver naquela terra de aluguel. Acompanhou-me também o ouvidor de S. Paulo, belo para semelhantes funções, porque nem atura sol nem está na sua mão o madrugar.

Saimos enfim da cidade já tarde por amor dele, e para mais ajuda erramos o caminho; por cuja causa andamos de noite umas poucas de horas, por estrada que ainda de dia se passa com dificuldade, cheia de más pontes, de ribeiros e de atoleiros terríveis. Estas dificuldades me embaraçaram chegar ao sítio, que assim chamam cá aos casais, onde me esperavam, e ficamos n'outro retiro, em que não havia nada que comer para a gente, nem para os cavalos. No dia seguinte fui jantar em Mogi, marchando um grande pedaço ao través das várgeas, mas inúteis pela a opinião em que está a gente da América de que só em roças se pode

semear ou plantar; a vila é pequena, como todas as que vi na comarca de S. Paulo, porque a maior parte dos moradores assistem nos seus sítios, onde lhes vai o tempo em cachimbar e embalançar-se na rede, em camisas e ceroulas, seu vestido ordinário, e mandando os seus carijós, adquiridos pelo sertão com grandes trabalhos, e não menos ofensas de Deus. Daqui fui dormir a uma fazenda dos padres do Carmo, e no outro dia em Jacareí, que também falando mal, é vila, parece-me terá meia dúzia de casas, tão pobre, que a câmara me esperou de capote. Seis léguas antes de chegar a ela, todo o caminho é por morros mui altos, muito a pique, e de uma qualidade de barro como sabão, quando chove; o que aconteceu nesta ocasião, por cuja causa passamos com bastante risco de quebrar as pernas, escorregando a cada passo os cavalos; mas andam tão destros que parece impossível as partes por onde se seguram. Eu não iria a pé por elas sem cair uma quantidade de vezes. Ao sair daquela vila, há um pedaço de caminho que parece rua de quinta, muito direito, largo, e cheio de boa sombra. Depois se dá em campos de perdizes, em que com efeito vi levantar algumas sem me afastar da estrada. Nessa noite, que foi a quarta, dormi bastantemente mal acomodado, em sítio que está dentro de um capão de mato de quatro léguas de comprido. Na seguinte fiquei na vila de Taubaté, a melhor que vi naquele caminho, bem assentada, com boas ruas, largas e compridas, alegres, e os seus moradores mais civilizados.

No dia sexto em Pindamonhangaba, vila quase igual à de Jacareí; nela comi pão do mesmo trigo da terra, muito semelhante ao pão francês no gosto, no feito e no amassado. No dia seguinte cheguei a Guaratinguetá, havendo na noite antecedente ficado em sítio bom à vista dos mais; porém o caminho que a ele me conduziu era cheio de más pontes, atoleiros e caldeirões, que são umas covas que os cavalos fazem com a continuação do andar, as quais, quando chove, se enchem de água e lama, ficando entre cova e cova, como uma parede de barro duro, de sorte que é necessário que os cavalos vão por estes lugares muito sossegados, pondo os pés dentro das mesmas covas; porque se assim o não fazem, infalìvelmente, caem, com grande risco de quebrar as pernas ao cavaleiro. Este tão bom caminho passei com tanto escuro, que nos não viamos uns aos outros.

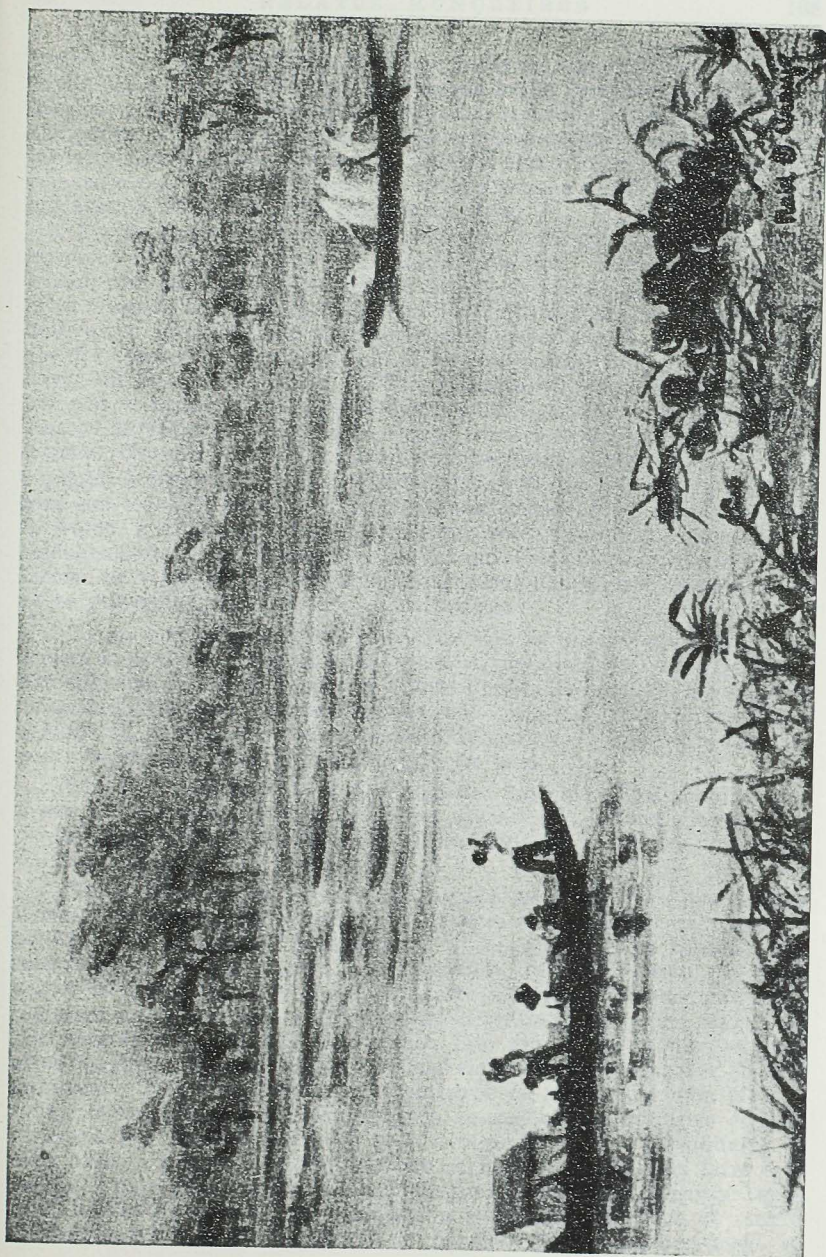
A vila de Guaratinguetá, em que fiquei naquele dia, por ser necessário adiante mandar avisar os sítios por onde havia passar, é já mais rica do que as outras, por ser passagem para as Minas daqueles que vêm buscar a estrada do Paratí, pela qual me seguraram andavam 1.300 cavaleiros conduzindo cargas. Aqui deixei o caminho da esquerda, que vai à serra da Mantiqueira, e daí às Minas, e tomando à direita, fui dormir ao sítio da Paratinga, marchando todo o dia morro abaixo morro acima, tão altos e empinados, que quase todos os cavalos aguaram, até os que iam à mão, e foi preciso sangrá-los; o que me causou a demora de três dias, ao que me sujeitei, por saber aí que Gomes Freire não podia sair do Rio de Janeiro no dia que me tinha avisado. Ocupei este tempo em andar pelo mato atirando aos papagaios, e aos tucanos, de que havia boa quantidade.

Daqui a Paratí gastei dois dias; no primeiro fui ao sítio da Aparição, em que experimentei o mesmo frio que no reino: o segundo me levou toda a serra do Paratí, que, na opinião comum, é a pior que se conhece. A estrada em partes é tão apertada, aberta em rochas, que me era necessário levantar os pés até os pôr na garupa do cavalo; e nem com tudo isso escapei de dar muito boas topadas; tanto a pique, que oito dias me ficaram doente as cadeiras de me indireitar: o chão estava calçado ou alastrado de pedras soltas e desiguais, com muitos saltos e barrocas; e onde isto faltava era atoleiro grande e caldeirões muito fundos. Continuamente chove, e fazem em certo tempo frios tão extraordinários, que têm já morto alguns passageiros; porque, como ela não é capaz de se andar de noite, aqueles a quem o dia falta antes de a vencer, ficam expostos a estes perigos; pois não podem reparar o frio com fogo, por estar sempre o mato, por molhado, incapaz disso. Além disto tem duas passagens de rio bastantemente más.

Na vila me receberam como se fora o próprio general; a passagem que nela se faz para as Minas, e a quantidade de aguardente de cana, que alí se fabrica, lhe dão alguma opulência.

Fica quase norte-sul com a ilha Grande, e distante dela dez léguas; situada à borda de uma grande baía, que ali forma o mar, com fundo capaz de ancorarem náus de guerra; tão abrigada por causa das muitas ilhas que a amparam da banda do mar, que em canoas de pá se vai por entre ela até a Supetiva, que são 20 léguas, e dalí ao Rio de Janeiro, e é caminho sumamente freqüentado, pelas muitas cargas que por alí passam para as Minas.

O tempo que Gomes Freire tardou por causa da frota, me serviu de divertimento por passear por esta baía em uma canoa, que, sem embargo de me segurarem ser a menor de três que se haviam tirado do mesmo pau, levava seis remos de voga, e na popa acomodava seis a sete pessoas: finalmente, se não diferençava de um escaler de seis remos. Gomes Freire, quando chegou, me fez muita festa e agasalho: achei-lhe a mesma viveza, desembaraço e a mesma disposição em que sempre o conheci. Todas as manhãs nos foi buscar à cama, onde conferiamos até as 10 horas, iamos à missa, e daí para sua casa, onde jantei e ceei sempre com os seus oficiais, e as pessoas que haviam ido comigo; o que me não era possível na minha, tendo-me sido preciso vir àquela jornada tão escoteiro, como já disse. Não se lhe pode negar a capacidade, nem o zelo com que serve a el-Rei, e com grande desinteresse e limpeza de mãos; e se ele tiver alguma coisa em que a consciência o acuse, parece-me será mais depressa por puxar demasiado para a fazenda real, que por deixar perder coisa alguma dela. É ativo e prudente, e sofredor quando é necessário; não obra coisa alguma sem tenção; é polido e sentencioso; finalmente, tendo-o em conta de bom governador.

No 1.º de Maio me pus a cavalo, e a 11 cheguei a S. Paulo, cuja jornada fiz com grande descanso, havendo largado a companhia do ouvidor, por ficar logo em Guaratinguetá começando a correição. Ao amanhecer me punha em marcha, e ao meio-dia até a uma me arranchava, com o que me livrava do maior calor, que nestas terras começa do meio dia, e dura quase até ao pôr do sol. Porém tive lugar de marchar assim,

A Nau Catarineta do Tietê — Óleo de Nair O. Araújo — (Galeria do Museu Paulista)

porque havia um próprio adiante por todas as vilas e sítios, com aviso do dia em que a eles chegava, para terem milho pronto e capim para os cavalos; pois sem esta prevenção é preciso largá-los ao pasto, de onde se não podem tirar sem amanhecer, e às vezes se espera por eles até muito tarde, e outras não aparecem de todo; e este é o maior descomodo e embaraço que têm as jornadas por estas terras, e as dificulta extraordinàriamente fazendo-se com grande comitiva.

Em S. Paulo me demorei 10 dias, que foram precisos para dispor algumas coisas pertencentes à viagem dos rios. Parti para Araritaguaba, onde cheguei em dois dias e meio. O juiz de fora Theotonio da Silva Gusmão tinha muito adiantado o apresto das canoas; porém, como dalí nunca se tinha feito uma semelhante expedição, e a experiência é que foi mostrando a necessidade de muitas coisas, as quais, pelas não haver alí, se mandaram vir do Rio de Janeiro; foi necessário esperar por elas, e também dar lugar a que crescesse o milho e feijão, e se fizessem as farinhas e toucinhos: uma e outra cousa me demorou até Agosto. Grandes foram as contradições que desde o Rio de Janeiro experimentei a fazer a jornada por esta parte. E era tal sempre o horror com que todos falavam nela, tanto naquela cidade como em Santos, em S. Paulo, e ainda no Araritaguaba, que receei muito me fugissem os soldados todos por esta causa: o que foi uma das que me moveram a ela. Depois de tomada esta resolução, sempre em público me mostrei firme neste propósito, para que eles se animassem.

Tanto por estes receios, como por outros muitos embaraços, que seriam impossíveis de vencer, não vindo eu por onde vim primeiramente, não achando no Rio de Janeiro a Gomes Freire, me pareceu não chegava cá soldado nenhum, e nestas minas não seria tão fácil recrutar-se a companhia, como nas outras, por falta de gente; e porque os soldos são pouco suficientes pela grande carestia da terra.

Embarquei finalmente a 5 de agosto, havendo antes disso ouvido missa na freguesia e toda a comitiva: acabada ela, salvou a companhia de dragões com três descargas a Nossa Senhora da Penha, invocação da dita igreja.

Na primeira canoa me embarquei eu só, na segunda os dois missionários, na terceira os oficiais da sala com o secretário, na quarta o capitão com metade da companhia. Entre esta e a do tenente, que marchava na retaguarda com a outra metade, iam as de carga, que eram dezesseis, pertencentes a el-Rei, e quatro a mim; e porque ainda não puderam acomodar todo o mantimento necessário, se tomou mais uma por empréstimo, que me acompanhou oito dias. Porém não somente estas chamadas de carga a levavam, mas em todas se meteu o que podiam acomodar. Nas dos soldados, sem embargo de levar cada uma vinte e tantos homens, fora remeiros, e pilotos, se meteram os cunhetes de bala e pederneira, e a roupa precisa para o caminho, rede e mosquiteiro de cada soldado, sem cujo traste, que logo explicarei, se não pode fazer esta jornada; mas, sem embargo de acomodarem as canoas tanto como tendo dito, havendo algumas que chegaram a levar noventa sacos de mantimentos, e trinta e tantas cargas de barris e frasqueiras; e tendo eu

deixado, para vir de aluguel com outras tropas, a maior parte das cargas, tanto d'el-Rei, como minhas e dos oficiais, sempre vos há de fazer dificuldade que em tão pouco se acomodasse o mantimento que haviam gastar 190 homens em 5 meses; o que procede constar esta de feijão, farinha e toucinho, e algumas galinhas só para os doentes de maior perigo. Ainda para a minha mesa este era o fundamento, porque o mais que levava de paios, presuntos, biscoitos e carne de vinha d'alhos, era à proporção do que as canoas podiam, e não do que era preciso.

Supre muito esta falta a montaria, para que levava três canoas pequenas, as quais vão adiante para pescarem, caçarem, longe do ruido que faz a tropa; e quando se chega ao rancho, que ordinariamente é com duas horas de sol, vão à mesma diligência, por cuja causa chamam a estas canoas de montaria, que, além deste serviço, são precisas a muitos outros, como esta narração irá mostrando.

Vamos à aplicação dos mosquiteiros. Bem sabereis o grande uso que tem nesta terra a rede, a qual é a cama mais pronta e mais fácil de conduzir: porém, como esta não basta para livrar das muitas chuvas que necessariamente se apanham em uma travessia tão grande do sertão, como esta, não guarda também da imensidade de mosquitos, que em partes se encontram: para suprir esta falta, inventaram os viandantes deste caminho o mosquiteiro, que vem a ser uma cobertura de linhagem, ou de outra droga leve, a qual lançam por cima de uma corda, que prendem aos mesmos paus, a que atam a rede, por cima dela dois palmos. Esta coberta chega até ao chão por todas as partes, fechada pelos lados e pelas cabeceiras, deixando-lhes nestas umas mangas para se enfiarem os punhos das redes. Quando chove cobrem esta máquina com uma baeta singela, da largura que baste para alcançar alguma coisa mais abaixo da altura em que a rede fica, depois de seu dono deitado nela. É incrível o que isto resiste, ainda nas maiores chuvas do que eu me não podia capacitar enquanto o não vi; e o vão que fica entre a rede e o chão serve como de pequena barraca para todos os usos da vida.

Ao desamarrar salvaram outra vez os dragões a Nossa Senhora com três descargas, e marcharam as canoas na ordem que tenho dito, levando todas as bandeiras à popa com as armas reais. A que ia na canoa da missão, as levava só de uma parte, e da outra o padre Anchieta. Acompanharam-me neste dia até ao outro ao jantar o juiz de fora de Mato-Grosso, e outras pessoas mais. Este primeiro rio, a que chamam Tietê, é o mais cheio de cachoeiras e das piores.

O fundo dele é quase todo pedra, quando esta é assentada por igual, mas com pouco fundo, de modo que algumas partes era calhau, onde roçam as canoas; chamam a isto itaupaba; quando é desigual com pedras espalhadas e em altura debaixo dágua que as canoas correm risco de se virarem topando nelas. Chamam-lhe sirga, porque é preciso os pilotos lançarem-se e remeiros à água, e levarem as canoas às mãos para as irem desviando devagar, sem as deixarem tomar força com a correnteza, que aí é sempre maior. Se em algumas partes deixam estas pedras canal aberto fundo, é a que chamam cachoeiras, que ordinariamente as há onde há sirgas; mas muitas vezes se servem destas quando acham

dificuldade grande nos canais. Estas dificuldades estão debaixo dágua, e os pilotos as conhecem tanto pela experiência e memória, como pelo movimento da mesma água, no qual se mostra onde é fundo ou baixo, onde há canal ou pedras: porém, além desta ciência, necessitam também da que lhes ensina a regular forma por que se hão de haver em todos estes passos. Uns vão buscar da mesma sorte e com a mesma gente que trazem, em outros põem nas canoas tudo pilotos em lugar de remeiros, em alguns se tiram às canoas meias cargas, e em outras todas. Para dispôr todas estas manobras se escolhe sempre um piloto mais capaz, a que chamam guia, o qual vai adiante para os outros se irem governando por ele. Nas cachoeiras dificultosas passam estas sós adiante em canoas pequenas, para as examinarem, fazendo entretanto parar a tropa, a qual vem buscar depois, estando já certos de como se hão de haver. Finalmente é uma arte esta maior do que se representa à primeira vista, pois é necessário estarem estes homens com lembrança em uma viagem tão comprida, de mais de cem cachoeiras que ela tem, e da parte e forma por que as hão de tomar, sendo tão diversas não só entre sí, mas cada uma de sí mesma, à medida que os rios levam mais ou menos água: e havendo algumas tão compostas, que parte se passa à sirga, parte a remo, etc. Uma houve que por esta causa gastei nela três dias.

Duas léguas abaixo do porto está aquela célebre cachoeira a que chamam na língua da terra Avaremanduaba, que quer dizer lembrança do padre Anchieta — escapando ele milagrosamente, como relata a sua vida, e é tradição constante naquelas partes.

Daí um dia de viagem se encontra o outro prodígio, ainda que de diferente espécie. Haverá uns poucos de anos, se situou naquela paragem um homem tão só e desacompanhado, que nem ainda cão nem espingarda tinha consigo; por cuja causa chamaram ao mesmo sítio do Homem Só. Sem embargo de que, fazia roça, plantava, caçava tanto a caça do ar, como a do chão, tudo com arte e engenho que lhe facilitava estas coisas. Fazia canoas em que andava para baixo e para cima, estando no meio de uma das piores cachoeiras que há no caminho. Algumas vezes se metia ao mato 15 e 20 dias, sem espingarda nem cão, como já disse. Quando eu passei, já estava casado; mas, fora essa, não tinha outra companhia.

A 10 fiquei arranchado ao pé de um morro, onde ouvi por duas vezes como estrondos de artilharia; parecendo-me que seriam trovões, me asseguraram os pilotos serem estalos que dava o mesmo morro, e que alguns práticos tinham aquilo por sinal de ouro que alí havia, e que, querendo examinar várias vezes, se não atreveram a chegar perto, pelo horror que lhe fizeram os ditos estrondos. Na verdade o céu estava mui como defumado, e semelhante ao que se vê na altura de Cabo Verde, que é como de trovoada. A 12 passei pelo último sítio, que se encontra até Camapuan, onde estão vivendo dois moradores, com alguns carijós, fora de toda a comunicação mais que com aqueles que fazem caminho para Cuiabá; chamam a este lugar Pitunduba.

A 18 passei para um laranjal, que está dentro do mato sem cultura alguma, e contudo as laranjas são maravilhosas; e no mesmo dia cheguei

ao salto de Avenhundaba. Neste lugar leva já o rio maior largura que o alcance de uma bala de espingarda, e depois de ir em bastante distância para cima de pedras, fazendo grandes cachoeiras, cai toda aquela água de mais altura que uma lança, formando a pedra pela esquerda a figura de uma concha, onde se vê estar o peixe continuamente saltando para cima, para apanhar a altura, que aí é menor. Era aqui tanta a quantidade de peixe, que com fisgas e paus se matava. Neste e outros semelhantes lugares se tiram as cargas às canoas, e se passa uma e outra coisa por terra; o que causa grandes demoras.

A 2 de Setembro cheguei ao salto de Itapurã, onde também, depois de um baixo de lage, forma ela como um tanque ovado, aberto só pela parte debaixo; e em roda dele cai a água de muito maior altura que no antecedente. No meio se levanta uma ilha ou reduto de pedra. Aqui foi tanta a quantidade de peixe que se pescou, que muito se tornou a deitar ao rio, por não haver já quem o quisesse, sem embargo de que ali tivemos três dias de demora.

Matou-se também uma cobra securí, de 17 palmos de comprido, e meio grossa como a coxa de uma perna. Estas ordinariamente andam nágua, saem algumas vezes, não são peçonhentas; o mal que fazem é, tendo onde segurar o rabo, aquilo em que se enroscam infalivelmente o puxam para a água. Além destes saltos passei neste rio, entre Itaupubas, cachoeiras e sirgas, 61; em algumas das quais se tiravam meias cargas às canoas, e em muitas houve grandes demoras. A isto se ajuntava não poder sair do pouso ordinariamente antes das 9 horas, por causa da névoa, o que dilata muito a viagem.

De 11 de agosto por diante comecei a ter caça; e depois pouco foram os dias em que me faltou. Patos bravos, maiores e mais gostosos do que os do reino, e outra casta de pássaros a que chamam jacús, do tamanho de perdizes, e com alguma semelhança no gosto. Em certas paragens muita quantidade de papagaios, os quais não são más com arroz. Há em algumas partes uma casta de barro, que os pássaros comem, e lhe chamam barreiros; mas nem todos gostam do mesmo; daquela espécie de pássaros que alí voam, topando-se com eles, sem uma pessoa se tirar de um lugar, mata quantos quer, porque se não afastam. Além destes se mataram outros, que não são capazes de se comerem, entre os quais foram uns que se chamam tuivires, que, postos em pé, são mais altos que um homem. De caça de pele neste rio só pacas e capivaras. As primeiras são do tamanho de um leitão, com os pés curtos, o pelo como de cão pardo-escuro. Das outras o feito é de rato, principalmente o da cabeça; o pelo na aspereza é de porco, mas pardo; são do tamanho de um marrão, e o gosto não é bom; a paca sim é mui gostosa.

Não foi menor a abundância de peixe, ainda fora dos lugares que já disse, a maior parte dourados. Alguns se pescavam, que custavam a um homem levantá-los: os comuns eram como gorazes. Há outra espécie, a que chamam jaús, que são de pele, muito maiores que os dourados; para me trazerem um a mostra foi necessário carregarem-nos dois homens. Porém tudo isto faltou tanto que entrei no Rio Grande, que foi a 5 de Setembro de tarde. A sua grande largura, que em partes é de

meia légua, e os estirões muito compridos que tem dão lugar a que o vento faça nele maior impressão, principalmente o sul, em que as canoas não podem resistir às ondas que levanta. Se está perto alguma abrigada, é o único refugio; mas, como estas são raras, se tem visto naquele rio muitas alagações, e poucos foram os pilotos da minha comitiva a quem a não tivesse sucedido, ou ao menos se não vissem em grande perigo.

Este rio é o mesmo que nos mapas vem com o nome de Paraná, que se vai meter no Paraguai, junto à cidade de Corrientes. Forma com o Tietê um ângulo agudo da parte das cabeceiras, o qual entra nele pela sua esquerda. Dizem os sertanistas que abaixo da barra do rio Pardo 3 dias de viagem se some todo por baixo da terra, em uma grande cachoeira chamada as Sete Quedas. A sua água é turva e mal cheirosa, e nos viandantes costuma causar sezões malígnas.

Há nele um célebre passo, que chamam Jopiá, quer dizer covo na língua da terra, o qual é um redemoinho que a água faz nesta figura, bastante largo e fundo; e a água corre com violência para aquela parte de tal sorte, que é necessário passar o mais distante que pode ser, e fazendo grande força de remo; porque, se chegam a dar ali as canoas, infalivelmente as sorve a água. Este perigo e do vento encontrei no dia 6; mas de ambos livrei com bom sucesso.

A 9 ao jantar entrei no rio Pardo que é sumamente trabalhoso, para os pilotos e remeiros: sobe-se a varas com muito custo pela grande violência da corrente. Passei nele 54 cachoeiras; nove vezes se descarregaram as canoas de tudo, e quatro se passaram com meias cargas, varando-se umas vezes por terra, e outras por cima de pedras do mesmo rio. A água dele é maravilhosa ao princípio e em quanto as trovoadas para a parte do vermelho as não perturbam. Há um pequeno ribeiro, que se mete no Rio Pardo, pouco abaixo do porto da Sanguexuga. Quando nele chove com força, tinge o Rio Pardo até a barra de vermelho, que é a cor que o dito ribeirão traz sempre. Porém, como os mais ribeiros e córregos que nele se metem, que são muitos, têm todos excelentes lagôas, não faz aquilo prejuizo aos passageiros, pois têm sempre aonde proverem à sua vontade. As margens deste rio são campinas muito largas, com seus capões de mato, distância em distância, os quais trazem bastantes perdizes; são da mesma cor das nossas, mas não têm pena real, nem as pernas vermelhas. O tamanho é de uma galinha, e ainda que não chegam às nossas no gosto, sempre são bastantemente saborosas. Os embaraços e vagares do rio me deram lugar muitas vezes de ir a este divertimento, para o que a terra é sumamente cômoda, por ser muito plana, cortada de córregos de excelente água, cheia de várias frutas, que nascem em raminhos curtos por entre o capim. Destas, as mais especiosas são os cajús, e também as de que há maior abundância. Além desta caça, há cervos, que são do mesmo feito e mais pequenos que os nossos veados. Há veados do tamanho de cabras; mas a carne mais tenra e gostosa que a dos nossos. Emas e semiemas, que são da mesma espécie, mas mais pequenas. De todas se viu bastante, e se matou. Porém a que mais gosto deu foi uma anta, pelo que muito que resistiu.

Começando êste rio em largura de dois tiros de espingarda dias antes de chegar ao porto da Sanguexuga, não passa em partes de ter três braças. Os principais rios que neste se metem é o de Anhanduí, e Anhanduimeri, ambos pela parte esquerda indo para cima, como eu ia. Da barra do primeiro à Vacaria, umas campinas onde há infinitos gados, o qual dizem os sertanistas que lá o têm ido buscar, que fora ali posto pelos castelhanos que ocuparam aquelas terras, que são as que ficam entre o Rio Grande e o rio Paraguai, onde êles têm em infinitas missões.

A 10 se matou o primeiro cervo, e como modo de caçar estes e os veados é tão diferente da do reino, não quero deixar de o explicar aqui. Estes comumente andam pelos campos; quando os caçadores os avistam, despedem a caminha, e a põem pela cabeça, e levam chegando desta sorte fazendo várias visagens com que a caça para, e às vezes sem reconhecer o que aquilo é, e em segundo lhe atiram ordinariamente com chumbo grosso ou bastardo, pois de outra sorte não sabem. Para matarem as emas as buscam levando um ramo diante da cara, com que deixam o lugar ao caçador, de forma que lhe atiram quase a queima- roupa.

Neste dia se matou o primeiro jacaré, a três ou quatro passos de distância da canoa, que tão pouco espantadiços são. Este, com ser pequeno, pelo que disseram, tinha 6 palmos de comprido, 4 pés como lagarto, mais grosso no corpo que um homem pela coxa, rabo comprido à proporção do mais corpo. A pele, pela parte de cima, feita em cintas como armas brancas, e tão dura, que, dando-lhe à mão tente com uma faca de ponta, apenas lhe entrou grossura de duas moedas de dez réis. A cabeça é comprida, os dentes de cão e sem língua.

A 16 vi uma pendência de uns passarinhos, do tamanho de pintasilgos, a que chamam tesouras, por terem o rabo do feito deste instrumento quando está aberto, com um gavião, e sem embargo deste ser grande, e os passarinhos só dois, de tal sorte o perseguiram, que se viu obrigado a fugir; o que me disseram ser por estes lhes buscarem os olhos, aonde os picam.

A 17 de Outubro passei uma jopia, que este rio tem mais pequeno e menos perigoso que o do Rio Grande, mas sempre o é alguma coisa. Como passei por junto a ele, tive todo o lugar de observá-lo. Fazia a água a figura de um covo fundo, e estreito para baixo: a circunferência da base que ficava para cima era maior que a de um grande alguidar de amassar; e nesta figura remoinha a água de forma que, segundo dizem os pilotos, tem já sucedido alí alagarem-se várias canoas, puxando-as para o fundo a força dágua. Para se acautelarem disto, lhe deitam uma corda ou cadeia pela proa, e quando vão chegando perto, puxam por ela com força as canoas da banda de terra, até que tenham salvado a dita jopia; e algumas vezes as seguram com outra corda pela popa, para que a revessa, que alí é grande, as não bote sobre ela.

A 18 pela primeira vez o rio tinto de vermelho, pela causa que já disse.

A 13 cheguei ao Corão, em que o rio se despenha de uma laje abaixo na altura de 40 ou 50 palmos. Os mais saltos deste rio, exceto o primeiro, só têm o que basta para obrigar as canoas a que se levem à sirga

e à mão, por eles descarregadas; mas neste, como se vê; foi preciso conduzi-las por terra: antes de chegar a ele comi umas frutinhas do mato, que em gosto, cor, e figura se parecem muito com as nossas cerejas.

A 17 se matou um lobo, que era do tamanho de um cão ordinário, e pêlo avermelhado, a cabeça mais curta, a boca menos rasgada, e os dentes mais pequenos que os nossos costumam ter; e também parece não serem tão sagazes, porque o mataram à queima-roupa, parado de um perdigueiro, e quieto. Daqui por diante dá o rio infinitas voltas muito curtas, e algumas inteiramente opostas umas às outras.

A 23, pouco adiante do salto do Formigueiro, me estava esperando o capitão-mor de Cuiabá, o qual havia vindo com as canoas de guerra, escoltando as do comércio, por causa do gentio paiaguá; e ainda que aqueles não costumam passar do Taquari, ele só adiantou até Camapuan, para vir cumprimentar-me, donde por terra veio buscar-me até onde digo.

A 25 passei o ribeirão Vermelho, em que já tenho falado, que me ficou à direita, e tem uma braça de largura, ou pouco mais, e não chega a cobrir meia perna, sem embargo de que tem os efeitos que contei. Dalí para cima é a água sumamente cristalina, e a melhor que em toda a jornada encontrei.

A 28 cheguei ao porto da Sanguexuga; cujo nome lhe dá uma lagoa que fica perto, que as tem excelentes; coisa raríssima no Brasil. Aqui há uns ranchos cobertos de palha, aonde se meteram as cargas das canoas. Tanto no sítio como por todo o Rio Pardo é distrito do gentio caiapó, o qual tem feito muitos insultos; por cuja causa mandava pôr sempre uma guarda para a parte de campina, cobrindo todo o acampamento; e neste porto foi preciso deixar outra, para dela acompanharem sempre os soldados a condução das cargas e canoas até Camapuan, a qual se faz em carros, e de noite, razão da violência do sol, que se começa a sentir dali por diante mais rigoroso.

No dia seguinte me pus a caminho para o dito sítio de Camapuan; e sem embargo de ser esta distância de duas léguas boas, as fui a pé com toda a minha comitiva, por não haver mais que dois cavalos na fazenda, e esses pouco capazes.

Fica o dito sítio ou fazenda de Camapuan á borda de um pequeno rio, do qual toma o nome; como ali não há outro morador, tem ele toda a largura que querem os seus donos, que são quatro, em uma sociedade para se utilizarem dos lucros, que são grandes, nas carregações das canoas, fazendas e mantimentos, que vendem aos passageiros. Tem sempre grande abundância de milho, de farinha do mesmo, feijão, arroz, porcos e vacas, das quais se não sabe já o número pela largueza dos pastos, e se entende passarão de seiscentas cabeças. Por esta conveniência vive ali algum dos sócios, com seus camaradas brancos, e bastantes pretos, expostos aos ataques do Caiapó, e sem missa, nem quem os confesse em caso de perigo, ao mesmo tempo que a distância é tão grande para qualquer dos povoados.

Tem aquele sítio casas de sobrado muito suficientes para a parte em que estão, pois nelas me acomodei com todos os oficiais e famílias;

estão dentro de um pátio fechado, em que se pode tourear. Além destas altas, em que eu fiquei, tem outras mais no mesmo pátio, e juntamente capela com mais asseio do que ali se podia esperar.

Neste sítio me despi pela primeira vez, (o que até então não tinha feito desde o primeiro dia da viagem), exceto para mudar de roupa, tanto afim de estar mais pronto para as madrugadas, que sempre era pelas três horas da manhã, principalmente quando saí do Tietê; porque naquele rio me levantava mais tarde alguma cousa, em razão de não poder sair cedo por causa das névoas que há em todos os dias, e em alguns se estendem até muito tarde, e por causa das cachoeiras se não pode navegar naquele rio com elas. Antes me vi uma vez obrigado a fazer alto até que aclarasse uma cerração que trouxe uma trovoada: pois é preciso que se veja bem claro para os pilotos conhecerem as pedras que estão debaixo dágua. Também pelo Rio Pardo encontramos umas formigas, que, aonde chegam, roem tudo; a um dos missionários em uma noite lhe deixaram a roupa incapaz de se vestir, e outras pessoas mais perderam vários trastes de seus vestidos.

Os dias que aqui estive parado me diverti também com ir às perdizes, quando a chuva me dava lugar: ainda que ali há menos, sempre vinham algumas para casa; porém o tempo, como já disse, me dava pouco lugar; porque todos os dias, pouco mais ou menos, sempre havia trovoadas; e como estas se armavam quando ia chegando o meio dia, me embaraçavam também tomar o sol à minha vontade. Um dia, ainda que com grandes dificuldade, por se estar escondendo de quando em quando, me pareceu achar a altura de 19 graus e meio. Também comecei a achar naquele sítio piores águas; porque, além de trazerem sempre alguma areia, as contínuas trovoadas as faziam ainda mais turvas. Sem embargo do muito gado que há naquela fazenda, como a conveniência dos donos é que os passageiros se demorem, nunca é muito o que tem manso e capaz de andar com os carros, os quais ordinariamente não passam de dois. Os que têm cada uma das fazendas; e ainda que com aviso que eu lhes tinha feito estavam mais alguns prontos, nunca pude desembaraçar-me antes de 20 de Novembro, pelas muitas canoas e cargas, que houve que passar, e pela pouca força dos bois, que, sem embargo de serem formosos, são necessárias 3 e 4 juntas para o trabalho que faz uma dos nossos, o qual estes não podem fazer senão noite, ou com muito pouco sol.

Finalmente, naquele dia me pus a caminho a pé com toda a gente, e me fui embarcar dali meia légua no rio Camapuan porque, ainda que este passa ao pé das casas onde eu estava, leva ainda naquele lugar tão pouca água, que o caminho que eu fiz por terra, em pouco mais de meia hora, levam as canoas pelo rio ás vezes 2 e 3 dias, com grande trabalho, tanto pela falta de água, como pelas muitas voltas e embaraços de paus.

Aonde eu me embarquei se lhe ajunta outro rio da mesma largura, sem embargo do que me pareceu não exceder à de 5 braças, como passa por entre matos muito espessos, e estes em a América têm as raízes à flor da terra, as cheias escarnando estas, derrubam todos os anos quantidade de paus, os quais, pela pouca largura do rio, o atravessam de uma parte á outra, de sorte que todas as canoas que por ele passam, é

necessário cortarem muitos para abrirem caminho: como aquele rio é tão pequeno, com qualquer água enche muito, e com a mesma facilidade torna a vazar; pelo que nunca uma tropa o acha na mesma igualdade que a outra, e pela mesma razão se não aproveita um dos paus, que a que passou adiante havia cortado. Eu, passando agora, *verbi gratia,* posso colar por baixo de um pau que está atravessado de barranco a barranco, enche mais o rio, e já as canoas que neste esteiro navegam lhes faz embarraço o mesmo pau.

Este rio naveguei para baixo, e como a sua corrente é violenta, e ele tem os embaraços que expus, se serviam os remeiros de varas, não para empurrar as canoas para diante, mas para as irem tendo mão, a fim que elas não ganhassem força com o impulso da mesma corrente, e se virassem, ou quebrassem, batendo com o mesmo impulso nos ditos paus. Além deste perigo, correm outros os navegantes, e vem a ser que muitos daqueles paus estão, como já disse, atravessados em altura que as canoas podem passar por baixo; quando isto é escassamente, lhe chamam aos ditos paus — razouras —, porque quase rasam as canoas na passagem: nestes é necessário grande cuidado, porque não suceda apanharem algum entre si, e a borda da canoa; por causa dela iam sucedendo algumas desgraças por se não abaixarem a tempo, sendo preciso a alguns lançarem-se ao rio, para escaparem de morrerem arrebentados. Além disso se vai sempre passando por baixo de ramos, que lançam os paus, que estão à borda dos rios, e roçando por eles traz dentro à canoa quanta porcaria e bicharia eles têm sobre si. Isto me familiarizou tanto com as aranhas, que já me não cansava em as sacudir de mim; porque a todo o instante estavam caindo. Também pelos mesmos ramos estavam vários enxames de vespas muito grandes, a que por estas terras chamam maribondos, que mordem desesperadamente.

Neste rio me serviram muitos as canoas de montaria, as quais mandava adiante com gente e machados para me irem cortando os paus, desembaraçando o caminho, pela minha conta entendo se cortaram mais de oitenta.

A 23, pela manhã, entrei no Cochim, que também naveguei para baixo. Este é já mais largo, pelo que se não experimentam nele os incomodos do antecedente: porém no primeiro dia é o perigo muito maior. Tem, há muitos anos, vários paus debaixo dágua; a corrente é violenta com excesso, leva-se a remo para se navegar pelo meio dele, aonde é fundo. As voltas são curtas, de sorte que, quando se conhecem os paus, já não é tempo de tomarem os pilotos partido, e resolverem, por que parte hão de meter a canoa. Para acautelar este perigo, mandava ir adiante as canoas de montaria, que, como mais ligeiras, não tem tanto: estas avisavam dos paus, e da parte por onde se haviam de tomar; e a mesma palavra se ia passando de canoa em canoa, em altos gritos; o que fazia um ruído continuado com algum horror.

Alguns destes passos eram mais dificultosos; por causa do que ficava então neles alguma das ditas canoas de montaria para os mostrar.

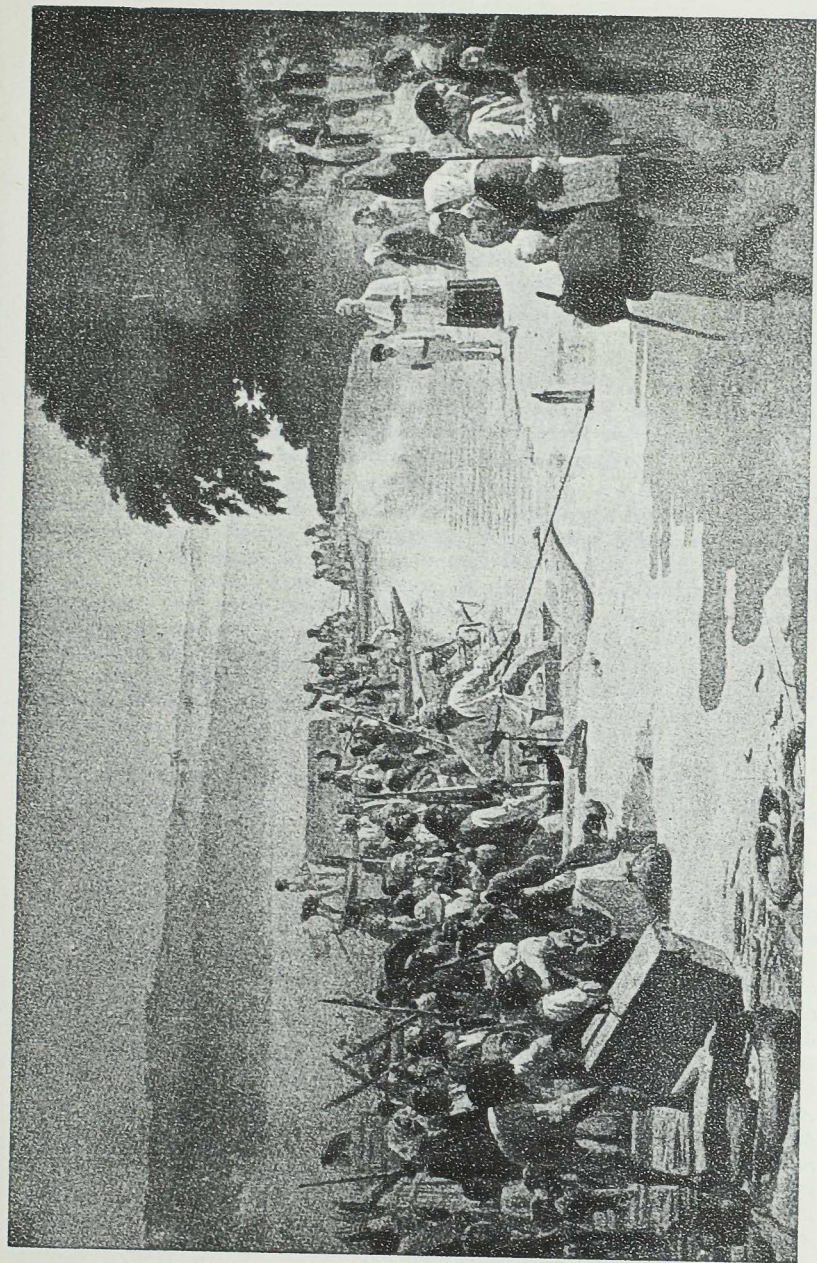
Além do perigo dos paus, tem este rio vinte e duas cachoeiras, quase todas dificultosas, cinco principalmente, em que é preciso descarrega-

rem-se as canoas para as poderem passar com grande trabalho. Em parte corre o rio com uma violência extraordinária, encanado por entre paredões altíssimos cortados a prumo, de sorte que os primeiros sertanistas se não atreviam a subir este rio, e o fizeram a primeira vez, quando se retirou do Cuiabá Rodrigo Cesar: servem-se para isso de puxarem as canoas por cordas, marchando e firmando-se em pedras que estão ao longo do mesmo rio, encostadas aos paredões.

Se os gentios, que são nossos inimigos, soubessem discursar, poucos que se pusessem em cima daqueles paredões, lançando pedras para baixo, era o que bastava para não poder passar canoa que se não afundasse; porém a sua brutalidade nos preserva deste risco; ao que os ajudaria muito a pouca largura que naqueles lugares leva o rio, que não passará de 4 ou 5 braças; nas mais partes me parece teria sempre de 15 para cima.

A 28 de tarde entrei em Tacoari, acabando de passar a última cachoeira, que o é também de todo o caminho. É este rio bastantemente largo, e como dá muitas voltas, parece aos que navegam que estão sempre em baías fechadas. Quando leva pouca água, deixa várias praias descobertas, as quais se enchem de caça, principalmente patos de extraordinária grandeza, e outros mais pequenos, a que chamam marrecos. Há também pelos matos muita de jacús e jacutingas, que passam de bom gosto a saudáveis, de modo que se dão aos doentes, principalmente as aracoans, que, sendo estes os mais pequenos, sempre tem o tamanho das nossas frangas. Há outros, a que chamam mutuns, do tamanho dos nossos perús novos, muito airosos e bem feitos, e de bom gosto. A caça de pêlo também é infinita, muito porco bravo, muito veado e capivaras.

Como deste rio para diante há perigo de se encontrar o gentio cavaleiro e paiagoá, costumam as tropas nele esperar umas pelas outras, pela facilidade de se manterem com caça; e dali vão juntas em conserva das canoas de guerra, que vão sempre de Cuiabá escoltando as que saem, e para conduzir as que vem. Quando eu cheguei àquele rio, levava já ele bastante água, e por isso não achei tanta caça; mas sempre vi alguma de todas as espécies.

A 29 cheguei aonde estavam arranchados os que haviam vindo nas canoas de guerra do Cuiabá, é a diligência que acima disse, as quais costumam esperar naquele lugar, ou nas suas vizinhanças, por ser onde se cortam varas para navegarem as canoas do Paraguaimerim para diante, no qual se começa a subir. Constava a tal armada sutil de cinco canoas, a saber: duas propriamente de guerra, por virem desembaraçadas e sem cargas; a sua guarnição constava de 5 ou 6 homens cada uma, e 24 espingardas atacadas com bastardos ou perdigotos: as outras duas levavam também alguns homens, fora os remeiros, e algumas armas, e juntamente mantimentos, com o que não ficam tão capazes de se baterem; a quinta era de montaria, para espiar e descobrir os gentios, e dar parte. Fiam-se estes soldados unicamente no fogo, de sorte que nem espada levavam. Estas canoas, exceto a de montaria, se costumam dividir pela vanguarda e retaguarda; e se a tropa que acompa-

A Partida da Monção — José Ferraz de Almeida Júnior — (Galeria do Museu Paulista)

nha é muito grande, se põe alguma também pelo centro, para acudirem com prontidão á parte atacada.

A 2 de Dezembro me fui arranchar em um mato, que estava cheio de palmitos, havendo marchado naquele dia e no antecedente com maior cautela, por me ir avizinhando ao distrito em que se costuma encontrar gentio. É o palmito uma árvore de que se tira do tronco uma espécie de nabo, ou raiz branda e gostosa, a qual se come guizada de várias maneiras. E ainda crua há alguma que tem o gosto de castanha verde. Não somente ali, mas em várias partes, achei aquela espécie de hortaliça pelo caminho, que não somente nele, mas ainda nos povoados, tem estimação. Naquela paragem me demorei alguns dias a esperar pelo juiz de fora de Mato Grosso, tanto por amor dele, pelo muito que havia trabalhado na minha jornada, como em razão de trazer em minha companhia muitas cargas de munições d'el-Rei, minhas, a da comitiva, as quais trazia ele consigo. Desta demora me servi para fazer exercício aos soldados de como se haviam haver, sendo atacados.

Três são as nações que costumam perseguir aos viandantes deste caminho; a primeira é a dos caiapós; são forçosos e ligeiros, usam por armas de arco e flecha, e de porretes. A primeira é bem conhecida, e por isso me não canso de explicá-la; a segunda são uns paus, do tamanho de um covado, pouco mais ou menos, de uma parte redondos, por onde lhe pegam; pela outra espalmados, como os paus de remos: enfeitam-os, cobrindo-os com seus tecidos feitos de cascas de árvores, de várias cores, à imitação de esteiras; porém muito ajustados, e unidos aos paus: o seu modo de pelejar é atraiçoadamente; tomando sentido onde alguma tropa se arrancha, e parecendo-lhes que têm partido, a vem atacar quando a acham descuidada; porém, se a tropa tem algum poder, se não resolvem a isso. O mais comum é esperar os que saem ao campo a caçar, escondendo-se de modo que não é fácil vê-los, por se pintarem de modo que ficam da cor do mato, e de repente darem sobre os que vão passando, atirando-lhes primeiro com as flechas, e depois quebrando-lhes as cabeças de perto com os porretes; o que feito, fogem logo, deixando a arma com que fizeram a morte. Contra esses basta uma pouca de cautela nos ranchos, e também que não saiam menos de três ou quatro a caçar, e que estes se recolham juntos, pois na retirada é que eles costumam mais dar os seus assaltos. Do Fucuário para diante já se não encontram, nem dão cuidado. A segunda é a dos cavaleiros, a que chamam assim por andarem sempre a cavalo; vivem à borda do rio Paraguai, da parte do poente, e vizinham com as povoações dos castelhanos, que experimentam deles alguns insultos, e se estendem pelas mesmas bordas do rio até a vizinhança do caminho que eu trouxe. Pelo tempo que os rios estão baixos, vêm buscar o Tacuari; e atravessando-o, vão fazer guerra ao gentio das vargeas; assim chamado por terem nelas as as suas povoações; dos quais cativam muitos, e deles se costumam servir. Há certas paragens no Tacuari, onde se têm já encontrado com eles as canoas, por serem baixios, onde costumam passar, e se viram bem embaraçados com eles. As armas de que usam são lanças compridas e laços; porém nunca nos rios se podem servir tão bem delas,

pois os não ajuda aí ligeireza dos cavalos. Nos pousos também não há receio deles, porque estes se fazem em matos em que eles perdem a vantagem dos cavalos, em que consiste a sua maior força. Pelo que só um ataque repentino e imprevisto naquelas passagens, sem que dê lugar a se começarem a servir de armas de fogo, é o que pode causar destroço grande. A terceira e última é a do paiagoá, e de quem temos recebido mais e maiores danos; servem-se de arco e flecha e também de lanças pequenas, compostas de ferro, muito agudas, com as quais ofendem de perto e também de arremesso. Os seus ataques são de ordinário nos rios, e em canoas, porque em terra não valem nada, e três ou quatro armas de fogo bastam a fazer oposição a um grande número deles. Em cada canoa embarcam oito até dez, metade dos quais rema, e a outra se serve das armas. A sua povoação está muito perto da cidade da Assumpção. Quando os rios enchem e fazem pantanais pelas suas margens, sobem então a vir buscar o nosso caminho, buscando sempre os mesmos pantanais e lugares difíceis ás nossas canoas, por se não verem obrigados abaterem-se conosco por força, o que lhe sucederia se andassem pela madre do rio aonde, encontrando-nos, não poderiam escapar com facilidade.

A sua cautela é grande, e nunca atacam tropa alguma sem que primeiro a venham vigiando muito tempo, escondem-se pelos ribeirões e sangradouros, que desembocam nos rios por onde é nossa viagem, para o que tem a maior facilidade no Paraguaimirim e no Paraguai grande, e quando os rios levam já muita água, no mesmo rio Cuiabá, até muito perto do porto. Dali nos espiam, e quando nos vêem descuidados, saem de repente com uma grande gritaria, e o seu empenho todo é molhar-nos as armas, e abordar para se livrarem do dano que delas recebem, se nos dão lugar para isso.

Suposto, pois, o que tenho dito, me preveni para os receber da forma seguinte. Mandei por leste e desembaraçadas três canoas, mandando tirar delas tudo que podia servir de algum impedimento aos soldados para qualquer ação, ou de fogo, ou de mão. Em segundo, que haviam fazer a vanguarda e retaguarda: mandei meter dezoito homens em cada uma. Os primeiros comandados pelo capitão, os segundos pelo tenente; estes estavam em duas fileiras, e os dividi em três pelotões de vanguarda a retaguarda; porém na ordem do fogo, mandava para o conservar melhor, dar separadamente fogo primeiro á retaguarda e desta maneira fazia dos três pelotões seis fogos; porque, ainda que pareça muito pouco três armas para um fogo, o não é para estes inimigos, os quais, vendo a continuação fogo e perdendo alguns dos seus, ainda que poucos, é o que basta para os atemorizar e fazer fugir.

Na terceira, que havia de ir no centro de toda a tropa, mandei montar uma pecinha de amiudar, que havia trazido do Rio de Janeiro, a qual ficava também na canoa, que fazia fogo sobre um e outro bordo, sem embraçar de nenhum modo a marcha. Esta canoa entreguei logo ao alferes com 11 homens. Nesta forma os exercitei até ficarem hábeis e prontos.

Depois de haver estado naquele sítio alguns dias, como não tivesse chegado Juiz de Fora, me mudei mais para diante, por evitar alguma

corrupção do ar com a demasiada estada no mesmo lugar, principalmente começando já a ter algum mau cheiro pela muita caça que se havia morto. A 11 me pus em marcha, tendo já chegado o juiz de fora; e a 12, por me ir avizinhando ao distrito das passagens Cavaleiro, e do Paiagoá, dispus as canoas do modo seguinte.

Na vanguarda, a em que ia o capitão, em que eu me meti também com o ajudante de tenente. Na retaguarda, a do tenente, na qual mandei embarcar o tenente-general. No centro a do alferes, com a pecinha. Do centro para a vanguarda, e do centro para a retaguarda, marchavam as de carga. Meti também no mesmo intervalo duas canoas de guerra, das que tinha levado o capitão-mor, para que não houvesse canoa de carga que não fosse á vista sempre de alguma de guerra. Distante um pedaço da vanguarda, mas sempre á vista dela, mandei ir uma canoinha de montaria equipada, para ir descobrindo caminho, e examinando os lugares de suspeita. Entre esta e a da vanguarda, marchavam todas as mais canoas de montaria, cujo lugar lhe é preciso para caçar e pescar fora de maior ruído que faz a tropa. Somente reservei uma para que fosse á vista da minha, com dois soldados para levarem as minhas ordens, tanto na marcha, como na ação; e muitas vezes me servi dela para ver se a tropa vinha unida, o que não podia ver por causa das voltas do rio.

A 12 passei pela ilha dos Pássaros, aonde saltei um pouco em terra. É aquela ilha uma das coisas raras que se encontram nesta terra. Dão-lhe aquêle nome por se criarem alí várias castas de pássaros muito grandes, a que chamam Fuivos, e outros nomes que não me lembra. Estes quase todos brancos; quando eu passei não era já tempo de haverem tantos, pelo que me disseram; sem embargo que, quando de longe avistamos a ilha, estavam as árvores, que é tudo mato fechado, tão cheias destes pássaros, que parecia roupa que estava a enxugar. Cada um dos caçadores se pos debaixo de sua árvore, e dali matou os que quis, porque, por mais que caisse, os que ficavam na mesma árvore se não afastavam: enfim receei que rebentassem algumas armas, pois não medeava mais tempo entre tiro a tiro, que o que levava a carregar. Só tinha um desconto, que a menor parte era a dos que vinham a baixo; a sua mesma molidão os fazia ficar presos nos ramos.

A 13 dei fim ao Tacuari, dividindo-se este em uma quantidade de braços e sangradouros, pelos quais deságua em uns larguíssimos campos, formando neles pantanais tão largos que a vista se perde para lhe alcançar o fim. Alguns práticos lhe dão 30 e 40 léguas, e outros muitas mais; afirmando que se estende até a cabeceira do Porrudos, cujo fica para o caminho que vem de Goiás. Este pantanal forma várias baias limpas, e em outras partes marchavam as canoas por cima do capim, e uma casta de erva a que chamam agoiase, que cresce debaixo dágua, e com o lixo e terra que se lhe ajunta, faz tal embaraço que em parte era preciso abrir o caminho com enxadas e machados. Noutras também estavam as ervas à flor dágua, todas floridas de várias cores, o que formava uma vista sumamente agradavel. De espaço em espaço se levantavam uns redutos cobertos de mato, que servem de pousos; porém

como se parecem uns com os outros, nem há balizas certas por onde se possa dirigir a viagem pela largura e igualdade do pantanal; é muito dificultoso acertar por ele o caminho, e muitas vezes sucede ser preciso tornar atrás, e por se dar em partes mais secas, e que não permitem o levarem-se por elas as canoas. Porém, eu não errei uma passada. A água deste pantanal e dos mais que passei é claríssima, não se lhe percebe movimento, mas sumamente mole, e tão quente que não era preciso aquentar-se para fazer a barba; por cuja causa a achei ainda pior que a dos rios, que, pela sua corrente, apanhava menos o calor do sol, sem embargo de que se Camapuan até ás minas cada vez vinha mais turva, e cheia de terra pela repetição das trovoadas.

No mesmo dia fiquei arranchado em um reduto, cujo mato eram palmitos, como estes têm um ramo grosso, e deste lançam vários ramos em roda todos arqueados, e estavam os tais palmitos bem copados; de qualquer parte que se olhasse, se via uma rua como de quinta, coberta com aquela espécie de abóbada formada daqueles ramos. Não somente foi agradável á vista aquele rancho, mas também ao gosto; porque os palmitos eram de excelente qualidade, e foi a primeira vez que os comi crus; em que lhe não achei inferior sabor ao das castanhas. Descontou-se-nos isto com uma quantidade de carrapinhos, que se nos pegaram, e de que nos enchemos, que nos deu que fazer muitos dias.

A 15 á tarde entrei no Paraguaimerim, que é um braço do Paraguai grande, metendo-se entre este e aquele uma ilha que o forma.

Tem sua dificuldade acertar por ele o caminho por se dividir em vários sangradouros, e em partes ser pantanal que se comunica com o outro. Daqui até sair do Paraguai grande, é aonde mais facilmente se encontra o paiagoá por terem nestes rios muitas abertas e sangradouros para os pântanos, de onde eles costumam estar, e também por serem largos, o que dificulta as canoas aportar á terra, de donde com facilidade se defendem. Por esta causa marchei nestes dois rios com dobrada cautela

A 17 entrei no Paraguai grande, um dos dois maiores rios da América, e sendo onde eu o naveguei tão distante da sua barra, é já ali caudalosíssimo, tendo quase a mesma largura do Rio Grande. Por detrás de suas margens, tanto de uma como outra parte, vão pantanais e baias muito largas, que com ele se comunicam por sangradouros. Em uma delas me afirmou um prático havia marchado em uma canoa doze dias para chegar á terra firme, indo ela remada por dezesseis remeiros: pelo que me parece, que o lago de Xevaes propriamente começa no fim do Tacuari, pois deste áquele lugar até ás vizinhanças do Mato Grosso; principalmente no tempo das águas, é tudo um pantanal, ficando só descobertos os morros, e alguns pedaços de restingas á borda do rio, de sorte que a quem faz esta viagem naquele tempo lhe custa a achar aonde fazer pouso.

Neste mesmo dia, chegando ao pouso, foi tanto o bigaz que começou a levantar-se da água, que cobriram os ares; e com o fogo que se lhe fazia das canoas, parecia uma descarga continuada; de sorte que as últimas canoas ao principio entenderam que as primeiras andavam às

mãos com o paiagoá. Não somente desta caça, mas de toda a mais, se achou bastante neste rio.

A 16, deixando-o á esquerda, tomei a direita pelo Archianes, que é um braço de Porrudos. Em parte se passa por lagoas, e outras por pantanais, em que os aguapés faziam seu embaraço. De uma vez foi preciso abrir caminho a foice e a machado, porque de todo estava tapado por aquela erva, que começa a crescer do pé do barranco e se estende tanto para o meio do rio, que, tendo êste bastante largura, ficava bem pouco espaço livre e desembaraçado, e naquele lugar de todo havia fechado o caminho.

Desde o fim de Tacuari comecei a experimentar piores pousos, porque com as muitas chuvas estavam as margens dos rios alagadas, e os mesmos matos molhados; de sorte que várias vezes nos viamos obrigados a comer o almoço e a ceia meios engrolados. A este descômodo se ajuntava outro maior: aqueles matos, desde a paragem que disse até estas minas, estão cheios de algumas árvores, a que chamam paus de formigas, para que elas se apoderam delas de forma, que nelas vivem, delas se sustentam, e cada pau tem em si uma imensidade; se por engano se corta algum pau daqueles, se espalham e fazem uma perseguição extraordinária, porque a sua mordedura, ainda que não faz inchar coisa alguma, causa uma dor tão veemente como a das vêspas.

A 22 entrei no Porrudos, que naquele lugar se divide em dois braços, um que conserva o seu nome, e vai buscar o Paraguai, o qual me ficou à esquerda; e o outro, que era o Archianes, por onde eu havia saido; logo mais adiante lança o mesmo rio outro braço, que também me ficou à esquerda, aonde se divide o caminho para Mato Grosso, por cuja razão se chama uma praia que alí há, a praia dos Abraços, por ser o lugar onde foram os do Cuiabá no ano de 35 ou 36 acompanhar e despedir-se dos primeiros descobridores que foram para o Mato Grosso.

Neste mesmo dia e no que se seguiu corri ao longo de uma ilha, que, pela minha fantasia, passa de três léguas de comprimento. Também por aquêle tempo senti extraordinária perseguição de mosquitos, que desde o Tacuari, já nos davam bastante que fazer, eram estes de duas castas, uns pernilongos, do mesmo feito que os nossos, e os outros a que chamam brancos, que parecem uma aresta; este perseguem de noite, e aqueles de dia; e as suas picadas deixam bolha e comichão por muito tempo; e eram tantos que nos cansavamos em os enxotar, e nos não podiamos livrar deles, por mais que trabalhassemos. O alívio que tinhamos era quando apareciam umas borboletas que os comem, pois que então se sumiam todos, e nos deixavam por algum tempo: fora disso foi o maior martírio que tive em toda a jornada.

A 24 apareceram dois bichos novos, um porco espinho que se matou, e um cachorro dágua que se apanhou vivo. O primeiro era do tamanho de um gato, com o rabo comprido. No feitio se parecia mais com um cão. O segundo também; mas tem a diferença de ter os dedos dos pés e mãos pegados como os patos, o rabo comprido e espalmado, e o pêlo sumamente fino e macio. Andam sempre nágua, em que me dizem são tão fortes que matam as onças.

Apanhados se domesticam muito, mas não cessam de gritar.

A 25 deixei este rio à mão direita, e tomei pelo Cuiabá, que ao princípio achei mais estreito; mais ao depois alarga muito, porque ali vai unido, e para baixo se divide em vários braços e sangradouros.

A 27 cheguei á Casa de Telha, cujo nome dão àquele lugar por ter havido ali uns sítios com casas telhadas, que se desampararam por causa do paiagóa; mas ficou sempre ali um grande bananal, que serve aos passageiros por não ter hoje dono.

A 30 se matou uma onça nova, do tamanho de um gato grande, e do mesmo feitio; muito pintada; foi morta indo com a mãe, que se escapou. Neste rio há bastantes pelo que dizem; porque eu, fóra esta, só vi outra, que o vinha atravessando, e por mais diligência de remo, que se fez para cortar-lhe o passo, se não pode conseguir; porque antes disso se lançou á terra, e se foi. Algumas vezes ouvi também o seu rugido ao longe, e o rasto fresco em algumas partes; porém suponho que a bulha que fazia a tropa, e a repetição dos tiros para a caça que aparecia, que era bastante a desviá-las de nós.

A 2 de janeiro se matou um tamanduá, o bicho mais raro que encontrei desde que ando pela América. O tamanho era de um porco grande, ao qual se parece nas sedas, ainda que muito mais crescidas, e com suas malhas. O rabo é do feitio de uma pluma, tão comprido e largo que se cobre todo com ele; o focinho comprido e agudo, a língua em extremo delgada, e do comprimento de um covado ou mais. O seu sustento são formigas, que apanha metendo a língua pelo oco dos paus em que elas estão; em sentindo bastante pegadas nela, a recolhem; com usarem de tão fraco sustento, são animais muito forçosos, de sorte que matam as onças. Assim que as vêem, se deitam de costas e quanto a onça lhe dá o salto, e aperta nos braços, em que têm muita força, e com duas unhas que têm em cada mão, muito rijas a atravessa até o coração. Foi morto de uma canoinha vindo nadando pelo rio; o que se fez com grande facilidade, dando-lhe com um pau no focinho. A muita água que o rio levava, e a grande correnteza dele, davam um grande trabalho aos remeiros, e com pouco fruto, porque não avançavam quase nada; porque, como as varas não chegavam ao fundo, custava infinito vencer com remo a corrente. Com o rigor do trabalho iam adoecendo muitos remeiros, principalmente não os deixando os mosquitos sossegar de noite nem de dia, achando os pousos molhados. A isto se juntava um calor excessivo e chuvas continuadas.

Nem podiam ter o refrigério de se banharem no rio porque do Paraguay para estas minas há duas castas de peixes que o não consentem. Ao primeiro chamam tesouras; o seu tamanho é de um palmo, mas tem uns dentes tão agudos e fortes, que os vi muitas vezes cortar anzóis capazes de sustentar peixes muito maiores. Pouco tempo basta que apanhem um homem nágua para o deixarem em miserável estado.

A segunda casta é das arraias, as quais, com um ferrão que têm no rabo, dão pancadas tão peçonhentas, que aos primeiros dias se não

pode parar com dores; primeiramente as primeiras 24 horas, e depois levam muito tempo a curar-se; o que vi suceder ao proeiro da minha canoa, que, sendo picado, passou até ao outro dia em contínuos gritos.

Pelo que tendo dito, me resolvi a 3 a tomar pelo campo, deixando o rio á mão direita. O Cuiabá no tempo das águas faz de uma e outra banda grandes pantanais, e chega a tomar tanta água, que por eles se navega até junto da vila; porém nesta ocasião ainda em partes não tinha a altura necessária, e vi-me obrigado a buscar outra vez o rio, sempre tive o gosto de ver com os meus olhos o que já me tinham contado, mas não persuadido; e foi marchar com as canoas por cima de vastíssimos arrozais que, naturalmente sem serem plantados, crescem por aquele pantanal, e alí o vem colher todos os anos o gentío. Quando mais as águas crescem, tanto mais cresce o arroz; de sorte que sempre está cinco ou seis palmos fora dágua. Não era todo o pantanal cheio dele; mas estavam em rodelas, entresacado como capim, de que vi algum já com o grão formado.

Como cada vez custava mais vencer a corrente, sem embargo de ser mal sucedido a primeira vez, a 6 tornei a tomar o pantanal, deixando o rio á mão esquerda e entrei nele por um sangradouro, a que chamam o Caiatumerim: era aquele pantanal diferente dos outros, pois era tudo baias muito largas e limpas, e com bastante altura dágua, para passar de umas a outras se atravessavam pedaços, que estavam cobertos de capim e aguapé, o que lhe servia de divisão.

Naquele dia passei quatro baias, todas largas; mas na última me pareceu que estava no porto de Lisboa pela sua largura, e ainda pelas ondas que fazia; o que não deixou de dar algum cuidado, porque as embarcações em que iamos não são para resistir a ondas, senão para passar cachoeiras: quando lhe chegamos ao fim eram quase 9 horas da noite, e por vir crescendo o vento, ainda que nos ficava a terra longe, não houve mais remédios que arrumar a um pouco de aguapé forte, que nos abrigava do vento, e alí dormimos aquela noite bem mal ceados, porque não houve aonde se poder acender o lume, nem lenha para êle.

No dia seguinte em que o almoço se pareceu com a ceia antecedente, passei duas baias mais, e na última me apertou o vento de sorte que nos encostamos também a um aguapé, para nos abrigarmos dele; mas, como cada vez ia crescendo mais, e ali não estavamos com toda a segurança, nos resolvemos por melhor partido a continuar a viagem, ainda que com algum risco. A não o haver, por divertimento se podia marchar por ali, pela largueza e alegria das baias, cujas margens ofereciam á vista um belo país. A última era a maior de todas; dela entrei em um sangradouro, que me conduziu outra vez ao rio, aonde vi já choupanas de pescadores.

A 11 vim ouvir missa a Santo António, pequena ermida; e acabada ela, mandei salvar o santo com três descargas de mosquete e 21 de peça.

Neste dia já algumas pessoas me vieram encontrar em canoa, e no seguinte todos com os ministros e câmara; e me conduziram até ao porto,

aonde estavam duas peças de artilharia, que estiveram salvando desde que me avistaram. Ao saltar em terra, me salvaram também os dragões com três descargas de mosquetaria, e a peça com 21 tiros.

No porto tinham todos seus cavalos, e estava também um preparo para mim, por ser distância até a vila de meia légua, e me acompanharam todos até a minha porta, aos padres convidei a cearem comigo, ali estiveram formadas as ordenanças da terra de uniforme, as quais mandei retirar, e antes deram três descargas; e no domingo seguinte, 17 do mês, tomei posse.

Existe no arquivo de José Bonifácio, o Moço, uma descrição de viagem de São Paulo a Cuiabá: pelos rios, no ano de 1785, indubitàvel-

CARTA DE UM PASSAGEIRO DE MONÇÃO (1785)

Existe no arquivo de José Bonifácio, o Moço, uma descrição de viagem de São Paulo a Cuiabá: pelos rios, no ano de 1785, indubitavelmente da lavra do Dr. Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, ilustre paulista que, de 1785 a 1791, foi juiz de fora da vila do Senhor Bom Jesus, da fundação de Pascoal Moreira Cabral. Trata-se de documento absolutamente inédito além do muito interessante, e publicamo-lo nos Anais do Museu Paulista.

Vive bem apagada a memória do magistrado seu autor a quem Saint Hilaire chamou "le savant Diogo Ordonhes".

Não seria sábio no sentido lato, moderno, da palavra; mas erudito. Muito erudito certamente o era, e o acaso das pesquisas fez com que no Arquivo do Estado de São Paulo, entre os papéis deploravelmente truncados de seu irmão, o muito conhecido Marechal José Arouche de Toledo Rondon, se nos deparassem os restos mutilados e muito maltratados de uma memória acerca da ornitologia brasileira, concebida e executada sobre as bases que regiam o estudo da zoologia nos princípios do século XIX, tratado devido à pena de Ordonhes, tímida e inimiga da publicidade.

O exame dessas laudas desbotadas é quanto basta para que se atribua ao magistrado a honra de haver sido o primeiro filho de São Paulo, que haja escrito cientificamente alguma coisa sobre as ciências naturais; um dos muitos raros brasileiros ocupados com tais assuntos em época já de nós distante.

Inspirado nas concepções lineanas, abeberando-se no famoso "Systema naturae" do grande sueco, procurou Digo Ordonhes ligar os seus estudos ornitológicos ao edifício zoológico de seu tempo, realizando um ensaio de determinação das espécies estudadas que, entre paulistas, quiçá entre brasileiros, salvo quanto a Alexandre Rodrigues Ferreira, vem a ser a primeira demonstração da sistemática e da biologia.

De seus estudos poucos vestígios restam: estas páginas de um fragmento de livro, que devia ter sido muito mais volumoso, pois está numerado o que existe de 124 a 149. E é provável que se não limitasse Ordonhes às observações ornitológicas, pois as 86 notas com que comentou a famosa carta anchietana: "a descrição das inúmeras cousas naturais que se encontram na provincia de S. Vicente", bem demonstram quanto era versado em zoologia geral, falando, com segurança sobre mamíferos e peixes, aves e repteis.

Assim é possível que tenha escrito sobre a história natural, deste grande acervo só existindo o que escapou graças ao interesse de Antonio de Toledo Piza, piedoso recolhedor, para o Arquivo do Estado, do espólio avariado do marechal Arouche.

Em todo o caso, o que se salvou basta para estabelecer a preeminência, a nosso vêr indiscutível, a favor de Diogo Ordonhes.

A primeira observação elogiosa que a seu respeito tivemos o ensejo de ler foram as palavras de Saint Hilaire, a que acima nos referimos," ("Voyages dans les provinces de St. Paul et de Sainte Catharine", pág. 60).

Mostra, o ilustre viajante e naturalista francês, em diferentes tópicos desta obra, quanto o apreciava, citando-lhe com verdadeiro acatamento, e frequentemente, as anotações às "Notícias Ultramarinas". E demonstra ter tido conhecimento do fato de haver o escritor paulista corrigido a obra de José Barbosa, primordial para o estudo da história de Mato Grosso, e hoje impressa no tomo XXIII dos "Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro".

No tomo segundo dos Anais do Museu Paulista procuramos esboçar a biografia de Diogo Ordonhes com a maior cópia de elementos que então conseguimos coligir.

Nascido em 1752, filho do Mestre de Campo Agostinho Delgado de Arouche, foi estudar e formar-se em Coimbra onde se achavam matriculados na Universidade seus dois irmãos o futuro Marechal José Arouche de Toledo Rondon e o futuro ouvidor Francisco Leandro de Toledo Rendon.

Inteligentes e estudiosos como eram os três irmãos angariaram a melhor reputação entre colegas e condiscípulos. Havia-os o pai recomendado a dois primos eminentes e altamente colocados na sociedade portuguesa daquela época, os irmãos fluminenses Azeredo Coutinho, cuja carreira brilhante deslumbrava as imaginações brasileiras setecentistas, nada habituadas a ver em geral, os altos cargos ocupados por filhos da grande colônia sulamericana.

Com efeito chegara um deles, João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, ao mais alto tribunal português e à posição de Procurador Geral da Corôa e o irmão D. Francisco de Lemos de Faria Coutinho a mais alta investidura ainda, pois ocupava o sólio episcopal da diocese condado de Coimbra e Arganil e a Reitoria da Universidade coimbrense.

Viveram os irmãos Arouche na intimidade dos dois ilustres patrícios e desvelados protetores dos compatriotas que a Portugal iam ter.

Em 1775 chegou Diogo Ordonhes a Coimbra.

Desejavam Diogo e José ser magistrados. Deixaram-se pois ficar em Portugal até alcançar nomeação, o que, geralmente, era muito moroso.

Havendo obtido "bons assentos" em mesa do Desembargador do Paço só no entanto a 20 de março de 1784 conseguiu Ordonhes vêr lavrado o seu despacho para juiz de fora de Cuiabá. Longínqua como era a sede de sua comarca, gastaria ainda ano e meio para se empossar do lugar, devendo substituir o Dr. Antonio Rodrigues Gayoso como juiz de órfãos, provedor da Fazenda Real dos defuntos e ausentes, capela e resíduos, juiz executor dos reais direitos e superintedente de terras, águas e minerais.

Conseguira o Dr. Gayoso incompatibilizar-se completamente com os seus jurisdicionados. Era, por assim dizer, por eles absolutamente odiado. Acabara de sofrer um atentado em que quase perdera a vida, havendo ficado seriamente ferido.

Partiu Ordonhes com órdens para fazer um processo de residência ao seu antecessor.

Vejamos, porém, o que escreveu acerca de sua viagem a um "amigo do coração", destinatário incógnito da longa carta incorporada ao arquivo de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca, e depois ao de seu neto — José Bonifácio, o Moço.

"Amigo do Coração".

"Entre o tropel de diferentes cousas que tenho de cuidar pela minha ocupação, não deixo de lembrar-me de Vmcê (este tratamento é de amigo) muitas vezes, e do tempo passado com muitas saudades, por um efeito da prodigiosa distância que há entre nós, a qual se faz preciosa qualquer indiferente cousa do passatempo passado, parecendo-me que jamais sairei deste sertão em que presentemente levo uma vida triste e inquieta, por que não saio de casa, não tenho visitas, e só vou à Missa, e, aos sábados, à Câmara, por sistema particular, para figuir das emulações, enredos e mil cousas que nascem da comunicação.

Tenho escrevido um grande número de cartas: e sua tive uma em São Paulo, feita 15 dias depois de minha partida de Lisboa.

Vivo em um contínuo desejo de notícias, e não deixo de culpar descuido debalde, e nos mais amigos, porque no Rio de Janeiro tem ordem o meu correspondente Antonio Luiz Fernandes, ou o seu tio o Cap. Tomás Fernandes Novaes, porque vindo remetida alguma Carta dele, para mim, faça logo expedí-la para cá pelo primeiro próprio.

Como saí de São Paulo a 28 de junho de 1784, embarquei em Araraitaguaba, a 7 de julho, e cheguei a esta Vila de Cuiabá a 4 de dezembro passado e até o presente não tem havido portador seguro para o Rio de Janeiro. Por causa das águas não tenho escrevido para Lisboa, exceto há mês e meio que fiz pelo Pará, mas sei que se acham em Vila Bela, Capital de Mato Grosso retardadas as minhas cartas, o que sinto bastante e porisso me é preciso dizer tudo o que nas outras dizia, e para fazer é preciso ir aos poucos, que não há tempo.

Intentei mandar-lhe um extrato do Roteiro que fiz na minha viagem do Sertão, porém é comprido, tem alguns erros e emendas, e eu só entendo a letra, e porisso só eu podia copiar, mas não há tempo.

O primeiro Rio (verá nesse papelindo riscado os rios por onde passei) que rodei foi o Tietê, chamado por antonomasia nestas minas, e pelos navegantes = Rio de Povoado.

Este quando está muito cheio é rápido, passa-se em 12 ou 15 dias porque não tem mais que os dois saltos; mas quando está baixo tem perto de 200 cachoeiras, a maior parte perigosíssimas e em um grande número delas se descarregam as canoas, umas vezes de toda a carga, outra deixa-se-lhes o lastro só, e outras tiram-se-lhes só as cargas de cima, conforme as ondas, e rebojo que fazem as ditas cachoeiras, conforme a profundidade em que estão algumas pedras, que ficam pelos canais por onde passam as canoas.

No tempo em que eu rodei, como o Rio não estava muito baixo, e houve chuva alguns dias antes, com que tomou bastante água, gastamos só um mês a bom marchar, e trabalhando-se com muita atividade em todas as passagens, suposto que falhamos três dias por causa de

uns pretos que fugiram a um rapaz, irmão daquele Teobaldo que esteve em Lisboa e em Coimbra, o qual veio com uma carregação para estas Minas, sujeito estimabilíssimo, e bem diferente do Pai e irmão.

Quando rodam canoas em tempo muito seco, gastam mês e meio mais ou menos. Logo pouco abaixo do porto de Araraitaguaba, estão umas cachoeiras bem perigosíssimas, nas quais têm perecido muitas canoas com toda a carga e ainda pessoas que suposto saibam nadar não podem vencer a força das ondas, rebojos, e correntezas da água, que as atiram sobre pedras e tonteando perdem o sentido e morrem.

Quase que não há — Cachoeira de mais consideração em toda a extensão dos rios, da qual não contem os Pilotos mil sucessos trágicos.

Eu não passava cachoeira alguma em canoa que não ficasse sem sangue, de susto, porque o sistema dos Pilotos e remadores é nessas cachoeiras meterem mais remeiros mestres em cada uma das canoas (ficando outros esperando pela gente que volta ou por terra, ou em uma canoinha destinada para isso, e para outros ministérios) e depois fazem um grande esforço com o qual, e com a violência da correnteza, que nas cachoeiras é violentíssima por terem muita queda, vai a canoa como uma seta, o que eles querem para assim obedecer melhor a canoa aos remos, tomar direito o canal que faz em muitas cachoeiras mil torcicolos; de sorte que eu via que se naquela violência a canoa batia em cima de alguma das muitas pedras que há, infalivelmente, tudo se fazia em cacos e não havia remédio se não ir ao fundo.

Noutras cachoeiras, que eram causadas só por ter estrado de pedras por baixo, e por consequência, ser "baixio", também levavam violenta a canoa para não ficar pegada, e porisso dava bons tombos por baixo, que a cada passo cuidava eu que ela se abria.

Ora eu, ainda que a minha canoa era muito segura, bem veleira, isto é, ligeira, com poucas cargas, por que era só o meu trem, e trazia boa gente, e o Piloto era muito prudente, e sabido no seu ofício, jamais deixava de temer muito e ia dentro da canoa, quando não tinha o remédio de sair pelo caminho de terra e ir embarcar abaixo da cachoeira; mas esses caminhos só há quando é cachoeira onde se descarregam as canoas.

E o mais tudo é bosque intrincadíssimo e medonho. Porém devo dizer-lhe que pelo fim, já não tinha a metade daquele medo, que tanto me afligia ao princípio, era mais afoito e temerário; cousa que em todas as cousas é bem natural.

Os saltos que há nesse e no Rio Pardo, são umas barreiras, que impedem, a navegação, por que neles dá uma queda o Rio, principal-no Rio Grande, chamado o Salto de Itapura, onde cai o rio de altura de mente no último do Tietê, perto de meio dia de descida para entrar 5 braças, mais ou menos, de alto com um tal estrondo, que estando uma pessoa junto a outra não se entende, ainda que grite com toda a fôrça; fazem diferentes figuras; todas elas antes da queda, em espaço de cem, duzentos e até quinhentos passos formam um estrado de pedras, que represa para parte de cima o rio, que parece morto em grande distância e depois vai por cima do estrado, com pouco fundo estando a maior parte das pedras descobertas.

O que mais me fez admiração, foi que sendo o Tietê um rio tão caudaloso, de sorte que antes de se meter no Grande, tem mais de duas larguras do que a que tem junto da Cidade de São Paulo, por se meterem nele outros rios caudalosos, reduzia-se a uma vigésima parte de largura que tinha quando caindo as águas, com violência, e fazendo uma correnteza rapidíssima para baixo, parecia um pequeno rio, ou ribeirão, mas era por irem entre um canal de pedras, porém canal profundíssimo que parecia a pouco se ir alargando, até que passado um grande espaço tornava o rio a formar sua largura antiga.

Em o primeiro Salto do Tiête, que fica em meio da viagem do Rio, e chama-se Avanhandava, andei, por cima dele, com outros, a matar doirados e outros peixes que andavam a pular entre as pedras; e atravessei o rio quase todo por cima do Salto, e subí por ele por uma parte onde fazia uma espécie de teatro.

Aquí nesta, e no último, observei um fenômeno; e foi que estando eu de alto ví, para o meu lado direito, estando virado para o rio acima, e o sol quase pela minha frente com alguma inclinação para o meu lado direito, ví, como disse, em distância de 5 a 6 braças quando muito, um arco iris bem perfeito, que a proporção que eu me movia também se movia.

E fazendo a mesma observação, do mesmo lugar em outro dia mais cedo estava em outra situação, de sorte que a proporção que o sol se elevava mudava a figura, e só a tarde não havia nada pela posição do sol.

Ora, isto procedia e que com a violência com que caia a água formava-se dela uma espécie de nuvem, que era uma infinidade de pequenas partículas da mesma água, de sorte que orvalhava bem os que estavam perto: dela e da figura do lugar, se formava o tal arco iris, que ficava inferior ao lugar onde eu estava.

O mesmo também observei em um salto do Rio Pardo; porém a configuração do lugar fazia mal apenas perceber o arco iris imperfeito.

Nestes saltos varam-se as canoas por terra em bastante distância em cuja manobra e condução das cargas se gastam 3 dias e mais; é preciso muita gente para a tal varação, em que se quebram correntes, por serem as canoas muito grandes e pesadas.

As que vieram em minha companhia eram onze e três eram das maiores, que têm vindo a Cuiabá, por cuja causa houve mais alguma demora, não obstante a atividade de Gabriel, irmão do Teobaldo, e também do Religioso, que veio comigo na minha barraca ou toldo como lá se chama, e que era muito inteligente e labutador por se adiantar tudo.

Fora dos saltos grandes, há algumas cachoeiras, que bem poderiam ter o mesmo nome; porém como se arrastam as canoas por cima mesmo das suas lages, pela parte mais baixa, não tem nome de salto como as outras.

No último Salto do Tietê pesca-se tanto peixe e de tanta variedade, e grandeza tão enormes, que causava admiração: Era deitar o anzol logo fisgavam, ficaram as praias cheias de peixes por não haver quem os quisesse, o que até os pretos enjoavam.

Quase tudo eram dourados de meia arroba de peso, e mais: outros peixes chamados pacús saborosíssimos, e outros jaús de três arrobas, e mais de peso, e finalmente muita qualidade e quase todos de bom gosto.

É de advertir que para cima do primeiro Salto há pouco peixe, porque rodam para baixo, e não podem subir mais: para baixo do último é que há toda fartura, e no Rio Grande.

No Rio Pardo como é um rio muito largo e veloz, tem muito pouco peixe e para as suas cabeceiras só uns miudos. Nos mais rios, passado Camapuã, há muito peixe, principalmente no Rio Taquari, Paraguai, Porrudos e no Rio Cuiabá.

Às vêzes apareciam tais cardumes de dourados, que se erguia a água, e era quanto se quisesse tirar. Mas nos Rios Paraguai, Porrudos, e Cuiabá, antes de chegar nas primeiras Povoações ou roças, é um desgosto pescar, porque a cada passo estavam a se perder anzóis com suas linhas, não obstante aqueles estarem atracados com arames, e depois de meio palmo deste continua a linha.

E a razão é porque há uns peixes do tamanho de um palmo, arredondados, que se parecem com os gorazes, porém mais chatos e largos, com uma grande boca, e dentes tão cortantes, e agudos que seja o que fôr a que os tais peixes se agarram, infalìvelmente, arrancam o pedaço: chamam-se pela língua da terra Piranhas, e pela Portuguesa Tisouras. Cortam os anzóis com facilidade, principalmente se sentem alguma cousa vermelha ou sangue.

Há uma incrível quantidade, e causa divertimento, ao mesmo tempo que me causava horror ver meter algum quarto, ou pedaço de carne de capivara, ou outro qualquer e ver em um instante sairem agarrados na carne bastantes, a darem empuxões; e são tão vorazes, que por experiência que fiz com uma capivara, que era grande como um porco medíocre, em poucos minutos escarnavam de forma os ossos, que causou-me admiração, fazendo um ruido incrível junto à canoa, onde por uma perna eu tinha mandado atar a capivara.

Ninguém se pode lavar, por que tiram pedaços de carne e já tem chegado a castrar alguns sujeitos, e o que vale é que como nos rios onde elas há, não há cachoeiras, nem baixios, não é preciso cairem nágua nem Pilotos e proeiros, nem os pretos, como a cada passo sucede onde há cachoeiras, e baixios.

O Rio Tietê até mais de metade tem as suas bordas montuosas: o resto são rasas, mas tudo muito frondoso e de mato muito elevado, e madeira muito grossa, e porisso não se vê, até o fim, aberta ou campo.

Não tem Gentio, ainda que no último Salto já apareceu: há onças, infinidade de Sucurís ou Sucuriús, cobras que não fazem mal fora dágua, sim nela, ou a borda, pois facilmente levam qualquer homem ou animal ao fundo.

Ví uma agarrada numa capivara, que perto de mim a levou ao fundo. Dei muitos tiros nelas quando estavam sobre as ribanceiras a dormir ao sol; alguns camaradas do rio as comiam.

Tem bastantes porcos montezes, antas que vem aos barreiros, nos quais também vem comer as Jacutingas, que são como uma grande ga-

linha, e tem excelente gosto: há papagaios, araras, periquitos e outras aves.

Das aquáticas a maior abundância é dos patos que são como um grande e gordo perú, e excelente no gosto, predicado com que se distinguem das demais aves aquáticas. São ariscos velozes no vôo, e duros para morrerem, porém assim mesmo ficavam muitos e era um divertimento ver que às vezes para um só pato que vinha voando disparavam 25 e 26 tiros, e quase sempre iam a salvo.

No último dia, deste rio matou-se um pássaro, que canta e é do tamanho de uma perdiz das de cá e passa pelo chão, dos quais há grande abundância pelo Rio Cochim; chama-se Jaó e é a ave mais apreciável que eu tenho comido: a sua carne é muito clara, tenra; e é muito carnudo.

Depois do Tietê roda-se pelo Grande, rio que se passa indo de São Paulo para Goiaz, e que depois de grande espaço de curso encontra-se com o Paraguai, ambos já muito largos e formam o Rio da Prata; e ainda que nas cartas o marcam com o nome de Correntes, e muito mais estreito que o Paraguai, não é tal, por que neste espaço, por onde naveguei dois dias e meio sem impedimento de cachoeiras, que não tem, é muito largo, tanto que terá certamente mais de um terço do que o Paraguai, por onde passei nove dias de subida.

E além disso o Rio Grande é mais rápido, soberbo pelas suas eminentes bordas; porém como 8 dias, ou mais, de marcha abaixo da barra do Tietê tem o Rio Grande uma dilatadíssima montanha de pedras por onde êle rompe, e a que chamam Sete Quedas, talvez correrá estreito até se juntar com o Paraguai.

Há três para quatro anos que mandara o General de São Paulo uma expedição de canoas, e gente prática a fazerem toda diligência se se podia passar para baixo ainda que se tivesse de se vararem por terra em muitas partes as canoas; porém andaram muito tempo, abriram picadas, foram muito baixos por terra, acharam impossível porque tanto mais andavam, tanto maiores dificuldades achavam; por isso nunca puderam os castelhanos subir para cima.

A navegação do Rio Grande é perigosíssima quando faz vento, e porisso nunca se pernoita senão em entradas de outros rios, ou ribeirões que nele cáem. Tem muitas onças, etc.; e juntamente gentios Caiapós.

Do Rio Grande subimos pelo Rio Pardo, que faz barra à sua direita; é o rio mais rápido, veloz, e claro por onde passei nessa viagem; chamavam Pardo os antigos por que quando chove, nas suas cabeceiras, pouco abaixo delas se acha um ribeirão, cujas águas parecem sangue, por passarem e dimanarem de um monte de barro muito vermelho. E basta esse pequeno ribeirão para turbar todo o rio inteiro, que sem isso sua água é muito cristalina, saborosa, fria etc..

Tem muitas e amiudadas cachoeiras e três Santos, por cuja causa, e pela dureza de suas correntezas se gastam nele 50, 60 e 70 dias, conforme o seu estado de estar seco, ou cheio e conforme o trabalho que há. A nossa monção subiu em 50 dias: eu saí muito abaixo por terra, porque o último Salto "Curáo" mandei pessoas armadas e bons nada-

16

dores a ir ver, a Fazenda de Camapuã para me mandarem Cavalos para mim, e dois clérigos filhos de Cuiabá que também vinham; e com efeito, daí a 5 dias, voltaram com bastante escolta, e eu vim em pouco mais de um dia a Camapuã andando nesse tempo o que os outros andaram em 44 dias e muito trabalhar pelo rio, que por ser já pelo fim muito estreito, é um caracol continuado com tantas voltas que tem.

O Porto até onde chegaram as canoas chama-se Sambixuga; e daquí se varam em carros com dez juntas de bois as canoas em espaço de duas léguas e quarto até a fazenda que está situada sobre um ribeirão chamado Camapuã, por onde tornam a rodar a meia carga as canoas por espaço de quatro dias até o rio Cochim, e voltam a buscar outra meia carga com muito trabalho, por causa de ser o ribeirão baixo, e sempre haver muita tranqueira de paus que caem, o que eu mandei limpar por uma canoinha escoltada para isso só com guardas da fazenda.

O Rio Pardo é muito trabalhoso para quem o sobe, e quem o desce gasta 5 e 6 dias sòmente porque de ordinário são canoas pequenas só com mantimentos, e cheias de gente acostumada àquele trabalho.

Faz admirar esta diferença; mas eles trabalham na volta para Povoado tanto que só gastam meses, e para vir para cá sempre é de cinco meses para cima, como agora que chegou uma monção com perto de sete.

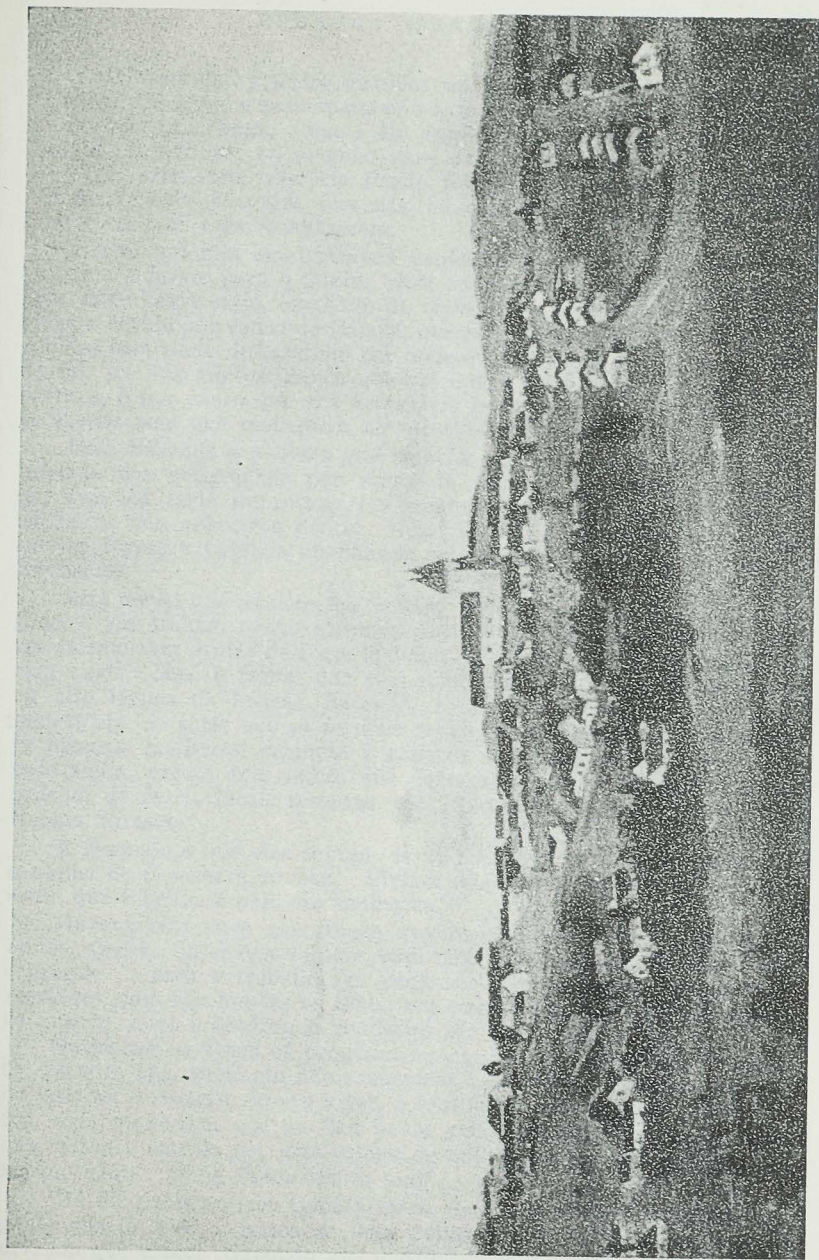
Há muito divertimento por que ainda que no princípio é fechado pelas margens com bosques, pouco a pouco se vão descobrindo campanhas, e pelo fim custa achar algum capão para nele pousar, sucedendo muitas vezes isto em campo raso e limpo.

Descobrem-se, de todas as partes, campanhas dilatadíssimas que se vão pouco a pouco elevando, e pelas quebras delas há seus matinhos, e córregos dágua cristalina. Cada ano se queimam estas vastas campanhas, porque o gentio Caiapó, que mora nas vizinhanças, ataca fogo assim como fazem os caminhantes.

Nós, todos os dias, víamos fogo muito longe e em uma vez abordou ao rio por onde havíamos de passar, e descarregar cargas, o que nos atrapalhou, bem pelo calor que causava. Nestes campos há uma infinidade de perdizes, das quais matou-se muitas porque vinha um cão bem bom, e dois excelentes caçadores, eu que sou muito fraco sempre matei alguma, já se vê que pela mata há abundância.

Há manadas de veados brancos, galheiros, dos quais se mataram bastante para o que são doudos e apaixonadíssimos os seguidores (?) daquele caminho que não conversam noutra cousa; tanto que o meu Piloto que se prezava de grande atirador, e que estimava muito uma arma que tinha, não jantou um dia com a paixão de ter atirado dous galheiros, e não matar nenhum.

Há também bandos de emas que ao longe parecem bestas, que andam pastando, e a primeira vez que as vi, assim julguei, porém são muito ariscas; há antas, veados, pardos e viras, ermitas e outras qualidades de pássaros grandes.

Esqueceu-me contar que no Rio Tietê há uma qualidade de ave do tamanho de um perú, mas muito magra, a que chamam anhauma (sic). A gente do Caminho a procurava com muita diligência: matou-se só

Vista de Porto Feliz em 1826 — Original de Hércules Florence — Óleo de Sílvio Alves — (Galeria do Museu Paulista)

uma: atribuem-lhes grandes virtudes aos ferrões que tem nos encontros, e pontas das asas, e principalmente a um unicórnio elástico, e comprido que tem na cabeça; e que é um excelente contraveneno, sobre o que contam maravilhas; eu o tenho para qualquer sucesso.

O divertimento pelo Rio Pardo foi bom, porém os carrapatinhos são insofríveis; e contra eles não há cautela alguma para os evitar porque em toda a parte aparecem.

Estive um mês em Camapuã enquanto chegavam as canoas, e se vararam e foram para o Coxim, para onde fui por terra, abrindo-se picada onde havia mato, escoltado de vinte e oito armas de fogo, e quase todas a cavalo por causa do Caiapó, que sempre anda vagando, tem suas Aldeias bem perto do caminho por onde eu fui: o que eu fiz para evitar de sair da Fazenda em canoa que até quase o meio do Coxim vai sem barraca, e por causa que era necessário ir exposto ao sol, o que evitei, ao menos pelo que respeitava ao tal ribeirão de Camapuã.

Esta Fazenda é a única que se acha em tão dilatado sertão; estabelecida por necessidade por causa da varação das canoas, de sorte que sem ela seria impraticável o caminho dos Rios: hoje pertence a herdeiros dos primeiros donos. Nela tem algumas trezentas pessoas, cativos forros e Caiapós apanhados pelo Fazendeiro novo, um dos interessados.

Este vendo que aqueles lhe fariam vários danos nas suas roças, ao gado, e que tinham morto algumas pessoas da fazenda quando alguma vez sairam sem armas de fogo, mandou uma escolta de gente que andaram quatro dias, e foram dar com uma Aldeia que fica distante seis ou oito léguas da mesma Fazenda, e deram-lhe uma investida uma madrugada, de sorte que só de uma grande casa trouxeram umas oitenta pessoas, mulheres, crianças e rapazes de pouca idade porque mais tudo fugiu, exceto dois velhos que deixaram: trouxeram muita cousa, pedaços de ferro, facas, tesouras, etc., cousas que êles noutros tempos tinham furtado.

E segundo o que eles contam os da sua aldeia e de outra iam pelo caminho de Goiazes a roubar. Viviam nús inteiramente sem a menor cousa que cobrisse o pejo das mulheres.

Haverá três anos que foram apanhadas: hoje vivem muito contentes, alegres, já cheias de pejo, com uma grande agilidade para tudo, e grande... para o trabalho; os pequenos também muitos vivos, interessantes, com boa índole; eu tenho um comigo que é um azougue, muito esperto, duro e bonito: as mulheres são muito feias.

Batizaram-se todos os pequenos agora, e eu fui padrinho de todos. Os grandes não, enquanto não soubessem a doutrina. Indaguei do modo possível a respeito do seu viver, e sentimentos de Religião: viviam à toa, mas conheciam que no Céu havia gente grande. Há umas delas que matou o marido por uma espiga de milho que lhe tomou, o que ela mesmo conta: ainda falam muito mal".

"Já dei parte ao meu General para ver o que se deve fazer daquela gente que de toda a forma se deve evitar-lhes o cativeiro, ou espécie dele em que estão. Supondo que o Fazendeiro as trate bem; mas elas

parecem que julgam lograr a melhor fortuna do mundo, e já queriam casar-se ainda que fosse com pretos, e por isso nem queriam sair dalí.

Depois do ribeirão do Camapuã ou rio pequeno, porque já e bem fundo no fim, roda-se pelo Cochim, no qual gastamos 8 dias. É uma contínua cachoeira mas só se descarregavam de todo as canoas em quatro partes e noutras se passou a meia carga.

É veloz, bordado de altíssimos montes e rochedos muito fúnebre, e só para o fim já são serras baixas, onde se junta com ele outro rio quase seu igual.

Este rio tem uma qualidade de mosquitos "borrachudos" que atormentam bem, e são venenosos porque além da grande comichão que deixam por muito tempo, incha aquela parte mordida.

São terríveis e tantos que formam nuvens, mas só andam de dia, e em parte onde não há vento rijo.

Tem duas grandes pedreiras de onde se tiram as melhores pedras de amolar facas, navalhinhas muito finas e grossas, excelentes.

Depois do Cochim andamos pelo Rio Taquarí, muito largo, de águas mais verdes que o Cochim; pouco veloz de margens rasas, no princípio frondosas e a maior parte descobertas, mas muito apreciáveis, sem cachoeira alguma, porque na barra do Cochim, e já no mesmo Taquarí esta é a última que se passa e por isso passada, ela, felizmente, dão-se muitas salvas, tocam-se caixas, tambores, etc..

E nessa noite há uma grande ceia à custa dos patrões para os camaradas, que se embebedam e passam toda a noite a dansar.

É o rio que tem mais ilhas, e todas grandes, de sorte que em um só dia contei vinte e duas, porque se espraia muito e forma muitos bancos de areia e porisso encalham muitas vezes as canoas.

Neste rio se principia a achar as "piranhas", um dilúvia de aves aquáticas, que escurecem o ar, cobrem praias e de todas as qualidades, sendo as mais bonitas as chamadas Tuiuiús, que são muito grandes, altas, com penas vermelhas, todo o corpo branco com os encontros das asas vermelhas, topete da Cabeça vermelho e preto.

E pelas bordas do rio vemos algumas árvores onde estão seus ninhos e outras onde se acham uma quantidade dos seus filhos esperando pelo comer que os pais lhes vão levar.

Há pelos campos, que a maior parte deles são alagadiços, cervos, os quais são do tamanho de um novilho; mas a sua carne é muito má, de sorte que nem os pretos a queriam comer.

Pelo fim do Rio há já grande quantidade de capivaras, das quais há tanta abundância pelos do Paraguai, Porrudos e Cuiabá que já ninguém quer atirar nelas porque nem os pretos queriam comer delas. Também tem muitos jacarés ou crocodilos, alguns formidáveis no tamanho que chegam a ter vara de comprido, e certamente mais de duas arrobas de peso.

Nos rios seguintes há a mesma ou maior quantidade e era divertimento dos pretos e dos Zingadores, que são os que vão com as varas mais compridas encostadas aos peitos, discorrendo por toda a canoa, para fazerem andar rio acima, dar nos tais jacarés, que com a pancada e ainda sem ela lançavam-se ao fundo dando um grande ronco.

Estão às vezes cinco, seis e mais juntos a dormirem nas praias ou à bordinha dágua acordados; não fazem mal, só vendo-se muito perseguidos investem.

Há onças, bugios, etc.. Estes rios, antes de entrarem no Paraguai, espraiam-se tanto pelos campos razos que formam uma grande quantidade de entradas e saídas sem aparecer a madre de sorte que sempre a cousa é diversa conforme o tempo conforme a figuração que tomam alguns lugares com as enchentes; porém finalmente se tornam a ajuntar pouco antes de meter-se no Paraguai.

No Paraguai gastamos nove dias, ou oito. É rio caudaloso, feio, pela cor das suas águas, sempre barrentas, porque suas bordas são puro barro, e se não vê uma só pedra, exceto em dois lugares em que há pedreiras próprias para cal.

Os seus bordos são altos e frondosos; mas chegam a alagar-se; formam uma espécie de muralha, porque logo para trás tudo é charco e alagadiço. Isto pela razão de se acharem os montes longe, e tudo o mais ser várzea, exceto no lugar onde foi estabelecida uma povoação chamada de Albuquerque, por onde passei, e outra Nova Coimbra que é um Presídio, do mesmo tempo, que fica dois dias para baixo da barra do Paraguai.

É manso, não havendo vento, então custa subir pelas suas bordas; tem muitas onças.

Tem as suas Cabeceiras em uns montes que se passam para ir para o Mato Grosso e não é muito longe do Cuiabá ou desta vila.

Depois sobe-se pelo rio Porrudos que lhe fica à direita do rio acima. É rio feio, tão bem pelas suas águas muito fundas com um aluvião de mosquitos pernilongos zunidores, importunos, de suas qualidades que perseguem de dia e de noite, e ainda que estando debaixo do mosquiteiro e deitado logo cedo, por causa deles sofrendo a calma, contudo não me livrava de alguns porque são tão astuciosos que andam a voar em roda de todo ele até achar alguma pequena abertura para entrarem. Em cinco dias que se gastam nos Povoados, não tive sossêgo de dia, principalmente em um que cuidei desesperar.

E diziam os amigos do Caminho que ainda eram poucos à vista de outras ocasiões.

Por todo o Rio Cuiabá há bastante mas não tantos. Mataram neste rio dois ouriços muito grandes e diferentes dos de Portugal.

Do Porrudos sobe-se pelo Cuiabá, que é tão largo como o outro para cima, ainda que dizem que o Porrudos é mais dilatado e memorável, por isso o Cuiabá perde o nome confundindo-se com ele.

Passamos quinze dias por o acharmos com bastante água, pois do contrário se gastariam treze.

As margens são bonitas e arenosas; as águas péssimas como as mais e aquí era muito branca por haverem barros brancos. Tem campinas dilatadíssimas, que em tempo das grandes cheias ficam inundadas. Tem várias qualidades de frutas silvestres assim como em outras e pouco acima da sua entrada tem uma tapera em que há um famosís-

simo bananal de que se provêem todos os que passam para cima e para baixo, o qual existe há muitos anos.

Três dias e meio antes de chegar a esta Vila (Cuiabá), há já sítios e roças de milho. Antigamente plantavam mais longe, porém depois que deu o gentio Aicurú e outros matando muita gente não foram mais longe com medo.

Em conclusão em cinco meses justos que gastei no Sertão, divertí-me bastante, porém muito mais até chegar a Camapuã por serem os ares mais frios, mais sadios, boas águas, e não haver o maldito mosquito: porque até então jogávamos até meia noite, brincavamos, e não me mortificava a calma. E se a tinha lavava-me duas e três vezes ao dia, em todo o Rio Pardo, o que fazia enquanto chegavam as outras canoas, porque a minha andava sempre muito dianteira.

Porém depois dos mosquitos, calmas, águas más, e quentes, levei má vida, e o meu refrigério era atirar a torto e a direito, mesmo de dentro da barraca, e jogar de dia em quanto não havia mosquito.

Ouvíamos Missa todos os Domingos, e dias Santos: Cantava-se o Terço aos Sábados, e os mais dias eram rezados.

Vinham dois cosinheiros bons. Comemos com gosto, e parece que estávamos em povoado, não faltava nada: tudo devido ao cuidado do Religioso Fr. José, e do Ajudante; concorrendo para isso os muitos preparos que fizeram, em minha casa.

Em Itú, em casa da minha parenta, a Sra. Dna. Maria, mulher do Mestre de Campo, José de Góes, que há perto de dois anos é morto; e finalmente em Araraitaguaba, por via do mesmo Religioso, que de nada se esquecera para o meu cômodo.

Além dos perigos das cachoeiras, onças e cobras, causou-me bem medo o de algum cometimento de gentio; principalmente do ferocíssimo Paiaguá que navega pelo Paraguai; e Porrudos e tem as Povoações para cima da Cidade da Assunção dos Castelhanos, até pouco abaixo do Presídio da Nova Coimbra, em que já falei.

Este gentio tem causado as maiores hostilidades que se podem imaginar; suposto que depois que andam as canoas del Rey com frequência pelos ditos rios já não aparece, e se vê algumas foge velozmente.

O acordar bem escuro para embarcar já não me dava abalo, nem o dormir dentro do mato: só quando, chovia, trovejava, e havia grandes tempestades à noite é que me afligia bastante, suposto que estava a enxuto. Tinha muito medo de onças e qualquer cobra que subisse à minha cama e por isso sempre se armava entre-meio das outras, o chão bem varrido no modo possível, e com uma espingarda e uma pistola à cabeceira.

Tive várias vezes algumas ameaças de moléstia, que não pofiava adiante; e era do que tinha mais medo. No caminho o remédio principal é a pimenta malagueta, gengibre, etc., para os sacatrapos, que são continuados nos negros, principalmente por viverem na torreira do sol, dormindo no úmido, etc.".

DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO

DO

Rio Tietê, Rio Grande Paraná, e Rio Guatemi em que se dá Relação de todas as coisas mais notáveis destes Rios, seu curso, sua distância, e de todos os mais Rios, que se encontram, Ilhas, perigos, e de tudo o acontecido neste Diário, pelo tempo de dois anos, e dois meses. Que principia em 10 de Março de 1769

Escrito pelo

SARGENTO-MOR THEOTÔNIO JOSÉ JUZARTE (1)

(1) Manuscrito original pertencente ao Museu Paulista.

DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO
DO
RIO TIETÊ, RIO GRANDE, PARANÁ E RIO E GATEMI

PELO SARGENTO - MOR

THEOTÔNIO JOSÉ JUZARTE

Em dez de março do ano de 1769, sendo Governador, e Cap. General da Capitania de São Paulo D. Luiz Antonio de Souza, que por ordem de S. Majestade tinha dado princípio ao estabelecimento de uma nova Povoação, e Praça de Armas com o título de N. Senhora dos Prazeres, e S. Francisco de Paula situada nas margens do Rio Gatemi vizinho aos Espanhóis da Província de Paraguai: Sertão oculto e habitado de muito Gentio chamado Caoam e Cavaleiro: Cujo Sertão dista da Capital de São Paulo duzentas, e mais léguas como se verá ao diante por Rios Caudalosos e perigosos como são o Rio Tietê, o Rio Grande Paraná, e o Rio Gatemi: além de outros muitos que se passam dos quais ao diante darei notícia: Como também destes três consideráveis Rios, seu curso, sua grandeza, e de tudo o que neles achei durante a sua Navegação, seu perigos os quais são Consideráveis: bichos, caças e os trabalhos a que se expõem os que por êles navegam.

Depois de principiado o dito estabelecimento em aquêle Sertão determinou o dito General povoá-lo com Povoadores, os quais se transportarão da Capital de São Paulo para o Porto de Araraitaguaba para dali embarcarem em direitura ao dito Sertão: cujo número de Povoadores constava de setecentos, e tantos homens, mulheres, rapazes, criancas de todas as idades como também os acompanhavam toda a casta de Criações, e Animais para a produção, e estabelecimento futuro daquele continente, isto e além de gente da mareação e equipagem das Embarcações, que os transportavam e trinta soldados pagos que me acompanhavam e à dita expedição, que ao todo fazia o número de quase oitocentas pessoas, que para as quais tinha eu aprontado trinta e seis Embarcações naquele Porto com o necessário para uma tão perigosa como longa viagem.

Dista esta Freguesia da Capital vinte, e duas léguas, chama-se Araraítaguaba pela língua da terra, que quer dizer em português Pedra onde Criam as Araras: Seu Orago é N. Senhora Mãe dos homens. É situada sôbre o barranco do Rio Tieté. Terá mil e quinhentos paro-

quianos. É muito pobre por não ter Comércio algum salvo algumas Canoas que fabricam para as expedições de Cuiabá, e a Mato Grosso cuja navegação está hoje extinta por seguirem estes Comerciantes por terra pela Capitania de Guaiazes sendo que de antes por estes Rios é que seguiam os Comerciantes para o Cuiabá, e Mato Grosso em cuja viagem gastavam seis e mais meses.

Antes de dar princípio ao Diário da Viagem me parece justo dar uma breve idéia do como são estas embarcações. Sua equipagem e o modo como Navegam. Seu custo, e o alimento de que se fornecem para a viagem.

Chamam-se estas Embarcações vulgarmente Canoas, são feitas de um só pau, têm de comprido cinqüenta, até sessenta palmos, e de boca cinco até sete são agudas para a proa, e popa são á maneira de uma lançadeira de tecelão. Não têm quilha, nem leme, nem nagevação a vela. A grossura do casco não excede na borda a duas polegadas. Custam estes Cascos, sem mais preparo algum, setenta até oitenta mil réis, e mais. Fornece cada uma de oito homens, oito remos, quatro varas uma cumieira e Coberta de lona, pólvora, bala, machados, foices, Enxadas, e armas de fogo. A saber um piloto que peloteia no bico da popa em pé continuamente, um proeiro na mesma forma no bico da proa, Cinco ou seis remeiros também em pé. Os remos são imitação de choupas de Esponteons com suas hastes: a saber o remo do piloto é maior que os outros, porque com ele governa a canoa. O do proeiro é maior que os dos remeiros porque com ele deivia a lança dos perigos que se lhe oferecem pela proa. Os remos dos remeiros são todos iguais: As varas que têm suas juntas de ferro servem somente para subir Rios, que nesse Caso se não usa de remos: a coberta de lona só serve para cobrir a Carga da Canoa quando chove.

Navegação. Navegam estas embarcações sempre a céu descoberto, e a gente ao rigor do tempo. Carregam de sorte, que só lhe fica fóra da água pela sua borda um palmo pouco mais.

Têm estas embarcações dois espaços vazios nas suas duas extremidades da popa, e da proa, que tem cada um de comprido dez até doze palmos em os quais se não mete carga. Porque o espaço da extremidade da proa ocupam os cinco ou seis remeiros, e o proeiro vai adiante em pé no bico da Canoa, o outro espaço da popa, o do piloto governando a sua Canoa.

Nesse espaço da popa se costuma armar uma barraca (quem pode fazer essa despesa) que não acomoda mais que duas pessoas com incômodo, cuja se faz de baeta vermelha forrada de liage, e fica à imitação da tolda de um Escaler, mas isto só serve para algum bom Caminho porque as mais das vezes se não pode Navegar com a da barraca, e tudo o mais a Céu descoberto sentados por cima das cargas que enchem a Canoa por todo o seu comprimento livres as duas extremidades.

Nestas duas extremidades livres o vazio que acomoda a carga há duas travessas que seguram a borda da Canoa, uma avante e outra a ré, cada uma tem seu furo no meio, por onde se enfia perpendicularmente duas forquilhas que excedem acima das ditas travessas dois palmos, em cima destas forquilhas se atravessa uma vara a que chamam

Cumieira. Sobre esta Cumieira se põem, de palmo a palmo, umas varinhas à maneira de pernas das de um telhado. Cujas extremidades botam fora da borda da Canoa. Isto feito o que se executa depressa se cobre com a coberta de lona que vai pronta para isso, e fica a Canoa coberta das chuvas à maneira de um telhado, ou Tumba que pouca, ou nenhuma água lhe cai dentro, e isto se faz durante as tempestades de chuvas, ou quando passam ondas grandes que salvando por cima de uma ponte para a outra escoam as águas pela lona para fora. Exceto os espaços ditos que se não cobrem, e a água que lhe cai dentro se esgóta.

O mantimento de que se fornecem estas embarcações para a Viagem não excede a feijão, farinha de mandióca, ou de milho, toucinho, e sal, que é o quotidiano sustento exceto alguma caça, ou peixe se o há.

Este mantimento, feita a conta do que se precisa para cada canoa, durante a sua viagem, se acomoda em sacos cilindrados que têm um pé de diâmetro, e cinco, ou seis de comprido; esta figura é a que convem para se acomodarem melhor pelo seu comprimento, e pouco diâmetro.

Durante a dita viagem se costuma cozinhar à noite, o que se há de comer no outro dia, e porque se não pode acender fogo ao jantar se come frio o feijão que ontem se cozinhou.

Navega-se por estes rios pela maneira seguinte: Uma das maiores, Canoas se arma em guerra a qual serve de Capitania, e ao mesmo tempo de guia cuja se lhe solta uma Bandeira na pôpa, com as Armas Portuguesas, que arrasta pela água depois de alvorada. Nesta Canoa embarca o guia que é um homem dos mais práticos, e inteligentes daquele sertão, ao qual todos os mais pilotos obedecem.

Esta Canoa parte adiante, e recomenda às outras que sigam a sua esteira e que vão compassadas em distância de uma a outra de Cinqüenta, e mais braças; nenhuma tomará outro caminho mais, que o que toma a Capitania; e assim convém porque logo que o guia conhece algum perigo grita à sua imediata Canoa que venha compassada, e evite a outra, e assim seguem as mais; porque vindo perto, sem dúvida atravessando a primeira, todas as mais se precipitam sobre esta e tudo se perde e faz em pedaços.

O modo de navegar é o seguinte: remando todos ao mesmo tempo e o proeiro que vai no bico da proa tem obrigação continuamente de meter o remo na água dar uma pancada com o calcanhar no lugar onde pisa, de sorte que este estrondo serve de Compasso para que todos ao mesmo tempo metam os remos na água, e a força seja igual, e assim continuamente seguem todos os mais das outras Canoas que fazem uma bulha surda, e continuada.

Navega-se comumente das oito da manhã até as cinco da tarde pela razão das muitas neblinas, que encobrem os perigos destes Rios, que às vêzes há dias que não levanta senão ao meio dia.

O pouso que se faz para descansar de noite é antes que o sol se ponha para haver tempo de se arrancharem, cearem e cozinhar o que no outro dia se há de comer.

Sendo horas para se fazer o pouso se embicam as Canoas pelos barrancos do Rio, presas com cipó e se bota abaixo o mato roçando-se o necessário para se acomodar a gente em terra, isto feito se armam as redes de pau, e se cobrem com um mosqueteiro de liage que leva catorze varas para cada um este também se prende aos pés das árvores, e são à maneira de um grande saco que só um lado tem aberto, que suspenso perpendicular fecha por todas as partes, a cama, ou rede em que se dorme até o chão, o qual deve ficar bem unido porque do contrario são tantos os mosquitos insetos de tanta qualidade que mortificam e fazem desesperar além do dano que causam aos que não têm cautela.

Estes mosquiteiros se cobrem por cima com quatro covados de baeta, metendo-se-lhes também suas varinhas. Como fica dito nas cobertas da cama, e ficam à semelhança de um telhadinho, de sorte que chovendo de noite lhe não cai água dentro.

Os insetos que perseguem são mosquitos chamados pólvora, borrachudos, pernilongos, e em tanta quantidade que se formam nuvens; além destes há os vermes que picando na cútis introduzem dentro um bicho negro gadelhudo à semelhança de uma lagarta de couve; há os carrapatos de várias qualidades e de uns miúdos à semelhança de piolhos de galinha que se formam em bolas do tamanho de nozes e estão pendentes nas folhas das árvores que caindo uma destas sôbre qualquer pessoa o enche de tal sorte, que para se tirarem é preciso despir-se nú, e outra pessoa correr-lhe todo o corpo com uma bola de cera da terra ou esfregá-lo com caldo de tabaco de fumo, ou sarro de pito.

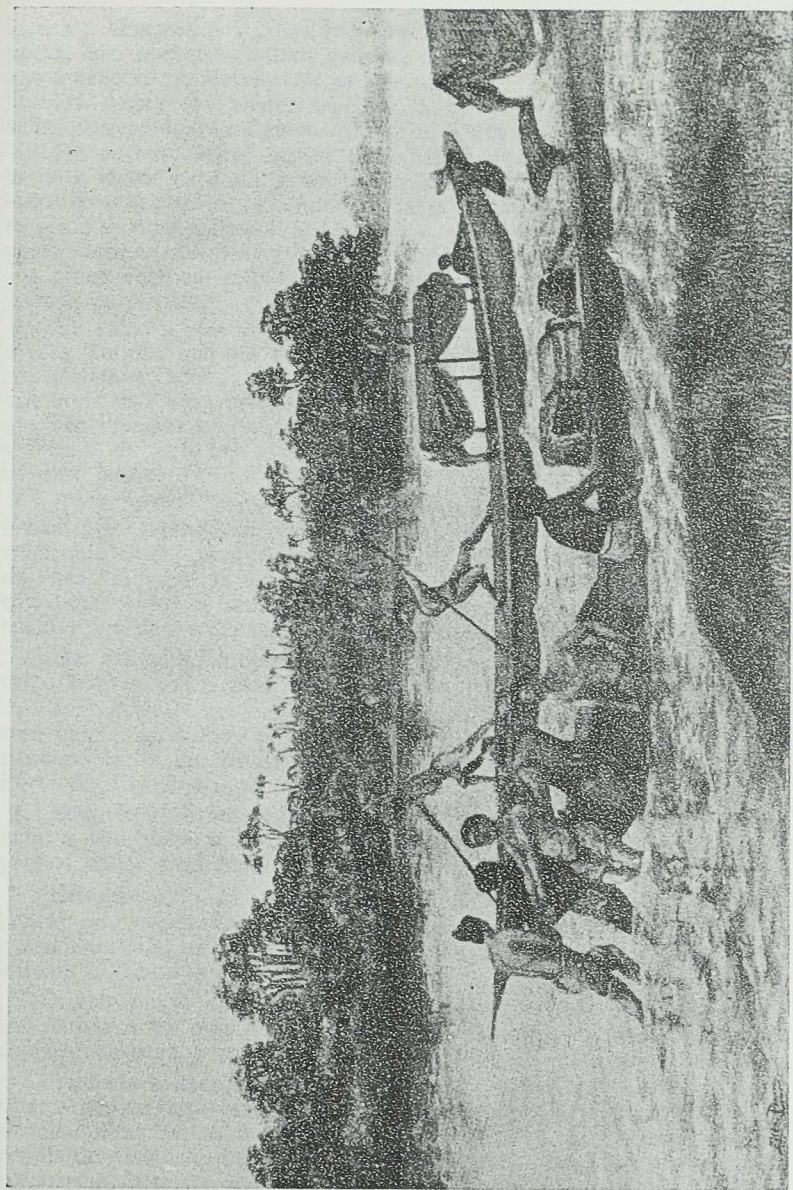
Há também muita quantidade de moscas grandes louras que têm um ferrão de Comprimento de uma polegada que picando na gente é como uma lanceta e perseguem de tal sorte que se faz incrível a sua perseguição, e teima.

Além destes insetos há os bichos que se metem muito os quais são as cobras de extraordinária grandeza, e diversas qualidades de que ao diante darei notícia como são jararacas, Cascavéis, corais, e sôbretudo as grandes, e monstruosas Sucuris.

Há as onças, e tigres e as grandes manadas de porcos do mato que são bravíssimos, e de muito longe se ouve o estrépido que fazem com os dentes, de tudo isto se tem grande cuidado durante a noite.

Têm estes Rios seus peixes em certas conjunturas, a saber: Dourados grandes, e outros peixes a que chamam Pacus, porém não fertilizam aos viandantes por serem poucos e quem vai por semelhantes sertões não perde tempo sem necessidade.

Tem também suas criações de Patos por estes Rios, muitas Lontras, que juntas em bandos com meio corpo fora da água querem investir as canoas bramindo com um garganteado, que causa riso, e se parecem como, cachorros; porém atirando-lhes se somem mergulhando na água.

Há muitos Jacarés que pelos barrancos dos Rios se estão aquentando ao sol, e alguns de extraordinária grandeza que atirando-se com bala não lhe faz dano algum pela fortaleza de suas Conchas, e só atirando-se-lhe pelo papo, ou de arrepia cabelo é que se matam; têm estes

Encalhe de canoa no Tietê — Desenho de Hércules Florence — (Galeria do Museu Paulista)

bichos o Almiscar nos grãos, que tirados fora e secos ao sol se não póde parar, com o cheiro; outros que são de outra natureza e têm no papo que é debaixo do focinho, ou na garganta.

Há Antas que costumam cair, e mergulhar na água quando se vêem perseguidas de alguma canoa, ou Tigre.

Há outros muitos bichos como são Capivaras, que são como um porco e vivem na água, e em terra; há grandes tatus, e se encontram enterrados na areia de algumas praias quantidade de dúzias de ovos os quais se comem de outros bichos a que chamam Javotins, há Macacos pelas árvores com seus filhos atracados a si e assim pulam e descem aos ranchos depois embarcada a gente e aproveitam-se de alguns fragmentos de comida.

Há pelas praias do Rio Grande Paraná uns grandes Pássaros chamados Tuiuius que em pé estendido seu pescoço excedem a altura de um homem a Cavalo; são de cor cinzenta seu corpo terá o tamanho de um Peru mas suas pernas têm a altura de uma vara e são tão finas que não excedem à grossura de um dedo, seu pescoço é muito comprido, e delgado de sorte que estendendo-o atira com o bico quase na distância de uma braça.

Há também outros grandes pássaros pela Campanha chamados Emas que correndo os não apanha um Cavalo na carreira, por mais veloz que corra, porque na carreira levantam os ditos pássaros uma de suas asas que de longe parece uma Embarcação a vela que corre com bom vento; os seus ovos são do tamanho de um punho sua cor é como o ôvo de Perdiz acham-se pela Campanha.

Das dificuldades destes Rios, e seus perigos darei ao diante notícia, como também do Gentio suas Armas, e Figura.

Juntos os Povoadores, preparadas as Embarcações, e carregadas com tudo o necessário se Embarca a gente tanto da mareação como os passageiros; e as Embarcações se põem tôdas em fileira presas ao Pôrto da dita Araraítaguaba.

Estando tudo em ordem e prontos para largar, e seguir sua viagem; a este tempo todas as pessoas estão confessadas, e Sacramentadas, porque daqui para baixo não há mais Igrejas, nem Sacramentos.

Estando tudo na forma dada se dá aviso ao Pároco para vir benzer esta expedição; o qual tomando a sua Estola, e Sobrepeliz com o seu Sacristão se põem sobre o barranco do Rio e ajoelhando todos entoam a ladainha de N. Senhora.,

A este tempo estão os homens ma mareação cada um com o remo que lhe toca na mão e cada um no seu lugar, e os remos alvorados com as pás para o ar.

Acabada a ladainha benze o Pároco a todas as Canoas, e comitiva, e depois implorando todos a Divina Clemência larga a Capitania dando muitas salvas de Espingarda, e levando a sua Bandeira larga, depois da distância dita de mais de Cinqüenta braças, larga a Segunda na mesma forma, e assim se seguem as outras, que a pouca distância se acham em um sertão onde não há mais que a Divina providência,

17

e logo se encontra um grande perigo além dos mais que se seguem que são inumeráveis ao diante darei notícia.

Gastei nesta Viagem sempre embarcado desde o Porto de Araraítaguaba até a Povoação do Gatemi dois meses, e dois dias, e em tôda a viagem dois anos, e dois meses; que pelo expressado neste Diario se virá no conhecimento dos trabalhos, fomes, necessidades, perigos e mortandade que sofremos durante o dito tempo.

Chegado o tempo de partir esta expedição na forma dita acima me resolvi a fazer embarcar todo este Povo, e transportá-lo para a outra margem do Rio Tietê; pela razão de me livrar de tantas impertinências, trabalhos, e incomodos, que o mesmo Povo me causava, uns adoecendo, outros pedindo várias coisas supérfluas para eles, e suas famílias, e outros que nunca jamais se acomodavam nem estavam satisfeitos, outros pedindo licença para se ausentarem; As mulheres que nunca jamais são boas de contentar, umas com dores de barriga, outras pejadas, e na hora do parto, por estes motivos e já cansado foi que transportei para a outra margem do Rio para me ficar livre o tempo de dois dias para nestes se ajuntarem as contas de despesa da dita expedição passando-se, e cobrando-se recibos e dando-se Bilhetes às partes com o valor dos mantimentos, e mais coisas com que haviam assistido para a Real Fazenda para da mesma cobrarem a seu tempo seu produto.

Em este dia que foi dez de Abril do ano de mil, setecentos, sessenta, e nove à hora de se baldear este Povo para a outra margem do Rio o qual se achava todo junto na margem que banha a dita Freguesia para embarcarem para a outra banda aqui aconteceu o sucesso seguinte: Achava-se entre outros Índios, que acompanhavam esta expedição um Índio de nação Bororó casado com uma Índia da mesma nação, e porque se achasse pejada e lhe apertassem as dores do parto, retirando-se um pouco do tumulto da gente, e ao pé de um matinho que tem uma Prainha aí pariu, e depois do parto ela nua pegou na criança sem mais ajuda de outra pessoa entrou pelo Rio dentro dando-lhe a água por cima dos peitos, aí se lavou ela, e à criança, e saiu para fora e no dia sucessivo andava sem moléstia alguma, e como este sucesso fosse pelas três horas da tarde se cuidou logo em se fazer Cristã a aquela criatura e o Pai chegando a mim muito contente com muitas risadas com o seu filho que era um menino macho nos braços, nu, me pedia lhe désse de vestir, e se se batizasse queria que se chamasse Exaquiel, ao que satisfazendo-se à justa súplica do Pai se lhes deu varas de linho, dois covados de baeta, e duas varas de cadarço vermelho, de que o Pai ficou muito contente, e nesta mesma tarde se batizou pondo-se-lhe o nome de Exaquiel conforme seu Pai requereu.

Este sucesso não foi contudo o maior deste dia, porque depois e em esta mesma tarde sucedeu outro que poderia causar maiores, ruínas e desgraças, e foi o seguinte: No mesmo dia dez de Abril de tarde depois do primeiro sucesso, que uma filha de um Povoador solteira se achasse também pejada cujo fato ocultava a seu Pai e a sua Mãe, e a seus Irmãos, os quais eram de natureza de terem pouco escrúpulo de matar gente, pois destes há muitos por esta Capitania, isto suposto

não podendo a dita moça sofrer mais ardores do parto, nem retirar-se para parte alguma, pariu publicamente no meio, e à vista de tanto Povo acudindo-lhe somente de um lado sua Mãe, e de outro uma Bastarda, que se achava mais próxima a ela.

No restante deste sucesso acudi a dar a providência, tanto pelo que respeitava à honestidade da dita moça, como para evitar fúrias do Pai, e desatinos de dois Irmãos da dita, os quais engatilhando as espingardas, e o Pai com uma faca de rasto pretenderam tirar-lhe a vida, ao que rebatendo-lhe este impulso o que me custou muito, não só pelo que tocava ao Pai, e Irmãos, mas ainda outros Caneludos parentes, que concorriam com o Pai para a morte da dita moça, sua Mãe, e da dita Bastarda que assistiu à hora do parte.

Estando as coisas nesta figura me vi obrigado a prender o Pai, e Irmão da dita moça, e a ela fazê-la conduzir com sua Mãe, e a dita Bastarda, para um rancho que na Praia do rio se achava, o qual me vi obrigado a cercar com sentinelas, e um Inferior, para impedir todo o acesso, e brutalidade daqueles homens, e seus sequazes que por mais partidos que se lhe fizessem a nada atendiam.

Nascida a criança que era femea se cuidou logo em se batizar como com efeito se batizou pelas cinco horas da tarde e se lhe pôs o nome de Gertrudes.

O Pai preso, e os Irmãos os fiz transportar para a outra margem do Rio, que assáz é bastantemente largo, e com eles os seus sequazes, e tudo o mais, Povo da dita expedição, pondo-se da parte de lá do Rio uma guarda para que pessoa alguma, nem Embarcação voltasse, ficando da parte de cá do Rio somente a dita moça, a criança, sua Mãe, e a Bastarda, que a acompanhava; porém sempre a guarda do rancho aonde estava a dita moça enquanto se acabavam de fixar as contas do gasto da dita expedição; assim anoiteceu o dia dez com estes trabalhos assáz pouco impertinentes, e pelas onze horas da noite faleceu a dita inocente por nome Gertrudes, à qual se deu sepultura, e depois de sossegado todo o referido embarquei para a outra parte do Rio aonde se achava o Pai, e Irmãos da dita moça, e tratando com eles o desvanecimento do seu intento prometendo-lhe que chegada que fosse a aquele estabelecimento do Gatemi se lhe havia dar Estado, terras, ferramentas, e princípio de gado vacum para estabelecimento a cujas rogativas abrandaram os homens, ou porque se vissem da margem de lá do Rio sem esperanças de voltarem ao Povoado, ou porque considerassem que o sucesso já não tinha remédio; porém contudo não lhe remetendo a mulher nem a filha senão na minha comitiva quando me transportei para a outra margem do Rio a encorporar-me com toda a expedição para dar princípio à Navegação para o dito estabelecimento do Gatemi o que foi no dia onze de Abril.

Em o dia onze se trabalhou todo o dia em finalizar as contas da expedição, e do trem que a acompanhava, que constava de quatro peças de ferro de Calibre de duas, ditas montadas de amiúdar, também de calibre de duas, duas ditas de Bronze de calibre de uma também montadas de amiúdar, duas ditas mais de Bronze também de calibre de uma de releixe incamaradas, a sua Plamenta competente, caixões de cartu-

chame, e Lanternetas pertencentes às ditas quatro pessoas de amiúdar, trinta barris de pólvora, foices, machados, e enxadas. Anoiteceu este dia concluindo-se tudo o que fica dito acima me embarquei, e comigo o resto da Tropa, a moça, sua Mãe, e a Bastarda que a acompanhava, e me passei para a outra margem do Rio onde se achavam todos os Povoadores, Embarcações, e toda a expedição e aí levamos a noite do dia onze de Abril.

Logo que amanheceu se cuidou em pôr ordem à dita expedição, repartindo-se os Casais e mais pessoas que haviam de tocar a embarcar em cada uma Embarcação, isto feito se soltou o Pai, e os Irmãos, e se lhe entregou sua mulher, e sua filha, e se lhe destinou Embarcação para ele, e sua família, além de outras pessoas de ambos os sexos que com ele haviam embarcar, com a obrigação de terem a seu cuidado durante a viagem até chegar àquela Povoação, de impedir toda e qualquer ação contra a dita mulher, e filha executada pelo dito Pai, e Irmãos; e assim se levou toda a manhã a do dia doze de Abril. Porém inda aqui não pararam tantos incomodos, trabalhos, e impertinências, porque estando tudo na forma do dito sobreveio uma diarréia geral por homens, mulheres, e crianças, de tal sorte que uns escondidos pelo mato, outros desfalecidos que se não moviam de um lugar, outras crianças em artigo de morte, a tudo isto se supria na melhor forma que permitia a ocasião e o País, a uns dando-se-lhe remédios pela boca, a outros ajudando-se com cristéis, e outros remédios que se usam pela via para impedir a moléstia de que já estavam todos tocados, a que se chama vulgarmente Corrução e é esta moléstia de tal sorte, que abrindo-se a via em tal extremo, só se cura a poder de pimentas, pólvora, e tabaco de fumo. Nestes termos se achava tudo, ou pela maior parte quase todos; e porque já não havia mais remédio do que assim mesmo embarcar porque do contrário se seguiam graves prejuízos, assim mesmo embarcou tudo uns carregando a outros outros deitados em redes, e com efeito ficou tudo embarcado até o meio-dia do dia doze de Abril, e não seguimos viagem logo o que ficou para a manhã do dia treze, porque se achavam duas pessoas, às quais agonizava o P. Fr. Atanázio Religioso de Sto. Antônio que nos acompanhou, das quais uma faleceu e a outra melhorou.

Adverte-se que as Carretas das Peças se desmancharam para se poderem conduzir, e embarcar nas canoas.

Principia o Diário da navegação destes Rios em 13 de Abril de 1769

Em este dia treze de Abril estando tudo embarcado na forma expressada acima, largamos pelas oito horas, e meia da manhã, indo a Capitania adiante com o Guia, e com a sua Bandeira larga, e detrás dela se seguiam as mais conforme a ordem já expressada; navegamos passando muitas voltas de Rio chegamos a uma Cachoeira chamada Abaramanduaba que quer dizer em Português aonde caiu um padre.

Em outro tempo navegou por esta cachoeira um Religioso da Companhia de Jesús de virtude chamado o P. José de Anchieta, o qual andava catequizando aos Índios, e pregando-lhe missão, os quais vindo com ele em uma Canoinha a embarcaram no meio desta Cachoeira, largando ao Padre no fundo da mesma, passando muito tempo vendo que o padre não surgia acima cuidando estaria já morto mergulhou um dos Índios ao fundo, e o achou vivo sentado em uma Pedra rezando no seu Breviário, e por isso ficou o nome a esta Cachoeira de Abaramanduaba.

Esta cachoeira passamos com muita velocidade, e perigo, e sendo o meu Piloto o Guia contudo deu a Embarcação no Canal dos Emboabas; tem este título por cá os filhos do Reino, que quer dizer homem Calçado, ou cabeludo pelas pernas; este canal abriram os Emboabas, ou descobriram quando viajavam para Cuiabá e Mato Grosso, é esta Cachoeira muito perigosa pelas muitas Pedras e Redemoinhos, e ondas de água que forma; e isto em grande distância. No meio deste Canal onde as águas eram já mais mansas fizemos alto, segurando-nos no modo possível a esperar que passassem todas as outras Canoas aquele perigo, e vindo a uma por uma se se perdia, ou se saia a salvamento; pois em esta Cachoeira se tem perdido muitas Embarcações, fazendas, e muitos homens afogados: Com efeito passaram todas este perigo, e nos ajuntamos todos às onze horas, e meia para jantarmos, acudir aos enfermos e dar mais algumas providências, e isto foi na paragem chamada a Irmandade, que dista da Freguesia quatro léguas e meia.

Saimos desta paragem pela meia hora depois do meio-dia, e navegamos pelo Rio abaixo até o pé de uma Cachoeira chamada Pirapóra que quer dizer em Português aonde saltam os peixes; aqui fizemos pouso para passar a noite, da parte de cima desta Cachoeira, e foi às quatro horas, e um quarto da tarde passando muitas Itaupavas, também perigosas, e muitas voltas do Rio, é este até aqui, largo, profundo, e farto de muitas águas; e navegamos esta tarde até chegar a esta Cachoeira cinco léguas, e embicando as Canoas, e saltando a gente em terra depois de roçado o mato preciso para se arrancharem as famílias, se matou uma grande cobra coral, e duas jararacas, que cada uma tinha o comprimento de sete palmos, são estas cobras tão Venenosas, que mordendo em qualquer pessoa instantâneamente fica sem vista, e entra a exalar sangue pelos olhos, boca, e nariz, e pelas unhas, e o mais que dura vivo são vinte, e quatro horas, são estas cobras da grossura de um bom pulso de um homem, e as há de maior comprimento e grossura, sua cor pelo lombo é denegrida, e por baixo são de cor de Limão, sua bôca é grande, e a sua cauda para a ponta muito fina são bravíssimas, e armando seu colo dão pulos em grande distância; aqui ficamos esta noite navegando êste dia nove léguas, e meia.

Dia 14 de Abril

Amanhecendo este dia se cuidou logo em descarregar as Embarcações, e pô-las a meia Carga para assim poderem passar a dita Cachoeira

de Pirapóra, e gastou-se este trabalho toda manhã deste dia, passam-se as cargas às costas dos homens por uma picada que se abre por terra na distância de cem braças ou mais, isto é um grande trabalho, porque ali se tropeça em Raízes de árvores, acolá ferem os espinhos rompem a roupa ali se encontra uma cova, ou um barranco, e finalmente se vigia das cobras, e bichos venenosos, e assim se conduzem as cargas, e a gente pela dita picada a ir sair abaixo desta Cachoeira aonde tudo se ajunta no barranco do Rio. Feito isto se despem nus os homens da mareação, e se dobram os Pilotos em cada uma Embarcação; e agora o Guia passa uma a uma por este perigo, deixando o seu lugar na popa troca indo para a proa; governa esta Embarcação metendo-a pelos Canais, e ondas que lhe parece são menos perigosas, e assim passando uma, volta por terra, a ir conduzir a outra.

Vencido este trabalho se tornaram a carregar as Embarcações, e foi ao meio-dia embarcando toda a gente navegamos por tempo de quatro horas, e porque nos viesse uma grande tempestade de chuva, Trovões, e Raios nos vimos obrigados a embicar as Embarcações ao barranco do Rio sem que ninguém pudesse saltar em terra cujo barranco era bastantemente alto e com grossos matos; e assim prendendo as Embarcações aos pés das Raízes das árvores com correntes de ferro, e outras com grossos cipós assim passamos esta noite sofrendo esta tão horrorósa tempestade molhando-se tudo, e caindo dois Raios que despedaçando, e desgalhando grossas árvores nos vimos quase nos últimos fins da vida entoando todos a ladainha de N. Senhora e cada um se recomendava ao Santo de sua maior devoção navegando este dia pelo tempo de quatro horas em o qual andamos cinco léguas e meia e em distância passamos mais duas Cachoeiras de perigo e duas taupavas de pedras e aqui ficamos até amanhecer o dia quinze.

Dia 15 de Abril

Em este dia amanhecemos como quem passou uma noite tão tenebrosa, e perigosa, e achamos uma Criança morta à qual se deu Sepultura no mato amanhecendo uns com fome, e todos molhados de chuva, aí se deu pelo modo possível a ração de farinha, e vendo-nos desta sorte cuidamos em procurar paragem aonde saltassem as famílias em terra para se acender fogo, cozinhar-se alguma comida e cuidar-se nos doentes; saimos desta paragem pelas seis horas e meia da manhã, e navegamos até quase o meio-dia sempre com chuvas, e sem encontrarmos comodidade para desembarcar a gente em terra indo tudo molhado; vendo nós isto, e a gente já a este tempo ia fraca resolvemos a fazer alto juntando-se todas Embarcações ao barranco do Rio, e aí sem ninguém desembarcar se comeu alguma coisa que serviu de jantar, advertindo que pelas dez horas da manhã passamos pela Barra do Rio Capivari o qual não é grande, e daí abaixo navegando pelo tempo de meia hóra passamos pela Barra do Rio Sorocaba que sobe ao Sul; êste Rio tem sua largura, e dele para baixo engrossa mais o Rio Tietê.

Depois de comermos alguma coisa na paragem acima dita, seguimos nossa viagem, e às quatro horas, e um quarto da tarde fizemos pouso para passarmos a noite, navegando este dia dez léguas, e meia; feito o pouso roçando-se o mato necessário para ele, se acendeu o fogo, desembarcou toda a gente, e cada um fazendo sua fogueira se aquentava a ela; e enxugavam a sua roupa, homens, mulheres e crianças, e ao mesmo tempo cada um cozinhando a sua comida a este tempo soube que um homem se achava esmorecido, e que não comia havia três dias, o qual se achava deitado escondido fora da comunicação das mais pessoas, o qual fiz conduzir, e consolando-o, e fortificando-o com vinho, e sustento, foi tornando a si, e me disse que por acanhado, e melancólico esperava ocasião de se deixar ficar, e morrer naqueles matos, ao qual dai em diante me foi preciso por-lhe vigia; neste pouso ficamos até o dia dezesseis de Abril.

Dia 16 de Abril

Amanhecendo este dia, e todos já alegres por haverem descansado, enxugado a sua roupa, nascer o Sol, se cuidou em dar de almoçar aos doentes, e curá-los, e embarcando tudo pelas seis horas, e meia da manhã; navegamos quatro horas e meia até as onze que embicamos ao barranco do Rio para jantar que foi abaixo do Ribeirão chamado Icoacatu; nesta manhã matou Francisco Pais que ia de montaria em um Batelão dois veados pardos, e três Dourados; seguimos nossa Viagem por tempo de cinco horas e a estas embicamos de tarde para pousarmos à noite que botando-se o mato abaixo pelo barranco do Rio desembarcando toda a gente passamos a noite do dia dezesseis para o dia dezessete navegando este dia por tempo de nove horas em o qual andamos onze léguas.

Dia 17 de Abril

Amanhecendo este dia pelas seis horas, e meia da manhã embarcou tudo, e seguindo Viagem navegamos até a Barra do Rio Piracicaba à qual chegamos às onze e meia da manhã, e aí achamos Antônio Barbosa Diretor de uma Povoação situada para as cabeceiras deste Rio o qual tinha descido por ele abaixo a encontrar-nos no dito Rio Tietê; defronte desta Barra do Piracicaba embicamos para fazer pouso, navegando esta manhã por tempo de cinco horas em as quais andamos cinco léguas, e meia; pousamos defronte a dita Barra cuja é larga, e bastantemente cheia de águas, sobe ao Rumo de Nordeste, e aqui falhamos a tarde do dia dezessete; logo desembarcou tudo para terra, e sairam muitos homens a caçar por aqueles matos onde se perdeu um soldado pago dos trinta que me acompanhavam o qual entranhando-se pelos matos se perdeu, achando-se falta deste camarada já quase Ave Marias, se mandaram pelos matos alguns práticos, e pelo Rio, um Batelão atirando uns, e outros tiros para que soubessem os do Rio e os de terra ouvindo as

salvas em que altura ficavam uns dos outros; e com efeito, sendo já oito horas da noite ouviram que o Soldado gritava, acudindo para aquela parte deram com ele trepado sobre uma árvore sem saber em que parte estava, e disposto a ficar a morrer naquele sertão; contou que o motivo de se trepar naquela árvore fora um grande número de porcos do mato que com violenta carreira se encaminhavam para ele aos quais seguia, e perseguia uma Onça de extraordinária grandeza, que à vista disto se Salvou em cima daquela árvore para passar ali a noite até o dia seguinte para então ver se acertava com o lugar aonde ficavam as Embarcações; recolheram-se estes homens trazendo consigo o perdido, e aqui ficamos neste pouso a noite do dia dezessete para o dia dezoito.

Dia 18 de Abril

Amanhecendo este dia me embarquei em uma Canoinha com sete homens com suas armas, e saí Rio abaixo ficando toda a expedição no dito pouso, e navegando duas voltas grandes do Rio achei da parte esquerda um Ribeirão e entrando por ele acima em bastante distância achamos um grande Campo, em o qual fica o morro da Araraquara-Mirim, e subindo por ele acima o que custou muito por ser escabroso, e escalvado, chegamos sobre a sua coroa, a qual tem muitas cortaduras; e aí fiz ponto fixo, que fica o dito morro ao Rumo do Noroeste, e deste ponto fixo sobre a coroa do dito morro se acha em distância de dez léguas do Rumo de Leste os morros de Piracicaba, ou quase tudo Campanha, porém agreste e com pouco préstimo; e dalí correndo a procurar o Rumo de Les-Nordeste em distância de quatro léguas pouco mais ou menos da parte esquerda do Rio Tietê, se acha o famoso morro de Araraquara Guaçú que dizem ter muitos haveres; e do mesmo ponto fixo correndo ao Sul fica o morro de Botucatu, que corre a meter a ponta ao Norte e seguindo o dito morro golpe de olho até onde a vista pode alcançar, lançada do dito ponto fixo poderá ter a distância de dez léguas, cuja extremidade do dito morro caminha ao rumo de Su-sueste: Dêste lugar se descobre muita Campanha, e os morros de que assim faço menção, examinado isto descemos, embarcamos na Canoinha, e seguimos para o nosso pouso em o qual ficamos nós a noite do dia dezoito para dezenove.

Dia 19 de Abril

Amanhecendo este dia se cuidou em embarcar toda a gente, arrumarem-se as Embarcações, e pôr-se tudo em via para seguir viagem, largamos às onze horas da manhã e navegamos até as cinco e um quarto da tarde que andamos sete léguas, embicamos no barranco do Rio, botou-se o mato abaixo para se fazer pouso para de noite, e vindo em distância de duas léguas abaixo da Barra de Piracicaba se avista pelos Cortais todo o morro de Araraquara, cujos pontais em distância grande vêm afastar no Tietê pelas quais se passa, e tudo se avista em distância

de oito léguas para a parte direita, aqui ficamos a noite do dia dezenove para o dia vinte.

Dia 20 de Abril

Amanheceu este dia embarcando toda a gente largando e seguindo viagem pelas oito horas da manhã; chegamos a uma cachoeira chamada estirão a qual passamos com muito trabalho, e susto, indo tudo embarcado, e daí passada a cachoeira demos em um estirão de Rio morto que tem mais de duas léguas todo ao rumo de Noroeste; depois passamos por outra cachoeira chamada Putanduva que quer dizer em Português onde a vista se faz escura, é muito perigosa, e medonha esta cachoeira, se metem as embarcações por ela com gente dentro a *Deus*, e à ventura, daí mais abaixo passamos pela cachoeira de Ibauruguaçú, e foi preciso saltar gente em terra, aliviar as embarcações de alguma carga para poderem passar por cima das Pedras, e a gente, e carga abrindo-se picada pelo mato para ir sair abaixo da dita cachoeira, sofrendo muito trabalho e incômodo, carregando-se os doentes sofrendo-se muitas mordidelas de mosquitos, e Bernes na passagem pelo mato: embarcamos outra vez, e daí mais abaixo passamos a cachoeira de Ibauru-mirim, esta se passou pela sua madre indo tudo embarcado, e daí fomos seguindo viagem, e chegamos à cachoeira de Baruiry-mirim, cuja fica ao princípio de uma ilha que está no meio do Rio bastantemente comprida, embicamos na ponta desta ilha descarregamos as Canoas tirando-se-lhe meia-carga, e bandeando-a por uma picada, que se abriu pelo mato se juntou para debaixo da dita Cachoeira, passando toda a gente por terra pela dita picada, e passando as Canoas com os homens nus, e Pilotos dobrados, rompendo as ondas, e dificuldades desta Cachoeira, e a maior parte dos que passamos por terra nos achamos cheios dos tais carrapatinhos, que despindo-nos, nus nos esfregavamos uns aos outros, uns com bolas de cera da terra, e outros com caldo de tabaco de fumo, as mulheres lá se remediavam umas com as outras, e todos conforme podiam, e permitia a ocasião: passadas as Canoas para a parte de baixo da dita Cachoeira, junta a gente e a carga, se embarcou tudo, e seguimos nossa viagem até o pé da Cachoeira chamada Baruiri-guaçú, e alí fizemos pouso para de noite, e foi às cinco horas da tarde por não haver tempo para se poder passar a dita Cachoeira por ser muito perigosa, e ser preciso descarregarem-se as Embarcações de toda a carga, e passar a gente por terra, em este dia não navegamos mais do que cinco horas e um quarto pelos muitos trabalhos, e incomodos que tivemos, e em êste tempo andamos seis léguas e meia, e aqui pousamos esta noite do dia vinte para o dia vinte e um.

Dia 21 de Abril

Amanhecendo este dia logo ao romper da manhã se cuidou em passar as cargas, e a gente por terra, e um dos homens da mareação

se despiu nu botando-se a nado subiu sobre uma Pedra no meio da Cachoeira para servir de vigia, e dar sinal com os braços por onde haviam de passar as Embarcações vazias, as quais se passaram com Pilotos dobrados, e todos nus pela razão de que dando uma destas Embarcações em alguma Pedra, ou perdendo o equilíbrio da correnteza, fogem estes homens nadando, e a Embarcação se faz em pedaços, assim se foi passando uma a uma, até que todas se puseram da parte de baixo; e correm tão velozes quando passam que quase foge a vista dos olhos, e a imensidade de Pedras encobertas com as águas: abaixo desta Cachoeira se tornaram a carregar as Embarcações, e embarcar a gente, e em este trabalho se gastou toda a manhã até as nove horas, e um quarto que seguimos nossa viagem, e passamos mais duas Itaipavas, em as quais passamos dando várias pancadas as Embarcações pela Pedras, e daí fomos embicar para jantarmos às onze horas e três quartos; depois saimos seguindo a nossa viagem, e fomos a fazer pouso para de noite às cinco horas, e meia da tarde, navegando esse dia por tempo de sete horas, e meia em o qual andamos oito léguas e meia, e aqui ficamos a noite do dia vinte e um para o de vinte e dois.

Dia 22 de Abril

Amanhecendo este dia embarcamos às sete horas da manhã, e depois de embarcados desceram ao pouso dois Macacos com seus filhos atracados, assim, chegando ao chão cada um apanhava com ligeireza os fragmentos da comida que haviam ficado, e isto ao pé de nós e espantando-se pularam os filhos em suas mães, e elas com ligeireza subiram pelas árvores acima levando cada um dos filhos em sua mão o que apanharam além do que levaram na boca: seguimos nossa viagem Rio abaixo passamos a Cachoeira chamada Guaimicanga que quer dizer em Português ossos de Velha, esta Cachoeira passamos com muito perigo, porque não tem passagem por terra, porque de um e outro lado do Rio são paredões de Pedra: faz esta Cachoeira grandes ondas que para se passarem se cobriram as Canoas com as cobertas de lona na forma que acima fica dito, e assim se meteram a romper estas ondas, que são muito grandes, e continuam por grande espaço; assim passamos este perigo além de outros muitos e depois embicamos em terra para jantarmos o que se fez às onze horas e meia, e daí saimos seguindo nossa viagem até as cinco horas, que fizemos pouso para aí ficarmos de noite o qual roçando-se o mato se acomodar a gente se achou uma grande cobra Cascavel, a qual se matou a tiros, que tinha onze palmos de comprido, e quinze cascavéis, que querem dizer tinha quinze anos, porque cada ano lhe nasce um; estas Cascavéis os têm na ponta da Cauda que bolindo com ela chocalham e fazem bulha; morto este grande bicho nos admiramos todos da sua grandeza; neste dia navegamos por tempo de oito horas e meia em o qual andamos dez léguas, e aqui ficamos a noite do dia vinte, e dois, para o dia vinte e três.

Dia 23 de Abril

Amanhecendo este dia embarcamos pelas seis horas, e um quarto navegamos até as onze e um quarto que embicamos ao barranco do Rio para jantar e aí nos demoramos até às duas horas e um quarto; que saimos seguindo nossa viagem e que foi sempre pelo Rio quase morto, e já sobre a tarde passamos por um campo que abeirava o Rio com pequeno barranco, e aí saltando em terra uns poucos de homens com Espingardas, e Cachorros a poucos passos mataram três Veados, e uma Anta que voltando para as embarcações ficamos muito contentes, principalmente para com estas caças convalescerem alguns doentes, e daí seguimos, e fomos a uma grande volta do Rio a fazer pouso para a noite que foi às cinco horas, e meia da tarde: embicamos as Canoas no barranco do Rio, e botado abaixo o mato para a pousada, desembarcou a gente e se aquartelou; e as Caças depois de esfoladas se partiram em rações pelos doentes, e aqueles mais necessitados, os quais cada um por sua parte uns assando, outros cozendo, cada um cuidava da sua comida (adverte-se que uma Anta dá quase tanta carne como um Boi) navegamos este dia pelo tempo de dez horas, e um quarto em o qual andamos onze léguas e meia, e aqui ficamos esta noite do dia vinte e três, para o dia vinte, e quatro.

Dia 24 de Abril

Amanhecendo este dia seguimos nossa viagem pelas oito horas, e meia da manhã, e fomos a procurar o grande, o perigoso Salto de Avanhandava que quer dizer em Português aonde correm os homens, e acima dele na distância de cem braças embicaram as Canoas em terra com muito risco, porque as águas neste lugar puxam com tal violência para se despenharem por este Salto abaixo, que escapando por ele nunca mais se viu, nem gente, nem a mesma Embarcação que escapar, aqui se descarregou toda a expedição e se passa por terra tudo em este trabalho se gastou todo este dia sem que alguém descansasse, e navegando só de manhã três horas em cujo tempo andamos três léguas, e meia; chegou a noite cuidou-se em descansar-se de tão laborioso trabalho deste dia ficando a noite do dia Vinte e quatro para o dia vinte, e cinco.

Dia 25 de Abril

Amanhecendo este dia se cuidou em acabar de passar as cargas para a parte de baixo do dito Salto, e se gastou neste trabalho até o meio-dia, e depois do jantar se juntou toda a gente a qual já bem cansada para puxarem, e vazarem por terra as Embarcações: É este varadouro abrindo-se o mato em largura suficiente para caberem as

Embarcações, bota-se pelo chão estivas de paus torados para por cima deles se puxarem as Embarcações a força de braço: foi este varadouro à direita deste grande salto; tem de comprido mais de quatrocentas braças, é muito trabalhoso pelas concavidades, descidas, e Pedras o que faz muito custosa esta varação; além disso os muitos insetos, e bichos que perseguem a gente: assim continuou o trabalho deste dia não se perdoando a pessoa alguma exceto às mulheres; assim se foram passando as Embarcações uma a uma até que anoiteceu, e anoitecendo se cuidou em descansar da parte debaixo solta de tão laborioso trabalho, além de outros muitos sucessivos que por não ser oportuno não declaro:

Depois de tudo acomodado depois de presas as Embarcações que se haviam transportado para a parte de baixo do salto, e as águas que neste lugar faziam grande rumor, e movimento se soltou uma Embarcação dentro em a qual se achavam dormindo uma mulher, seu marido, e dois filhos sendo isto quase dez horas da noite, e como se soltasse a dita Embarcação sem que se soubesse indo com a correnteza sem governo algum, acordaram os que iam dentro, e vendo-se neste perigo gritavam a cujo rumor acordando a gente se embarcaram em um Batelão quatro homens, um Piloto, um proeiro, despindo-se nus remaram a toda pressa a ir acudir aqueles miseráveis, que a poucos instantes se haviam de achar na outra vida se não fosse uma sentinela que se achava guardando o Trem em uma Praia que fica abaixo do dito Salto, o qual vendo passar a Embarcação pelo escuro da noite gritou acudam que lá vai uma Embarcação ignorando-se até esse tempo levasse gente dentro, chegando os homens com o Batelão pegaram na Embarcação, e voltaram com ela para a pagem (sic) de onde saiu, a qual já ia em bastante distância, e se acomodou outra vez tudo, dando-se as providências necessárias para a segurança das Embarcações até vir o dia seguinte.

Dia 26 de Abril

Em este dia, logo de madrugada se cuidou em acabar de passar por terra o resto das Embarcações, e passadas estas se cuidou em carregar todas, e porem-se prontas, cujo trabalho durou até as três horas da tarde desse dia.

É este Salto de Avanhanduva uma obra da natureza cuja altura excede a cinqüenta braças que despenhando-se por ele copiosas águas ao ponto que faz uma agradável vista, e figura, causa pavor, e medo, porque fazendo várias figuras, em umas partes à imitação de degraus de Sepulcro, em outras fazendo vários Redemoinhos pendurados pelo ar, em outras formando grossas e dilatadas Fontes à maneira de chafarizes que é tal a bulha que para se ouvirem os homens uns aos outros é necessário gritar, além disto se experimenta nesta paragem um granizo continuado à maneira de chuva, que levanta pela monstruosidade de águas que se despenham seu peso, e sua altura, que caindo em um dilatado espaço que faz embaixo dêste Salto em o qual são tão grandes as ondas que ninguém as pode penetrar; além disto tem neste espaço suas Ilhas pequenas da figura de Penínsulas com suas árvores

as quais se acham verdes cheias de musgos, que na verdade figuram uma deliciosa Cascata: Pelas três horas da tarde acabado o trabalho acima dito embarcando-se todas as famílias, seguimos nossa viagem, passamos por uma Cachoeira de muito perigo, e com muitas voltas, e Pedras escondidas debaixo da água, cuja em razão dos muitos rodeios, se chama Bracaié, que quer dizer em Português escaramuça do Gato, que pelo nome se conhece seu perigo passou tudo, e fomos a fazer pouso para de noite abaixo; deste perigo dentro em um córrego chamado o córrego da escaramuça, e o fizemos dentro do dito córrego às quatro horas, e três quartos da tarde, navegando êste dia por tempo de hora e meia, em cujo tempo andamos duas léguas, e ficamos em meio da dita escaramuça por ser já tarde, e termos para baixo o maior perigo que passar, aqui ficamos esta noite do dia vinte e seis para o dia vinte e sete.

Dia 27 de Abril

Amanhecendo este dia embarcando toda a gente largamos às oito horas e meia da manhã, e a pouca distância tornou a desembarcar toda a gente abrindo-se picada por terra para salvar o resto da escaramuça, enchendo-nos todos de carrapatos, mosquitos, Bernes, e as grandes moscas que picando é uma lanceta e as Embarcações despindo-se os homens nus, e dobrando-se os Pilotos foram acabar de passar o resto da escaramuça, e com tanto perigo que se não pode explicar: Passadas as Embarcações embarcou a gente navegando a poucas horas chegamos a uma Cachoeira grande, e de Salto chamada Itupanema que quer dizer em Português Cachoeira falhada, e antes de chegar a ela em distância de Cinqüenta braças com muito trabalho pela correnteza das águas, e com grande risco, porque se se escapa tudo se perde, e despedaça; não é esta Cachoeira tão grande como Avanhandava; mas com tudo tem seu Salto que terá de alto Cinco, ou seis braças com grande despenhadeiro; aqui gastamos em passar as cargas por terra desde as dez horas e três quartos até a noite passadas estas foram os homens da marinha passar as Embarcações pelo Rio a poder de força, e assim mesmo abriu uma fazendo-se em pedaços, a outra encalhou entre as Pedras que são tão grandes que deram muito trabalho para se tirar, navegando este dia por tempo de duas horas e um quarto em o qual andamos três léguas, aqui ficamos este dia com tantos incomodos, e trabalhos; depois de tudo aquartelado me embarquei em um Batelão levando comigo o Tenente de Aventureiros Bento Cardozo, e passando-me a outra margem do Rio para examinar a Cachoeira, e ver se se poderia evitar tanto perigo abrindo-se algum Canal por donde se navegasse com mais segurança, cuja obra era impossível o fazer-se, pela abundância de grandes Pedras, e pelas águas se espalharem muito e correrem com grande fúria, andando examinando isto vimos que uma grande Sucuri desenrolando-se à maneira de uma amarra de Navio fazendo grande bulha na água nos investia; e como isto fosse quase noite fugimos, e embarcando no Batelão a toda pressa seguimos para a outra margem à qual chegamos já de noite bem assustados e aqui ficamos até o dia Vinte, e oito.

Dia 28 de Abril

Amanhecendo este dia se cuidou em carregar as Embarcações embarcar a gente, e depois de embarcados nos demoramos a esperar que levantasse uma densa neblina a qual quase sempre se encontra de manhã, e à noite, e enquanto não levantasse não se pode navegar, porque encobre os perigos que por este sertão se encontram e depois que levantou que foi às oito horas largamos: e navegando passamos por um poço que é um estreito que faz o Rio morto, muito fundo, suas águas denegridas com seus paredões de Pedra de um, e outro lado muito fúnebre, e triste, ao passar esta paragem encontramos muito fétido, cujo lugar se chama pela língua da terra o poço de Pirataraca, cujo temiam muito passar os antigos por dizerem havia ali um grande bicho; seguimos e daí passamos por uma Ilha com uma Itaipava chamada a Ilha de Pirataraca, esta não foi muito perigosa; seguimos e fomos passar por outra Ilha chamada do mato seco com uma Cachoeira no fim muito perigosa, enquanto comprida chamada Iaiva-pirú que quer dizer em Português mato feio, a qual se passou com muitas voltas; seguimos navegando chegamos a uma Cachoeira chamada Icaroara-guaçu que quer dizer em Português ondas grandes, cuja é perigosíssima pela grande bulha das águas, e as grandes ondas que faz, e não se vê por donde se vai; porque cobrindo-se as Embarcações com as cobertas de lona conforme se explicou acima, e a gente deitada de baixo dela salvando as ondas de uma, e outra parte por cima, indo nus os homens que governam as Embarcações dobrando-se os Pilotos, que só pela misericórdia de Deus é que saimos deste perigo a salvamento, logo que o passamos embicamos ao barranco do Rio esperando que passassem todas as outras uma a uma, e vendo quando se precipitava alguma, e se perdia, o nosso Guia gritava, e acenava com os braços quando via que alguma se encaminhava para algum precipício; passaram todas este perigo, e dando graças a Deus pelo bom sucesso fomos embicar ao barranco do Rio para descansarem os homens da mareação de tanto trabalho, vetirem-se, e jantar toda a gente, saimos e continuando nossa navegação chegamos a uma Cachoeira chamada o Funil, cuja faz uma grande enseada com uma Ilha no meio, desembarcou toda a gente para passar por terra por uma picada na forma dita, sofrendo muitos incomodos; e as Canoas se meteram a passar a Cachoeira, com os homens nus e Pilotos dobrados, aqui se vira uma Embarcação ou cai um destes homens é sem dúvida o morrer pela muita velocidade das águas, ondas, e Pedras escondidas debaixo da água, e à-toa se vai por um Canal com muitas voltas de repente com muitos Redemoinhos, que por isso se lhe chama o Funil; passaram estas Embarcações sem gente só a que precisavam para a sua mareação, e eu que pelas recomendações que tinha do meu General para que me não escapasse coisa alguma me meti a este perigo além de outros que já tinha passado, que indo também nu dentro da Embarcação em pé correndo esta com tal velocidade nada pude perceber da configuração desta Cachoeira; passado isto embarcou tôda a gente, e como fosse já tarde fomos a fazer pouso abaixo da dita

Cachoeira para passarmos a noite, em este dia navegamos por tempo de oito horas, e meia, em o qual andamos nove léguas, e meia, embicamos em terra botando-se o mato abaixo para se acomodar a gente, aí se matou uma cobra Jararaca de extraordinária grandeza, e aqui ficamos até o dia vinte, e nove perseguidos toda esta noite de mosquitos em tanta quantidade que se formavam nuvens; e descalçando umas meias de linha, procurando-as pela manhã achei somente o canhão de uma, e o mais haviam comido as formigas, que eram tantas, e cada uma do comprimento de uma polegada, que inquietaram tanto a gente que ninguém dormiu, uns trepados em árvores, outros metidos na água do Rio até que ultimamente todos se meteram dentro das Embarcações, até que amanhecesse o dia vinte e nove.

Dia 29 de Abril

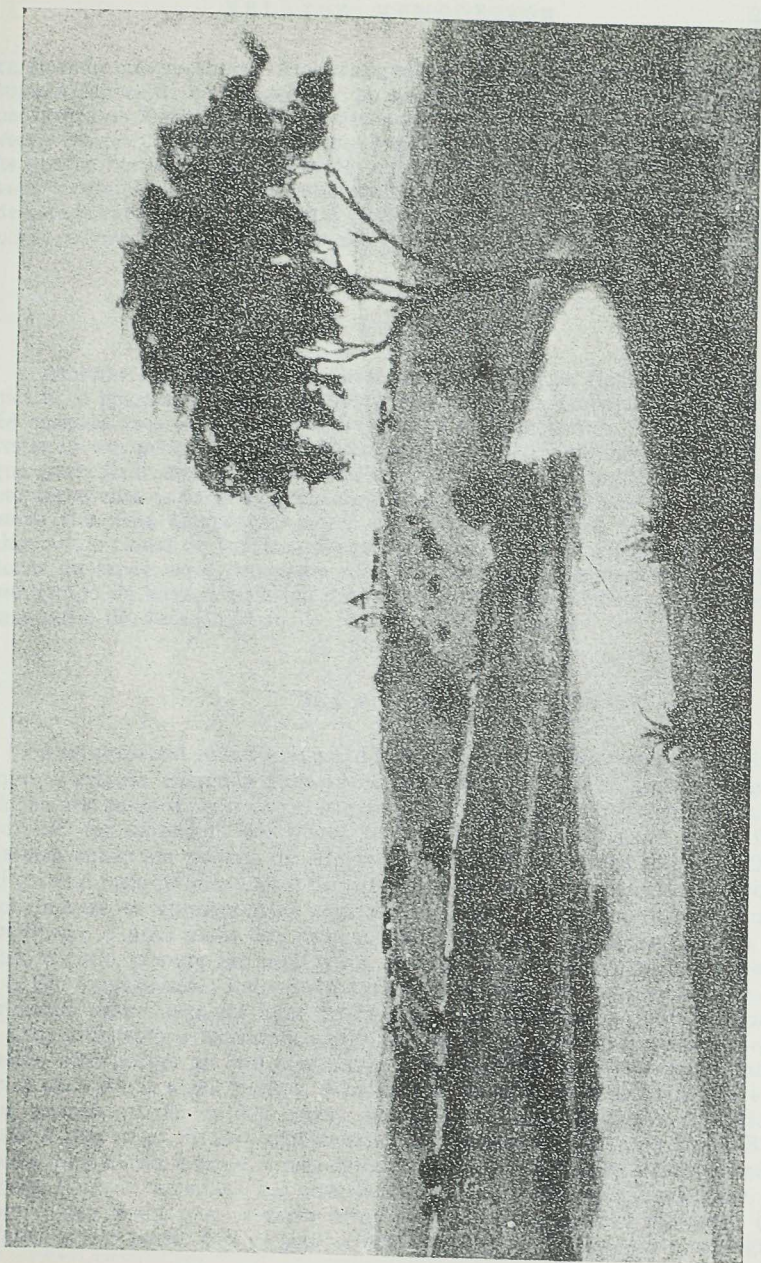
Em este dia estavamos prontos para partir, e seguir viagem, quando veio Francisco Pais dar parte em como tinha passado pela outra margem do Rio entre a Névoa, escondida uma Embarcação, cuja levava seis Proeiros, e mais gente assentada à qual perguntou a gente do dito Francisco Pais que andavam em um Batelão, de montaria, quem vai aí não responderam, e como esta notícia nos chegasse supusemos serem fugidos daquela Povoação, e outros diziam seria gente do Cuiabá, a isto logo me embarquei em uma Canoinha com cinco Soldados, e a gente de sua mareação, e comigo outra canoinha com o Tenente de Aventureiros Bento Cardozo, e fomos a dar-lhe caça Rio acima a toda pressa, e navegamos todo o dia sem levarmos nem que comer, nem cobertura alguma pelo repente em que marchamos, de sorte que nos anoiteceu passando nesta forma muitos perigos já de noite, aí me requereu o Piloto que não via nada pelo escuro, e que poderiamos ter grande perigo de vida, porque tinhamos de passar uma grande de Itaipava e fazia muito escuro sendo oito horas da noite, ao que lhe ordenei embicar a Embarcação em terra, e ali ficamos ao sereno da noite até o dia sucessivo trinta de Abril, tanto que saiu a Lua navegamos Rio acima encontrando-me com a outra Embarcação aonde estava o dito Bento Cardozo que se tinha adiantado mais e tinha passado a noite da mesma forma, e aí consultando com ele como nos levassem os ditos supostos fugitivos a distância de meio dia de viagem, e os não podiamos alcançar em menos de quatro dias de marcha e estes se os gastavamos nos causava grande prejuízo, porque ficou toda a expedição falhada, e se consumiam os mantimentos de que haviamos de ter grande falta, além dos muitos doentes, que cada vez se aumentavam mais, assentamos em que voltassemos para trás, o que fizemos ignorando até hoje que gente era aquela, nem que Embarcação, em cuja deligência gastamos vinte e quatro horas; em este mesmo dia pela manhã matou Francisco Pais com os seus Caçadores duas Antas grandes, e lhe escapou uma botando-se ao Rio como costumavam fazer quando se vêem perseguidas de alguma Onça, ou Cachorros; esta Caça

serviu-me de refresco repartindo-se pelos doentes, e sãos o que se estimou muito.

Dia 30 de Abril

Chegamos da deligência que fica dita às dez horas da manhã, jantamos e embarcando tudo fomos seguindo nossa viagem e a pouca distância achamos uma grande Cachoeira que passar, e aí desembarcando a gente por terra passaram as Embarcações à sirga pelo Rio com muito trabalho, e risco de vida; esta passagem se faz caindo a gente da mareação na água pegados pela borda da Embarcação, e ao ponto que ela se quer precipitar saltando dentro a seguram com as varas, e remos que para isso levam prontos, e havendo algum mau sucesso os homens que vão nus nadam e fogem para a terra; assim passaram dando muitas pancadas por Pedras; chama-se esta Cachoeira Vacurituva que quer dizer em Português onde há palmitos; é muito comprida com muita correnteza de águas e aqui fizemos pouso para de noite navegando este dia por tempo de três quartos de hora em o qual andamos uma légua, e botando-se o mato abaixo para fazer pouso o qual é grosso, e limpo o chão pelos pés das árvores aqui apareceram mais de Cinqüenta porcos do mato, que fazendo grande bulha com os dentes corriam em grande fúria, e tomando-se as armas depressa se lhe atirou ficando três mortos, e aqui ficamos esta noite do dia trinta de Abril, para o primeiro de Maio.

Dia 1 de Maio

Amanhecendo este dia embarcou a gente, seguimos nossa viagem, e a pouca distância saltou a gente em terra para passarem as Embarcações o resto da Cachoeira Vacurituva, que com grande trabalho se passou, embarcada a gente outra vez fomos Rios abaixo, e passamos outra Cachoeira chamada Araçatuba, o que quer dizer em Português frutas de Araçá; seguimos até chegar a uma Cachoeira grande chamada Araraquanguara-mirim, que quer dizer em Português Cabeça de Arara pequena, esta Cachoeira é muito perigosa, saltou toda a gente para passar por terra abrindo-se picada pelo mato, e as Embarcações se passaram com muito perigo levando os homens nus, e pilotos dobrados, indo com a correnteza por cima de muitas Pedras, e voltas que faz; aqui nesta Cachoeira principia uma Ilha que tem quase meia légua de comprido banhada do Rio por ambas as partes, mas é estreita; ao longo desta Ilha estava estendida uma famosa Sucuri que espantando-se com o rumor da gente pretendeu escapar-se caminhando pela Praia para o fundo da água, e atirando-se-lhe logo prontamente três tiros de bala se matou, e estendendo-se se mediu, tinha trinta e cinco palmos de comprido; e dois de grosso; são estes bichos formidáveis, e os há de maior grandeza; Passamos abaixo desta ilha, e fomos embicar em terra para jantarmos, e depois saimos seguindo nossa viagem, e achamos uns grandes estirões de Rio morto, o qual é bastantemente largo, chegamos ao pé de uma Cachoei-

Vista de Porto Feliz em 1826 — Ap. Hércules Florence — Óleo de Sílvio Alves — (Galeria do Museu Paulista)

ra grande que se chama Araracanguara-guaçú; que quer dizer em português Cabeça de Arara grande; no seu princípio ficamos por ser preciso passarem as Embarcações tirando-se-lhe toda a carga, e como não houvesse tempo para se vencer este trabalho por chegarmos a este lugar às quatro horas, e meia da tarde, aqui ficamos para no dia sucessivo se vencer este obstáculo; com estes trabalhos navegamos este dia por tempo de sete horas, e um quarto em o qual andamos sete léguas, e aqui fizemos pouso acomodando-se tudo à noite do dia um para o dia dois de Maio.

Dia 2 de Maio

Amanhecendo este dia se passaram por terra as Canoas abrindo-se picada, e passada a gente se cuidou em passar as Embarcções, e depois de passado este obstáculo, se carregaram embarcou toda a gente, e navegando um pedaço de Rio chegamos à Cachoeira chamada Itupeva, o que quer dizer em Português Cachoeira rasa, a qual também passamos por terra com as cargas, e fica uma Ilha no meio deste Rio que por uma parte fica esta Cachoeira, e por outra tem um Canal muito perigoso chamado o Canal do Inferno, chegamos abaixo desta Cachoeira às quatro horas da tarde, aqui pousamos roçando-se os matos, navegando este dia por tempo de hora e meia em o qual andamos légua e meia, e aqui ficamos até o dia três de Maio.

Dia 3 de Maio

Amanhecendo este dia, e como tivessemos que passar uma Cachoeira muito perigosa chamada Itupeva-mirim, o que quer dizer em Português Cachoeira baixa e pequena; e esta se passou com toda a gente embarcada por não ter passagem por terra; tem muitas Ilhas pelo meio, e nos foi preciso subir um pedaço de Rio para passarmos por trás de uma Ilha aí cair no meio do dito Canal do Inferno, cujo se passou com muito risco, cobrindo-se as Embarcações com as cobertas de lona na forma acima explicada, e aqui cada um mete a sua Embarcação seguindo o Guia a todo o risco, porque são muitas as ondas, grande a violência das águas, e o Rio emparedado; indo nesta forma os homens da mareação nus nos encalhou uma Canoa em uma Pedra, que quase perdida as mesmas águas a encaminharam e tornaram a pôr em via de navegar; as que iam passando este perigo se iam ajuntando a esperar pelas outras que a cada instante viamos o seu perigo; vencido este perigo, seguimos e demos em um grande estirão de Rio morto com mais de duas léguas de comprido todo a um rumo direito, embicamos para jantar no barranco deste Rio pelas onze horas, e meia, e pela hora e meia da tarde saimos continuando nossa viagem, achamos um grande saco de Rio em porção circular, e logo outra volta que desfazia esta, aqui achamos muitas ninhadas de Patos, e tem muito mel de pau; é este Rio largo e muito morto, navega-

mos, e chegamos a fazer pouso para de noite às seis horas da tarde, aqui ficou a gente contente porque uns caçando Patos, outros tirando abelheiras, outros tirando palmitos, todos tinham em que se divertir, e que comer, e aí ficamos navegando este dia por tempo de oito horas, e meia em o qual andamos oito léguas, e aqui ficamos até o dia quatro de Maio.

Dia 4 de Maio

Em este dia saimos pelas oito horas da manhã, e fomos seguindo nossa viagem logo em distância de duas léguas fez toda a expedição alto por termos de passar uma Cachoeira muito comprida e perigosa, que tem quase meia légua; aqui se tirou toda a carga, desembarcou toda a gente para tudo passar por terra, chama-se esta Cachoeira Itupiru que quer dizer em Português Cachoeira baixa, e seca, tem suas Ilhas no meio e muitos rochedos, tem um pequeno Canal muito torcido, e com Pedras no meio em o qual se tem perdido muitas Embarcações, e nenhuma passa que não encalhe com perigo; aqui passamos por terra a gente, e as cargas, por dentro dos matos sofrendo muitos carrapatos que estão em bolas pendentes nas folhas das árvores muito miúdos, e pegados uns nos outros, que caindo na gente fazem desesperar, e depois resulta de cada um, uma ferida; aberta esta picada pelo mato e indo a passar tôda a gente se levantou uma Nuvem de Marimbondos de dentro do mato, que mordendo a toda gente causou lástima; e fugindo cada um para sua parte cobrindo as cabeças, e as mãos com o que puderam e as mulheres gritavam as Crianças choravam e os homens fugiam, que motivou esta desordem a abrir-se picada por outra parte são tais estes insetos que chegam a matar gente pela sua quantidade, além de ser finíssima a dar da sua picada, e aonde mordem logo incha a parte, passado todo o referido transportadas da parte de baixo desta Cachoeira as Embarcações Carregadas estas embarcadas a gente uns chorando, e outros inchando-lhes a cara, e as mãos das mordidelas dos ditos insetos, aí levamos todo este dia em o qual andamos só duas léguas, e meia, e aí ficamos até o dia cinco de Maio.

Dia 5 de Maio

Em este dia navegamos saindo pelas oito horas da manhã, nesta viagem passamos muitos perigos, passamos por uma Cachoeira chamada Itaipiranga que quer dizer em Português, Pedra vermelha, seguimos viagem passamos por um poço chamado Pirataraca, além do outro que já referimos acima; nesta Cachoeira de Itaipiranga se passaram as cargas, e a gente por terra, é esta Cachoeira muito perigosa, fomos seguindo viagem demos com outra Cachoeira muito perigosa chamada os Três Irmãos; esta não tem passagem por terra vai tudo embarcado, e é preciso que o Guia se segure na água dando sinal com a mão para que todas as outras Embarcações passem por onde ele aponta com a mão, aqui passamos com muito susto, e perigo indo tudo embarcado tocando

algumas Embarcações em Pedras que nos Causava grande medo, e susto; daqui fomos grande distância por um estirão de Rio morto, e chegamos a uma Cachoeira Itapura-mirim que quer dizer em Português ponta de Pedra pequena; esta Cachoeira é muito perigosa, e se fez nela os mesmos sinais que na outra para poderem passar as Embarcações; daqui fomos, a poucas voltas do Rio chegamos ao famoso, e grande Salto de Itapura-guaçú que quer dizer em Português, onde faz ponta a Pedra grande, e de muito longe se ouve uma grande bulha, e fumaça que fazem as águas ao despenhar-se, embicamos em terra longe dêste Salto em distância de quarenta braças, e se cuidou em descarregar as Embarcações para tudo se passar por terra, vararem-se pela mesma as Embarcações a irem sair pela parte de baixo do dito Salto, e neste trabalho se levou o resto deste dia até a noite navegando só por tempo de cinco horas, e meia em o que andamos seis léguas, e aqui ficamos aquartelados, uns na parte de baixo do dito Salto, e outros na parte de cima, e assim se passou a noite do dia cinco para o dia seis.

Dia 6 de Maio

Amanhecendo este dia se cuidou logo em acabar de passar as Cargas das Embarcações por terra até o meio-dia, e de tarde se cuidou em varar por terra as Embarcações, cujo laborioso trabalho se acabou com a noite, ficando tudo da parte do dito Salto em uma Praia pequena que tem sua planície; este varadouro não é tão comprido como o outro de Avanhandava; mas é mais perigoso por ter muitas Pedras, suas covas, subidas, e descidas, aqui nos abriu uma Canoa grande pelo fundo a qual conduzia o Trem de El-Rei; passa-se este varadouro na mesma forma que o outro de Avanhandava, estivando-se o chão de madeiras para por cima delas passarem as Embarcações a força de braço, transportando-se tudo da parte de baixo do dito Salto. É este uma majestosa obra que fabricou a natureza, que causa adimiração; sua figura é de um Círculo, e no meio pegado a ele um grandioso penhasco com muitos bancos de Pedra, o que tudo banha a monstruosidade de águas, que perpendicularmente caem por toda a sua circunferência; faz duas muito grandes cortaduras perpendiculares pelas quais se despenham outras tantas águas divididas com tal violência, e fúria, que faz abismar, levantando uma grossa neblina molha como chuva. É este Salto mais baixo que o outro de Avanhandava, mas é mais perpendicular, que olhando-se para ele causa medo, porque são tantas as figuras que formam as águas por toda a parte além de sua grande bulha, que se assusta a gente, e fazendo sol se vê continuamente o Arco-Iris por causa da neblina que levanta; tem embaixo onde as águas se ajuntam, um grande lago, o que é impenetrável pelos grandes Redemoinhos, e ondas que metem medo, sua altura é grande, tem no meio deste Lago três montes emparelhados, que parecem três Pirâmides, ou Peninsulas, e estas cheias de ervas e suas árvores que fazem uma agradável vista: Neste grandioso Lago se pescam grandes

Dourados, Pacus, e outros peixes, aqui gastamos todo este dia, e a noite de seis para sete de Maio.

Dia 7 de Maio

Amanhecendo este dia logo cuidamos em carregar as Embarcações, e depois descansar a gente algum tempo ficando mais aliviados dos trabalhos deste Rio, e daqui ao Rio grande Paraná é muito perto, sem embaraço de que ainda tem seus perigos, embarcando tudo na forma dita navegamos e ainda encontramos duas Itaipavas pequenas, continuamos navegando duas grandes voltas de Rio, e chegamos ao seu fim o qual desaguando no Paraná faz uma Ilha na ponta da margem direita, a qual se chama a Ilha de Pernambuco, é pequena, banhada da parte de Norte com um braço do Rio grande, e da outra margem sai o Tietê fazendo da parte esquerda uma ponta muito aguda, cuja é banhada de uma banda, do Rio Tietê, e da outra do Rio grande Paraná sobe do Norte; aqui chegamos às duas da tarde, navegando este dia por tempo de hora, e meia, em o qual andamos légua, e meia, e aqui se concluiu a navegação deste Rio, que tem de curso desde Araraitaguaba até este lugar, Cento, e trinta léguas, e meia, quarenta, e seis Cachoeiras, e Itaipavas, e démos fim a tantos perigos, tantos trabalhos, tanto sofrer de insetos, e bichos, e chegamos vinte, e cinco dias de viagem a entrar no Rio grande de Paraná de cuja navegação ao diante darei notícia.

Nomes das Cachoeiras que passamos neste Rio Tietê traduzidos em Português

	Nomes das Cachoeiras		Tradução
1	Cachoeira	Avaremanduava	Onde foi a pique um jesuita (1)
2	"	Itanhaém	Pedra que fala
3	"	Ixaxeririca	Água que ferve
4	"	Itagaçava	Lage que atravessa o Rio
5	"	Pirapora	Onde saltam os peixes
6	"	Bujuiquara	Buraco de cobra
7	"	Dianguá	Pilões
8	"	Itapema	Pedra quebrada
9	"	Dugarcia	Perdeu-se este homem nela
10	"	Matias Peres	Perdeu-se este homem nela
11	"	Itabucava	Pedras de espingarda
12	"	Ipicu	Estirão comprido
13	"	Putunduva	Onde a vista se faz escura
14	"	Ibauru-guaçu	Onde se perdeu um guaçú grande
15	"	Barueri-mirim	Frutas Barueris pequenas
16	"	Barueri-guaçu	Frutas Barueris grandes
17	"	Guaimicanga	Ossos de velha

(1) Sic! (N. da R.).

		Nomes das Cachoeiras	Tradução
18	"	Avanhandava	Onde correm os homens
19	"	Bracaé	Escaramuça do Gato
20	"	Itupanema	Cachoeira falhada·
21	"	Yaivapiru	Mato seco
22	"	Icacoara-guaçu	Ondas grandes
23	"	Funil	Há duas deste nome
24	"	Vacurituba	Onde há Palmitos
25	"	Araçatuba	Frutas de Araçá
26	"	Araracanguara-mirim .	Cabeça de Arara pequena
27	"	Araracanguara-guaçu .	Cabeça de Arara grande
28	"	Itupeva	Cachoeira rasa
29	"	Anhangaratá	Canal do Inferno
30	"	Itupeva-mirim	Cachoeira baixa e pequena
31	"	Itupiru	Cachoeira baixa e seca
32	"	Itaipiranga	Pedra Vermelha
33	"	Itapura-mirim	Ponta de Pedra pequena
34	"	Itapura-guaçú	Ponta de Pedra grande

Estas são as Cachoeiras que passamos de maior perigo, além de outras que também são de perigo que abaixo declaro:

35	"	Decó	Da Roça
36	"	do Cubas	Perdeu-se este homem nela
37	"	Ivauru-mirim	Perdeu-se nela um baú
38	"	Sapetuba-mirim	Tetal pequeno
39	"	Cogoanhan	Congonhas
40	"	Jacará popira	Sobrancelhas de Jacaré
41	"	da Ilha	da Ilha
42	"	Cambalhetuba	Hastes de Flechas
43	"	Tambaí	Vaso de mer. cheio de água
44	"	Tambapiririca	Vaso de mer. que ferve
45	"	Cambagevóca	Cana rachada
46	"	Ituperava	Cachoeira da ferida

Este é o resumo das Cachoeiras deste Rio, e passo a dar relação do Rio grande Paraná.

Principia a navegação do Rio grande Paraná
em sete de Maio de 1769

É este Rio à semelhança de mar, e assim quer dizer grande Paraná, que em Português é o que mesmo grande mar, seu curso é mui dilatado que vindo de Guaiases Corre do Norte para o Sudoeste, que fazendo quase uma porção de Círculo se encaminha pelas sete quedas abaixo e

se vai meter no Rio da Prata, recebe em si Caudalosos Rios, o que faz que a sua largura seja em partes de mais de quatro léguas suas águas são pestitlentas, vermelhas, o Iludadas que por cima delas se encontram muitos castelinhos de espumas, uns amarelos outros denegridos, e outros brancos, pela superfície da água se encontra um laço à maneira de um pouco de Sabão dissolvido na água; seu clima é mui doentio e sujeito a sesões dobres, e malignas é mui triste e estéril de Pássaros, é abundante de imundícies, bichos e insetos; tem pelas suas margens por dentro dos matos Lagoas de duas, três e mais léguas, as quais se enchem no tempo das chuvas crescendo este Rio, e botando fora de sua madre, e depois abaixando ficam estas águas represadas, cheias de imundícies, bichos, e Caças mortas que apodrecendo tudo faz seu Clima ser doentio; tem muitas Ilhas, e algumas de quatro léguas de comprido não tem Cachoeiras, mas tem um grande perigo a que chamam Jupiau, do qual, darei adiante notícia; porém não tendo Cachoeiras não deixam os que por ele navegam de irem num continuado perigo, porque qualquer bafo de vento que faça levanta tais ondas e maretas que a toda a pressa é preciso fugir, embicar em terra desembarcar logo, e descarregar as Embarcações de toda a Carga, e isto se há de executar com brevidade porque do contrário ao pé do barranco do Rio se alagam e vão ao fundo.

Saimos do Rio Tietê a entrar neste Rio grande pelas duas horas da tarde, navegamos até um Rio achamos chamado Bacuriú, cujo é muito largo, fundo, tem boa água, e vem das Campanhas de Guiazes, sobe ao Noroeste, subindo por ele acima para procurarmos pouso para de noite e livrar-nos dos vapores maus do Rio grande, e das suas tormentas fizemos o dito pouso às três horas, e meia da tarde; dentro deste Rio subindo se achavam muitos Jacarés, e se mataram alguns, aqui navegando ficamos este dia hora, e meia em cujo tempo andamos légua, e meia, aqui ficamos a noite do dia sete para dia oito de Maio.

Dia 8 de Maio

Amanhecendo este dia, cuja noite passamos com muito trabalho pela razão do Gentio que freqüentemente cultiva este Rio; carregamos as Embarcações, embarcou a gente, mas não pudemos navegar logo pela muita neblina, levantada esta pelas oito horas, e três da manhã seguimos nossa viagem pelo Rio grande abaixo, e como nos ficava um grande perigo que passar, o qual é o Jupiau acima dito. No meio deste grande Rio Paraná há um só Rodamoinho em porção circular, o qual alcança de uma margem a outra, que andando continuamente as águas em volta, são tais as ondas que causam medo; além disto, no centro deste Rodamoinho tem como um sorvedouro, que embebendo em si todas as águas deste Rio por quase o espaço de meia hora as torna a vomitar lançando-as fora, e agora que as águas saem para fora, torna a formar novas ondas tão precipitadas, e com tanta fúria que tornam de repente a crescer as mesmas águas; e assim continuamente estão estas águas nesta paragem à maneira de um homem que respira; bem entendido que o

maior perigo é quando chupa, porque apanhando uma Embarcação, ou outra qualquer cousa a faz andar à roda, e em um momento a atrai a si, que sendo Embarcação a faz precipitar ficando a popa no ar, metendo-se a proa pelas águas abaixo donde não torna a aparecer: Chegando nós a este perigo, e como quisesse o nosso Guia desviar-se passando pela parte do nascente por não se encostar a este perigo, e fazendo assim quando nos não precatamos, as águas nos levavam para ele; nesta aflição querendo o nosso Guia desviar a Embarcação por entre Pedras, deu esta com a proa uma grande pancada em uma Pedra, que fez cair o Guia na água, e ficando assim a Embarcação sem Piloto, nem governo porque os mais se atemorizaram atravessou, e vindo sobre ela todas as outras Embarcações a precipitar-se, cada uma se salvou, e segurou conforme pode, e Deus foi servido, e nós muito assustados, e o nosso Guia com poucas esperanças de vida que foi Deus servido livrar-nos de um tão grande perigo; isto suposto tomando a corda o Guia tornou a Embarcar, e animando a gente se endireitou a embarcação, saltando todos sobre uma grande Pedra que estava na água para assim se aliviar a Embarcação, e se poder desencalhar; porém a poucos passos nos achamos em cima de um baixio sem saberem os Pilotos que caminho haviam de tomar, apareceu este baixio por haver absorvido as águas o dito Jupiau: e assim encomendando-nos a Nossa Senhora foram crescendo as águas outra vez, e fomos saindo com muito trabalho, susto, e perigo; aqui saiamos de um perigo, acolá encalhavamos em outro, enfim foi este dia o de mais susto: Tem este Rio grande em este lugar quase três quartos de légua, e fica este Rodamoinho abaixo do Rio chamado Bacuriú passado este perigo seguimos nossa viagem, e passamos por uma Itaupava grande cuja é a Cauda do Jupiau, passamos, e logo demos com uma Ilha chamada a Ilha comprida cuja é larga em partes, e tem de comprido duas léguas, e meia banhada do Rio grande que a cerca por um e outro lado, aqui tem de largo este Rio de parte a parte mais de uma légua; quase na ponta desta Ilha, jantamos, e foi a hora, e meia da tarde, saimos pelas duas e fomos a fazer pouso para de noite dentro em um Rio pequeno que sobe ao nascente chamado Aguapeí e foi às quatro horas da tarde, depois de roçado o mato acomodada a gente saí em uma Canoinha a ir ver uma grande lagoa que fica dentro deste Rio para a parte esquerda perto da margem do Rio grande, cuja lagoa é quase redonda, e tem a sua água sempre coberta de umas ervas chamadas Aguapés, as quais se criam sobre a mesma água; levei comigo um Índio de nação Bororó o qual nos disse que naquela lagoa e outras havia canoas que dentro tinham Pérolas, isto suposto chegamos à dita Lagoa, e o dito Índio mergulhando ao fundo demorando-se bastante tempo surgiu com uma concha na mão, a qual não trazendo as ditas Pérolas mostrava os Sinais onde as Criou, e se contavam nove desde a maior até a mais pequena, quis mergulhar segunda vez o Índio o que não consentimos, temendo algum Jacaré, ou Sucuri que o tragasse, e assim tornamos para o nosso pouso navegando este dia por tempo de seis horas, e um quarto em o qual andamos seis léguas e meia e aqui ficamos a noite do dia oito para o dia nove.

Dia 9 de Maio

Amanhecendo este dia embarcando tudo saimos pelas oito horas, e meia da manhã fomos navegando passamos por uma Itaupava com seu perigo, e daí fomos Rio abaixo achamos uma grande largura de Rio com muitas Ilhas pelo meio, umas grandes, e outras pequenas, as quais estão cheias de grossas árvores; estas Ilhas estão todas banhadas de água, cuja correnteza é mui serena, e são tantas as Ruas de água que formam direitas cortando umas às outras que quem entrar lá dentro se não for bom prático não será fácil o sair para fora, porque querendo eu ir vê-las atravessando de umas a outras disse-me o Guia se não metia nisso, porque não sabia o que lá ia por dentro, e assim se chama a esta paragem, as muitas Ilhas seguimos nossa viagem passamos pela Barra do Rio Verde que sobe ao Es-noroeste, e vem das campanhas do Gentio Caiapó: Defronte à Barra deste Rio há duas Ilhas compridas que dividem o Paraná em três partes a fio da água, daqui fomos jantar a uma Praia à beira do Rio a qual é toda cheia de Pedrinhas redondas, e miúdas, e algumas transparentes, seguimos nossa viagem sempre por estirões de água com grande largura, e comprimento, e fomos a fazer pouso para a noite em uma Ilha que fica no meio do Rio para a parte de poente, e aqui ficamos esta noite no meio desta Ilha até o dia por tempo de sete horas em o qual andamos sete léguas fizemos pouso às quatro horas e meia da tarde, e aqui ficamos a noite do dia nove para o dia dez.

Dia 10 de Maio

Amanhecendo este dia embarcamos saindo às sete horas e meia navegando Rio abaixo passamos por um Ribeirão chamado Ivupiran, que fica para a Campanha do Caiapó, seguimos, e fomos a outro Ribeirão que fica na mesma margem chamado a Orelha da Onça, cujo fica na entrada de uma grande volta que dá o Rio grande Paraná; daí seguimos atravessando o Paraná para a margem direita, fomos a jantar; saimos desta paragem, e navegamos passamos por muitas Ilhas e grandes estirões de Rio com muita largura, e navegando chegamos à Barra do Rio Pardo pelas três horas, e meia da tarde, e aí ficamos navegando este dia por tempo de sete horas; em o qual andamos sete léguas; entrando dentro deste Rio pousamos na sua margem da esquerda, sua Barra é larga sobe ao Noroeste, suas águas são boas, vem este Rio da paragem chamada Camapoã, sobe-se em dois meses, desce-se em cinco dias na Barra tem pouca correnteza mas para cima é mui empinado, e tem muitas Cachoeiras; aqui neste pouso achamos Cartas de uns Cuiabanos, que tinham passado, as quais se costumam deixar dentro em uma cava que se faz de uma grossa árvore, que metendo-se-lhe dentro as Cartas ficam guardadas, de sorte que outro viandante, que passa as conduz; neste pouso ficamos com Sentinelas toda a noite alerta por Causa do Gentio, e assim amanhecemos o dia onze.

Dia 11 de Maio

Amanhecendo este dia logo pela manhã embarquei em uma Canoinha com alguns Soldados, e Francisco Pais em outra com o Tenente de Aventureiros Bento Cardozo, e fomos a explorar o Rio grande, uns para a parte do nascente, e outros para a parte do poente indo desencontrados; à beira do Rio em distância de uma légua achamos um Rio que fica da outra margem do Paraná, quase defronte ao Rio Pardo com boa água; sua largura, e fundo, que sobe a Les-sueste e vem das Campanhas da parte de Sorocaba, a este Rio chegamos dia de Santo Anastácio, subindo Francisco Pais por ele acima mais de uma légua, disse ser o Rio até onde subiu, fundo e lhe parecia ser, todo navegável, daqui voltamos para baixo e achamos uma Ilha no meio do Rio grande, desembarcamos nela achamos ser uma grande Praia de areia com algum matinho pequeno, e passando por esta Ilha, achamos enterrado na areia quantidade de dúzias de ovos dos tais bichos chamados Javotins, aqui rodeamos esta Ilha e subindo da parte do poente embicamos em terra na margem do Paraná, saltando em terra Caminhando pelo mato dentro em distância de cinqüenta passos achamos uma grandiosa Lagoa, a qual me pareceu ser permanente em todo o tempo por ter seu Sangradouro que continuamente corre a cair no Paraná, tem esta Lagoa muita Caça de Antas, Capivaras, Patos, Peixe, é muito comprida, que acompanha ao Rio grande em distância, mais de duas léguas, aqui jantamos, e esperamos pelo Tenente Bento Cardozo, que tinha ido explorar esta Lagoa, voltou, e disse ser funda, e com grande extensão, e nesta demora, matamos uma Anta, e apanhamos Cinco Patos, que conduzindo-os para o Pouso serviram para, os doentes, e como se nos vinha avizinhando a noite, partimos para o nosso pouso da Barra do Rio Pardo, onde estava toda a expedição falhada; chegamos ao nosso pouso, e achamos uma grande Campanha coberta de macéga alta a cuja se lhe lançou fogo, que ardeu por tempo de três dias, e daí a muito longe se via continuar o mesmo fogo, aqui ficamos a noite do dia onze para o dia doze.

Dia 12 de Maio

Em este dia de madrugada nos pariu neste pouso uma mulher casada, um menino macho, aqui se lhe acudiu conforme pôde ser, e permitia a ocasião; antes de romper o dia nos embarcamos em uma Canoa Bento Cardozo em outra, e Francisco Pais em outra, ficando falhada a expedição, e Francisco Pais foi outra vez a explorar o Rio que se descobriu ontem, dia de Santo Anastácio, entrar por ele acima, e ver até onde dava navegação; eu, e Bento Cardozo fomos a ver a melhor paragem da Ilha que fica no meio do Paraná fronteando a Barra do Rio Pardo, e fomos vendo tudo como no dia antecedente; e com efeito não achamos outra paragem com mais Capacidade para passagem de animais Cavalares do que esta, em razão de ter uma lingua de Praia de areia muito comprida

que faz com que fique desta parte o Paraná com pouca madre, em tempo de seca; examinamos isto, e daí fomos ver uma Lagoa mais pequena que a outra que vimos, que fica na margem oposta ao Rio Pardo, e chegando a ele era mais pequena que a outra, mas mais temida, não mostrava ter Caça alguma; sua paragem fúnebre, e a água denegrida: Mandamos mergulhar nela dois índios os quais duvidaram dizendo que ali nunca entrou ninguém, e com efeito sempre se meteram na água até o pescoço; mas como era muito funda não só temeram a fundura, como alguma Sucuri, ou Jacaré que os apanhasse, com efeito sairam os homens, e ao sair vimos que por debaixo da água havia grande movimento dos tais bichos, fomos depressa embarcar, e navegamos para o nosso pouso, e Bento Cardozo que andava pela outra margem do Rio foi por terra pela queimada saia aonde estava aquartelada a expedição; em este mesmo dia de manhã se botou uma Bandeira de homens para a Campanha do Rio Pardo a ver se esta era dilatada, e com ordem para atacar fogo em toda a parte dela, sairam os homens que foram explorar a dita Campanha, os quais foram o Tenente de Aventureiros Filipe Fogassa, o Sargento José da Silva, e dez homens que os acompanhavam esperando também este dia por Francisco Pais, que tinha ido explorar o curso do Rio que achamos dia de Santo Anastácio: Aqui se passou a noite no mesmo pouso do Rio Pardo com toda a expedição do dia doze, pelo o dia treze. Faziam-se estas diligências a fim de se descobrir Caminho por terra da Povoação do Guatemi até este Rio Pardo, e daí atravessando o Paraná a outra margem por donde foi Francisco Pais a ir sair por terra a Sorocaba, evitando-se desta sorte a navegação de tão perigosos Rios; chegou Francisco Pais às nove horas da noite, e disse, ter subido o Rio até onde pode, e que em todo ele achava navegação com mostras de Campo perto, que supunha passar êste Rio, por Campanha; com esta notícia ficamos certos que por ali havia entrar o dito Francisco Pais a vir sair a Sorocaba.

Dia 13 de Maio

Em este dia pela manhã se dispuseram várias coisas para Francisco Pais entrar no Sertão por terra abrindo o caminho para sair a Sorocaba, e como a este tempo nos achavamos embarcados por conta de um Cuiabano Luís de Araujo Coura que seguia com seu negócio para o Cuiabá o qual pretendeu acompanhar-nos e ir para aquelas Minas rompendo pela Povoação de Guatemi, por onde nunca ninguém foi, nem pode ir, e encarregando-se o mesmo, da Canoa que conduzia a Artilharia, e mais Trem que ia para aquela dita Praça, como com efeito foi, e o que sucedeu na degreção deste homem ao diante darei notícia; esperavamos por este homem havia já três dias, e não nos aparecia, pois tinha bastante tempo de chegar a esta paragem do Rio Pardo, pois nós o haviamos deixado na Cachoeira de Pirapora; e como se ia estendendo o tempo, os mantimentos nos iam faltando determinamos ficarem nesta paragem esperando por ele dois Povoadores, Domingos Francisco, e Silvério Thomaz, com alguns Soldados, e que esperassem pelo dito Luís de Araujo por tempo de dez

dias, e caso não chegasse seguissem à nossa esteira para aquela Povoação; nisto sentamos, e se escreveram várias ordens a este respeito, e no entanto foi Francisco Pais deitar o fogo à Campanha da margem do Rio da parte do Sudueste, e nisto se levou todo este dia treze, e a noite para o dia catorze.

Dia 14 de Maio

Em este dia pela manhã se puseram prontas as Canoas em que havia ir Francisco Pais dar princípio à abertura do Caminho, e como até este tempo não tivesse chegado o dito Luís de Araújo que conduzia a Canoa do Trem o que nos dava grande cuidado, resolvemos novamente que não ficassem à espera dele os nomeados ontem, e ficassem, o Tenente Bento Cardozo esperando por ele por tempo dos ditos dez dias, porque como era seu Cunhado com melhor razão o havia de persuadir, que seguisse o Caminho por aquela Povoação como havia prometido ao dito General, e nisto ficamos acabando de aprontar as Embarcações, e os homens que haviam entrar no Sertão com Francisco Pais nisto se gastou este dia, e aqui ficamos até o dia quinze de Maio.

Dia 15 de Maio

Amanhecendo este dia se cuidou em dar as ordens parciais a Francisco Pais, e a sua gente para a boa companhia pelo Sertão, pronto tudo nos despedimos, uns dos outros com muitos abraços, e algumas lágrimas. embarcou o dito Francisco Pais com a sua gente atravessando o Paraná à outra margem a entrar pelo Rio que se havia explorado as suas Campanhas; isto acabado nos embarcamos ficando o dito Bento Cardozo esperando a Canoa do Trem. Deste Rio Pardo para baixo não há mais navegação se não a que se faz para aquele estabelecimento de Guatemi embarcamos às dez horas da manhã, navegamos pelo Paraná abaixo, passamos por muitas Ilhas atravessando para a margem oriental fizemos pouso para de noite em uma Ilha às cinco horas, e meia da tarde; e em este dia navegamos por tempo de seis horas, e meia em o qual andamos seis léguas e meia, e aqui ficamos nesta Ilha sofrendo muitos mosquitos, e insetos, a noite do dia quinze para o dia dezesseis.

Dia 16 de Maio

Amanhecendo este dia, embarcamos saimos pelas seis horas, e três quartos da manhã; aqui já levavamos muitos doentes navegamos, e às onze horas démos em uma grande Baía, que forma o Rio, quase redonda com uma Ilha no meio; aqui já vínhamos muito assustados por conta do tempo das mostras de haver vento, o qual neste Rio causa tais ondas, e maretas, que apanhando qualquer Embarcação ao largo, sem remédio a mete no fundo, ao que se acode correndo a toda pressa parra, terra, em-

bicar, descarregar as Embarcações de tôda a Carga, e assim mesmo ao pé do barranco do Rio vão ao fundo; e como não há muita comodidade para se fugir depressa destes perigos porque se encontram grandes paredões de Pedras perpendiculares ao barranco do Rio; com muito fundo, e altura babojando as águas neles; estas circunstâncias fazem com que se navegue com muito susto, e Cuidado; navegamos a toda pressa a amparar-nos na dita Ilha, e aí saltamos em terra, descarregamos as Embarcações, e aqui ficamos esperando amansassem as águas,e serenasse o Vento; daqui serenado isto despedimos uma Canoinha com um Soldado, e a gente de sua mareação a ir reconhecer um Rio, que aparecia na outra margem do Paraná, veio disse serem dois Córregos pequenos que subiam para a parte do Sueste; sossegadas as águas embarcamos passamos a dita Baía, e logo achamos uma Ilha, que passando por detrás dela era muito comprida, navegamos até as quatro horas, e um quarto da tarde, que indo procurar terra achamos um grande baixio de areia encalhando as Embarcações nele foi preciso saltarem os homens da mareação todos na água, e à força de braço arrastarem uma a uma indo toda a gente embarcada; saimos deste baixio, e fomos rodeando uma Ilha para nos servir de amparo caso houvesse tormenta de vento, chegamos e desembarcamos na dita Ilha ficando as Embarcações unidas, e presas umas às outras por conta das ondas, e maretas do Rio, navegamos este dia por tempo de nove horas em o qual andamos nove léguas, e aqui ficamos esta noite bem mal acomodados do dia dezesseis para o dia dezessete.

Dia 17 de Maio

Amanhecendo este dia embarcamos seguimos nossa viagem pelas seis horas da manhã navegamos com muito receio de algum temporal, e com efeito tendo navegado por tempo de duas horas nos veio apertando o vento, e não achavamos parte suficiente onde livrasse-nos das ondas; Corremos a toda a força embicamos em terra outra vez na mesma Ilha, foram engrossando os ares, aqui descarregamos logo as Embarcações em uma bem má paragem por ser o barranco alto, e com Pedras, e quis Deus quando chegamos a ele achamo-lo com lugar para Saltarmos, e desembarcar tudo ainda que com muito trabalho; porque a poucas horas infalívelmente nos perdiamos todos, porque levantando o vento de tal sorte, derrubou paus pelas margens deste Rio fazendo roçadas em grande distância o que é costume suceder com estes ventos: aqui estivemos de dentro do mato vendo as grandes ondas, e tempestade, que nesta paragem causam os ventos; duraram estes, mais de três horas, depois aplacando foram também aplacando as ondas, aplacadas estas Carregamos as Embarcações embarcamos, e fomos seguindo nossa vigem, e a pouca distância tornou a vir crescendo o vento, que nos foi preciso tornar a procurar terra; daqui era impossível o poder sair, nem parar sem que deixassem de se perderem algumas Embarcações; também não podiamos sair em razão de haver de se dobrar uma ponta de terra, que fazia uma grande ressaca nestes termos se resolveu o Piloto junto com outros a embarca-

rem-se em uma Canoa grande, e ir ver em que estado estavam as águas, e o vento, voltou, e disse embarcassemos depressa a procurar melhor pouso para se passar melhor a noite, e segurar as Embarcações de algum perigo, embarcamos com pressa seguimos a pouco tempo veio uma grande Chuva e Trovoada, que nos impossibilitou de podermos navegar mais, e foi Deus servido ficar-nos perto uma Ilha pequena que caminhando para ela a toda a pressa nos abrigamos descarregando-se as Embarcações, e metendo-se as mesmas por dentro do mato para assim escaparem das Ondas, que cada vez mais Cresciam aqui fizemos pouso para de noite, levando este dia em perigos e sustos, porque pelo Rio as ondas, e maretas, por terra os grossos paus que se desgalhavam, e caiam com o vento, além da formidável Trovoada que sofremos; aqui ficamos esta noite do dia dezessete para o dia dezoito, navegando este dia por tempo de duas horas, e três quartos, em o qual andamos duas léguas, e meia, aqui nos adoeceu muita gente além da que já traziamos doente, isto nos dava grande cuidado porque se nos ia demorando a viagem, e os mantimentos já poucos; aqui ficamos esta noite para o dia dezoito.

Dia 18 de Maio

Amanhecendo este dia estivemos em dúvida de seguir viagem porque como toda a noite choveu, tudo se achava molhado, e os homens da mareação cansados, e fracos de uma jornada tão trabalhosa, e ar turvo prometendo grande tempestade, contudo como as águas estavam já mais quietas, nos dava Cobiça não perdermos viagem, embarcamos com algum receio, às oito horas, e um quarto da manhã navegamos passando por uma Ilha a fomos costeando para a parte de Leste, a chegarmos à Barra do Rio Paranapanema que quer dizer em Português, Mar falhado sobe ao Nordeste, e muito largo, e fundo sua água boa; de fronte a sua Barra fica uma grande Ilha que tem mais de uma légua de comprido e na boca de sua barra fica uma Ilha pequena de areia, que faz dividir este Rio em duas Barras; subimos um bocado de Rio acima para irmos procurar pouso para de noite, sentimos que pelo Rio abaixo vinha um grande rumor fugindo a toda a pressa, e nos escondemos dentro nas Embarcações por detrás da dita Ilha de areia que fica na boca da Barra deste Rio, e aí esperavamos de ver qual era a Causa de tão grande rumor, a poucos instantes, vimos que aquele grande Rio vinha coberto de grossas árvores, e grandes madeiras, que a tempestade de ontem havia arrancado cujas árvores, e paus se precipitavam com a correnteza de tal sorte que embrulhando-se umas com outras causava uma bulha, que metia medo; aí estivemos vendo passar esta monstruosidade de madeiras mais de uma hora, e dando graças a Deus de termos escapado daquele perigo, porque se nos apanhasse dentro do Rio despedaçando-nos as Embarcações uma só pessoa não escaparia; passado isto subimos o dito Rio, e fomos a pouca distância saltar em terra para descansar a gente, comerem alguma coisa tratar-se dos doentes; embicamos na margem deste Rio da Parte

do Norte depois de descansarmos seguimos nossa viagem, e passamos por uma Ilha encostada à margem Oriental do Paraná, em a qual encontramos um grande número de Lontras com seus filhos, que com meio corpo fora da água tão bravas nos investiam às Embarcações fazendo uma gritaria, que pareciam gaitas; são estes bichos à semelhança de Cachorros, e atirando-se-lhe alguns tiros, mergulham todas; porém logo surgiam a perseguir-nos com a mesma cantiga; fomos continuando nossa viagem a procurar uma Ilha grande, e comprida, que viamos ao longe; chegamos a ela às quatro horas da tarde, navegando este dia por tempo de seis horas, e um quarto; chegando a esta Ilha ao ponto que embicavamos em terra nos apareceu um grandioso Jacaré, que para se matar foi preciso levar seis tiros, de bala, saltamos em terra, e aqui pescamos alguns Jaús, que são peixes grandes; aqui ficamos a noite do dia dezoito para o dia dezenove navegando este dia seis léguas.

Dia 19 de Maio

Amanhecendo este dia embarcamos às seis horas, e meia da manhã e fomos navegando e passamos por muitas Ilhas chegamos a um Rio que sobe ao Norte com a sua água bastantemente denegrida, disseram os práticos não sabiam daquele Rio, a sua entrada fúnebre, e na mesma tem seus Limoeiros, e laranjeiras, aqui nos aproveitamos desta providência principalmente dos Limões azedos, que de muito nos serviram, para a cura dos doentes, principalmente os que já iam tocados de corrução, e como nos não podiamos demorar a examiná-lo voltamos para trás depois de entrarmos nele, seguimos nossa viagem passando sempre muitas Ilhas, umas grandes, e outras pequenas, avistamos três montes da parte do Sul Rio abaixo, como nós vinhamos da margem Ocidental não foi possível, por mais diligência que fizemos passar para a outra margem, pelos muitos baixios, e grandes Ilhas que estão pelo meio do Paraná, não podendo vencer isto seguimos nossa viagem, passamos por um Ribeirão chamado Amambaia-mirim, o qual dá navegação sobe ao Norte fica da margem Ocidental do Paraná, seguimos viagem, e fizemos alto em uma Ilha para jantarmos, saimos e continuamos viagem, a pouco tempo nos veio um grande vento Sudeste que nos obrigou a procurar terra, e com efeito embicamos para nos livrarmos das ondas deste Rio, e isto foi às três horas da tarde, aplacando o vento saimos pelas três e meia, seguimos nossa viagem a procurar pouso para de noite, que fosse abrigado, para passarmos a noite, livrando-nos das ondas deste Rio, chegamos em uma Ilha, e nela achamos um lugar que por remédio se tomou, por não haver outra paragem melhor, cheio de muitos espinhos, e mosquitos aqui ficamos navegando este dia seis horas, e um quarto, em cujo tempo andamos seis léguas, e meia, e aqui ficamos a noite do dia dezenove para o dia vinte.

Dia 20 de Maio

Amanhecendo este se embarcou tôda a gente, e largamos esta Ilha ao sair da Lua, porque ninguém podia parar com mosquitos em tanta quantidade se formavam nuvens, e estes de todas as Costas, saimos fazendo uma pequena bafagem de vento, e como ainda não era o Sol fora faziamos conserva uns aos outros falando de umas Embarcações para as outras até que amanheceu o dia claro sempre navegando com nosso receio, passando por muitas Ilhas chegamos a um Rio chamado as três Barras porque forma ao entrar no Paraná três bocas; daí seguimos sempre por Ilhas passamos pelo Rio chamado Mambaia grande que sobe ao poente nas Cabeceiras deste Rio tem um Alojamento de Gentio seguimos nossa viagem e fomos a fazer pouso para a noite em uma Ilha no meio do Paraná navegando este dia por tempo de nove horas, e meia em o qual andamos nove léguas, e aqui ficamos a noite do dia vinte para o dia vinte e um.

Dia 21 de Maio

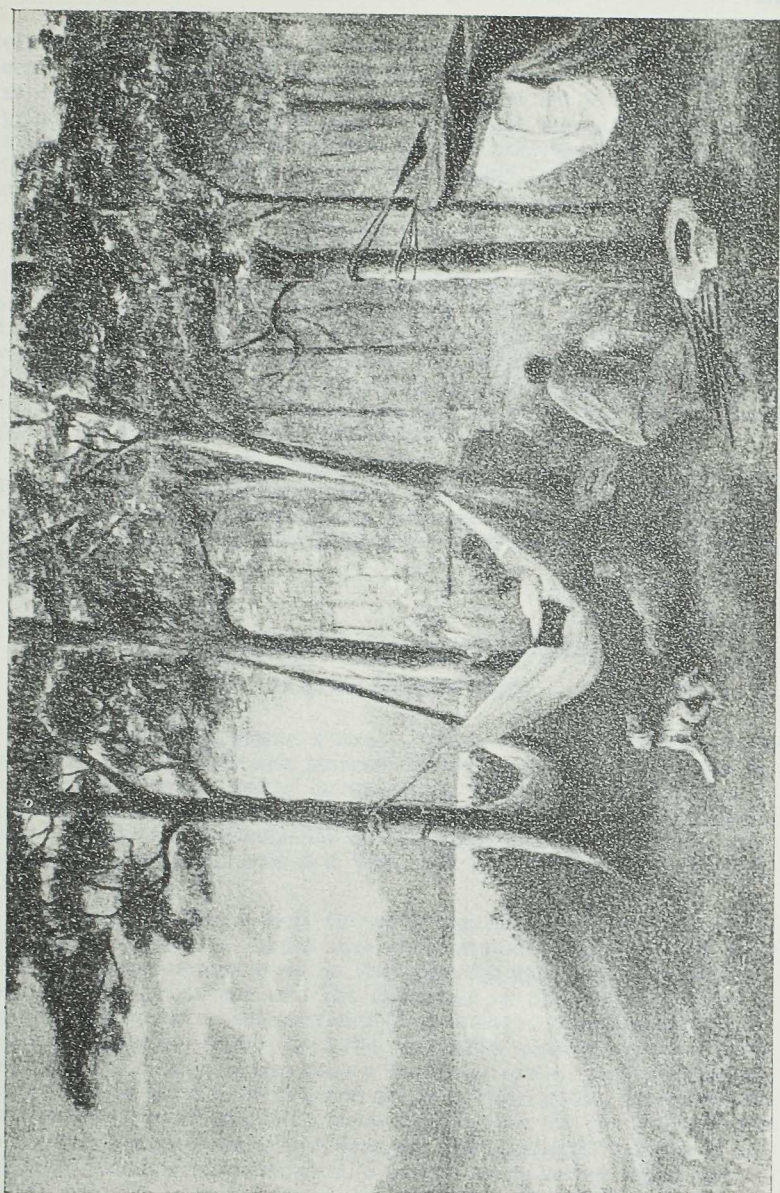
Em este dia de madrugada nos faleceu uma mulher Solteira filha de um Povoador, a qual metendo-se dentro em um Caixão que tinha servido de toucinho, enchendo-se de terra embarcando-se em uma Embarcação para ir enterrar na Barra do Rio Gatemy, que não ficava já muito longe para lhe mandarem buscar os Ossos, e trasladados a seu tempo para a dita Povoação, tudo isto a requerimento do Pai, e da Mãe a quem era preciso satisfazer-se, assim embarcamos com a defunta, seguimos nossa viagem pelas seis horas, e três quartos da manhã, navegando pouca distância nos veio crescendo o vento, que nos obrigou a procurar terra, navegando ao pé da margem Ocidental do Paraná passamos por umas Ilhas depois seguiam-se pelo barranco do Rio umas terras altas da mesma banda Ocidental; seguimos e mais adiante nos fica uma lagoa à beira do Rio, depois continua a terra alta, aqui nos apertou o vento que nos obrigou a tornar para terra; parecendo-nos tinha aplacado o vento porque estavamos abrigados a uma Ilha, largamos e logo que saimos nos tornou a vir tão grande vento, e a toda a pressa tornamos a ir para terra, e como as ondas se fossem aumentando, não houve tempo de se procurar bom lugar, a todo o risco embicamos por baixo de um mato de Figueiras bravas, e a toda pressa descarregamos as Embarcações, mas não foi esta bastante, que sempre se alagaram duas; porém como estavamos ao pé de terra não perigou ninguém, aqui estivemos durante o vento até às três horas da tarde, e como este fosse abrandando seguimos nossa viagem com muito susto, e perigo, e como tinhamos de sair ao largo em razão de se irem acabando as Ilhas teimou o vento voltamos para trás a ir procurar uma Ilha para nela pousarmos a noite, neste regresso tivemos um susto porque nos encalhou uma Canoa em cima de uma Pedra a mesma onda a botou fora deste perigo, aqui fizemos pouso para de noite às quatro horas da tarde navegando-se este dia por tempo de cinco horas,

e meia, em o qual andamos cinco léguas, e meia, e aqui ficamos a noite do dia vinte, e um para o dia vinte, e dois. Nesta altura já se não perdoava, a Macaco, Capivara, ou outro qualquer bicho, para se comer, porque a ração se diminuia, e a fome apertava, a farinha já ia corrupta pelas umidades, e essa pouca, o feijão também pouco, podre, e já nascendo por conta das muitas umidades, toucinho quase nenhum; nestes termos, além de tantos enfermos que já tinhamos cuidavamos em abreviar a jornada.

Dia 22 de Maio

Logo que amanheceu este dia embarcamos pelas seis horas, e três quartos, navegamos, e era forçoso sair ao largo do Rio, e como temessemos o vento navegamos um pouco logo veio vindo o vento mais forte que os outros dias, abrigamo-nos em uma Ilha contra o vento o qual crescendo cada vez mais, todo o dia até as quatro horas da tarde que saiu o Guia em uma Canoinha ao largo a ver se se poderia navegar. Voltou, e disse não se podia navegar porque fazia lá fora grande vento, e grandes Ondas, que fizessemos pouso, assim se fez, e como não houvessem nesta paragem, lenhas para se aquentar a gente, Cozinhar-se, se mandou uma Canoinha a outra parte a buscar lenha a todo o risco, e aqui ficamos com bastante sentimento porque se aumentava a viagem, a fome, e a falta do necessário para a Cura dos doentes, que iam bem desfalecidos; em este dia navegamos por tempo de uma hora, e um quarto em o qual andamos uma légua, aqui ficamos a noite do dia vinte e dois para o dia vinte e três.

Dia 23 de Maio

Este dia amanheceu muito pior, que os outros dias em razão de fazer muito vento, e as ondas levantadas prometendo grande tempestade, e assim estivemos até as onze horas da manhã tempo em que serenava alguma coisa o vento, e como assim fosse nos pareceu poderiamos seguir nossa viagem, jantamos, e logo a toda a pressa embarcamos, isto executado o vento outra vez como de antes, e de pior parte por ser pela proa vimos que não se podia seguir viagem, tornamos a desembarcar, e vendo que seria útil mandar alguns homens à Caça, e outros à pesca, para se remediarem as necessidades que já se sofriam principalmente os doentes que se achavam bem desfalecidos; sairam dois Batelões, um à Caça, e outro à pesca pelas duas horas, e meia da tarde, indo também o Guia a ver ao largo em que estado estavam as águas voltando disse não estavam Capazes de se fazer viagem de forma alguma, com esta resolução determinamos ficar para o outro dia; aqui ficamos, e chegando os caçadores trouxeram dois Veados, uma Anta, três Jacutingas, dois Dourados grandes, e um Jaú também grande, chegado este presente que veio do Céu se repartiu por todos os mais necessitados principalmente os doentes reservando-se alguma Carne para o dia sucessivo para os mesmos doentes; aqui entraram a tomar agouro quase todos os Povoadores, e homens da marinha, que o não abrandar o vento, e andarmos com tantos trabalhos

Monção abicada para o repouso noturno — Original de Hércules Florence — (Galeria do Museu Paulista)

era a Causa, o defunto que ia no Caixão para se enterrar no Rio Gatemi como requereram seus Pais, e que isto era a causa da nossa demora que se enterrasse naquela mesma Ilha, logo chegou um Povoador dos mais principais que ia na Canoa onde ia a defunta requereu junto com os mais se desse Sepultura ali mesmo, o que se executou bem contra a vontade dos Pais aqui ficamos a noite do dia vinte, e três, para o dia vinte, e quatro.

Dia 24 de Maio

Em este dia às quatro horas, e meia da manhã nos dispusemos para embarcar como com efeito embarcamos inda o tempo estava muito turbado quisemos aproveitar a madrugada que era costume não fazer vento; com efeito saimos, navegamos com felicidade, chegamos à Barra do Rio Gatemi às oito horas e meia da manhã concluindo-se aqui a navegação deste grande Rio Paraná; em este dia navegamos até esta Barra por tempo de três horas em o qual andamos três léguas.

Tem este Rio Grande Paraná de Curso desde a Barra do Tietê até a Barra do Rio Gatemi setenta léguas, e três quartos, seus perigos bichos, e insetos já ficam acima explicados, como também os Rios que em si recebe; e aqui finda a degreção deste Rio, e darei princípio à navegação do Rio Gatemi.

Principia o Diário da navegação do Rio Gatemi em 24 de Maio de 1769

Sobe este Rio ao poente, é largo, e fundo na sua entrada suas águas são boas, são bordadas suas margens de muitos palmitos, corre com sua violência tem muitas voltas no seu Curso para a direita, e para a esquerda, tem suas Cachoeiras perigosas das quais ao diante darei notícia suas vertentes são da Campanha de Gatemi, a Barra deste Rio fica pouco acima das Sete quedas sobe-se a Vara, não tem peixe, mas seus ares são alegres.

Chegamos à Barra deste Rio como fica dito em 24 de Maio pelas oito horas, e meia da manhã com muito trabalho, mas foi uma geral alegria por nos vermos livres do Paraná, e das suas pestilentas ondas, e perigos; navegamos por este Rio acima até as onze horas, e meia da manhã embicamos ao seu barranco para jantar, e descansarmos de tão laborioso trabalho, saimos de tarde navegamos seguindo muitas voltas, umas para a direita, outras para a esquerda, sobe-se com trabalho por ser à força de braço o que faz com que se navegue pouco, navegamos até as cinco horas e um quarto da tarde andando este dia por tempo de seis horas, três léguas, e meia, aqui ficamos; desembarcando a gente se derrubaram palmitos para comerem, e por ali se devertiam todos, uns colhendo palmitos, e outros frutos dos mesmos, e aqui ficamos a noite do dia vinte, e quatro, para o dia vinte, e cinco.

Dia 25 de Maio

Em este dia pela manhã saimos e navegamos Rio acima passamos por uma Itaipava, que nos custou a subir, acima desta Itaipava estava uma Prainha em a qual nos estava vigiando uma Onça de extraordinária grandeza, sentada lambia a mão, e esfregava as barbas à maneira de um gato não fazendo caso do rumor das Embarcações, nem da gente se deixou estar olhando para nós a isto um Soldado apontando a Arma lhe atirou com bala, não soubemos se foi ferida, e que vimos foi, que ao estrépido do fuzil deu aquele bicho grande pulo e entranhando-se pelo mato dava grandes urros; fomos seguindo nossa viagem embicamos para jantar, e depois seguimos nossa viagem achando sempre o Rio com a mesma largura, e fundo embicamos em terra para passar a noite às cinco horas, e três quartos da tarde navegando este dia por tempo de sete horas, e três quartos, em o qual andamos três léguas, e meia, e aqui ficamos a noite do dia vinte, e cinco para o dia vinte, e seis.

Dia 26 de Maio

Este dia pela manhã embarcamos às sete horas, e meia, fomos subindo este Rio passamos por algumas Pedras, e por uma correnteza de Pedras muito arrebatada, daqui fomos subindo com muito trabalho, passamos por grandes paredões de Pedras, na beira deste Rio da parte direita, achamos um Corregozinho da mesma banda, mais acima fica o Campo abeirando o Rio, e como nos fosse anoitecendo aqui fizemos pouso para de noite, aqui chegou a Canoa do Trem com Luís de Araújo o qual nos tinha ficado da Cachoeira de Pirapóra, aqui nos encorporamos todos fizemos pouso para de noite às cinco horas da tarde, navegando este dia por tempo de seis horas e três quartos em o qual andamos três léguas, e meia, aqui ficamos a noite do dia vinte, e seis para o dia vinte, e sete.

Dia 27 de Maio

Amanhecendo este dia saimos pelas oito horas da manhã, aí nos principiou a chover, fomos seguindo viagem achamos sinal, de que por ali havia andado gente no dia antecedente, porque em uma Prainha achamos pendurado em uma haste de Flecha um pedaço de Carne de Porco do mato, supusemos ser gente da Povoação, que por ali nos esperasse, porém não era, era Gentio, que nos andava espreitando, subimos demos com um Rio chamado a Forquilha, que também vem das Campanhas do Gatemi sobe à direita; daqui fomos a procurar pouso para de noite que foi às quatro horas e um quarto da tarde, navegando este dia por tempo de sete horas em o qual andamos três léguas, e três quartos, e aqui ficamos a noite do dia vinte, e sete para o dia vinte, e oito.

Dia 28 de Maio

Amanhecendo este dia levando toda a noite com chuvas, trovões esperamos que concertasse o tempo, achamos todos molhados, e outros nus que despiram as roupas por muito molhados saimos a continuar nossa viagem às nove horas, e meia da manhã navegamos até a hora, e meia da tarde a pouco tempo nos veio uma tão grande tempestade de chuvas, relampagos, e trovões tão arrebatados com tanta violência, que parecia o fim do mundo, com isto embicando em terra juntando-nos todos se entoou a Ladainha de Nossa Senhora, aqui ficamos sofrendo esta tempestade até de noite navegando este dia, por tempo, de quatro horas em o qual andamos duas léguas, aqui ficamos a noite do dia vinte, e oito para o dia vinte e nove.

Dia 29 de Maio

Amanhecendo este dia, cuja noite passamos tão mal sem sair fora das Embarcações à chuva sem dormir, nem comer porque se não pôde acender fogo tremendo tudo com frio, veio a manhã desejada, e como não tinhamos remédio, senão sair, navegando as seis horas, e meia da manhã alimpou o dia saiu o sol foram todos enxugando a sua roupa indo quase todos nus; subimos passamos por uma Itaipava pequena, fomos seguindo encontramos uma quantidade de Porcos do mato que com os dentes faziam grande bulha embicamos em terra, e logo saltaram alguns caçadores, e com efeito mataram três, os quais se repartiram pelos doentes, seguimos Rio acima chegamos à Cachoeira chamada os três Irmãos, aqui ficamos porque já não havia tempo para se passar a Cachoeira; fizemos pouso para de noite navegando este dia por tempo de seis horas, e um quarto em o qual andamos três léguas e meia aqui ficamos a noite do dia vinte, e nove para o dia trinta.

Dia 30 de Maio

Amanhecendo este dia, se abriu picada por terra para passar gente, e as Embarcações se descarregaram de meia carga, e com os homens da Marinha nus passaram para a outra margem do Rio para passarem a Cachoeira que é muito perigosa, custou muito aos homens vencer este perigo pela muita violência das águas, porém à força de gente puxando as Embarcações por uma corrente de ferro, uma a uma que se acaso escapam tudo se perde, e faz em pedaços; terá esta Cachoeira, a distância de cem braças, e em passarmos as Embarcações por ela nos levou todo o dia sem se fazer outra coisa fomos pousar acima desta Cachoeira a noite do dia trinta e um de Maio; em um mato que achamos, denso e cerrado de Laranjeiras, e daqui em distância de cinqüenta braças nos ficava a terceira Cachoeira chamada o terceiro Irmão, não navegamos este dia mais do que as cem braças ditas acima, aqui ficamos a noite do dia trinta para o dia trinta e um.

Dia 31 de Maio

Logo que amanheceu cuidamos em passar as Embarcações pela dita Cachoeira as quais se passaram com muito trabalho, e durou de passar as Embarcações pelo Rio, e por terra a Carga, até uma hora e três quartos da tarde a cujo tempo partimos, e navegando Rio acima passando algumas Itaipavas, chegamos à cauda de uma Cachoeira chamada a Caveira, embicamos em terra às cinco horas da tarde, abriu-se picada pelo mato passou a gente, e fomos fazer pouso para de noite por cima desta Cachoeira, ficando as Embarcações da parte de baixo, navegando este dia por tempo de três horas, e três quartos em o qual andamos duas léguas, aqui ficamos bem mal acomodados a noite do dia trinta, e um de Maio para o primeiro de Junho.

Dia 1 de Junho

Amanhecendo este dia, pela madrugada se cuidou em descarregar as Embarcações, e passar as Cargas por terra, e depois os homens da Marinha vararem as Embacações por cima desta Cachoeira, que parecia impossível pela grande correnteza de águas, muitas Pedras, cujo trabalho é tão rigoroso, que se não pode explicar, neste trabalho se gastou todo o dia desde a madrugada até as três horas, e três quartos da tarde sempre com muita chuva; acabado ele aprontaram-se as Embarcações, embarcamos saimos por nos livrarmos do mau comodo em que estavamos, seguimos nossa viagem, e às cinco horas, e um quarto embicamos em terra para pousarmos de noite, navegando este dia por tempo de uma hora, e um quarto em o qual andamos uma légua, e aqui ficamos a noite do dia primeiro, para o dia dois de Junho.

Dia 2 de Junho

Amanhecendo este dia saimos pela manhã às sete horas, navegando Rio acima vindo já a gente da mareação muito fraca, e traziamos muitos doentes que já vinham as Embarcações sem ter quem as puxasse, aqui paramos repartindo-se alguns homens, que vinham fortes para outras Embarcações que não podiam navegar, por vir muito fraca a sua gente, e porque tinhamos que subir uma grande correnteza de águas, vencida esta (o que custou muito) vimos subir pelo Rio abaixo duas Embarcações que vinham da Povoação em nosso socorro, as quais traziam trinta, e tantos homens com o Capitão Mór Regente João Martins Barros, chegou a nós pela meia hora da tarde, ficamos muito contentes por vermos nova gente, que nos vinha socorrer, depois de tantos trabalhos, e necessidades, tantos dias de viagem por um clima tão pestilento; aqui nos saudamos com muita alegria, uns aos outros, e logo se repartiu a gente de refresco

pelas Embarcações descansando os miseráveis, que já não podiam mais trabalhar; estavamos determinados a ir dormir à Povoação das roças que estava à vista, mas o não podemos conseguir por passarmos uma correnteza de águas, que nos levou muito tempo, ficamos no mato esta noite que depois de arranchados pariu uma mulher suprindo a isto a providência de Deus, aqui ficamos, navegando este dia por tempo de cinco horas, e meia em o qual andamos duas léguas, passando a noite do dia dois para o dia três de Junho.

Dia 3 de Junho

Amanhecendo este dia se fortificaram as Embarcações com a nova gente, embarcamos, saimos às oito horas e meia navegamos muito pouco pela razão da grande Cachoeira, e correnteza de águas, que faz aqui o Rio, desembarcamos todos, passamos por terra para que as Embarcações passassem a Cachoeira chamada Urubu a qual fica no meio do Rio fronteando a Povoação das roças, é esta, muito trabalhosa no subir, aqui continuavam as chuvas, trovões, e contudo vencido isto chegamos à Povoação das roças à uma hora da tarde, aqui desembarcou a gente toda, homens, mulheres, e crianças, todos molhados das chuvas de dois dias, aqui nos recolhemos todos em uns Ranchos que estavam feitos, aqui ficamos navegando este dia por tempo de quatro horas, e meia em o qual andamos meia légua. Aqui ficamos a noite do dia três para o dia quatro e deste falhamos até o dia onze que sempre fez mau tempo por cuja razão não seguimos viagem para a Povoação, aqui se refrescou a gente porque já se achou milho, feijão, farinha, algumas hortaliças, abóboras, que tudo de antes se havia plantado, ainda que não era com a abundância, que se precisava para tanta gente, porém aqui descansaram todos por tempo de sete dias, e se tratou melhor dos doentes.

Dia 11 de Junho

Embarcamos este dia deixando ficar os doentes na Povoação das roças, e pelas dez horas da manhã saimos navegando por tempo de uma hora passamos uma Itaipava, e aí nos demoramos a esperar que passassem as mais Embarcações; chegou o Regente a dar algumas providências, fomos seguindo nossa viagem, e a poucas voltas do Rio encontramos outro socorro de gente, que vinha da Praça ajudar-nos a subir, repartindo-se os homens pelas Embarcações navegamos até às quatro horas, e três quartos da tarde, navegando este dia por tempo de quatro horas, e meia em o qual andamos duas léguas, e meia, aqui ficamos a noite do dia onze para o dia doze de Junho.

Dia 12 de Junho

Amanhecendo este dia, embarcamos pelas seis horas, e meia, navegamos com muita pressa pela razão de nova gente que nos socorreu; a

fim de nos alimentarmos para irmos dormir à Praça indo conosco o Regente, ao meio-dia embicamos para jantar o que fizemos; deixamos as outras Embarcações, e partimos pelas duas horas da tarde encontramos outro socorro de gente que espalhando-se pelas Embarcações vencemos este dia chegar à Praça à qual chegamos às sete horas da noite com muita alegria de todos dando muitos tiros correspondendo também da Praça com outros tantos de Espingarda, chegamos ao Porto do desembarque o qual é muito empinado, aí achamos o Capitão João Alves Ferreira, que nos veio receber ao barranco do Rio; desembarcamos todos, e entramos na Praça cada um se aquartelou por onde pôde, como ao diante darei notícia; navegamos este dia por tempo de onze horas em o qual andamos cinco léguas e aqui ficamos o dia doze, para o dia 13 de Junho, deixando o resto deste Rio para mais devagar dar notícia de sua navegação desta praça para cima, e aqui se conclui uma viagem tão impertinente, tão perigosa, e tão dilatada. Agora darei uma breve notícia desta Praça, sua construções, o Estado em que se achava, suas Campanhas, e todo o acontecido enquanto demorei nela.

É esta Praça situada sobre o barranco do Rio Gatemi o qual terá de largura oito braças, neste lugar, e daí para cima cada vez vai a menos até se perder na Campanha; delineou esta Fortificação o Capitão João Alves Ferreira, que para isso foi mandado pelo Conde da Cunha, Vice-Rei do Estado do Brasil: Foi delineada conforme a regra da Arte, sua figura era de heptágono tinha sete Lados; três Tenalhas regulares, e quatro irregulares; porém esta obra estava só principiada com terra, e faxinas, que não davam defesa alguma, porque se penetrava de dentro para fora, e de fora para dentro quase por toda a parte, e a razão disto, era o não haver com que se pudesse continuar a sua construção, porque não havia ferramentas, não havia artífices, nem os homens podiam trabalhar por falta do Diário sustento, e vestuário: Entretanto na dita Praça achamos uma igreja que teria quarenta palmos de comprido, e doze de alto, fabricada de parede de mão seu telhado era de cascas de um palmito a que chamam Jarauba, seu ornato não era nenhum; as casas desta Povoação eram poucas fabricadas da mesma sorte de parede de mão, e os tetos de capim; tinha esta Povoação duas fontes nativas com boa água; porém Pedra se não encontra por todo aquele continente; banhava esta Povoação por um lado o Rio Gatemi, e pelo outro lado oposto um Ribeirão com boa água que vinha da Campanha chamado a Forquilha o qual se vai meter no Gatemi abaixo da Povoação das roças como já fica dito no Diário acima: As terras desta Povoação são vermelhas, soltas, e propendem para areentas: O exterior desta Povoação tudo é Campanha com suas restingas de mato, seus pântanos, e acima desta Povoação obra de légua, e meia dá vau o Rio. Acha-se uma Povoação Espanhola chamada a Vila de Curuguati que dista desta Praça catorze léguas Espanholas, e daí a sessenta com pouca diferença fica a Cidade de Paraguai. São estas Povoações muito pobres e o seu maior Comércio é uma erva que tem chamada Congonha, a qual fertiliza aquele vasto Continente: É esta Campanha abundante de Gentio Cauan, e Cavaleiro, tem suas Caças, mas também tem muitos mosquitos, e insetos, não têm os homens liberdade de sairem ao Campo sem que vão com Camaradas, porque do contrário

correm risco suas vidas; É este Clima mui doentio como se prova com os sucessos futuros de que ao diante darei notícia. Compunha-se a Guarnição desta Praça de um Capitão Mor Regente, um Capitão de Infantaria da Guarnição do Rio de Janeiro João Alvares Ferreira, que foi mandado com Caráter de Engenheiro para a fortificar, três Companhias de Paisanos Pedrestes, com seus Oficiais competentes que faziam o número de trezentos homens a saber duas Companhias para a Guarnição da Praça, e uma para o serviço da Marinha; a estes homens se lhes prometeu o soldo de um tostão por dia a cada um Soldado pela forma seguinte.: O Capitão Mór Regente que era Paisano vencia por, vinte, e cinco mil réis, os Capitães venciam cada um, catorze mil, e quatrocentos os Capelães a dez mil réis, O almoxarife, quatro mil réis por mês, os Tenentes, e Alféres, o oito mil réis, os Sargentos a três mil, e trezentos: Estes eram os soldos que vencia aquela Guarnição a qual se achava nua, morta de fome, e em um lugar onde não tinham Comunicação para parte alguma.

Achava-se esta Praça sujeita às suas próprias forças (que não eram nenhumas) sem proteção de outra alguma parte, porque a sua próxima Capital lhe ficava na distância de mais de duzentas léguas, que para ser socorrida era preciso passar pelos perigos, e incomodos, que ficam referidos acima; ainda no caso da próxima Capital a poder socorrer, o que certamente não podia por ser pobre, e destituida de todas as Provisões de Guerra e estar dependente da próxima Capital do Rio de Janeiro.

Desembarcada a gente da expedição se acomodaram como puderam, e no dia treze de Junho se Festejou a Sto. Antônio na tal Capelinha conforme pôde ser, e permitia o Estado do País; e em uma gamela de pau se batizaram Cinco Crianças que nasceram pela viagem; acabou-se a Festa e cada um pasmava qual seria o seu Quartel, o que havia de estabelecer, presságios estes que bem davam a conhecer logo no princípio quais seriam os fins. Correu o tempo dando-se várias providências, tanto a respeito de aquartelar as famílias, dando-lhes chãos para fabricarem suas casas dentro na Praça, como destinar-lhes fora terras para cultivarem.

Assim foi passando o tempo fazendo-se poucas obras, porque como estas famílias eram pobres faltas de artífices, e ferramentas, as madeiras custosas a esta gente, por ser preciso cortá-las no mato, lavrá-las, e conduzí-las, o que se não fazia sem paga, ou ao menos, sustento, de que havia grande falta.

Aqueles que tinham escravos, ou agregados cuidaram primeiro em fazer a sua Casa, porém os que eram pobres, e miseráveis de genio por ali ficaram agregando-se uns por casa de outros; estas Casas eram todas cobertas de capim por não haver telha, nem matéria de que se fizessem.

No dia vinte e quatro de Junho mandou parte o Capitão da Guarda, que estava no passo dos Espanhóis, que é acima da Povoação obra de meia légua, indo por terra, cuja Guarda se conservava no barranco do Rio por ser ali onde passavam para a nossa Companhia o Gentio Cavaleiro; veio a parte, que eram ali chegados os Castelhanos; isto nos deu grande cuidado, chegada esta notícia mandamos pôr doze homens com seu Cabo armados nos passos dos Cavaleiros para impedirem que os dos Espanhóis passem

para impedirem que os dos Espanhóis passassem para a parte de cá do Rio, e menos que se comunicassem com os ditos homens porque lhe não descobrissem o Estado da Fortificação, e que ali se achavam Oficiais, e Soldados pagos; ali os detiveram sem que conversassem uns com outros, logo neste dia morrendo-nos um Povoador principiou a Parca a fazer sua colheita.

No dia sucessivo vinte e cinco de Junho embarcou o Regente em uma Canoa a ir saber o que que queriam os Espanhóis, se eram dos seus Conhecidos, ou se eram espias que vinham ver aqueles estabelecimentos depois me embarquei, e outros Oficiais, e fomos ao dito passo, escondendo-nos dentro da Guarda porque não convinha que eles soubessem, que já ali se achava gente de guerra; o Capitão Mor trato (sic) com eles dentro em um Capão de mato da outra margem do Rio, voltou, e disse serem seus conhecidos, e que traziam dez Cavalos, e seis Bestas muares, que vinham com aquele pequeno número de animais para tratarem negócio para o futuro, e abrir preço àquele gênero, mas que havia de ser a troco de dinheiro, e não de fazenda, voltou o Regente, e tratando conosco expondo o referido respondeu o Tenente Antonio Lopes que tinha ido comigo que não fazia conta dar para lá dinheiro, com isto se levou todo o dia despediram-se os Espanhóis, voltamos para a Praça; e até o dia dois de Julho nos morreram duas pessoas já principiavam a haver muitos doentes como também muita falta de mantimentos que supria uma roça de milho que acabada ela seria maior a fome; neste mesmo dia dois de Julho veio uma tão grande trovoada com tão fortes estouros, que nem a Artilharia do mais grosso Calibre, tão rápidos e apressados por cima de nós que julgavamos se desfizesse tudo com Raios, e caindo dois despedaçando umas árvores que ficavam ao pé da Casa de um Povoador, o que mais temiamos era serem os tetos de Capim, e haver dentro da Igreja Cinqüenta barris de pólvora, que se pegasse o fogo dos raios em um momento nos queimavamos todos acabaram estes sustos com a noite.

Achavam-se nesta Povoação nove Espanhóis que como antes do seu estabelecimento haviam cometido um grande assassinio naquela Vila de Curuguati formando um levante matando o Alcaide do primeiro voto, e os mais oficiais do Cabido os fizeram conduzir escoltados, e chegando à margem deste Rio Gatemy lhes amarraram de pés, e mãos metendo-os dentro de uma Canoa alargaram pelas Cadeiras abaixo sem Governo vindo a morrer desta sorte, aquêles miseráveis; estes criminosos se passavam para as terras de Portugal, e depois foram conosco para a dita Povoação de Gatemi, dos quais fugiram neste dia para a Vila de Curuguati, não se sabendo da sua fuga se não no dia sete de Julho; ficamos suspensos porque daqui se seguiram coisas de muita conseqüência, e assim foram uns morrendo, e outros desertando; porém no dia oito se remeteram os que estavam na Praça para a Povoação da Cachoeira ficando com guardas assim se passou o tempo até o dia vinte e um de Julho.

E em este dia me levantei de uma grande enfermidade, e se cortou uma perna a um homem que havia sido mordido de uma cobra, correu o tem-

po até o dia vinte, e sete que subiu Luís de Araújo com as suas Canoas para procurar caminho para o Cuiabá a quem se deu uma guarda de cinqüenta homens dos melhores Pedestres daquela Povoação, dos quais foi o Capitão Joaquim de Meira, levando instruções do que haviam de praticar, tanto com o Gentio, como com os Castelhanos, caso os encontrassem levando por seu Capelão o Padre Timóteo, despediram-se embarcando seguiram sua viagem Rio acima no dia vinte, e oito de Julho, a este tempo já nesta Povoação vieram vindo uma quantidade de Ratos, que mais parecia praga que imundicia de terra laboravam já muitas doenças, e amiudavam as mortes.

A segunda imundicia que nos veio foram Pulgas, e eram em tanta quantidade, que se não podia dormir de noite, nem sossegar de dia; a terceira, foram uns bichos grandes felpudos, nojentos, e muito moles, que por toda a parte se trepavam e perseguiam a gente; a quarta foi imensidade de baratas que é inexplicável o poder-se dizer a sua quantidade, basta só dizer, que se formavam nuvens pelas casas, que voando davam pela cara da gente, e se metiam pela boca, e era preciso cear-se de dia porque eram tantas que continuamente caiam sobre o comer.

A quinta e sobre todas a mais prejudicial foram grilos que se não pode dizer como produziram em tanta quantidade que causaram tal perturbação, que ninguém podia dormir, porque não obstante a grande gritaria, que faziam roiam as testas, narizes e pés dos que apanhavam dormindo, além disso roeram e despedaçaram com grande estrago toda a roupa de todos os povoadores, nova, velha, branca, e de cor por mais guardadas que estivessem, que era uma compaixão.

A sexta foram a grande quantidade de Gafanhotos, grandes, que se levantavam em nuvens, que escureciam o sol; e pareciam estas coisas sobrenaturais. Neste tempo já a ração não excedia a um prato de feijão para dez dias, para cada pessoa, e outro de milho, e nada mais; aqui já iamos padecendo o referido sem esperança de melhoramento; a nossa luz com que geralmente todos se alumiavam de noite, eram tições de fogo, porque não havia outra coisa sofrendo-se a fumaça por dentro das casas; além disto a imensidade de mosquitos borrachudos, que basta dizer-se que do campo fugiram para a povoação vinte e nove Cavalos, que se tinham comprado para El Rei, os quais em sendo noite perseguidos dos mosquitos corriam do campo a tôda a brida procuravam as Casas na Povoação entravam por elas dentro, metiam as cabeças junto com a gente por cima do fogo para se livrarem daquela imundicia, que os chegava a matar pelo campo.

No dia três de Agosto morreu o homem a quem se cortou a perna, no dia cinco morreram mais dois, homens, um Pedestre da Guarnição, e um Povoador, Casado; continuam as doenças cada vez mais; no dia sete se deu parte pelas oito horas da noite, que eram chegados Castelhanos ao passo, logo se mandou chamar ao Regente, que se achava na Povoação das roças, reforçou-se a Guarda do Paço; e reforçou-se a Guarda da Praça; no outro dia pela manhã foi Bento Cardozo falar com os Castelhanos, os quais entregaram Cartas do General de Paraguai, perguntou-se-lhe se careciam alguma coisa, nada aceitaram, entregando as Cartas se foram

embora; em este dia de manhã se Casou a moça que na Araraitaguaba pariu a quem o Pai e Irmãos quiseram matar; assim passou o tempo sofrendo as necessidades aumaditas (sic) até o dia quinze de Agosto; em este dia pela manhã saiu um terço como preces porque já apertavam as doenças, mortes e necessidades, cujo terço correu as ruas dando um giro à roda da Povoação, oferecendo-se este à Virgem Nossa Senhora entoando-se a Ladainha de todos os Santos.

No dia dezessete nos embarcamos pela manhã, eu, com o Capitão João Alves dezesseis homens da mareação, e fomos Rio acima até as suas vertentes, encontramos ao Cuiabano Luís de Araújo, que vinha de volta com as suas Canoas desenganado de que por ali não podia fazer viagem para o Cuiabá, e menos achava por mais diligência que fizessem os homens, as Cabeceiras do Rio Apuré, por donde pretendia seguir viagem para dito Cuiabá, seguiu este viagem para a Praça, e nós seguimos Rio acima, chegamos ao passo do Gentio Cavaleiro vimos dois varejões fincados no barranco do Rio, supusemos serem alguns fugidos mandamos saltar um trilhador em terra, e nós também seguimos ao trilhador, achamos trilha de seis pessoas aqui nos ia anoitecendo e não alcançavamos os fugidos, receando o gentio furtando o caminho metendo-nos por muitos pântanos recolhendo-nos à canoa, navegando este dia cinco léguas, e meia ficando no passo do Gentio Cavaleiro.

Em o dia dezenove saimos pelas quatro horas da manhã, navegamos Rio acima até as três da tarde em cujo tempo andamos cinco léguas.

No dia vinte saimos pelas quatro horas e meia da manhã navegamos até as cinco da tarde sempre com as armas na mão por conta do Gentio; em este tempo andamos cinco léguas, aqui ficamos até o dia vinte, e um.

Em o dia vinte, e um saimos de madrugada ainda com a lua navegamos rio acima, chegamos à paragem chamada Forquilha, que é um bracinho de Rio, que se aparta para parte do Noroeste; aqui já o rio é estreito bastantemente, e pouco fundo, que dá vau; seguimos a outra parte não deu mais navegação; enfim chegamos aonde a Canoa não podia mais navegar, e até aqui teriamos andado este dia três léguas que vem a ter este Rio Gatemy de curso desde a sua Barra até a povoação trinta, e uma léguas, e um quarto, e da Povoação até esta paragem dezoito léguas, e meia, que ao todo vem a ter de Curso desde as suas vertentes até a sua Barra quarenta, e nove léguas, e três quartos: Não podendo navegar mais a Canoa saltamos em terra na margem à esquerda deste Rio; passamos um pequeno mato, que o borda, saindo fora do mato achamos a Campanha que é dilatada, ficaram na Canoa nove homens com as armas na mão por conta do Gentio; eu, e o Capitão João Alves e sete homens com nossas Armas todos em mangas de Camisa saimos ao Campo, e andamos obra de três léguas com grande trabalho pela razão de muitos mosquitos, e mutucas, que nos puseram as mãos, e o rosto escorrendo em sangue; são invencíveis estes insetos, que depois deixam a gente como se tivesse Bexigas, além disso o grande sol que nos abrasava, nos obrigava a beber água daqueles pântanos a qual era muito amargosa; assim fomos vendo se achavamos algum Ribeirão por onde se pudesse principiar a navegação para o Cuiabá, chegamos ao pé da Serra, cuja

Circula desde o Sul até o Nordeste fazendo um grande saco, de sorte que tudo quanto a vista alcança são Campanhas muito dilatadas; indo nós já perto da serra obra de um quarto de légua achamos um Ribeirão o qual tinha cinco palmos de fundo, e em outras partes menos sentamos em que era preciso ao menos ver a sua saida, se levava o Curso encostado à serra, e se recebia água bastante que desse navegação determinamos seguir a sua margem pelo Campo; seguimos a margem deste Corrego, quando direto a nós em distância de duzentos passos nos acendeu fogo o Gentio, e logo que o fumo subiu responderam mais dois fogos, e a poucos passos toda a Campanha estava circulada de fumo, e nós cercados de Gentio isto era cinco horas da tarde, eles nos viram a nós, e nós a eles, logo que vimos isto voltamos para trás atendendo que eramos só nove pessoas com três tiros somente cada um, que não podiamos resistir a um poder tão grande de gentio se nos demorassemos mais tempo; partimos a rumo direito a procurar a Canoa que nos ficava bem distante, e supunhamos serem mortos os que nela ficaram de sua guarda, porque viamos que para aquela parte era maior abundância de fumo; marchamos com pressa metendo-nos por pântanos até à cintura chegamos ao mato com o escuro da noite, e com bem risco de vida; gritamos para sabermos se eram vivos, ou mortos os que ficaram ouvimos o eco da resposta, ficamos certos de que eram vivos, chegamos disseram-nos que o Gentio os rodeara na mesma forma que a nós lá no Campo; embarcamos, e seguimos a toda a pressa Rio abaixo pousando sempre com as armas na mão; no outro dia vinte, e dois continuamos rio abaixo navegando de noite e de dia, chegamos à Praça às Ave Marias, cansados, mortos de fome faltos de sono e mordidos dos péssimos mosquitos.

Costuma o gentio logo que vê gente acender um fogo pequeno, do qual sai um fumo elevado no ar à maneira de uma Coluna, que serve de sinal entre eles, ao qual sinal correspondem todos os que, estão pela Campanha, e em um instante se avisam uns aos outros, que ajuntando-se em bandos atacam tão barbaramente, que não perdoam a vida a ninguém, não se utilizando de espólio algum, salvo algum ferro, que é o que mais estimam e fazem dele mais apreço que do ouro.

Vivem estes miseráveis, nus, sem coisa alguma, que os cubra, sustentam-se de frutas e caças que matam a flecha, sua figura é proporcionada, suas carnes são fortes, sua cor é opaca atirando para vermelho; seu semblante feio, o nariz chato, os olhos vesgados para baixo, a boca grande, no beiço de baixo tem um furo por donde penduram um Canudinho que tem de comprido um bom gemio, e lhe fica pendurado por cima da barba, o qual é fabricado por eles de uma tal rezina que parece alambra, têm na cabeça uma coroa à semelhança de Frade Bento, e o mais resto do cabelo, que é preto, solto, e caido pelas Costas, que lhe chega à cintura; os braços desde a munheca da mão até o sangradouro são enleados de um trancelim de cabelo que eles mesmos fabricam, cobrem as suas partes pudendas por diante somente com um tessume de penas à semelhança de um peitinho de mulher, porém este pequenino, que amarrando-o com um fio o qual atam sobre os rins fica aquela parte coberta aparecendo-lhes o penis, testículos, e tudo o mais descoberto; isto é os

homens, que as mulheres nada têm que as cubra; são estes homens forçosos, e animados, sua língua é embaraçada, porém são mui traidores, e desconfiados.

Suas armas são arco, e flecha a saber um arco de madeira forte bem polido, que tem sete palmos de alto; as flechas são umas canas leves, e finas, que em uma das suas extremidades têm duas penas unidas com perfeição; na outra extremidade têm embutida uma ponta de pau forte e fina de três quinas, que acaba em ponta de diamante, que tem dois palmos de comprido, a qual até o meio é em farpas para trás à semelhança de unha de gato, e a outra metade acaba com as mesmas três quinas até a ponta, fazem os seus tiros com o arco em pé segurando-lhe uma das suas extremidades entre o dedo grande do pé esquerdo pegando-lhe com a mão esquerda no centro do arco, a mão direita que leva a flecha unem a corda do arco; e a seguram com a esquerda unido ao arco; puxam com a direita, a corda com tal força, que vergando o arco até onde podem soltam a flecha que sai com tal violência que passa um homem de parte a parte, um Cavalo, um boi, ou outro qualquer animal; as flechas trazem atravessadas nas costas, o arco na mão esquerda, e dois tiros prontos, que são duas flechas na mão direita.

Chegamos à Praça como fica dito, e aí correu o tempo até o dia trinta e um, em o qual saimos ao campo a medirem-se as terras, para se arrancharem os povoadores, cuja diligência continuou por mais dias.

Principia o mês de setembro

Adverte-se que no mês passado apareceu um cometa digno de ponderação o qual nascia da parte de Leste a uma para as duas horas da noite passando por cima desta praça se punha as quatro para as cinco horas da manhã, sua figura era como um foguete do ar com uma cauda muito comprida, enquanto esfarrapada, e depois ficava a cauda para o sul, e o seu princípio para o Norte.

Em o dia oito de Setembro se ajuntaram à porta do Capitão Mór um número de homens povoadores que passavam de cinqüenta, requeriam que tinham fome em nome de todos os daquela Praça, que padeciam eles, suas mulheres, e seus filhos, que se lhes assistisse o que se lhes prometeu, acomodou-se isto com palavras; a este tempo já não havia sal, nem coisa alguma mais que algumas abóboras a que chamam quibebes, que assado-se se sustentava a maior parte da gente, outros se sustentavam com os grelos das mesmas, cosidos, na água sem sal, nem gordura, a que chamam Camboquiras; a este tempo de algum pouco de sal que havia custava um prato duas patacas, e um alqueire uma dobra; e como não havia este dinheiro se passava sem ele, inda quando assim mesmo se acabou totalmente, correram muitos meses padecendo-se estas, e outras necessidades até o funesto fim de que ao diante darei notícias.

Em o dia catorze de Setembro nos apareceu fogo no Campo mandando-se examinar, se achou serem Espanhóis, dobrou-se a guarda do passo; traziam dezesseis cabeças de gado, o qual se lhe comprou meten-

do-se dentro na praça ficando o povo contente por verem ali gado vacum, com esperanças de poderem comprar para o futuro, gado, e estabelecerem seus sítios o que nada disso sucedeu.

No dia dezesseis se mataram alguns bois dos que vieram, e se repartiram pelos doentes, e sãos dando-se uma libra a cada um, que foi um alegrão para este povo, ficando o resto para se repartir pelos doentes conforme as necessidades, que se seguissem para o futuro tempo.

Principia o mês de outubro

Em o dia sete deste mês laborava tanta fome, e tanta necessidade, que sairam bastantes homens da povoação, para o campo a ver se encontravam caça e com efeito quis Deus acudir a uma tão grande necessidade deparando-lhe grande quantidade de porcos do mato, atiravam todos, e cada um para a sua parte matando cada um homem, a um, e outros a dois, de sorte que vieram contentes por terem com que alimentarem naqueles dias suas famílias; porém com a sofreguidade do atirar sempre deram um tiro pelas pernas de um homem dos mesmos caçadores, o qual ficou muito ferido, em perigo de vida.

No dia trinta pelas sete horas da manhã sairam doze homens sertanejos a irem investigar a abertura do caminho, que havia de ir sair ao Rio Pardo, para daí seguir outro caminho por donde foi Francisco Pais atravessando o Paraná à outra margem, sairam estes homens, porém errando o rumo se acharam sobre o barranco do Paraná em diferente altura, que passando uma Canoa de aviso, os achou quase mortos de fome, os embarcou, e conduziu para o Povoado ficando assim frustrada a diligência; até aqui dia trinta e um de Outubro nos morreram trinta, e sete pessoas, e doentes passam de sessenta.

Principia o mês de novembro

Em seis deste mês nos entrou pela Praça dentro, um pedestre o qual vinha em braços inda vivo, o qual trazia cinco flechadas que lhe deu o gentio no campo; que para se lhe tirarem quando se lhe fez a cura se lhe viam as entranhas além de outras que tinha por várias partes do corpo; seguiu o gentio a quanto rancho apanhou por fora da povoação a tudo pos fogo, quebrou, e despedaçou tudo quanto achou dentro nas casas, caixas trastes tudo quebrou; e achando-se uma pobre mulher em um rancho com dois filhos, um de peito, e outro de sete anos, sentindo o rumor do gentio, que costumava dar de noite, ao romper da lua, fugiu levando consigo nos braços o filhinho de peito, esquecendo-lhe o outro maior que se achava dormindo em uma rede, e entrando o gentio em casa acordou o menino a bulha do gentio, o qual mataram metendo-lhe três flechas que parecia um São Sebastião; e a mãe escapou metida no Rio com a água pelo pescoço com outro filhinho sem que o gentio sou-

besse, no outro dia deu sepultura ao inocente, a este sucesso se recolheram todos os povoadores à Praça, largando-se os sítios, e plantas com mêdo do gentio, de sorte que todas as partes nos viamos cercados de inimigos.

Em dia quinze chegou uma expedição do Povoado que trazia seis peças de artilharia com suas munições, vinte Soldados; chegando também neste dia, da Vila de Curuguati trinta, e três bois, e vinte cavalos, que tudo veio a tempo de socorrer tantos enfermos, que estavam padecendo grandes necessidades; porém também nos chegou a notícia, que na dita Vila de Curuguati se havia botado um Bando com pena de morte a todo o Espanhol que vendesse aos Portugueses, gado, bestas, ou cavalos cuja notícia era inteiramente contra aquele estabelecimento, compararam-se para El Rei vinte, e nove fois, e vinte e cinco cavalos, que tudo importou, cento, oitenta, e sete mil, e duzentos réis, que tudo isto se comprou para o serviço da Praça, concluindo-se este mês com mais dez mortes, dando-se de ração para cada pessoa, vinte, e quatro espigas de milho para quinze dias; principiou-se uma novena a N. Senhora da Conceição, para que nos livrasse de tantas mortes, doenças, e necessidades que se padeciam, pois estavamos todos pasmados sem se poder trabalhar na obra da fortificação, por falta de sustento e tudo o mais necessário para aquela construção, quase todos estarem doentes, os povoadores não podiam sair a cultivar as suas terras, por conta do gentio, e finalmente ali olhavamos uns para os outros sem se poder dar remédio.

Principia o mês de dezembro

Continuando as mesmas moléstias morrendo neste mês sete pessoas, não tem havido mais novidade que o gentio ter rodeado por três vezes neste mês a Guarda do paço, que nos obriga a estarmos sempre com as armas na mão, assim se passou este mês, e ano de mil, setecentos, sessenta, e nove, com tantos trabalhos, sustos, e perigos.

Principia o ano de 1770

JANEIRO

Em este mês chegou à Guarda do Paço um português casado naquela Vila de Curuguati o qual vinha fugido com a sua família, que constava, de sua mulher, três filhos, e um índio que os acompanhava; logo o Capitão Mór os mandou buscar para a Praça, e disseram que havia ordem naquela Vila para se prenderem todos os Portugueses, que ali se achassem casados, e solteiros; e serem remetidos à Cidade de Paraguai, e daí para mais longe, que se preparava naquela cidade um grande número de gente, mas que não sabiam o seu destino; a esta família se lhe deu quartel, e ficaram passando pelas mesmas necessidades

que os mais experimentavam; em este mês nos morreram três pessoas continuando as doenças, fome e necessidades.

Principia o mês de fevereiro

Em dia cinco deste mês fugiram de madrugada nove soldados pagos, e uma mulher, e sabendo-se isto botaram logo partidas de pedestres a tomar-lhes o passo para que não passassem para as terras de Espanha, e com efeito chegaram ao passo da bocaina da serra, e como o achassem tomado com os pedestres requereram lhes dessem caminho, que não queriam fazer mal a ninguém, e só queriam passar, que se os quisessem matar, que o fizessem, porque eles se não entregavam nem voltavam para a Praça; a isto se chegou a eles o Sargento José da Silva para os fazer conduzir, requereram que queriam promessa de perdão Real porque eles se achavam em domínios de El Rei de Espanha, e que por isso não deixavam chegar ninguém a si e lhes apontavam as armas; disto veio aviso à Praça a este tempo já eram passados três dias, e como já não podiam subsistir, os que foram a cercá-los, porque as chuvas eram muitas falta de sustento, e descanso, me mandaram a ir reduzir os ditos desertores, montei a cavalo com muita chuva quase noite indo comigo Antônio Luís, chegamos à Guarda do Passo às nove horas da noite, logo me embarquei passando o rio para outra banda metendo-nos pelo mato atravessando pântanos pelo escuro da noite que atolavam até à cintura, e chuva cada vez mais, saimos ao campo chegamos aos desertores disse-lhes vamo-nos embora, aqui se voltou um para mim dizendo queria perdão real ao qual lhe tirei a arma da mão, e a todos os mais, e os fiz conduzir até a Guarda do paço, e depois me embarquei com eles, e os conduzi para a Praça; chegados a ela mandou o Capitão Mór, se metessem em ferros o que executou; continua este mês com muito susto, porque o gentio quase todas as madrugadas nos anda rodeando a guarda do paço, como também a esta Praça a ver se acham ocasião, para darem o seu assalto como costumam acham-se só quarenta pessoas sãs, e tudo o mais se acha doente com sesões dobres, que malignando, não duram mais os enfermos que um até dois dias; tem morrido muita gente, e basta dizer-se que cada dia são uma ou duas pessoas que morrem, cuja peste continua sem cessar.

Principia o mês de março

Este mês se passou em deprecações, novenas, Vias-Sacras pedindo a Deus, e a seus Santos nos aplacasse tantas doenças, tanta mortandade, tanta fome, o que tudo continua sem remédio, de sorte, que além do fraco sustento, que fica referido acima, há uma erva, de que é abundante nesta Praça a que chamam vulgarmente congonha, a qual entre os Espanhois, também há com abundância de que eles fazem grande apreço, e lhe chamam mate usando dela continuamente, como na Europa se usa do chá, esta erva era quase geralmente o maior sustento, porque aquen-

tando os homens vasilhas de água botando-lhe a dita erva dentro, contìnuamente estavam a beber; com estas necessidades entrou o mes de Abril.

Principia o mês de Abril

Em o dia três de Abril, se mandaram defumar todas as casas, com breu, e não se ouvia mais que gemidos, gritos, confissões, e absolvições, sem remédio, nem de Botica, nem de subsistência alguma, para os doentes que são quase todos os moradores desta Praça, soldados pagos, e pedestres, que não há com quem se rendam as sentinelas da muralha, nem a guarda do portão; de sorte que todos os dias esperamos, ou o sermos mortos às mãos do gentio ou queimados, se nos botarem o fogo como costumam aos tetos das casas, que são de capim; ou virem os espanhóis lançarem-nos fora, porque a nada disto se pode resistir; e nesta forma se passou todo este mês até o dia primeiro de Maio.

Principia o mês de maio

Continuou este mês na mesma forma com as mesmas doenças, mortes, e necessidades achando-se somente onze pessoas de trabalho sãs, além de alguns oficiais, e outras pessoas que não eram de serviço, que todos não excediam ao número de vinte; assim continuou este mês até o dia trinta, que nos chegou a notícia, que em a Vila de Curuguati se haviam mandado entupir todos os caminhos, que vinham para a nossa campanha, e que mandava prender ao padre Capelão de uma aldeia que fica vizinha à dita Vila por ter amizade conosco, a qual se não quis entregar resistindo com cinco mil índios seus paroquianos, e que os mesmos espanhóis fizeram retirar todos os gados e cavalhadas, que estavam da parte de cá da dita aldeia, e os fizeram conduzir para o interior; fazendo prender todos os parentes de D. Maurício, (1) que se achava conosco, o qual havia sido o Cabeça do assassinio executado naquela Vila de Curuguati como já acima referido; determinando também que todos os portugueses, que se achavam na dita Vila fossem conduzidos para a Cidade de Paraguai; estas notícias nos foram de grande cuidado porque no estado em que estavamos perdemos as esperanças, de que dali nos viesse algum gado para se remediarem tantas necessidades, como também esperavamos todas as horas viessem os espanhóis, e nos botassem fora daquele estabelecimento; nos aprisionassem, e remetessem para Paraguai, pois para o fazerem no estado em que nos achavamos bastariam cem homens de guerra; e assim nos viamos cercados por todas as for-

(1) Sobre este D. Maurício há numerosas reclamações quanto ao seu homízio endereçadas pelo Capitão General do Paraguai, D. Carlos Morphy ao de São Paulo, D. Luiz Antônio de Sousa em muitos ofícios publicados nos *Documentos Interessantes*, havendo este personagem chamado a atenção de Antônio Piza, fortemente. Dele se ocupa a fazer conjeturas a seu respeito, em diversas notas. (N. da R.).

mas de inimigos bárbaros, e domesticos, de insetos de peste, de fome, e da grande mortandade; assim se concluiu o mês de Maio até o primeiro de Junho.

Principia o mês de Julho

Este mês se levou na forma dita, como também todo o mês de Julho até o primeiro de Agosto.

Principia o mês de Junho

Corre o tempo, na mesma forma sem que cessem as necessidades referidas, e em dia onze deste mês pretendeu o gentio sobre a madrugada ao sair da lua dar-nos um assalto dentro na Praça; e como todos estivessem impossibilitados de poderem pegar em armas, fracos, e cada um dormindo por suas casas exceto uma pequena guarda que também não era rendida por falta de gente havia quatro dias, e algumas sentinelas, que se achavam pela muralha, a qual se penetrava por todas as portas, como já fica dito, veio o gentio procurando um caminho, que passava pelo pé de uma sentinela cujo caminho cobria um pequeno matinho, parecendo ao gentio que por ali entrariam sem serem sentidos; a sentinela que aí se achava era um pedestre que sabia bem a língua gentílica, sentindo algum rumor gritou, quem vem lá, a esta voz conheceu o gentio que era sentido, e parecendo-lhe seriam cercados, responderam à sentinela que queriam falar com o Capitão guacú, ou a principal pessoa que governa; a sentinela respondeu-lhe pela língua, que o chamava; porém gritava pelo cabo da guarda; o gentio que ouvia gritar a sentinela, lhe perguntou logo tu a quem chamas, rodeando a mesma sentinela a qual lhe respondia pela língua; chamo ao Capitão guaçú, porém gritava outra vez, cabo da guarda; a este tempo já o gentio estava uns dentro da Praça, e outros com a sentinela; porém timoratos porque lhe parecia estarem cercados; a estas vozes da sentinela, ninguém acudiu, porque a guarda ficava longe, como havia tantos dias de guarda, mortos a fome faltos de sono, dormiam em cujo estado se achavam todos, ou os mais da Praça; ouvindo eu estas vozes da Sentinela, que era por detrás do meu quartel, acordando ao meu camarada saimos à rua, vi tudo sossegado; porém mandando ao camarada dobrasse o canto do quartel para a parte da muralha, correu este para mim outra vez dizendo vira sobre a muralha, a dentro da Praça muito gentio; a esta voz acordei logo ao Regente que era meu vizinho o qual com prontidão saiu levando consigo cinco homens, que os tinha em sua casa, e como falava bem a língua foi direito ao gentio, e o entreteve até amanhecer o dia; e eu e o Capitão João Alves demos as providências que o tempo permitia, escapando desta sorte livres dos péssimos intentos que traziam aqueles bárbaros; os quais eram botar o fogo ao arraial na confusão da noite matando a todos a flecha e outros a porrete, que são as armas de que usam; amanhecendo o dia se detiveram com várias conversas pela língua até as nove horas da

manhã dando-se-lhe várias ferramentas e algumas facas flamengas o que eles estimaram muito, requereram se queriam ir embora consentindo-se-lhes isso em um instante se sumiram, sendo mais de duzentos os que tinham ficado da banda de dentro da maralha, os quais podiam ficar prisioneiros se não fosse contra as ordens do ministério, que proibiam fortemente que se ofendessem aqueles bárbaros, e que só por bem se catequizassem, nesta forma sofriamos os seus insultos sem lhes podermos fazer dano algum; na saida que fizeram logo ao pé da muralha nos flecharam um homem, e nos mataram uma única vaca de leite, que havia a qual fez grande falta para os doentes, e este foi o agradecimento dos benefícios, que lhes fizemos, assim levamos o tempo este mês de Agosto todo o de Setembro até o primeiro de Outubro.

Principia o mês de outubro

Continuou este mês apertando-se mais as necessidades, mortes, e doenças; de sorte que os poucos sãos que haviam não podiam suprir aos enfermos com a sua pessoal assistência; e chegaram as coisas a tal estado, que chegaram alguns a morrer sem se saber que estavam mortos por suas casas, e outros ao calor do fogo nus enroscados nas cinzas, de sorte que nem já se celebrava missa por não haver vinho, e para se batizar uma criança custou a achar-se um bocadinho de sal, e a vela foi um pavio de cera da terra assim correu este mês até o primeiro de Novembro.

Principia o mês de novembro

Continuou este mês na forma acima dita, e no dia dois veio uma parte da guarda do paço em como eram ali chegados quarenta espanhóis que traziam cartas de Carlos Mórfe, General daquela Província do Paraguai para o General de São Paulo, com esta notícia se aprontou uma canoa, e se foi chamar o Capitão Mór que se achava na Povoação das roças, e as pessoas mais principais que se achavam na Praça, e que estavam sãs, partiram para a guarda do paço a ir cumprimentar aos espanhóis; no outro dia chegou o Capitão Mór Regente com dez Soldados com algumas pessoas mais, e o Tenente Antônio Lopes recebeu as Cartas para o General de S. Paulo; e os espanhóis se retiraram e se ignora o que continham as cartas: Recolhemo-nos para a Praça, e os ditos espanhóis disseram se haviam visto perseguidos do gentio, porém nós desconfiavamos fosse este mandado por eles: No dia onze deste mês andou o gentio cercando de noite a toda esta Praça, e à guarda do paço, e a todos os povoadores por onde tinham seus sítios havendo em toda a parte muita cautela, principalmente de noite porque como eramos poucos os sãos faziamos sentinela rendendo uns aos outros, e na noite do dia dezessete acometeu o gentio à guarda do paço pela madrugada parecendo-lhe que não era sentido; porém a sentinela avançada, que via vir de ras-

tos pelo chão três índios que se encaminhavam para ele pelo escuro da noite ficando os mais afastados; a sentinela tocou a arma sobre os três, os quais logo fugiram junto com os mais; amanhecendo o dia se avaliou pelo rasto serem mais de quinhentos índios; assim se levou este mês o cuidado nos inimigos sempre com as armas na mão os que podiam pegar nelas, porque tudo estava doente com sezões amalignadas laborando as mortes sucessivas todos os dias, além da necessidade de tudo o necessário para o vivente; já adesnes (sic) era geral, e basta dizer-se que chegamos a tal extremo que os homens acostumados a pitar descavavam os arcos de alguns poucos barris que haviam para pitarem, outros pitavam congonha, e os que tomavam tabaco de pó se viam desesperados pelo não terem, que eu por reservar um palmo de tabaco de fumo o governava à proporção que se adiantava o tempo, moendo dele um bocadinho para cheirar, repartindo com o padre Vigário, e o Capitão João Alves às escondidas para que os mais não vissem; dava-lhe uma pitada pela manhã, e outra à noite, ao que o dito Vigário correndo-lhe as lágrimas me agradecia muito nesta lástima, e desamparo nos viamos todos, esperando a última hora das nossas vidas, ou por causa da peste, ou da fome, ou do bárbaro gentio que nos acabasse.

Principia o mês de dezembro

No primeiro deste mês nos veio aviso da guarda do paço, que nos acautelassemos porque havia passado o rio para a nossa parte um grande número de gentio, e foram vistos dois espias que estavam deitados na praia do rio, esta parte nos deu grande cuidado, porque como eramos poucos nos obrigava a velar de noite para evitarmos algum assalto do gentio; assim estivemos por muitos dias; a este tempo todos temiam sair ao campo ninguém cuidava nos seus sítios com medo do gentio tudo estava recolhido dentro na Paraça, isto aumentava mais doenças, e causava mais compaixão, porque eram todos os que padeciam, e sem lhe poder dar remédio; aqui adoeci eu, adoeceu o Capitão João Alves ficou o Regente com quatorze homens sãos, e chegou à Praça ao último estado do maior receio, porque ficou ao desamparo; a extrema necessidade de subsistência o gentio a perseguir-nos, estavamos vendo o instante em que aqueles bárbaros entravam dentro, e não deixavam a uma só pessoa com vida assim mesmo continuavam as mortes, e o gentio dando por todos os sítios, que os moradores tinham largado, não acharam pessoa alguma por se haverem recolhido para a Praça; no dia cinco à madrugada veio o gentio espiar um sentinela da muralha; porém como estava alerta tocou a arma deram-se as providências com aquela pouca gente que havia, e assim mesmo doentes, eu e o Capitão João Alves, fomos para o Corpo da Guarda; conhecendo o gentio estas providências fugiu. No dia sete pela manhã veio parte da guarda do Paço que era acometido de um grande número de gentio, e que estavam detidos dentro na guarda setenta, e tantos, que a toda pressa acudissem, logo saiu o Capitão Mór a toda a pressa, eu, e o Capitão João Alves assim mesmo doentes, e uns pou-

cos de homens que nos acompanhavam chegamos perto do gentio o qual se intimidou porque já era de dia, e eram mais de trezentos gentios que se retiravam com precipitada fúria; o Capitão-Mór lhe gritou falando-lhe pela língua que voltassem, eles pararam, e requereram mandasse a gente para trás, ou que largassem as armas; ali se conversou com eles com cautela, requereram eles tinham fome que lhe mandassem dar carne o que nós não podiamos fazer, porque já não tinhamos para nós; porém demos-lhes algum ferro, e algumas facas flamengas; vinham estes bárbaros de uma terra de Espanha onde haviam feito grande mortandade; e alguns traziam pelos ombros as saias das mulheres que mataram ainda gotadas de sangue, outros traziam as camisas dos homens, com as roturas das flechas, e também untadas de sangue; no dia sucessivo nos andaram toda a madrugada circulando a nossa povoação vendo se achavam ocasião de darem algum assalto; no dia dezenove nos faltaram cinco pessoas, que não sabemos se as matou o gentio, ou se se perderam pelo mato andando à caça, e assim se acabou este mês com estes sucessos tão funestos sem cessarem as doenças, mortes, e trabalhos.

Principia o ano de 1771

JANEIRO

Principiou o mês de Janeiro com mais alegria, porque no dia três de tarde nos chegou um aviso da povoação das roças com muita alegria, e nos deu a notícia em como tinha chegado àquela povoação um aviso que deitou o Sargento-Mór D. José da paragem chamada a Forquilha, que conduziam o socorro vindo de povoado de que ele era comandante, que vinham com ele oficiais, e soldados, e seis meses de pagamento; com esta notícia que nos chegou ao cabo de ano, e meio ficamos todos muito contentes; e no dia quatro embarquei com outros oficiais, e fomos encontrar a comitiva a qual já o Capitão-Mór tinha mandado socorro com alguns homens da Marinha para os ajudar a subir aquele rio; porém como me achava muito doente fiquei na povoação das roças esperando pela comitiva: chegaram com efeito no dia cinco à noite, e aí saudando-nos uns aos outros eles se lastimavam do estado em que nos viam e nós lastimavamos deles nos virem suceder a tantos trabalhos, e serem vítimas de um sacrifício, o que assim sucedeu como ao diante darei notícia. Chegou este socorro, e desembarcando na Praça a acharam na figura que fica expressado, fez-se o pagamento e se cuidou em se prepararem as embarcações para a retirada de algumas pessoas, como fui eu, o tenente Antônio Lopes, e outros, que com ordem se retiravam, ficando na praça o Capitão João Alves, o Regente, os oficiais de aventureiros, e toda a mais gente, que até aí existia; com os oficiais que de novo foram os quais eram o Sargento-Mór D. José, um ajudante, um tenente, dois alferes, e quarenta soldados, e mais gente que foi nesta expedição, que tudo saltou na praça ao ponto que ela estava na maior necessidade e a mesma continuou, porque esta ex-

pedição não levou mantimento de reserva com que se acudisse a tantas necessidades, que se padeciam; a este tempo já eu me achava com sesões dobres embarquei em uma canoa a todo o risco com os homens da mareação dela também doentes com sesões, sem outro algum preparo para uma viagem tão dilatada mais do que um pouco de feijão, e uma pouca de farinha, e um pedaço de toucinho, dois pratos de sal, e nada mais, o que tudo comprei por alto preço na povoação das roças, depois que chegou a expedição, porque até aí nada havia, e com este pouco mantimento, eu doente, e os homens que me conduziam, também doentes, me meti ao sertão a todo o risco, e logo no Paraná me morreram dois remeiros, ficando só comigo cinco pessoas, das quais só vinha são o piloto; e dos trabalhos, perigos, e necessidades em que me vi nesta degreção até chegar a povoado, os não posso explicar; os quais duraram por tempo de dois anos, e dois meses, que tiveram princípio em dez de Março de sessenta e nove, até Maio de setenta, e um, que recolhendo-me hidrópico estive nos últimos fins da vida cuja moléstia me durou nove meses em minha casa.

Chegado o socorro dito continuaram da mesma sorte as doenças, mortes, e necessidades; até que finalmente veio uma tão grande peste que matando todos os oficiais maiores povoadores, e pedestres, ficou a Praça somente com o Capitão João Alves, e uma pouca de gente; tornou-se a mandar mais alguma gente escapando também daquela grande peste cinco, ou seis oficiais; que sendo Governador, e Capitão-General Martim Lopes de Saldanha no ano de setenta, e cinco mandou render ao dito Capitão João Alves, e aos mais oficiais que lá se achavam ficando a Praça entregue ao Capitão de Aventureiros Joaquim de Meira, e outros oficiais pedestres; que na guerra que se moveu com os espanhóis no ano de Setenta, e sete; entrando estes na Praça a tomarem conduzindo o que nela achavam de munições, e petrechos, e alguns povoadores que os quiseram acompanhar; e o mais povo que se achava, fugindo por aqueles matos, uns morrendo por eles, à necessidade, e outros chegaram a povoado em miserável estado.

Isto é tudo o acontecido na verdade além de outras muitas coisas, que por não pareceram duvidosas, ou menos verdadeiras as não declaro; tendo tão funesto fim aquele estabelecimento, que nem os vassalos da Conquista do Oriente terão tanto que contar, como tem os que escaparam da Povoação de Gatemi e aqui findou este Diário tão certo como verdadeiro, o que se não pode duvidar por serem muitos os que experimentaram o acima referido.

ÍNDICE

DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO